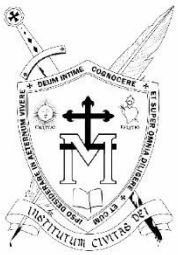
Instituto Cidade de Deus

1º Ensino Médio

Amostra



Editora
Cidade de Deus

Sumário

Vida Interior....2
Princípios Universais....2
Antropologia....2
Apologética....2
Lógica....2
Gramática....2
Literatura....2
Matemática....2
Biologia....2
Física....2
Química....2
História....2
Geografia....2
Estudos Cartográficos....2

Vida Interior

Vida Interior

Introdução

A "Vida Interior" é o principal objeto de estudo deste material didático para o Ensino Médio. A disciplina estará dividida em três partes:

1. Doutrina Católica.
2. Vida de Oração.
3. Orientações sobre a Sagrada Escritura.

A "Vida Interior" tem o objetivo de levá-los ao conhecimento de Deus através da oração e dos estudos. Encontraremos esta seção em todos os volumes, uma vez que estamos diante daquilo que é o mais importante na vida humana: conhecer e amar a Deus.

Dentro desta disciplina encontraremos conteúdos para serem estudados dentro do tempo de estudo proposto (quando se tratar deste caso, colocaremos a sigla T.E. antes dos principais títulos) e no tempo proposto para a oração (neste caso colocaremos a sigla T.O.). Indicaremos quando se tratar de um e de outro caso.

Doutrina Sagrada

Catecismo Maior de São Pio X

Primeira Parte

Do Símbolo dos Apóstolos, chamado vulgarmente o Credo

"A fé é o fundamento do que se espera e a convicção das realidades que não se veem. Foi a fé que fez a glória dos antigos. Pela fé sabemos que o universo foi criado pela palavra de Deus, de sorte que do invisível teve origem o visível. Pela fé Abel ofereceu a Deus sacrifício melhor do que Caim e por ela foi declarado justo, tendo Deus aprovado as suas oferendas, e é pela fé que depois de morto Abel continua a falar."

Hebreus 4, 14

CAPÍTULO I

Do Credo em geral

15) Qual é a primeira parte da Doutrina Cristã?

A primeira parte da Doutrina Cristã é o Símbolo dos Apóstolos, chamado vulgarmente Credo.

16) Por que chamamos ao Credo Símbolo dos Apóstolos?

O Credo chama-se Símbolo dos Apóstolos, porque é um compêndio das verdades da Fé, ensinadas pelos Apóstolos.

17) Quantos artigos tem o Credo?

O Credo tem treze artigos.

18) Dizei-os.

I. Creio em Deus Pai, todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra.

II. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor.

III. Que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria.

IV. Padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado.

V. Desceu à mansão dos mortos. Ressuscitou ao terceiro dia.

VI. Subiu ao Céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso,

VII. donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

VIII. Creio no Espírito Santo.

IX. Na Santa Igreja Católica.

X. Na comunhão dos Santos.

XI. Na remissão dos pecados.

XII. Na ressurreição da carne.

XIII. Na vida eterna. Amém.

19) Que quer dizer a palavra Credo, eu creio, que dizeis no começo do Símbolo?

A palavra Credo, eu creio, quer dizer: eu tenho por absolutamente verdadeiro tudo o que nestes treze artigos se contém; e o creio mais firmemente do que se o visse com os meus olhos, porque Deus, que não pode nem enganar-Se nem enganar-nos, revelou estas verdades à Santa Igreja Católica, e por meio d'Ela revela também a nós.

20) Que contêm os artigos do Credo?

Os artigos do Credo contêm tudo o que de mais importante devemos crer acerca de Deus, de Jesus Cristo e da Igreja, sua Esposa.

21) É muito útil rezar frequentemente o Credo?

É utilíssimo rezar frequentemente o Credo, para imprimirmos cada vez mais no coração as verdades da Fé.

Do primeiro artigo do "Credo"

§ 1o – De Deus Pai e da Criação

22) Que nos ensina o primeiro artigo do Credo: creio em Deus Pai, todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra?

O primeiro artigo do Credo, ensina-nos que há um só Deus, o qual é todo-poderoso, e criou o Céu e a Terra e todas as coisas que no Céu e na Terra se contêm, isto é, todo o universo.

23) Como sabemos nós que há Deus?

Sabemos que há Deus, porque a nossa razão no-lo demonstra, e a fé no-lo confirma.

24) Por que se dá a Deus o nome de Pai?

Dá-se a Deus o nome de Pai:

1) porque é Pai, por natureza, da segunda Pessoa da Santíssima Trindade, isto é, do Filho por Ele gerado;

2) porque Deus é Pai de todos os homens, que Ele criou, conserva e governa;

3) porque, finalmente, é Pai, pela graça, de todos os cristãos, os quais por isso se chamam filhos adotivos de Deus.

25) Por que o Pai é a primeira Pessoa da Santíssima Trindade?

O Pai é a primeira Pessoa da Santíssima Trindade, porque não procede de outra Pessoa, mas é o princípio das outras duas Pessoas, isto é, do Filho e do Espírito Santo.

Figura 1

26) Que quer dizer a palavra todo-poderoso?

A palavra todo-poderoso quer dizer que Deus pode fazer tudo o que quer.

27) Deus não pode pecar nem morrer; como é então que se diz que Ele pode fazer tudo?

Diz-se que Deus pode fazer tudo, embora não possa pecar nem morrer, porque o poder pecar ou morrer não é eleito de potência mas de fraqueza, a qual não pode existir em Deus, que é perfeitíssimo.

28) Que quer dizer Criador do Céu e da Terra?

Criar quer dizer fazer do nada; portanto, Deus diz-se Criador do Céu e da Terra, porque fez do nada o Céu e a Terra, e todas as coisas que no Céu e na Terra se contêm, isto é, todo o Universo.

29) O mundo foi criado somente pelo Pai?

O mundo foi criado igualmente por todas as Três Pessoas Divinas, porque aquilo que uma Pessoa faz relativamente às criaturas, fazem-no com um só e o mesmo ato também as outras.

30) Por que então a Criação se atribui particularmente ao Pai?

Atribui-se a Criação particularmente ao Pai, porque a Criação é efeito da onipotência divina a qual se atribui particularmente ao Pai, como se atribui a sabedoria ao Filho e a bondade ao Espírito Santo, embora todas as Três Pessoas tenham a mesma onipotência, sabedoria e bondade.

31) Deus cuida do mundo e de todas as coisas que criou?

Sim, Deus cuida do mundo e de todas as coisas que criou, conserva-as e governa-as com a sua infinita bondade e sabedoria, e nada sucede no mundo, sem que Deus o queira, ou o permita.

32) Por que dizeis que nada sucede, sem que Deus o queira, ou o permita?

Diz-se que nada sucede no mundo, sem que Deus o queira, ou o permita, porque há coisas que Deus quer e manda, e outras que Ele não quer, porém, não impede, como o pecado.

33) Por que Deus não impede o pecado?

Deus não impede o pecado, porque até mesmo do abuso que o homem faz da liberdade que lhe concedeu, sabe tirar um bem, e fazer resplandecer ainda mais a sua misericórdia ou a sua justiça.

§ 2o – Dos Anjos

34) Quais são as criaturas mais nobres que Deus criou?

As criaturas mais nobres, criadas por Deus, são os Anjos.

35) Quem são os Anjos?

Os Anjos são criaturas inteligentes e puramente espirituais, sem corpo.

36) Para que fim criou Deus os Anjos?

Deus criou os Anjos para ser por eles honrado e servido, e para os fazer eternamente felizes.

37) Que forma e que figura têm os Anjos?

Os Anjos não têm forma nem figura alguma sensível, porque são puros espíritos, criados por Deus para subsistirem, sem terem de estar unidos a corpo algum.

38) Por que então se representam os Anjos com formas sensíveis?

Representam-se os Anjos com formas sensíveis: para auxiliar a nossa imaginação; porque assim apareceram muitas vezes aos homens, como lemos na Sagrada Escritura.

39) Foram os Anjos todos fiéis a Deus?

Os Anjos não foram todos fiéis a Deus, mas muitos, por soberba, pretenderam ser iguais a Ele, e independentes do seu poder; e por este pecado foram excluídos para sempre do Paraíso, e condenados ao Inferno.

40) Como se chamam os Anjos excluídos para sempre do Paraíso, e condenados ao Inferno?

Os Anjos excluídos para sempre do Paraíso e condenados ao Inferno, chamam-se demônios, e o seu chefe chama-se Lúcifer ou Satanás.

Figura 2. Anjo, por Beato Fra Angélico

41) Os demônios podem fazer-nos algum mal?

Sim, os demônios podem fazer-nos muito mal à alma e ao corpo, se Deus lhes der licença, sobretudo tentando-nos a pecar.

42) Por que nos tentam os demônios?

Os demônios tentam-nos pela inveja que nos têm e que lhes faz desejar a nossa eterna condenação, e por ódio a Deus, cuja imagem em nós resplandece. E Deus permite as tentações, a fim de que nós, vencendo-as com a sua graça, pratiquemos as virtudes e alcancemos merecimentos para o Céu.

43) Como podemos vencer as tentações?

Vencem-se as tentações com a vigilância, com a oração e com a mortificação cristã.

44) Os Anjos que se conservaram fiéis a Deus, como se chamam?

Os Anjos que se conservaram fiéis a Deus chamam-se Anjos bons, Espíritos celestes, ou simplesmente Anjos.

45) Que aconteceu aos Anjos que se conservaram fiéis a Deus?

Os Anjos que se conservaram fiéis a Deus, foram confirmados em graça, gozam para sempre da vista de Deus, amam-No, bendizem-No e louvam-No eternamente.

46) Deus serve-se dos Anjos como seus ministros?

Sim, Deus serve-se dos Anjos como seus ministros, e, especialmente, confia a muitos dentre eles o ofício de nossos guardas e protetores.

47) Devemos ter particular devoção ao nosso Anjo da Guarda?

Sim, devemos ter particular devoção ao nosso Anjo da Guarda, honrá-lo, implorar o seu auxílio, seguir as suas inspirações e ser-lhe reconhecidos pela assistência contínua que nos dá.

Figura 3. Anjo da Guarda.

Atividade

1 – Memorize pelo menos 3 perguntas do Catecismo por semana. No final de cada semana peça para alguém lhe perguntar cada uma delas.

Vida de Oração

Introdução

NESTE volume estudaremos a oração do Pai-Nosso, buscando nos aprofundar em suas infinitas riquezas. Queremos que esta oração seja bem rezada, bem compreendida e ensinada. No volume passado, foram apresentadas várias orações para serem feitas durante o dia. Todas elas se resumem na oração do Pai-Nosso. As palavras desta oração são santas, pois foram proferidas pela boca do Três vezes Santo. Foi o próprio Deus quem nos ensinou esta oração.

> *Um dia, Jesus estava rezando num certo lugar. Quando terminou, um de seus discípulos pediu-lhe: "Senhor, ensina-nos a rezar, como também João ensinou a seus discípulos". Jesus respondeu (Lc 11, 1): "Eis como deveis rezar: Pai Nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal. (Mt 6, 9-13)*

Propomos que nestes dois meses que compreendem o estudo deste volume, rezem o Pai-Nosso com mais frequência, meditando em cada parte da oração, pois ela é perfeita.

"Se todas as palavras da sagrada invocação constante da Escritura fossem revisadas, você não encontraria nenhuma, isto me parece, que não está contida ou resumida no 'Pai Nosso'".

Santo Agostinho (Epístola 130,12.22-13)

Figura 4. "Um dia, num certo lugar, estava Jesus a rezar. Terminando a oração, disse-lhe um de seus discípulos: "Senhor, ensina-nos a rezar" (Lc 11, 1 – 2).

Leremos, a partir de agora, dois artigos do site do Pe. Paulo Ricardo e três comentários dos Santos (São Cipriano, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino) sobre a Oração do Senhor:

Por que o Pai-Nosso é a oração perfeita?[224]

O Catecismo da Igreja Católica, em sua parte final, faz uma longa meditação sobre o Pai-Nosso. Esta meditação se inicia com uma ousada reflexão de Santo Agostinho: "Percorrei todas as orações que se encontram nas Escrituras, e eu não creio que possais encontrar nelas algo que não esteja incluído na oração do Senhor." (2762) Assim, seria o Pai-Nosso o resumo de todas as orações possíveis ao cristão?

Para responder a essa indagação ninguém melhor do que Santo Tomás de Aquino. Em sua Suma Teológica, II-II, q. 83, a. 9, ele apresenta a lógica do Pai-Nosso. O modo como ele foi pensado por Deus leva o homem a fazer um exame de consciência, analisando a própria vida de oração, se ela está realmente ordenada conforme o Senhor ensinou.

Os sete pedidos do Pai-Nosso, normalmente, são divididos em duas partes: na primeira suplica-se pelas coisas eternas e na segunda pelas coisas transitórias. Santo Tomás, porém, divide a Oração do Senhor em três partes: a primeira, são os pedidos que realmente estão sendo feitos; a segunda, os meios para obtê-los; e a terceira, a retirada dos empecilhos.

"Pai Nosso que estais nos céus", é o vocativo e enche os corações de confiança em Deus. "Santificado seja o vosso nome", este é o primeiro pedido. Santificar significa dar glória, portanto, a finalidade de toda a criação é dar glória a Deus. O nome de Deus deve ser santificado por suas criaturas. Dar glória a Ele foi o desejo ardente de tantos Santos e Santas ao longo da história, contudo, Deus não quer somente que suas criaturas O amem sobre todas as coisas dando-Lhe glória. Ele quer que se amem também e que participem de Sua glória um dia no céu. Esta é a finalidade secundária. Assim, glória a Deus: santificado seja o vosso nome; glória aos homens: "venha a nós o vosso reino", o segundo pedido do Pai-Nosso, que um dia os homens sejam admitidos na glória do céu. Esta é a finalidade de toda a vida de oração.

A segunda parte trata dos meios. O primeiro meio é a obediência. É o meio mais direto que faz com que Deus seja agradado pelos atos e pela vida dos homens. É a terceira petição do Pai-Nosso: "seja feita a vossa vontade assim na Terra como no Céu". A vontade de Deus já é feita no Céu, portanto, que ela seja feita na Terra também. Este é o veículo direto, mas existem também os meios instrumentais para se chegar lá. Quarto Pedido: "o pão nosso de cada dia nos dai hoje". Em primeiríssimo lugar, segundo a Tradição da Igreja, o pão é a Eucaristia. Nesta petição se concentra toda a Economia sacramental, tudo aquilo que Deus oferece aos homens na graça e no tempo da Igreja para que se acheguem a Ele e O obedeçam. Nesse mesmo pão encontra-se o pão material, aquele do dia-a-dia e também a saúde e as demais realidades materiais que se pode pedir a Deus. Observando que se deve pedir apenas o de cada dia, pois Deus quer que haja uma dependência filial.

A terceira parte do Pai-Nosso refere-se àquilo que impede a pessoa de se aproximar de Deus. A primeira realidade é o pecado, e é a única que pode nos levar a condenação, portanto, "perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido". A segunda realidade é a tentação. Ela não pode ser evitada, e faz parte dos desígnios de Deus. No entanto, Deus quer que o homem peça o Seu auxílio para não cair. "E não nos deixeis cair em tentação". Por fim, o último pedido: "Mas livrai-nos do mal." Este mal vai desde o demônio até as dificuldades mais banais do dia-a-dia. É correto pedir a Deus a libertação dos males que impedirão o homem de chegar ao céu.

Assim se vê que o Pai-Nosso é o compêndio de todo o Evangelho, como disse Tertuliano e, portanto, de toda a vida de oração. Por meio dele é possível fazer um exame de consciência e verificar se realmente a vida está sendo vivida conforme o Senhor ensinou.

[224] https://padrepauloricardo.org/episodios/por-que-o-pai-nosso-e-a-oracao-perfeita

Elementos mais importantes do artigo:

- Todas as orações estão resumidas no Pai-Nosso.
- Existem 7 pedidos no Pai-Nosso.
- Santo Tomás divide a oração do Pai-Nosso em três partes: 1 – Os pedidos que estão sendo feitos. 2 – Os meios para obtê-los. 3 – A retirada dos empecilhos.
- Por meio do Pai-Nosso, é possível fazer um exame de consciência e verificar se realmente a vida está sendo vivida conforme o Senhor ensinou.

Pai-Nosso, a mais perfeita das orações[225]

Ainda que percorramos todas as Escrituras, não encontraremos, nem mesmo entre os Salmos, uma oração mais bela e perfeita do que o Pai-Nosso. Na Oração do Senhor está contida toda a ciência da vida espiritual.

Durante seu último período de ensino em Nápoles, entre os anos de 1272 e 1273, Santo Tomás de Aquino dividiu-se entre a cátedra e o púlpito. É a essa época que pertence uma série de homilias quaresmais pregadas pelo Angélico em dialeto napolitano e posteriormente transcritas em latim por algum confrade seu. Entre as que sobreviveram ao tempo, encontra-se uma densa, mas sucinta exposição sobre o Pai-Nosso (Collationes in Orationem Dominicam), cujo prólogo apresentamos abaixo em nova tradução ao português. Trata-se de um "escrito" que, com a liberdade típica de um sermão proferido ante um público de leigos e religiosos, preserva os traços característicos de um gênio teológico como o de Santo Tomás. Análise minuciosa, clareza expositiva e, sobretudo, o respaldo constante das Escrituras, são algumas das notas que dão a essa obra uma fisionomia genuinamente tomista; só no pequeno trecho introdutório com que hoje damos início à sua publicação, contam-se mais de vinte referências bíblicas — citadas pelo Aquinate, provavelmente, todas de memória.

Depois de explicar a excelência da Oração do Senhor e as palavras invocatórias "Pai nosso que estais nos Céus", Tomás expõe cada um dos sete pedidos que a compõem, concluindo com uma brevíssima síntese de todo o Pai-Nosso, semelhante em certos pontos à que se lê em S. Th. II-II, q. 83, a. 9. Resumo de todo o Evangelho e centro a que converge a riqueza dos Salmos, a Oração Dominical ocupa o principal lugar entre as demais orações; por ela não só aprendemos o que podemos desejar (cf. De decem præceptis, pr.), mas ainda o modo com que o devemos pedir, e nisto consiste o fundamento e ponto de arranque de toda a vida espiritual. Esmiuçando a prece que, por ter em grau sumo as qualidades que uma boa oração deve possuir, é com justiça as mais perfeita de todas, estas Collationes são de grande proveito para a nossa meditação diária. E se bem que não tenham sido vistas e revistas pelo autor, constituem, em todo o caso, uma joia da literatura cristã medieval que ainda merece ser lida, apreciada e, acima de tudo, meditada nos dias de hoje, em que rezar nunca foi tão necessário. Foram esses os motivos que levaram a equipe Christo Nihil Præponere a dá-las a conhecer a quantos estiverem interessados não só em aprender com o Aquinate, mas também a orar com ele e com a ajuda dele.

O texto-base de que nos servimos para realizar essa tradução é o estabelecido na conhecida edição de Turim (cf. S. Thomæ Aquinatis, "In Orationem Dominicam, videlicet 'Pater noster' expositio", in: R. M. Spiazzi (org.), Opuscula Theologica, vol. 2. 2.ª ed., Taurini-Romæ: Marietti, 1954, pp. 219-235), também disponível aqui, em formato eletrônico. No que respeita aos critérios adotados, convém observar que, embora procure manter-se fiel ao fraseado original, a versão portuguesa aqui disponibilizada não tem a pretensão de ser "acadêmica", mas uma pequena tentativa de divulgar a obra de Santo Tomás de Aquino sem trair-lhe o pensamento. Esta tradução, mais do que decalcar ad litteram, procura dizer em português

[225] https://padrepauloricardo.org/blog/pai-nosso-a-mais-perfeita-das-oracoes

aquilo e só aquilo que o original diz sinteticamente em latim. Por isso, as inelegâncias de estilo e a repetição frequente de certas fórmulas correspondem, na medida do possível, ao sabor e à sobriedade do original, carente de sutilezas escolásticas, palavras técnicas e voos oratórios. As palavras entre divisas (< >) são explicitações ou inserções de nossa parte que visam ora esclarecer o texto, ora torná-lo mais fluido. A tradução das citações bíblicas foi extraída, na maioria dos casos, das versões "Ave-Maria" (195.ª ed., São Paulo: Ave-Maria, 2011) e do Pe. Matos Soares (6.ª ed., Porto: Tip. Sociedade de Papelaria, 1956). Além destas, foram utilizadas também, de quando em quando, as traduções da CNBB e da Bíblia de Jerusalém.

Exposição sobre a Oração do Senhor [2]

Santo Tomás de Aquino

PRÓLOGO

I. A excelência do Pai-Nosso

1. As cinco qualidades da oração. — A Oração do Senhor ocupa, entre as demais orações, o principal lugar, já que possui as cinco qualidades de que <toda> oração se deve revestir. Com efeito, a oração deve ser confiante, reta, ordenada, devota e humilde.

a) Deve ser confiante, para que nos "aproximemos confiadamente do trono da graça" (Hb 4, 16), como está escrito na Epístola aos Hebreus, e também firme na fé, como diz São Tiago: "Peça com fé, sem nada hesitar" (Tg 1, 6). A Oração do Senhor é com razão a mais confiável, porque (1º) foi instituída pelo nosso advogado, o mais sábio dos pedintes, "no qual estão escondidos todos os tesouros de sabedoria" (Cl 2, 3) e de quem diz São João: "Temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo" (1Jo 2, 1). Por isso, diz Cipriano: "Uma vez que temos a Cristo como advogado junto ao Pai por nossos pecados, ao pedirmos perdão de nossos delitos apresentemo-nos com as palavras do nosso defensor". Ela parece ser, além disso, ainda mais confiável (2º) pelo fato de nos ter ensinado a rezar aquele que com o Pai presta ouvidos à nossa oração, de acordo com o Salmo: "Quando me invocar, eu o atenderei" (Sl 90, 15). Por isso, diz Cipriano: "Rogar ao Senhor com suas próprias palavras é dirigir-lhe uma oração amiga, familiar e piedosa". Daí que nunca se saia desta oração sem fruto. De fato, como diz Agostinho, por ela são perdoadas as faltas veniais.

b) A nossa oração deve também ser reta, de maneira que o orante peça a Deus o que lhe convém, pois, segundo Damasceno, "a oração é um pedido a Deus dos bens adequados". Com efeito, a oração deixa muitas vezes de ser atendida porque se pedem coisas inapropriadas: "Pedis e não recebeis, porque pedis mal" (Tg 4, 3). De fato, é dificílimo saber o que se deve pedir, já que tampouco é fácil saber o que se deve desejar. Igualmente, é permitido aspirar ao que na oração é lícito pedir. Por isso, o Apóstolo reconhece: "Não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém" (Rm 8, 26). Ora, é a Cristo, nosso Mestre, que toca ensinar o que temos de pedir, e por isso lhe rogaram os discípulos: "Senhor, ensina-nos a orar" (Lc 11, 1). Por conseguinte, o que Ele nos ensina a pedir na oração é o que mais retamente podemos desejar: "Quaisquer que sejam as nossas palavras", diz Agostinho <a esse propósito>, "nada diremos que já não esteja contido nessa oração, contanto que rezemos de modo justo e adequado".

c) Em terceiro lugar, a oração tem de ser ordenada como o desejo do qual é expressão. Pois bem, a ordem devida é que em nossos desejos e orações prefiramos os bens do espírito aos da carne e as coisas celestes às terrenas, conforme o que se lê no Evangelho segundo Mateus: "Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo" (Mt 6, 33). É isso o que o Senhor nos ensinou a observar nessa oração, em que primeiro se pedem os bens celestiais e só depois os terrenos.

Figura 5. Toda oração deve ter: confiança, retidão, ordem, devoção e humildade.

d) Deve também ser devota, pois a devoção em abundância torna aceitável a Deus o sacrifício da oração, de acordo com o Salmo: "Invocando o vosso nome, levantarei as minhas mãos. Como de banha e de gordura será saciada a minha alma" (Sl 62, 5s). Ora, acontece muitas vezes de a devoção enfraquecer-se por causa do excesso de palavras. Por esse motivo, o Senhor ensinou a fugir à excessiva prolixidade da oração, ao dizer: "Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras" (Mt 6, 7). E Agostinho escreve a Proba: "Que a oração não tenha excesso de palavras, mas de súplicas, se continua fervorosa a atenção". Por isso, o Senhor instituiu essa breve oração. Mas a devoção, por sua vez, nasce da caridade, que é amor a Deus e ao próximo, ambos os quais estão presentes nessa oração. Com efeito, para manifestarmos nosso amor a Deus, chamamos-lhe Pai; e para manifestarmos nosso amor ao próximo, oramos por todos em comum dizendo: "Pai nosso" e "Perdoai-nos as nossas ofensas". A isso nos move, pois, o amor aos semelhantes.

e) A oração precisa, enfim, ser humilde, conforme o que diz o Salmo: "Ele se voltou para a súplica dos indigentes" (Sl 101, 18), a parábola do fariseu e do publicano (cf. Lc 18, 9-15) e o que se lê no Livro de Judite: "Sempre vos foram aceitas as preces dos mansos e humildes" (Jt 9, 16). Ora, na Oração do Senhor se guarda a verdadeira humildade, que consiste em nada presumir das próprias forças, mas tudo esperar da virtude divina.

2. Os três efeitos da oração. — Deve-se notar, além disso, que a oração produz três bons efeitos.

a) Em primeiro lugar, ela é um remédio eficaz e útil contra os males. A oração livra-nos, pois, (1º) dos pecados cometidos, como canta o salmista: "E vós perdoastes a pena do meu pecado. Assim também todo fiel recorrerá a vós" (Sl 31, 5s). Desse modo orou o ladrão pregado à cruz, obtendo o perdão: "Hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23, 42) e o publicano, voltando para casa justificado (cf. Lc 18, 9-14). Livra-nos também (2º) do medo dos pecados futuros, das tribulações e das tristezas: "Alguém entre vós está triste? Reze!" (Tg 5, 13). Livra-nos, enfim, (3º) das perseguições e dos inimigos: "Em resposta ao meu afeto, acusaram-me. Eu, porém, orava" (Sl 108, 4).

b) A oração, em segundo lugar, é um meio eficaz e útil de obter tudo o que se deseja: "Tudo o que pedirdes na oração, crede que o tendes recebido" (Mc 11, 24). Mas se porventura não somos ouvidos, isto se deve a que ou não pedimos com insistência, pois "é necessário orar sempre sem jamais deixar de fazê-lo" (Lc 18, 1), ou não pedimos o que mais convém à nossa salvação: "O bom Senhor", diz Agostinho, "negando-nos muitas vezes o que queremos, dá-nos o que deveríamos querer". Assim

sucedeu a Paulo, que três vezes rogou a Deus que lhe apartasse um espinho na carne e não foi atendido (cf. 2Cor 12, 7s).

c) Em terceiro lugar, é útil, porque nos torna amigos íntimos de Deus: "Que minha oração suba até vós como a fumaça do incenso" (Sl 140, 2).

Elementos mais importantes do artigo:

- Cinco qualidades que toda oração deve ter: confiança, retidão, ordem, devoção e humildade.
- A oração produz três efeitos: 1 – ela é um remédio eficaz e útil contra os males. 2 – ela é uma meio eficaz e útil de obter tudo o que se deseja. 3 – ela é útil porque nos torna amigos íntimos de Deus.

A Oração do Senhor - São Cipriano de Cartago (200-258)

Quais são, caríssimos irmãos, os mistérios da oração do Senhor? Quantos e quão grandes são eles, condensados em palavras breves mas prenhes de força espiritual, que nada omitem e fazem dessa oração um compêndio da doutrina celeste?

Diz ele: “Assim deveis orar: Pai-nosso, que estás nos Céus”. O homem novo, renascido e restaurado para Deus, pela graça, diz, logo de início, Pai, porque já começou a ser filho. "Veio para o que era seu e os seus não o receberam. A todos, porém, que o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus, a todos os que crêem em seu nome". Assim, aquele que crê em seu nome e se torna filho de Deus, há de começar imediatamente a dar graças e a confessar-se filho de Deus. E ao dirigir-se a Deus, chamando-o de Pai que está no Céu, indica também, por suas primeiras palavras da vida nova, que renunciou ao pai terreno e carnal, que reconhece o Pai que principiou a ter no Céu. Pois está escrito: "Quem diz a seu pai e a sua mãe, não os conheço, e a seus filhos, não sei quem sois, este guardou os teus preceitos e conservou o teu testamento". Também o Senhor ensinou que não devemos chamar a ninguém" pai", na terra, porque só existe para nós um Pai que está nos Céus. E respondeu ao discípulo que fizera menção do pai falecido: "Deixa aos mortos que sepultem os seus mortos". Ele havia dito que o seu pai estava morto, contudo o Pai dos crentes vive.

Como é grande, portanto, a indulgência do Senhor! Ele nos envolve com a abundância de sua graça e bondade, a ponto de querer que o chamemos Pai, ao elevarmos a Deus nossa oração, de modo que assim como Cristo é Filho, nós também sejamos chamados filhos. Se o próprio Cristo não nos tivesse permitido orar dessa maneira, quem de nós ousaria pronunciar tal nome de Pai? Por isso devemos estar conscientes de que se damos a Deus tal apelativo precisamos agir como filhos seus, para que assim como nos alegramos com Deus Pai, também se alegre Ele conosco. Vivamos, portanto, como templos de Deus, para que se note que Ele habita em nós. Que nossa ação não seja indigna do Espírito, para que não nos aconteça ter começado a ser do céu e pensar e praticar o que não é celeste nem espiritual.

Com efeito, o Senhor nos adverte: - "Eu glorificarei os que me glorificam e desprezarei os que me desprezam". Igualmente diz o bem-aventurado Apóstolo: "Não sois vossos. Fostes comprados por um grande preço. Glorificai a Deus trazendo-o em vosso corpo".

Figura 6. No início de sua missão, São Francisco de Assis foi cobrado por seu pai por ter havido doado todo seu dinheiro para a reconstrução de uma igreja. Ele, então, disse: "Ouçam todos e compreendam. Até hoje chamei Pedro Bernadone de meu pai. Mas como me proponho agora a servir a Deus, restituo a ele o dinheiro que lhe causou tanta preocupação, e também as roupas que são dele, e apenas quero de hoje em diante dizer "Pai Nosso, que estais no Céu", e não "Meu pai, Pedro Bernadone". Com isso, São Francisco de Assis viveu a máxima ensinada por Nosso Senhor de "que não devemos chamar a ninguém" pai", na terra, porque só existe para nós um Pai que está nos céus.

Elementos mais importantes:

- Chamamos a Deus de Pai porque somos filhos.
- Ao podermos chamar Deus de Pai, fica evidente a bondade e a graça de Deus.
- Precisamos agir como filhos.

Dizemos a seguir: "Santificado seja o teu nome". Não porque pretendamos que Deus seja santificado por nossa oração, mas pedimos que seu nome seja santificado em nós. De resto, por quem poderia ser santificado o santificador? Mas, como disse ele: "sede santos, que eu também sou santo", suplicamos a perseverança naquilo que começamos a ser pela santificação do batismo. Oramos assim todos os dias, necessitamos diariamente de santificação a fim de purificar-nos continuamente dos pecados de cada dia. E o Apóstolo nos indica qual a santificação que nos é conferida pela misericórdia de Deus: "Na verdade, fostes perversos, devassos... mas fostes lavados, justificados e santificados em nome de nosso Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus". Diz que estamos santificados em nome de Jesus Cristo e no Santo Espírito do nosso Deus. Oramos para que esta santificação permaneça em nós. E como o Senhor, nosso juiz, recomendou ao que foi por ele curado e vivificado, não reincidisse em pecado, a fim de não lhe acontecer algo pior, fazemos continuamente esta prece, suplicamos dia e noite, seja mantida em nós, pela proteção de Deus, a santificação e vivificação que recebemos de sua graça.

Elementos mais importantes: 1º pedido – Santificado seja o vosso nome.

- Ao fazer este primeiro pedido, desejamos que o nome de Deus seja conhecido, glorificado e santificado em nós.
- Neste primeiro momento, pedimos a nossa santificação e que esta permaneça em nós.

Segue-se a petição: "Venha a nós o teu reino". Desejamos que o reino de Deus se torne presente a nós, como havíamos desejado que o seu nome fosse santificado em nós. Pois quando é que Deus não reina? Quando poderia começar para ele um reino que sempre existiu e nunca deixará de existir? Pedimos, pois, que venha a nós o "teu reino", aquele que nos foi prometido por Deus e obtido pela paixão de Cristo. Nós, os que servimos neste século como servos, esperamos reinar com Cristo vitorioso, conforme a promessa: “Vinde, benditos de meu Pai, apossai-vos do reino que vos está preparado desde o começo do mundo”. Pode-se dizer que o próprio Cristo seja o reino de Deus ao qual queremos chegar, cada dia, e cujo advento pedimos que se abrevie. Pois se ele é a nossa ressurreição, porque nele ressuscitamos, podemos igualmente conceber que ele seja também o reino, uma vez que nele havemos de reinar. E com razão pedimos o reino de Deus, isto é, o reino celeste, pois há também o reino terrestre, mas quem renunciou ao século está acima desse reino e das suas honras.

Elementos mais importantes: 2º pedido – Venha a nós o vosso Reino.

- Pedimos a Deus que o Seu Reino se torne presente em nós.
- Este pedido também nos faz desejar reinar com Cristo, conforme nos foi prometido pelo próprio Senhor.

Ajuntamos a seguir: "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu". Não que Deus deva ser rogado a fazer o que Ele mesmo quer, mas nós devemos fazer o que Ele quer.

Quem o impediria de fazer o que quer? Nós, todavia, perturbados como somos pelo diabo, que pretende impedir-nos de seguir a Deus com toda a alma e ação, rogamos que se cumpra em nós a vontade de Deus, para o que é indispensável sua ajuda e proteção. Ninguém é forte por suas próprias forças, mas graças à indulgência e misericórdia de Deus. Até o próprio Cristo indica a fraqueza do homem que ele mesmo carregava, dizendo: "Pai, se possível, afasta de mim este cálice". E acrescentou imediatamente, deixando aos discípulos o exemplo de que não deveriam fazer a própria vontade, mas a de Deus: "contudo, não se faça o que eu quero, mas o que tu queres". O mesmo ele diz em outro lugar: "Não desci do céu para fazer a minha vontade, mas a daquele que me enviou".

Se o Filho esteve atento no cumprir a vontade do Pai, quanto mais deve estar o servo em relação ao Senhor. São João nos exorta igualmente, em sua epístola, a cumprir a vontade do Pai: "Não ameis o mundo, nem o que está no mundo. Se alguém ama o mundo, a caridade do Pai não está nele. Pois tudo que está no mundo é concupiscência da carne, concupiscência do mundo. O mundo passará, e igualmente a sua concupiscência; aquele, porém, que cumprir a vontade de Deus permanece eternamente". Se quisermos permanecer eternamente devemos, pois, cumprir a vontade do eterno Deus.

Ora, a vontade de Deus é a que Cristo praticou e ensinou. Humildade na vida, estabilidade na fé, veracidade nas palavras, justiça no agir, misericórdia nas obras, disciplina nos costumes, não saber injuriar, tolerar a injúria recebida, manter a paz com os irmãos, querer a Deus com todo o coração, amando-o como Pai e temendo-o como Deus; nada antepor ao Cristo, porque ele também nada antepôs a nós; aderir inseparavelmente à sua caridade, unir-se à sua cruz com firmeza e fé e, quando houver luta por seu nome e honra, manifestar na palavra e constância, com que o confessarmos diante dos juízes, a firmeza de nosso combate; manifestar enfim na morte a paciência pela qual somos coroados. Isso é ser co-herdeiros de Cristo, isso é praticar o preceito de Deus, isso é cumprir a vontade do Pai!

Pedimos que seja feita a vontade do Pai assim na terra como no céu, pois em ambos os casos está em jogo nossa segurança e salvação. Possuímos um corpo da terra e um espírito do céu, somos a um tempo terra e céu. Oramos para que em ambos, corpo e espírito, seja feita a vontade de Deus. Na verdade, há luta

entre a carne e o espírito, e essa discórdia diária acarreta-nos embaraços para fazer o que queremos. De um lado o espírito procura o que é celeste, o divino; de outro lado a carne cobiça o secular, o terreno. Por isso pedimos que pelo auxílio de Deus se estabeleça a harmonia entre ambos, que graças à sua vontade, realizada na carne e no espírito, seja salva a vida por ele renascida.

Pode-se ainda, irmãos caríssimos, entender de outra maneira. Como o Senhor quer e exige que amemos até os inimigos, que oremos até pelos que nos perseguem, pode-se entender que devamos pedir também pelos que ainda são terra e não começaram a ser celestes, para que neles se realize a vontade de Deus, a vontade que Cristo cumpriu conservando e reintegrando o homem.

O Senhor já não chama seus discípulos terra, mas sal da terra, e o Apóstolo diz que o primeiro homem é limo da terra, ao passo que o segundo é celeste; portanto, nós, que devemos ser semelhantes ao Pai - (o qual faz nascer o sol sobre bons e maus, chover sobre justos e injustos) - seguindo o conselho de Cristo, oramos e pedimos numa única prece pela salvação de todos. Assim como a vontade de Deus foi feita no céu, isto é, em nós - que pela fé nos tornamos céu, assim se faça também na terra, isto é, nos que ainda não creem, que ainda são terrenos pelo primeiro nascimento a fim de começarem a ser celestes pelo renascimento na água e no Espírito.

Elementos mais importantes: 3º pedido – Seja feita vossa vontade assim na terra como no céu.

- A essência deste pedido consiste em que nós devemos fazer a vontade de Deus.
- Para fazer a vontade de Deus é necessário o auxílio da graça de Deus.
- Cumprir a vontade de Deus nos leva à Vida Eterna.
- A vontade de Deus é aquela que Cristo ensinou e praticou.

Figura 7. "Eu sou o pão que desci do céu. Se alguém comer do meu pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo".

Prosseguindo, dizemos: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje". Podemos tomar este pedido tanto no sentido espiritual como no literal, pois os dois modos de entender servem divinamente à nossa salvação. O Cristo é o pão da vida, e este pão não é de todos, é nosso. E assim como dissemos Pai nosso porque é Pai dos que entendem e crêem, dizemos também pão nosso porque é pão para aqueles que comem o seu corpo. Pedimos que este pão nos seja dado diariamente a fim de que, estando no Cristo e recebendo diariamente a Eucaristia como alimento de salvação, não venhamos a ser separados do Corpo de Cristo e tornar-nos alguma vez proibidos de participar do pão celeste, afastados da comunhão, por causa de algum grave pecado. Ele próprio disse: "Eu sou o pão que desci do céu. Se alguém comer do meu pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo". Dizendo viver eternamente quem comer deste pão, fica evidente que viverão sempre os que pertencem ao seu corpo e recebem a Eucaristia, pelo direito da comunhão, ao mesmo tempo que se passa a temer que alguém seja separado do corpo de Cristo e afastado da salvação, pela interdição de participar do pão. Devemos orar para que tal não aconteça, como ele mesmo nos adverte: "se não comerdes a carne do Filho

do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós". Por isso pedimos que o pão nosso, isto é, Cristo, nos seja dado diariamente. Vivendo nele, não nos afastaremos de seu corpo e de sua santificação.

Pode-se, na verdade, interpretar de outra maneira estas palavras. Pode-se entender que nós, que renunciamos ao século e rejeitamos as suas riquezas e pompas, pela fé da graça espiritual, não peçamos senão o alimento indispensável para o nosso sustento, conforme a palavra do Senhor: "Quem não renunciar a tudo que possui, não pode ser meu discípulo". Quem, portanto, seguindo a palavra do Mestre, renunciou a tudo e começou a ser discípulo de Cristo, deve pedir o alimento para o dia que passa e não estender os seus desejos em longos pedidos. Assim ele preceituou, dizendo: "Não penseis no dia de amanhã, porque o dia de amanhã trará os seus cuidados. Basta a cada dia a sua própria pena". Assim, o discípulo de Cristo, proibido de preocupar-se com o dia de amanhã, pede apenas o alimento de cada dia. Aliás, seria estranho e contraditório pedirmos que o reino de Deus venha a nós em breve e ao mesmo tempo cuidarmos de viver no mundo mais longamente. Também o Apóstolo aconselha, fortalecendo e consolidando nossa fé e esperança: "Nada trouxemos para este mundo; e nada, na verdade, podemos levar. Se temos o que comer e vestir, estejamos contentes. Os que desejam enriquecer, caem na tentação, no laço e em muitos desejos nocivos que lançam o homem na perdição e na morte. Com efeito, a raiz de todos os males é a cobiça; por ela alguns se afastaram da fé e acarretaram para si muitas dores".

Esta doutrina ensina, não só que as riquezas devam ser desprezadas, mas que são perigosas, achando-se nelas a raiz dos males que afagam e enganam, por disfarces e seduções, cega a mente humana. Daí, Deus ter respondido ao rico insensato que pensava nos seus bens terrenos e se vangloriava da abundância dos seus frutos: "Insensato, esta noite ainda, entregarás a tua alma; para quem ficará o que preparaste?" Alegrava-se o insensato com seus frutos na noite em que ia morrer, preocupava-se com a abundância de alimento no momento em que a vida já se afastava.

O Senhor ensina, ao contrário, tornar-se perfeito e íntegro quem vende tudo o que possui e dá aos pobres, prepara este seu tesouro no céu. Diz o Senhor que só pode segui-lo e imitar a glória de sua paixão quem não está ligado por interesses particulares e então, pronto e sem empecilhos, está livre para acompanhar com a própria pessoa a doação já feita dos bens. Em preparação para isso aprenda-se a orar dessa maneira e a descobrir assim como se deve ser.

Elementos mais importantes: 4º pedido – O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

- Este pedido pode ser entendido tanto no sentido corporal quanto espiritual. Jesus Cristo é o pão da vida que sustenta nossa alma.
- Neste pedido também clamamos que nos seja dado o dom mais precioso dado por Deus: a Santíssima Eucaristia.
- Também pedimos que o Senhor providencie o necessário para cada dia, pois o verdadeiro cristão não deve pensar no dia de amanhã.

Pedimos a seguir por nossos pecados, dizendo: - "Perdoa as nossas dívidas, como nós perdoamos aos nossos devedores". Depois do socorro do alimento, o perdão do pecado. Quem é alimentado por Deus, viva também em Deus; cuide não só da vida presente e temporal, mas sobretudo da eterna, à qual se pode chegar se os pecados são perdoados, pecados que o Senhor, no Evangelho, chama dívidas: "Perdoei toda a tua dívida, porque me pediste".

Mas, quão necessária, quão salutar e previdentemente se nos adverte que somos pecadores e devemos rogar pelos nossos pecados! Pois ao pedirmos a misericórdia de Deus, tomamos consciência de nós mesmos. Para que ninguém se contente consigo, presumindo-se inocente, nem avance ainda mais para

a morte, exaltando-se, está essa ordem de rezarmos cada dia pelos próprios pecados, lembrando-nos que pecamos diariamente. Disso aliás também nos previne João, na epístola: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está conosco. Se, porém, confessarmos nossos pecados, o Senhor é fiel e justo para perdoá-los". Aqui estão duas idéias: devemos rogar pelos nossos pecados, e conseguiremos a indulgência quando o fizermos. Por isso, diz-se que o Senhor é fiel no cumprimento de sua promessa, isto é, fiel no perdão dos pecados: ensinou-nos a orar nessa intenção, prometendo a indulgência e a misericórdia de um Pai.

Mas vem logo indicada, claramente, a condição segura e o penhor de nossa prece, a maneira em que devemos fazê-la: peçamos para nós o perdão das dívidas na medida em que perdoarmos aos nossos devedores; não podemos conseguir o que pedimos para os nossos pecados, se não fizermos o mesmo em relação aos nossos devedores. Nesse sentido, lê-se em outro lugar: "Na medida em que medirdes, sereis medidos". Assim, aquele servo que recebera do senhor o perdão de toda a sua dívida e a seguir não quis fazer o mesmo para o companheiro, foi preso e encarcerado. O senhor retirou-lhe o perdão porque lhe faltou indulgência para com o companheiro. Outra vez, mais fortemente ainda, Cristo propõe, entre seus preceitos, este princípio: "Se ides orar e tendes alguma coisa contra alguém, perdoai-o antes, para que o vosso Pai celeste, igualmente, vos perdoe os pecados. Se porém não perdoardes, vosso Pai do céu também não perdoará os vossos pecados". Não te restará, pois, a menor escusa no dia do juízo, quando fores julgado conforme tua sentença. Como fizeste, assim te será feito.

Deus preceituou que devemos ser pacíficos, concordes e unânimes em sua casa. Ele quer que perseveremos tais como nos fez pela geração do segundo nascimento, a fim de que permaneçam na sua paz, os que vivemos em Deus e tenhamos uma só alma e um só sentir os que temos um só Espírito. Deus não aceita o sacrifício do dissidente. Manda que volte do altar e se reconcilie antes com o irmão para ser benigno e obter a benignidade de Deus. O máximo sacrifício, aos olhos de Deus, é a nossa paz e concórdia fraternal, é o povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Elementos mais importantes: 5º pedido – Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

- Neste pedido clamamos a Deus o perdão dos nossos pecados, já que pecamos todos os dias.
- Para recebermos o perdão dos nossos pecados devemos perdoar absolutamente todas as ofensas contra nós.

Manda-nos ainda o Senhor que digamos na oração: "E não nos deixes cair em tentação". Isto mostra que o adversário nada pode contra nós sem uma permissão de Deus. Assim, voltar-se-á para o Senhor todo nosso temor, zelo e devoção; pois nada é possível ao Maligno, no sentido de tentar-nos, sem a divina permissão.

Prova-o a divina Escritura; "Veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e atacou-a; o Senhor entregou-a em suas mãos".

E o poder contra nós é dado a ele segundo os nossos pecados, pois está escrito: "Quem entregou Jacó ao massacre e Israel aos espoliadores? Não foi Deus, contra quem pecaram, cujas vias não quiseram seguir e cuja lei não quiseram ouvir, que dirigiu para eles a ira de sua alma?" E também a respeito de Salomão, quando pecou e se afastou dos caminhos de Senhor: "O Senhor excitou Satanás contra Salomão".

De duas maneiras é dado poder contra nós: para castigo, quando pecamos; para glória, quando somos provados. Isso aparece concretamente no caso de Jó, por revelação do próprio Deus: "Eis, tudo que é dele coloco em teu poder; cuida, porém, de nele não tocares".

No Evangelho, diz o Senhor sobre o tempo da paixão: "Nenhum poder terias contra mim, se não te fosse dado do alto".

Rogando para não cair em tentação, lembramo-nos de nossa fraqueza e miséria, e não nos exaltarmos insolentemente, considerando orgulhosamente algo como nosso, não julgaremos nossa glória a confissão do martírio. Pois, ensinando-nos a humildade, diz o Senhor: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca". Antepõe, assim, a confissão humilde e submissa à prece, atribui tudo a Deus a fim de obteres da sua misericórdia o que pedires com temor e reverência.

Elementos mais importantes: 6º pedido – Não nos deixeis cair em tentação.

- Neste pedido temos a certeza que o demônio não pode nada contra nós sem a permissão de Deus.
- O Senhor permite as tentações diabólicas de acordo com nossos pecados.
- Rogamos a Deus que não permita que caiamos na tentação.

Depois disto tudo, completando a oração, vem a petição final que, numa síntese brevíssima conclui todos os nossos pedidos e súplicas. Dizemos em último lugar: - "Livra-nos de todo o mal" abrangendo com esta palavra as adversidades que o inimigo possa maquinar contra nós neste mundo. Contra todas as tramas suas estaremos firmes e seguros se Deus nos livrar delas, se conceder seu auxílio aos que Lho suplicam e imploram. Tendo dito: "Livra-nos do mal", nada mais resta a pedir, pois já pedimos, de uma só vez, a proteção de Deus contra o mal; conseguida essa proteção estamos seguramente guardados contra as maquinações do diabo e do mundo. Com efeito, que se poderá temer no mundo se se tem a Deus por guardião?

Elementos mais importantes: 7º pedido – Mas livrai-nos do mal.

- Neste pedido clamamos a Deus a proteção contra as investidas do demônio.
- Estamos seguros contra o inimigo se Deus nos livrar, pois ele trama contra nós dia e noite.

Atividade

1 – Responda a pergunta: Por que o Pai-Nosso é a oração perfeita?

2 – Quantos pedidos existem no Pai-Nosso?

3 – Quais são as cinco qualidades de que toda oração deve se revestir?

4 – Explique cada pedido do Pai-Nosso.

Sagrada Escritura

Introdução

DISSE Chateaubriand sobre Homero: “Conheço um livro melhor do que o teu”, referindo-se às Sagradas Escrituras. Elas devem ser o principal livro a ser lido. Por quê? Porque ela é o Livro de Deus, ou seja, o próprio Deus se fez escritor e falou de Si mesmo. Ora, existe algum escritor entre os vivos ou entre os mortos que se iguale a Deus? Medite por um instante nesta verdade: a Bíblia é o Livro de Deus.

“A Bíblia não é livro de homens, é o Livro de Deus, o livro por excelência, perante o qual todos os historiadores, poetas, dramaturgos ou romancistas se apagam como estrelas que se dissipam quando o Sol se levanta no horizonte”.

Pe. Berthe

Por 15 séculos, o Senhor se demorou para escrever a Bíblia, começando por Moisés até ao Apóstolo João. Entre estes dois historiadores – o primeiro do Deus Criador e o segundo do Deus Redentor – o Altíssimo inspirou uma plêiade de escritores. Estes santos homens conservaram sua personalidade, caráter e estilo, mas quanto às ideias contidas nos seus escritos, limitaram-se a emprestar a sua pluma ao Espírito Santo.

Este Livro Sublime deveria estar em todas as mãos, a fim de iluminar os espíritos, abrasar os corações e dar a conhecer a toda a gente o Criador que Se quis revelar aos homens. Hoje assistimos o paganismo destronando a Bíblia em troca de relatos profanos. Buscam-se histórias e romances pagãos, alegando serem mais instrutivos e divertidos, enquanto a História de Deus torna-se tão desconhecida que muita gente já ignora os nomes dos Patriarcas, dos Profetas e dos Apóstolos.

Em nenhum outro livro, as crianças, os adolescentes e os jovens encontrarão relatos mais empolgantes, trágicos e maravilhosos que na Bíblia. Deseja desenvolver o imaginário? Os relatos bíblicos superam a imaginação do maior romancista. Deseja adquirir eloquência? Ide ao Livro dos Provérbios. Deseja sabedoria? Buscai-a no Livro do rei sábio.

A Bíblia contém não somente o que devemos crer e fazer para sermos salvos. Podemos encontrar nas páginas sagradas todos os gêneros literários possíveis. Assim diz Santo Atanásio:

“Abstende-vos de todos os livros dos gentios. Que tendes vós com essas doutrinas, com essas leis estranhas, com esses falsos profetas? Essas leituras fizeram perder a fé a alguns homens levianos. Que vos falta na lei de Deus para recorrerdes a essas fábulas? Se quereis ler história, tendes os Livros dos Reis; se vos convém filosofia ou poesia, achá-las-eis nos Profetas, em Jó, no autor dos Provérbios, e com mais perfeição e elevação que em qualquer outra obra desses sofistas e poetas, porque só a palavra de Deus é sábia. Quereis líricas? lede os Salmos; antigas origens? lede o Gênesis; leis, preceitos de moral? tomai o código divino do Senhor”.

Encontraremos na Bíblia o máximo da eloquência, da sabedoria, da poesia, da narrativa, da história, dos dramas etc., e sem erro, porquanto Deus não pode Se enganar e nem nos enganar.

São Jerônimo e São Basílio recomendam o uso da Bíblia em todo processo educativo:

“É pela própria Escritura que vossa filha aprenderá a ler, escrever e falar. Aprenda a sua boca a repetir os doces cânticos do rei-profeta. Não lhe seja permitido formar grupos de palavras tomadas ao acaso; escolham-se-lhe essas palavras nas sagradas letras, e as primeiras que ela souber pronunciar serão os

nomes dos Apóstolos, patriarcas e profetas. O primeiro livro que ela aprenderá será o Saltério, cujos cantos divinos repetirá ao despertar. Nos provérbios de Salomão aprenderá ela a viver com sabedoria; no Eclesiastes, a desprezar vaidades do mundo; em Jó, a virtude da paciência e coragem. Passará depois ao Evangelho, para não mais o deixar; identificar-se-á com os Atos e Epístolas dos Apóstolos, de que vos recitará cada dia uma passagem que será como um ramo de flores escolhidas nas Escrituras.... Guardai-a de todas essas leituras que introduzem uma linguagem pagã no seio do cristianismo. Que pode haver de comum entre os cantos profanos do paganismo e os castos acentos da lira dos profetas? Como aliar Horácio com Davi? Virgílio com o Evangelho? Ainda que queiramos salvar-nos pela intenção, é sempre um escândalo ver uma alma cristã num templo de ídolos".

São Jerônimo

"O estudo das letras deve ser acomodado ao espírito da educação dos meninos, as Sagradas Escrituras lhes servirão de vocabulário. Em vez de fábulas, lhes serão contadas as admiráveis histórias da Sagrada Bíblia; aprenderão de cor as máximas do livro dos Provérbios".

São Basílio

Figura 8. Imagem Ilustrativa dos quatro evangelistas. Estes Santos homens foram os instrumentos escolhidos por Nosso Senhor para que fosse transmitida sua Palavra aos quatro cantos do mundo.

Iniciaremos um estudo mais aprofundado da Sagrada Escritura. Para isso, usaremos os textos do site cristianismo.org.br. Este site contém material fiel e aprofundado do catolicismo.

Anotações Prévias ao Estudo das Sagradas Escrituras

Distintividade das Escrituras a serem consideradas Sagradas

O leitor das Sagradas Escrituras deverá aprender primeiramente como reconhecer quais são as Escrituras que devem ser dignamente honradas com o nome de Sagradas. Pois, de fato, alguns dos que ensinaram pelo espírito deste mundo deixaram escrito muitas coisas. A Lógica, a Matemática e a Física ensinam verdades, mas não são capazes de alcançar aquela verdade na qual se encontra a salvação da alma, sem a qual será inútil alcançar todas as demais verdades. Os filósofos pagãos também escreveram tratados sobre Ética, nos quais descreveram alguns membros das virtudes, truncados, porém, do corpo da bondade, pois os membros das virtudes não podem ter vida sem o corpo da caridade divina. Todas as virtudes formam um só corpo, cuja cabeça é a caridade, e os membros do corpo não podem viver se não são sensificados pela cabeça. Os escritos, pois, em que não é possível encontrar a verdade sem contaminação de erro, nem são capazes de restaurar a alma conduzindo-a ao verdadeiro conhecimento de Deus e ao amor, não são dignos de serem considerados sagrados. Somente são corretamente chamados de sagrados aqueles escritores que foram inspirados pelo Espírito de Deus e que, administrados por aqueles que falaram pelo Espírito de Deus, tornam o homem divino, restaurando-o à semelhança de Deus, instruindo-o ao seu conhecimento e exortando-o ao seu amor. Nestas Escrituras tudo o que é ensinado é a verdade; tudo o que é preceituado é a bondade; tudo o que é prometido é a felicidade. Pois Deus é verdade sem falácia, bondade sem malícia, felicidade sem miséria.

Se queres, pois, distinguir as Escrituras Sagradas das demais que não merecem este nome, distingue primeiro e considera diligentemente por uma reta consideração a própria matéria a respeito da qual e na qual versa a sua abordagem.

Duas são as obras de Deus nas quais se resume tudo o que foi feito. A primeira é a obra da criação, pela qual foram feitas as coisas que não existiam; a segunda é a obra da restauração, pela qual foram refeitas as coisas que haviam perecido. A obra da criação consiste na criação das coisas do mundo com todos os seus elementos. A obra da restauração é a Encarnação do Verbo com todos os seus mistérios, seja aqueles que o precederam desde o início dos séculos, seja aqueles que o seguiram até o fim do mundo.

A matéria das Sagradas Escrituras deve ser considerada também quanto a esta divisão; isto é, deves considerar aquilo de que tratam e o modo com que o tratam, para que pela matéria e pelo modo possas distingui-las do restante dos demais livros que se escrevem. De fato, a matéria de todos os demais livros consiste nas obras da criação, enquanto que a matéria das Sagradas Escrituras consiste na obra da restauração. Esta é a primeira distinção a ser feita quanto à matéria de que tratam os livros e as escrituras diversas.

Além disto, os demais livros, se ensinam alguma verdade, não o fazem sem o contágio do erro; se parecem recomendar alguma bondade, ou ela vem mesclada com a malícia, de modo a não ser pura, ou pelo menos é sem o conhecimento e o amor de Deus, de modo a não ser perfeita.

Os três sentidos das Sagradas Escrituras

As Sagradas Escrituras se interpretam segundo três modos de entendimento. A primeira interpretação é a histórica, na qual se considera a primeira significação das palavras em relação às próprias coisas sobre as quais são ditas.

As Sagradas Escrituras, porém, possuem uma propriedade que as diferencia dos demais livros, porque aquilo que nelas é significado em primeiro lugar pelas palavras são, por sua vez, como que tantas outras palavras que nos são propostas para a significação de outras coisas.

História vem da palavra grega "historeo", que significa 'vejo e narro'. Neste sentido é que se deve entender propria e estritamente o termo história; costuma, porém, esta palavra ser tomada num sentido mais amplo de modo a designar o sentido que em primeiro lugar relaciona as palavras com as coisas. Além dela, porém, existe também a significação alegórica.

A alegoria consiste em que aquilo que é proposto pela significação da letra significa também alguma outra coisa tanto no passado, como no presente ou no futuro. O termo alegoria soa como discurso alheio, porque é dita uma coisa, mas significa outra.

Subdivide-se a alegoria em simples alegoria e anagogia. Ocorre simples alegoria quando por um fato visível se significa um outro fato visível. Ocorre anagogia, isto é, um conduzir para o alto, quando por um fato visível se declara um fato invisível.

Para maior clareza, colocamos um exemplo destes três modos de entendimento. (Neste exemplo que será dado a seguir, Hugo se utiliza de uma outra nomenclatura que é também a mais comum em seus escritos: além do sentido literal ou histórico, ele menciona o sentido alegórico sem, porém, subdividi-lo, e ao sentido alegórico acrescenta o sentido moral, também denominado por ele de sentido tropológico ou tropologia).

Diz a Sagrada Escritura que havia um homem na terra de Hus, chamado Jó, que sendo muito rico caiu em uma tão grande miséria que sentando-se junto a um monturo ou coletor de estrume, raspava com uma telha as chagas de seu corpo.

O sentido histórico é evidente; passemos, portanto, ao alegórico. Na alegoria consideramos que as coisas significadas pelas palavras significam por sua vez outras coisas, e um fato significa outro fato. Jó, efetivamente, traduzido significa sofredor; significa, portanto, o Cristo, que antes estava junto às riquezas da glória do Pai sendo co-igual a Ele e condescendeu-se de nossa miséria sentando-se humilhado no monturo deste mundo, compartilhando conosco, fora o pecado, todos os nossos defeitos.

O sentido moral é aquilo que por meio deste fato deve-se fazer, isto é, aquilo que este fato significa ser digno de ser feito. Jó pode significar qualquer alma justa ou penitente, que compõe em sua memória um monturo de todos os pecados que fez e não vez ou outra, mas perseverantemente, sentando-se e meditando sobre o mesmo, não cessa de chorar.

Nem tudo o que se encontra nas Sagradas Escrituras é passível de tríplice interpretação histórica, alegórica e moral

Não é tudo o que se encontra nas Sagradas Escrituras que pode ser interpretado segundo estes três modos, como se cada uma de suas passagens tivesse que conter simultaneamente uma história, uma alegoria e uma tropologia. Há muitos lugares em que estes três sentidos podem ser convenientemente assinalados, mas é bastante difícil ou mesmo impossível observá-los em todo lugar. Na cítara, assim como em outros instrumentos musicais, não são todas as partes que quando percutidas ressoam música, mas apenas as cordas; as demais partes do corpo da cítara são feitas para conectar e tensionar aquelas que modularão a suavidade da melodia. Ocorre o mesmo com as Sagradas Escrituras; nela há coisas que somente podem ser entendidas espiritualmente; há outras que estão a serviço da formação dos costumes; algumas foram escritas segundo o simples sentido da história; há, finalmente, algumas outras que podem ser convenientemente comentadas segundo a história, a alegoria e a tropologia.

Necessidade da interpretação literal ou histórica

O sentido alegórico e moral, a inteligência mística, somente pode ser apreendido a partir daquilo que o sentido literal propõe em primeiro lugar. Causa-nos, portanto, não pouca admiração e perplexidade como possa haver algumas pessoas que se gabam de serem doutos na alegoria ignorando, entretanto, a primeira significação da letra. Nós, dizem eles, ensinamos as Escrituras, não, porém, a letra; não cuidamos da letra, porque nos ocupamos apenas da alegoria.

Mas, pergunto, como é possível ensinar a Escritura, se não se lê a letra? De fato, se tirarmos a letra, o que será da Escritura?

Dizem eles que a letra significa uma coisa segundo a história, e outra segundo a alegoria. A palavra leão, por exemplo, segundo o sentido literal significa o animal, mas segundo o sentido alegórico significa o Cristo, porque o leão dorme de olhos abertos.

Esta afirmação, porém, tal como está apresentada, não pode ser sustentada. Deve-se mudar a frase proposta, ou modificar a causa apontada. De fato, não é a palavra leão que dorme de olhos abertos, mas o animal que a palavra significa. Entenda-se que quando se diz que o leão significa o Cristo, não é o nome do animal que significa o Cristo, mas o próprio animal. É o animal que dorme de olhos abertos que, segundo uma determinada semelhança, representa o Cristo, porque nos dias em que estava sepultado, enquanto sua humanidade dormia o sono da morte, o Cristo mantinha os olhos abertos por causa da sua divindade que velava. Não se pode pretender, portanto, ter compreendido as Sagradas Escrituras se se ignorar o sentido literal. Ignorar a letra é ignorar aquilo que a letra significa; ora, a coisa que a letra significa é, por sua vez, um sinal de algo que deverá ser entendido espiritualmente. Como, porém, este entendimento espiritual poderá ser apreendido pelos que leem, se o seu sinal não lhes tiver sido significado?

Aquele, portanto, que busca o entendimento das Sagradas Escrituras deve em primeiro lugar aplicar-se à compreensão daquelas coisas que as palavras sagradas propõem de modo imediato; só depois que as tiver bem conhecido é que deve passar às demais significações, meditando e reunindo, através das semelhanças, aquilo que diz respeito à edificação da fé e à formação dos bons costumes. Deve-se, pois, compreender primeiro o que a letra significa para depois vir a se entender aquilo que é significado pela coisa significada pela letra.

Quisemos advertir bem o leitor a este respeito para que não aconteça que venha a desprezar os primeiros rudimentos deste ensinamento. Não pense que deva ser desprezado o conhecimento daquilo que as Sagradas Escrituras nos propõem através da primeira significação da letra, porque são estas coisas que o Espírito Santo mostra aos sentidos carnais, a nós que não podemos apreender as coisas invisíveis senão através das visíveis, como simulacros de entendimentos mais elevados, levantando nossa alma à compreensão do que é espiritual através destas semelhanças que nos são propostas.

Se, como alguns dizem, fosse possível passar da letra diretamente àquilo que deve ser entendido espiritualmente, em vão teriam sido interpostas nas Sagradas Escrituras as figuras e as semelhanças das coisas pelas quais a alma é ensinada acerca do que pertence ao espírito. Não se deve, portanto, na Palavra de Deus desprezar a humildade, porque é pela humildade que somos iluminados para a divindade. Este sentido exterior da palavra de Deus pode parecer lodo para ser talvez pisado pelos pés, mas é este lodo que nossos pés pisam que foi usado pelo Cristo ao curar o cego de nascença para iluminar-lhe a vista (Jo 9).

Leiamos, pois, as Sagradas Escrituras, e aprendamos diligentemente em primeiro lugar aquilo que ela narra materialmente. Se imprimirmos cuidadosamente em nossa alma a forma destas coisas segundo a sequência da narrativa, depois, através da meditação, colheremos como de um favo a doçura da inteligência espiritual.

Frutos que se devem esperar da leitura das Sagradas Escrituras

Todos os que se aproximam da divina lição devem conhecer primeiramente quais sejam os seus frutos. Nada, de fato, deve ser buscado sem motivo; nem mesmo é possível desejar aquilo que não promete algum tipo de utilidade. Ora, o fruto da divina lição é duplo, pois ela ensina a ciência e ornamenta a alma de virtudes.

A ciência diz respeito principalmente ao sentido literal e alegórico; já a instrução dos costumes diz respeito mais ao sentido tropológico. Tudo o que diz a Sagrada Escritura está ordenado a estes fins.

Por isto aqueles que se dedicam ao estudo das Sagradas Escrituras não devem desprezar aquilo que é significado pelas coisas manifestadas pelo sentido literal. Os filósofos, em seus escritos, somente conhecem a significação das palavras, mas nas Sagradas Páginas muito mais excelente é a significação das coisas significadas pelas palavras do que a própria significação das palavras. A significação das palavras foi instituída pelos usos dos homens, enquanto que a significação das coisas foi instituída pela própria natureza. As primeiras são vozes humanas, as segundas são vozes de Deus falando aos homens. A significação das palavras depende do arbítrio dos homens, mas a significação das coisas depende apenas da natureza, e da obra do Criador que deseja significar certas coisas através de outras. Ademais, o número de significados das coisas é muito maior do que o número de significados das palavras: poucas palavras significam mais do que duas ou três coisas, enquanto que as coisas podem ter significados tão variados quantas forem as propriedades visíveis ou invisíveis que tiverem em comum com as demais coisas.

O Estudo das Sagradas Escrituras

Texto compilado com excertos da obra "Eruditionis Didascalicae libri Septem sive Didascalicon"

Introdução

Os dois principais meios pelos quais se alcança a ciência são o estudo e a meditação. Entre ambos o estudo ocupa, no aprendizado, uma posição de anterioridade em relação à meditação. Será, portanto, do estudo que iremos tratar em seguida, explicando quais são os seus preceitos, e interessando-nos mais particularmente pelo estudo das Sagradas Escrituras.

Três são os preceitos mais necessários para o estudo. Primeiro, é preciso saber o que se deve estudar. Segundo, em que ordem estudar, isto é, o que estudar primeiro e o que estudar depois. Terceiro, é preciso saber como estudar. Nossa intenção será tratar de cada um destes três preceitos, cuidando de modo especial de suas aplicações ao estudo das Sagradas Escrituras.

Deste modo, em primeiro lugar determinaremos quais são os livros que merecem o nome de Sagradas Escrituras; em seguida, consideraremos o número e a ordem dos livros sagrados. Trataremos também de algumas propriedades das Sagradas Escrituras que devem ser bem conhecidas pelos que se propõem a estudá-las. Feito isto, ensinaremos como devem ser estudadas as Sagradas Escrituras por aqueles que nela buscam tanto a correção dos seus costumes como uma forma de vida. Em último lugar, dirigiremos nosso discurso àqueles que estudam as Escrituras por amor da ciência.

Quais são as Sagradas Escrituras

Não são todos os escritos que tratam de Deus ou dos bens invisíveis que devem ser chamados de sagrados, e nem tampouco apenas estes. Entre os livros dos pagãos encontram-se muitas obras que tratam da eternidade de Deus, da imortalidade das almas, dos prêmios e dos castigos eternos merecidos pela virtude e pela maldade, tudo isto demonstrado por meio de argumentação bastante provável, sem que, no entanto, ninguém julgue por isto que sejam obras dignas de receberem o nome de sagradas.

Por outro lado, percorrendo a série dos livros do Antigo e do Novo Testamento, observaremos que tratam-se de escritos que se ocupam quase que inteiramente de coisas que pertencem à vida presente,

raramente discorrendo abertamente sobre a doçura dos bens eternos e a felicidade da vida celeste. Não obstante, são estes escritos que a fé católica costuma chamar de sagrados.

Os escritos dos filósofos brilham externamente pelo esplendor de suas palavras, mas quando nos estendem uma aparência de verdade, mesclam-na com o erro, no que podem ser comparados a uma parede de barro caiada de branco. Tal como a parede caiada, escondem sob uma camada de cal o barro do erro. Os Discursos Sagrados, ao contrário, podem ser com muita propriedade comparados aos favos de mel, pois parecem áridos na simplicidade da linguagem, mas internamente são repletos de doçura. São, ademais, chamados de sagrados porque estão tão distantes da contaminação do erro que nada de contrário à verdade pode ser encontrado neles.

Definem-se as Sagradas Escrituras

São sagradas aquelas Escrituras que vieram a lume por meio de homens que cultivaram a fé católica, tendo sido recebidos e conservados pela autoridade da Igreja universal para serem incluídas no número dos escritos sacros para o fortalecimento desta mesma fé. Além destas, há ainda outras numerosíssimas obras escritas por homens sábios e religiosos, nas mais diversas épocas, as quais, ainda que não tenham sido aprovadas pela autoridade da Igreja universal, sendo conformes à fé e ensinando muitas coisas úteis, são consideradas como estando incluídas entre os discursos sagrados. Tudo isto, porém, pode ser melhor entendido exemplificando do que definindo.

Divisão das Sagradas Escrituras em dois Testamentos, cada um dividido em três ordens

Toda a Sagrada Escritura está contida em dois Testamentos, o Antigo e o Novo Testamento. Em cada Testamento podem ser distinguidas três ordens. O Antigo Testamento contém a Lei, os Profetas e os Hagiógrafos. O Novo Testamento contém o Evangelho, os Apóstolos e os Padres.

Elenco dos Livros das três ordens do Velho Testamento

A primeira ordem do Velho Testamento é a Lei, que os judeus chamam de Torá. A Lei é formada pelos cinco livros de Moisés, chamados, em seu conjunto, de Pentateuco. O primeiro destes livros é o Gênesis, o segundo o Êxodo, o terceiro o Levítico, o quarto o Livro dos Números, o quinto o Deuteronômio.

A segunda ordem do Velho Testamento é a dos profetas, que contém oito volumes. O primeiro volume é o livro de Josué; o segundo, o livro de Juízes; o terceiro o Livro de Samuel, também chamado de Primeiro e Segundo Livro dos Reis; o quinto é o livro de Isaías; o sexto, o livro de Jeremias; o sétimo, o livro de Ezequiel; e o oitavo é o livro que contém as profecias dos doze profetas (menores).

Finalmente, a terceira ordem do Velho Testamento possui nove livros. O primeiro é o livro de Jó; o segundo é o livro de Davi ou Livro dos Salmos; o terceiro é o livro dos Provérbios de Salomão; o quarto é o Eclesiastes; o quinto é o Cântico dos Cânticos; o sexto é o livro de Daniel; o sétimo é o livro dos Paralipômenos; o oitavo é o livro de Esdras; o nono é o livro de Ester. Todos estes livros são em número de vinte e dois.

Há, também, outros livros, como o livro da Sabedoria de Salomão, o livro de Jesus filho de Sirac, o livro de Judite, o livro de Tobias e os livros dos Macabeus.

Elenco dos livros das três ordens do Novo Testamento

A primeira ordem do Novo Testamento contém os livros dos quatro Evangelhos, aqueles escritos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João.

A segunda ordem, semelhantemente, contém também quatro livros: as Epístolas de São Paulo, em número de quatorze, reunidas em um só livro, as demais Epístolas Canônicas reunidas em outro livro, o Apocalipse e os Atos dos Apóstolos.

Quanto à terceira ordem, o primeiro lugar corresponde aos Decretais da Igreja, aos quais também chamamos de cânones ou regras; depois deles vêm os escritos dos Santos Padres e dos Doutores da Igreja, como os de São Jerônimo, Santo Agostinho, São Gregório, Santo Ambrósio, Santo Isidoro, Orígenes, São Beda e muitos outros escritores ortodoxos, os quais são tão infinitos que não podem sequer ser contados. Seu tão grande número mostra o fervor destes homens na fé, por causa da qual deixaram aos seus pósteros tantas e tão memoráveis obras. Diante deles nossa preguiça se torna evidente, pois sequer conseguimos ler aquilo que eles puderam escrever.

Conveniência entre as ordens do Velho e do Novo Testamento

A conveniência entre as diversas ordens do Velho e do Novo Testamento fica manifesta se considerarmos que, assim como a Lei é seguida pelos Profetas e os Profetas são seguidos pelos Agiógrafos, assim também depois do Evangelho vêm os Apóstolos e depois dos Apóstolos vêm os Doutores. E embora em cada uma destas ordens esteja contida toda a verdade, plena e perfeita, é para nós causa de admiração verificar como as razões da dispensação divina fizeram com que nenhuma delas seja supérflua.

O tríplice entendimento das Sagradas Escrituras

Expusemos, assim, brevemente, a ordem e o número dos Livros Sagrados, para que o estudante conheça a matéria que lhe é oferecida. Passemos agora ao restante do que nos interessa para a intenção da presente obra.

Antes de tudo o mais, deve-se saber que a Sagrada Escritura pode ser entendida de três maneiras, isto é, segundo a história, segundo a alegoria e segundo a tropologia ou, de acordo com outro modo de dizer, segundo o sentido literal, o sentido alegórico e o sentido moral.

É certo que nem tudo o que se encontra no Discurso Sagrado pode ser vertido nesta tríplice interpretação, como se cada lugar sempre contivesse simultaneamente uma história, uma alegoria e uma tropologia. Em muitos lugares da Escritura estas três coisas podem, de fato, ser encontradas, mas encontrá-las em todas é muito difícil ou mesmo impossível.

Ocorre no Discurso Sagrado o mesmo que se observa nos instrumentos musicais, nos quais somente as cordas produzem melodia, e não tudo o que puder ser percutido, embora as demais partes sejam incorporadas ao corpo do instrumento para interligarem as cordas entre si e para que, tensionando estas cordas, possam modulá-las a fim de produzir a suavidade da melodia. É deste mesmo modo que no Discurso Sagrado foram postas certas coisas que somente podem ser entendidas espiritualmente; outras, estão a serviço do importante trabalho da formação das virtudes; outras ainda, que foram escritas para serem entendidas segundo o simples sentido histórico; há, finalmente, também os lugares que podem ser explicados convenientemente tanto segundo a história, como também segundo a alegoria e segundo a tropologia.

Vemos, assim, que Deus de modo admirável dispôs e interligou toda a Sagrada Escritura em suas partes para que tudo o que nela estivesse contido soasse com a suavidade da inteligência das cordas espirituais ou então, contendo seus mistérios esparsos na seqüência histórica e na dureza das letras, interligasse e se unisse à melodia do espírito como a concavidade da madeira do instrumento interliga em um só todo todas as cordas estendidas e recebe em si o som das cordas tornando-o mais doce aos ouvidos. Este som, de fato, é mais doce porque não foi formado apenas pelas cordas, mas também pelo corpo do instrumento. É assim que também o mel é mais agradável quando está no favo.

É necessário, portanto, ler a Sagrada Escritura sem que se queira buscar em toda a parte uma história, uma alegoria e uma tropologia. Cada uma destas coisas deve ser assinalada em seus devidos lugares segundo o que a razão o exija convenientemente. Será freqüente, todavia, que em uma só e mesma letra

possamos encontrar a todas, na medida em que a verdade da história insinua através da alegoria um mistério espiritual e demonstra, através da tropologia, como se deve agir.

Nas Sagradas Escrituras também as coisas significam

No discurso sagrado não apenas as palavras, mas também as coisas significadas pelas palavras têm por sua vez outras significações. Trata-se de algo que só muito raramente se observa em outros escritos. Os filósofos apenas conheceram as significações das palavras, embora as significações das coisas sejam mais excelentes do que as das palavras. Estas foram instituídas pelo uso, enquanto que aquelas foram impostas pela natureza.

As palavras são a voz dos homens, as coisas são a voz de Deus dirigida aos homens. Aquelas, quando pronunciadas, já perecem; estas, quando criadas, subsistem. A tênue voz é sinal dos sentidos; as coisas são simulacros da razão divina. O som produzido pela boca, mal principia a sua subsistência, já se desvanece. Por isso, assim como este som está para a razão da mente, assim também está qualquer espaço de tempo no qual as coisas subsistem para a eternidade. A razão da mente é uma palavra interior manifestada por uma palavra exterior que é o som da voz; assim também a divina sabedoria que o Pai exalou do seu coração, invisível em si mesma, pode ser conhecida pelas criaturas e nas criaturas.

Pode-se, deste modo, depreender quão profundo é o entendimento que deve ser buscado nas Sagradas Letras onde pela voz se chega ao intelecto, pelo intelecto à coisa, pela coisa à razão, pela razão se chega à verdade. Os menos instruídos, não considerando isto, julgam não haver nas Escrituras nada mais sutil em que possam exercer sua inteligência; por este motivo, apenas se ocupam com os escritos dos Apóstolos, já que nada mais conseguem apreender ali senão a superfície da letra, ignorando a força da verdade.

Frutos do Estudo das Sagradas Escrituras

Aquele que se aproxima da Sagrada Escritura para aprender deve saber primeiro qual é o fruto que pode esperar dela. Nada, de fato, pode ser buscado sem causa, e aquilo que não promete alguma utilidade não é também capaz de atrair o desejo.

Dois são os frutos das Sagradas Lições. Elas nos ensinam a ciência e nos ornamentam com as virtudes. A ciência se relaciona mais com a história e a alegoria, enquanto que as virtudes com a tropologia. Todas as Sagradas Escrituras existem para este fim.

Embora seja mais importante ser justo do que ser sábio, sei, todavia, que muitos buscam no estudo do Sagrado Discurso mais a ciência do que a virtude. Não considero reprovável, porém, a busca de nenhuma destas duas coisas; ao contrário, tenho como certo que ambas são necessárias e louváveis, pelo que passarei a tratar brevemente de cada uma delas.

As Sagradas Escrituras e a formação das virtudes

Consideremos primeiramente o que se deve abraçar nas Escrituras para a formação das virtudes.

Quem no Discurso Sagrado busca a notícia das virtudes e uma forma de vida deve dedicar-se mais aos livros que aconselham o desprezo do mundo, que acendem a alma ao amor do Criador, que ensinam o caminho do reto viver e mostram como as virtudes podem ser adquiridas e os vícios abandonados.

É a própria Escritura que diz:

"Buscai em primeiro lugar
o Reino de Deus e a sua justiça",
Mt 6, 33
como se dissesse abertamente:

"Desejai as alegrias da pátria celeste
e buscai cuidadosamente tudo aquilo
por cujos méritos de justiça se chega a ela".

Ambos são bens e ambos são necessários: amai-os e buscai-os. Quando o amor existe, não pode ficar ocioso. Quando se deseja ardentemente chegar, aprende-se como se alcança aquilo ao qual se anela.

Esta ciência se adquire por dois modos: pelo exemplo e pela doutrina. Adquire-se pelo exemplo quando lemos os feitos dos Santos; adquire-se pela doutrina quando estudamos os seus ensinamentos no que diz respeito à nossa disciplina, entre os quais se destacam os escritos do muito bem aventurado São Gregório Magno, que resplandecem entre todos os escritos dos Santos Padres pela doçura de sua doutrina e pela plenitude de amor pela vida eterna de que estão repletos.

Aquele que tiver iniciado este caminho deve procurar aprender nestes livros não apenas pela beleza do fraseado, mas também pelo estímulo que eles oferecem à prática das virtudes. Procure neles não tanto a pomposidade ou a arte das palavras, mas a beleza da verdade.

Que o estudo não seja uma aflição

Saiba também que não chegará ao seu propósito se, movido por um vão desejo da ciência, dedicar-se às Escrituras obscuras e de profunda inteligência, nas quais a alma mais se preocupa do que se edifica; e nem também se se dedicar de tal maneira apenas ao estudo que se veja obrigado a abandonar as boas obras. Para o filósofo cristão o estudo deve ser uma exortação, e não uma preocupação; deve alimentar os bons desejos, e não secá-los.

Como o estudo pode tornar-se uma aflição

Deve-se considerar também que o estudo costuma afligir o espírito de duas maneiras, a saber, pela sua qualidade, se se tratar de um material muito obscuro, e pela sua quantidade, se houver demais para se estudar. Em ambas estas coisas deve-se utilizar de grande moderação, para que não aconteça que aquilo que é buscado como uma refeição venha a ser utilizado para sufocar-nos.

Há aqueles que tudo querem estudar. Tu não contendas com eles, seja-te suficiente a ti mesmo. Que nada te importe se não tiveres lido todos os livros. O número de livros é infinito, não queiras seguir o infinito. Onde não existe o fim, não pode haver repouso; onde não há repouso, não há paz; e onde não há paz, Deus não pode habitar:

"Na paz",
diz o profeta,
"fez o seu lugar,
e em Sião a sua morada".
Salmo 75, 3
Em Sião, mas na paz; é importante ser Sião, mas não perder a paz.
Ouve a Salomão, ouve ao sábio, e aprende a prudência:
"Meu filho",
diz ele,
"mais do que isto não busques;
não há fim para se fazer livros,
e a meditação freqüente é aflição da carne".
Ecl 12, 12
Onde, pois, está o fim?
"Ouçamos, pois, todos,
o fim deste discurso:

teme a Deus
e observa os seus mandamentos,
este é todo o homem".
Ecl 12, 13

Três gêneros de estudantes das Sagradas Escrituras

Há um primeiro gênero de homens que desejam a ciência das Sagradas Escrituras para obter honra ou fama. Esta intenção é tão perversa quanto deplorável.

Há outros a quem agrada ouvir as palavras de Deus e aprender sobre as suas obras, não porque isto possa conduzi-los à salvação, mas por serem coisas admiráveis. São pessoas que desejam investigar segredos e conhecer novidades, saber muito e não fazer nada, incapazes de se darem conta que nas coisas divinas é em vão que se admira a onipotência se não se ama a misericórdia. Elas fazem com as Escrituras o mesmo que os que frequentam os espetáculos dos teatros e as apresentações dos músicos e dos poetas. Não se deve, porém, censurá-los; ao contrário dos anteriores, a vontade destes homens não é má, e sim imprudente. Mais do que nossa repreensão, eles necessitam de nosso auxílio.

Há, finalmente, um terceiro gênero de homens que estudam as Sagradas Escrituras para, seguindo o preceito do Apóstolo, estarem preparados para responder a todos aqueles que lhe pedirem a razão da fé que há neles (1 Pe 3, 15), para destruírem com firmeza aquilo que vai contra a verdade, para ensinarem os que sabem menos, para que eles próprios conheçam mais perfeitamente o caminho da verdade, e compreendendo de modo mais elevado os segredos de Deus, possam amá-Lo mais entranhadamente. Estes são dignos de louvor e de imitação.

O estudo alegórico das Escrituras

Considera o exemplo da construção de um edifício. Primeiro se assentam os alicerces e depois, por cima deles, levanta-se o prédio. Finalmente, consumada a obra, a casa é revestida com as suas cores.

Assim também no estudo das Sagradas Escrituras importa que primeiro se aprenda a história, repetindo do princípio ao fim a verdade das coisas acontecidas, confiando diligentemente à memória o que foi feito, por quem foi feito e onde foi feito. Somente será possível investigar perfeitamente as sutilezas da alegoria quem primeiro está bem fundamentado na história.

Depois da lição da história resta investigar os mistérios das alegorias, para o que deve-se saber que esta não é matéria apropriada para espíritos tardos e obtusos. Trata-se de uma investigação que exige inteligências já maduras, possuidoras de uma sutileza incapaz de perder a prudência no discernimento. É um alimento sólido, que não pode ser engolido se não for bem mastigado. Neste estudo é necessário fazer uso de tal moderação que, à medida em que se busca a sutileza das Escrituras, a presunção não nos torne temerários, recordando-nos do que diz o Salmista:

"Retesará o seu arco e o apontará,
e preparará para eles dardos de morte".
Salmo 7, 13-14

Observa a obra do pedreiro com um pouco mais de diligência. Assentados os alicerces, ele estende uma linha na horizontal e levanta outra na vertical. Põe então em sua devida ordem as pedras previamente polidas com esmero. Depois, busca outras e mais pedras, e se encontrar algumas que não se encaixem na primeira disposição, toma de sua lima, apara as saliências, aplaina as superfícies ásperas e reduz à forma o que antes era informe. Finalmente, acrescenta a pedra assim trabalhada à ordem em que havia disposto as anteriores.

É um exemplo digno de imitação. Os alicerces se encontram dentro da terra, e nem sempre têm suas pedras devidamente trabalhadas e lapidadas. Já o edifício está acima da terra, e exige uma estrutura mais trabalhada, com pedras perfeitamente ajustáveis entre si.

Assim também a Sagrada Página contém muitas coisas que segundo o seu sentido natural parecem contradizer-se entre si, e algumas que até mesmo parecem absurdas ou verdadeiras impossibilidades. O entendimento espiritual, entretanto, não admite nenhuma repugnância; ainda que haja nele muita diversidade, não pode haver, porém, nenhuma contrariedade.

Não carece também de significado a primeira série de pedras assentada sobre os alicerces, dispostas segundo uma linha previamente estendida e sobre a qual se ergue e se encaixa todo o restante do edifício. Esta primeira série de pedras é como que outro alicerce, e a base de todo o edifício. Este alicerce sustenta o que lhe é superposto e é sustentado, por sua vez, pelo alicerce anterior. Sobre o primeiro alicerce repousa toda a construção; nem tudo, porém, se lhe ajusta perfeitamente; sustenta o edifício, mas está abaixo do edifício. O segundo alicerce também sustenta o edifício, porém não está apenas debaixo do edifício, mas também no edifício.

Dizemos que o alicerce que está debaixo da terra representa a história, e que o edifício que sobre ele se levanta representa a alegoria. A base deste edifício, portanto, base que lhe serve como de um segundo alicerce, deverá também pertencer à alegoria.

A construção é composta de muitas ordens de pedras, cada ordem possuindo o seu alicerce; assim também a Divina Página contém muitos mistérios, cada um possuindo os seus princípios.

A primeira ordem é o mistério da Trindade, pois a Escritura ensina que antes que existisse qualquer criatura Deus era Trino e Uno.

Já existindo Trino e Uno, Deus criou toda a criatura do nada, tanto as visíveis como as invisíveis; esta é a segunda ordem.

Deu livre arbítrio à criatura racional e preparou-lhe a graça, para que pudesse merecer a eterna bem aventurança. Puniu-as por terem caído por sua livre vontade; persistindo em sua queda, confirmou-as para que não pudessem cair mais ainda. A origem do pecado, o que ele é e qual a sua pena, eis a terceira ordem.

Os mistérios que Deus instituiu sob a lei natural para a restauração do gênero humano, eis a quarta ordem.

As Escrituras que Ele instituiu sob a Lei, eis a quinta ordem.

O mistério da Encarnação do Verbo, eis a sexta ordem.

Os mistérios do Novo Testamento, eis a sétima ordem.

Sua própria Ressurreição, eis finalmente a oitava ordem.

Esta é toda a divindade, este é aquele edifício espiritual construído e erguido para o alto com tantas ordens quantos mistérios nele se contém. Os alicerces de cada ordem são os princípios destes mistérios. Se os alicerces da história já foram assentados, resta agora assentar os alicerces do próprio edifício. A linha que deve ser estendida, antes de alicerçar as primeiras pedras, é o caminho da verdadeira fé; as primeiras pedras que alicerçam a obra espiritual são os mistérios da fé pelos quais esta obra se inicia. Antes, pois, de abordar o estudo da alegoria, o estudante deve procurar instruir-se de quanto diz respeito à profissão da verdadeira fé para que tudo o que vier a encontrar depois possa ser edificado com segurança. Muitos que estudam as Escrituras, por não possuírem os alicerces da verdade, caem em erros diversos, e tantas vezes mudam suas sentenças quantas vezes se aproximam da leitura das Escrituras.

No livro de Ezequiel lemos que eram as rodas que seguiam os animais, e não os animais que seguiam as rodas:

"E quando os animais andavam,
andavam também as rodas junto deles;
e quando ao animais se elevavam da terra,
também as rodas se elevavam juntamente".
Ez 1, 19

Assim ocorre com a mente dos homens santos, que quanto mais progridem nas virtudes ou na ciência, tanto mais profundos veem ser os arcanos das Sagradas Escrituras, e aquilo que para os homens simples e ainda presos às coisas da terra parecem coisas desprezíveis, para os espíritos mais elevados parecem sublimes.

Continua Ezequiel:

"Para onde o espírito ia,
e para onde o espírito se elevava,
as rodas, seguindo-o,
também igualmente se elevavam.
Porque o espírito da vida estava nas rodas".
Ez 1, 20

Lemos, assim, que as rodas seguiam estes animais, e seguiam o espírito. Ainda em outro lugar está escrito:

"A letra mata,
o espírito, porém,
vivifica",
2 Cor 3, 6

porque, a saber, importa que o estudante das Escrituras esteja tão consolidado no entendimento espiritual que os pontos mais importantes das letras, que algumas vezes podem ser entendidos pervertidamente, não o inclinem a desviar-se.

Por que aquele povo tão antigo, que havia recebido a Lei da Vida, foi reprovado, senão porque seguiu de tal maneira a letra que mata que não possuiu o espírito que vivifica? Não digo estas coisas para dar a qualquer um a ocasião de interpretar as Escrituras à sua vontade, mas para mostrar que aquele que segue apenas a letra não pode permanecer muito tempo sem cair no erro. É necessário, pois, seguir a letra de tal maneira que não se dê preferência ao nosso julgamento diante daquele dos autores sagrados; e não seguir a letra de tal maneira que se julgue depender dela todo o julgamento da verdade. Não é o letrado, mas o espiritual que tudo julga (1 Cor 2, 15). Não é possível, porém, julgar a letra com segurança se se presumir do próprio julgamento, mas é preciso primeiro aprender, e informar-se, e assentar o alicerce da inabalável verdade.

Conclusão

Explicamos o que pertence ao estudo das Sagradas Escrituras o mais lúcido e compendiosamente que nos foi possível. Quanto à segunda parte do aprendizado, isto é, a meditação, dela não diremos nada no momento, por ser coisa tão importante que necessita de um tratado especial, e é mais digno silenciar inteiramente neste assunto do que dizer algo imperfeitamente.

Roguemos, pois, agora, à Sabedoria, para que se digne resplandecer em nossos corações e iluminar-nos em seus caminhos, para introduzir-nos naquele banquete puro e sem animalidade.

Hugo de São Vitor

(1096-1141)

Atividades

1 – Por que a Bíblia deve ser o principal livro a ser lido?

3 – Qual foi a importância de Hugo de São Vitor?

4 – Segundo Hugo, qual é o assunto tratado pelas Sagradas Escrituras?

5 – Quais são os frutos do estudo das Sagradas Escrituras?

6 – Leia pelo menos três vezes esta frase: "Nas Sagradas Escrituras a alma do estudante encontra primeiro uma ocupação honesta, depois a sutilidade da meditação e a assiduidade da oração; finalmente, encontrará ali também a suprema claridade da contemplação." (Hugo)

7 – Explique, usando o exemplo das árvores, os vários significados que a coisas podem ter.

8 – Vimos que o significado das coisas existe por sua própria natureza, ou seja, não depende das Sagradas Escrituras para significar algo. Mas existe uma diferença entre os significados das coisas dentro e fora das Sagradas Escrituras. Qual é essa diferença?

9 – Quais são os sentidos das Sagradas Escrituras? Explique cada um deles.

10 – Qual é o sentido alegórico da parábola do Bom Samaritano?

11- Segundo Hugo, qual é o estudo mais profundo das Sagradas Escrituras?

12 – O que é necessário para fazer uma investigação espiritual das Sagradas Escrituras? Por que a leitura da Suma nos auxiliará neste sentido?

13 – Leia: Hugo quer que, antes do estudo alegórico das Escrituras, o discípulo se dedique ao estudo literal dos mistérios da fé, algo que na verdade já não pode ser realizado perfeitamente senão pela contemplação, aquela operação da inteligência que, segundo ele,

> “abarca em uma visão plenamente manifesta a compreensão de muitas
> ou também de todas as coisas”.

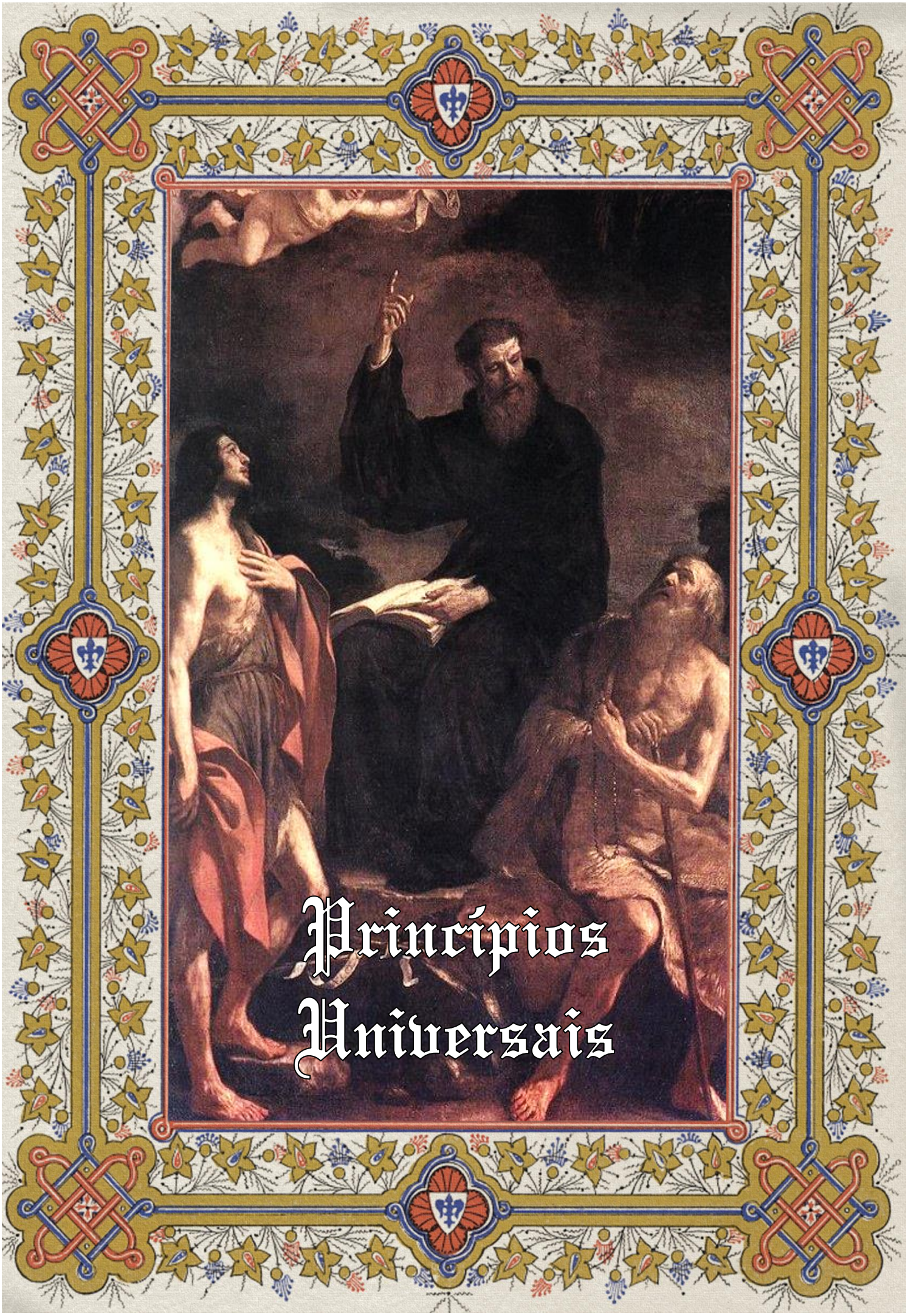
O que é a contemplação?

14 – Qual é o sentido alegórico da passagem de Jó?

15 – Qual é o percurso que Hugo de São Vitor propõe para estudar as Sagradas Escrituras?

16 – Quais são os frutos que se devem esperar da leitura das Sagradas Escrituras?

17 – Quais são os três gêneros de estudantes das Sagradas Escrituras?


Princípios
Universais

Capítulo 5

Essência e Existência[226]

O ente, como dissemos, denota uma coisa que existe ou pode existir. Assim, o ente compõe-se de essência e existência, como de potência e de ato. Como já nos detivemos na ideia de ente, de potência e ato, vamos, agora, tratar da **essência** e da **existência**.

Essência é a coisa pela qual o ente é o que é. Desenvolvendo um pouco mais esta ideia, dizemos que a essência é a coisa a qual constitui um ente numa certa espécie ou num certo gênero e o distingue dos entes das outras espécies ou dos outros gêneros; assim a essência de João é a humanidade, porque é por ela que João é homem, e não é outra coisa, ou porque é ela que constitui João na espécie humana e o distingue dos animais irracionais.

A essência, é uma das noções primitivas e imediatamente evidentes que não precisa de demonstração, nem pode ser demonstrada. Contudo, são muitas e várias as explicações que se dão de essência como quididade, forma ou natureza; todos denotam sempre a mesma coisa, embora sob diferentes aspectos.

O que é isto? Quando respondemos esta pergunta estamos falando a quididade deste ser.

Chama-se **quididade** porque a essência é a resposta que obtemos ao perguntar *quid est res?* O que é isto? Por exemplo, quando respondemos a pergunta "O que é a pedra?", encontramos uma essência não vivente "petrina"; enquanto a árvore uma essência vivente "arbórea"; e o tigre uma essência vivente sensível (animal) bruto "tigrino"; e o homem uma essência vivente sensível (animal) racional.

Chama-se **forma** porque, assim como a forma é ato de perfeição da matéria, pois a tira da indiferença e a constitui em um determinado grau de ser, assim a essência é ato de perfeição do ente, que pode ser considerado como um sujeito, ou seja, o ente, ao ter uma essência, tem uma forma que é a própria constituição do ser.

Ao apreender a essência de um turíbulo, por exemplo, apreendemos sua forma, sendo capazes de identificar qualquer outro turíbulo.

Chama-se **natureza** enquanto é o primeiro princípio da operação própria, porque nenhuma coisa é destituída de sua ação, ou seja, quando dizemos natureza, nos referimos à qualidade essencial de algo que é, no caso, a qualquer ente.

Notamos, ademais, que a essência chama-se *essência*, enquanto é nela e por ela que uma coisa tem o ser (*esse*). Uma coisa tem o ser (*esse*) na essência; porque a essência é a potência em que o ser é recebido. Uma coisa tem o ser pela essência, pois é por causa da essência que uma coisa tem o ser pelo qual é constituída numa certa espécie ou gênero, e, porque nenhuma coisa poderia receber o ser se não tivesse a capacidade ou a potência para isso, e a essência é essa capacidade.

[226] Capítulo baseado no livro: Elementos de filosofia Volume I Quinta Edição 1927 de D. Thiago Sinibaldi.

Quando vemos algo desconhecido e nos perguntamos "O que é isso?", buscamos descobrir a essência do ser em questão. Este é um macaco-narigudo, típico das Ilhas Bórneu.

Como vemos, a ideia de essência sucede imediatamente a ideia de ente, porque, tendo se deparado com um ente desconhecido, a primeira pergunta, que fazemos acerca do mesmo ente, é a seguinte: "O que é isto?" E a resposta exprime a essência.

A essência é uma coisa real e objetiva

A essência é o que constitui o ente na própria espécie ou no próprio gênero e o distingue dos entes das outras espécies ou dos outros gêneros. Sabemos, por intuição natural, que o que constitui o ente em sua própria espécie ou no seu próprio gênero e o distingue dos entes das outras espécies ou dos outros gêneros, não é um mero produto de nossa fantasia, mas é uma coisa real e objetiva, porque as coisas são o que são, independentemente dos nossos atos. Logo, a essência é uma coisa real e objetiva. É fácil ilustrarmos este conceito pensando em qualquer ente, um cachorro, por exemplo. Quando vemos um cachorro, temos a ideia de sua essência em nossa mente. Esta ideia é real e objetiva pois ao vermos um outro cachorro dizemos que também é um canino, mas que não é o mesmo animal; ao vermos, ainda, um gato, sabemos diferenciar essencialmente os três animais: dois são da mesma espécie (cachorros) e um de outra espécie, mas do mesmo gênero animal; e fazemos isto de forma real e objetiva.

Os anjos e tantas outros entes metafísicos têm uma existencial real e objetiva, mesmo que nossos sentidos não sejam capazes de perceber.

Toda a essência é física ou metafísica. Se a essência é física, ou seja, se seus elementos são concretos, reais e realmente distintos – assim a essência física do homem é constituída pela alma racional e pelo corpo orgânico – é certamente real e objetiva. Assim, o corpo orgânico e a alma racional são coisas reais e objetivas e, por isso, real e objetiva deve ser a essência, que é constituída por esses dois elementos. Se é metafísica, ou seja, se seus elementos são abstratos, lógicos e logicamente distintos, denotando o gênero e a diferença – assim a essência metafísica do homem é constituída pela animalidade e pela racionalidade – é, também, real e objetiva, porque a essência metafísica, sendo a noção abstrata da essência física é uma coisa que – ou existe na realidade, embora por um modo diferente pois existe na inteligência – ou na realidade tem o seu fundamento, e, por isso, é sempre uma coisa real e objetiva. Logo a essência é uma coisa real e objetiva.

O paciente estudante que lê estas páginas, após verificar, intuitivamente, a simplicidade da ideia do que é a essência, pode estar se perguntando o porquê de tanto preciosismo para explicar este conceito. A resposta também é muito simples. Todo o movimento revolucionário que vivemos de forma dramática nos dias de hoje, começou por um pequeno desvio ao conceber aberturas para a constatação de que a essência é real e objetiva. Vemos, na prática, que um pequeno desvio no início de um caminho em linha reta, faz com que se perca completamente a direção do objetivo final e acabe-se chegando a lugar nenhum, tal como todas estas ideologias modernas. Portanto, continuemos com nosso estudo para termos noção mais clara da realidade e de suas implicações em nossas vidas.

A essência encontra-se não só na substância, mas também no acidente

Quando buscamos conhecer filosoficamente todas as coisas, começamos a distinguir entre o essencial e o não essencial; o não essencial chama-se acidental. Os acidentes são realidades cuja essência convém ser em outro que é seu sujeito. Enquanto o mais próprio da essência é o que é o ente, o constitutivo de qualquer acidente é "ser em outro" (*esse in* ou *inesse*). Por substância entendemos que é aquela realidade que exerce ser em si mesma, não em outro sujeito, e, além disso, tem uma essência específica.

Existem uma infinidade de acidentes, tais como as cores, a massa, as figuras, o ser alto ou baixo, gordo ou magro, o estar sentado ou estudando, a enfermidade causada por um vírus, o ensinamento, a inteligência, a vontade etc., ou seja, tudo aquilo que não é em si, mas é em outro. A cor, a figura e a massa só existem em um ser material; o ser alto ou baixo, gordo ou magro, loiro ou moreno, só existe em uma pessoa; a inteligência e a vontade só existem em outro ser, e assim, todos os acidentes.

Contudo, percebemos que por mais que os acidentes existam apenas em um outro ser, eles também possuem uma essência que os faz ser distinguíveis entre os vários tipos de acidentes. O homem, é o que é, e distingue-se das plantas, das pedras, etc.; mas também o acidente, por exemplo, a alvura, é o que é, e distingue-se das outras cores, da sabedoria, do poder, etc. A essência compete, primeiramente, à substância e, secundariamente, ao acidente, visto que o ser do acidente supõe o ser da substância e neste se funda, isto é, o ser acidental supõe o ser substancial e neste se apoia. Por isso, a essência substancial é uma forma pela qual o ente é constituído no seu ser primeiro, que é o substancial, e existe independentemente de toda e qualquer forma anterior, tal é a humanidade; ao passo que a essência acidental, é uma forma pela qual um ente, já constituído no seu primeiro ser, é diversamente modificado no seu ser secundário, que é o acidental; tal é a beleza, a sabedoria, a bondade, etc. Esta é a doutrina de Santo Tomás:

"A essência se deve atribuir à substância e ao acidente, como se atribui o ente. Ora o ente atribui-se primeira e absolutamente à substância, e secundária e relativamente ao acidente. Logo, também a essência deve atribuir-se primeira e absolutamente à substância, e secundária e relativamente ao acidente."

De Ente et Essentia

Nesta imagem vemos o interior do Duomo de Siena (Itália) com todas suas formas e cores. Aqui podemos identificar a essência de uma catedral e também a essência dos acidentes, como por exemplo as cores: a essência de azul é diferente de dourado que é diferente de listrado.

A essência substancial não é uma simples coleção de qualidades

A essência substancial denota a realidade que constitui o ente no seu ser primeiro e o faz subsistir em si mesmo; ao passo que a qualidade, como todo e qualquer acidente, denota uma coisa que não constitui o ente no seu ser primeiro, mas sobrevém ao ente já constituído e subsistente em si mesmo. Ora, o que se une a um ente, já constituído no ser primeiro, não pode entrar como elemento nessa primeira constituição. Logo, a essência substancial não é uma simples coleção de qualidades.

Conforme vamos envelhecendo nossa aparência, que é algo acidental, vai mudando, isto não faz com que deixemos de ser homem. Na imagem Salustiano Sanchez-Blazquez que morreu aos

Se a essência substancial fosse apenas uma coleção de qualidades, quando a substância se mudasse nas suas qualidades, deveria mudar-se também na sua essência. Este é o ponto mais importante deste postulado. Isto não sucede porque, enquanto as qualidades mudam, aparecem e desaparecem, a essência permanece sempre a mesma! Assim o homem bom torna-se mau, mas é sempre homem; envelhece e continua sendo homem; adoece e continua sendo homem. O mesmo se dá com o início da vida humana. Quando um espermatozoide se encontra com um óvulo e ocorre a fecundação, ali, de forma misteriosa, Deus infunde uma alma humana e, instantaneamente, o resultado desta união já é essencialmente uma pessoa. Dizemos essencialmente, pois há ali toda a potência para vir a ser uma pessoa tal como imaginamos ser uma pessoa, com seus braços, pernas, cabeça, coração, pulmão, etc. O fato de apresentar acidentalmente (no sentido filosófico da palavra), no início de seu desenvolvimento, algumas células e ser muito pequeno não significa que pode ser destituído da dignidade de pessoa e, muito menos, ser cruelmente assassinado pela prática de um aborto, pois as qualidades do embrião, do feto ou do bebê, não determinam a essência substancial da pessoa humana.

Nem todas as essências nos são desconhecidas

A experiência atesta que possuímos uma ideia clara e distinta de muitos seres, visto que não os confundimos uns com os outros e, também, somos capazes de indicar os elementos que os constituem em uma certa e determinada espécie. Quando vemos, por exemplo, uma floresta, conseguimos identificar uma série de árvores diferentes que são de espécies diferentes e ao mesmo tempo que são árvores, ou seja, pertencem ao mesmo gênero arbóreo. Desta forma, não poderíamos diferenciar um ser de outro ser, nem indicar seus elementos constitutivos, se a essência deles nos fosse desconhecida, pois é pela essência que um ser é o que é e se distingue dos outros seres. Logo, nem todas as essências nos são desconhecidas.

Dizemos que nem todas as essências nos são desconhecidas, pois sabemos que muitas essências escapam ao nosso alcance. E, mesmo a noção que temos de algumas delas, embora sejam claras e distintas, é inadequada e imperfeita; visto que a essência, sendo o que de mais íntimo se encontra nos entes, escapa a uma intuição direta e imediata, e só é percebida pelo raciocínio, que, baseando-se no princípio da causalidade, passa das propriedades e dos fenômenos sensíveis, que nos são manifestos, para o princípio de que derivam que é a essência. Mas, ainda que imperfeito, o conhecimento da essência é científico (no

sentido correto do termo), porque o método é científico quando se passa, pela indução, dos efeitos para a causa, das ações para a natureza do agente, dos fenômenos para a essência.

A partir de todas as "informações" que nossos sentidos captam nossa inteligência é capaz de dizer, por exemplo, o que é uma vaca.

Ilustramos este caminho científico com um simples exemplo: imaginemos que não conheçamos o que é uma vaca. Escutamos um mugido (efeito) e, ao procurarmos, vemos que o som provém (causa) de um ente distinto. Observando este ente vemos seus acidentes, suas características, suas ações: tem quatro patas, come capim, é malhado, tem dois chifres, é robusto, etc. Disto, naturalmente, criamos uma ideia clara e distinta daquele ente que é diferente de um cavalo ou de um elefante, ou seja, distinguimos sua natureza e, com um pouco mais de tempo, observando outros seres da mesma espécie, chegamos à essência do ser conhecido como vaca. Este é o caminho da indução que, naturalmente, fazemos com todos os seres que conhecemos.

A essência das substâncias corpóreas é composta

As substâncias corpóreas, de que é constituído o mundo, se assemelham, enquanto são substâncias, mas diferem enquanto uma substância pertence a uma espécie e outra a outra espécie. Esta semelhança e esta diferença demonstram claramente que a essência das substâncias corpóreas é composta de dois elementos: um comum, de que deriva a semelhança, chamado gênero; outro próprio, de que deriva a diferença, chamada diferença específica. Logo a essência das substâncias corpóreas é composta.

Os pássaros desta imagem participam do mesmo gênero de essência, no caso, pássaro, mas diferem quanto a diferença específica ou espécie.

Além disto, as substâncias criadas são corpóreas e incorpóreas. A essências das substâncias corpóreas – enquanto existe na realidade, é composta de dois princípios, ou de duas causas intrínsecas: uma material e outra formal, que constituem um composto real – e, enquanto conhecida e definida pela inteligência, resulta de dois conceitos: o conceito de gênero e de diferença específica. O gênero funda-se no princípio material; a diferença no princípio formal. A essência das substâncias incorpóreas – enquanto existem fora de nossa inteligência, é uma forma inteiramente simples – mas, enquanto é conhecida e definida por nós, está sujeita a uma composição.

Isto se dá, pois nossa inteligência, pela sua imperfeição natural, apreende as coisas simples e espirituais pelo mesmo modo, porque apreende as essências materiais e compostas e, por isso, define as formas subsistentes pelo gênero e pela diferença, como define as essências materiais. O gênero funda-se na potência, a diferença funda-se no ato, pois as substâncias simples, embora não sejam compostas quanto à essência, são realmente compostas de potência e ato, isto é, de essência e existência.

Um anjo, por exemplo, existe fora da nossa inteligência e é uma forma inteiramente simples, inclusive o definimos como sendo um puro espírito sem corpo. Contudo, quando apreendemos o ser anjo, não conseguimos, pela própria limitação natural da razão humana, imaginá-lo sem um corpo tornando-o uma substância corpórea e, consequentemente, composta. É importante notar que esta apreensão das realidades espirituais reveladas, se dá desta forma, pois nossa inteligência só é capaz de apreender o ser das coisas, se estas estiverem em movimento, ou seja, se estiverem passando de potência para ato, visto que o gênero está na potência e a diferença no ato. Ao conhecermos, por revelação, que os anjos são puros espíritos, já imaginamos todas as suas potencialidades, mas ao imaginarmos a concretização destas potências, só o conseguimos através dos atos, ou seja, das diferenças. Assim, quando lemos o maravilhoso trecho do Evangelho que narra o mistério da Encarnação, imaginamos o Arcanjo Gabriel com um corpo material, corpo, sem dúvida, estupendo, falando com Nossa Senhora, e não como um puro espírito.

Quando abstraímos a essência de um ser incorpóreo, atribuímos naturalmente a ele um corpo e, com isso, sujeitando-a a composição.

As essências criadas são necessárias, indivisíveis e eternas

As essências criadas são necessárias ou imutáveis apenas com relação aos elementos específicos que as constituem, pois uma essência não pode ser, nem entender-se, sem os elementos de que é composta. Assim a essência do homem é necessária ou imutável com relação à animalidade e à racionalidade, pois não podemos conceber um homem que não seja animal e racional. Logo as essências criadas são necessárias.

São indivisíveis enquanto não podem receber ou perder um elemento sem que fiquem destruídas. Tal indivisibilidade das essências, é uma consequência de sua necessidade. De fato, se a uma essência acrescentarmos ou tirarmos um elemento, já não permanece a mesma, deixa de ser o que é. Assim, se à substância viva e sensitiva, que é o bruto, acrescentamos o racional, não temos mais o bruto, temos o homem. E se à mesma substância viva e sensitiva tiramos o elemento sensitivo, não temos mais o bruto, mas a planta. Logo as essências criadas, embora compostas, são indivisíveis.

São eternas – não enquanto existem realmente desde a eternidade (pois, neste sentido, só Deus é eterno) – mas, enquanto, consideradas em si e em abstrato, prescindem de toda e qualquer diferença de tempo, e também enquanto existem, desde a eternidade, na ideia arquétipa do Criador. Assim foi, é e será verdade que um triângulo tem três ângulos. Logo, as essências criadas são eternas.

Atividades

1 – Por que podemos dizer, com convicção que a noção de essência é primitiva e imediatamente evidente que não precisa de demonstração, nem pode ser demonstrada?

2 – Como dissemos acima, a essência, é uma das noções primitivas e imediatamente evidentes que não precisa de demonstração, nem pode ser demonstrada. Contudo, são muitas e várias as explicações que se dão de essência como quididade, forma ou natureza; todos denotam sempre a mesma coisa, embora sob diferentes aspectos. Diferencie as noções de quididade, forma e natureza.

3 – Uma corrente filosófica conhecida como nominalismo afirma que a mente humana não é capaz de fazer e elaborar conceitos abstratos, diz, por exemplo, que ao pensarmos em uma casa, pensamos em uma imagem mediana de casa que ficou em nossa memória a qual chamamos de casa, ou seja, todas as realidades são apenas imagem e nome (daí o termo nominalismo). Onde está o erro desta corrente filosófica? Como podemos refutá-lo?

4 – Qual a diferença entre essência substancial e acidental?

5 – Qual é o caminho indutivo que nossa inteligência faz na apreensão de uma essência desconhecida? Explique com um exemplo.

6 – Em que sentido diz-se que as essências criadas são necessárias, uma vez que só Deus é necessário?

Existência

Existência é o ato, ou a realização da essência; ou, mais claro, é a perfeição que tira a essência do estado da possibilidade, em que é recebida, colocando-a no estado da atualidade. Por isso, o ente real ou atual é um composto de essência e existência.

Assim como a essência, a noção de existência também é simplíssima e por si evidente, e, à semelhança das outras noções simples e evidentes, não é capaz, nem precisa, de uma definição rigorosa. Por isso dizemos, simplesmente, que a existência é e diz-se ato da essência. O ato que – no sentido vulgar significa operação – no sentido rigoroso, significa uma coisa que determina e aperfeiçoa, pois a passagem de potência para ato pode ser também entendida como uma comunicação de perfeições. A essência é por si indiferente quanto à existência, pode recebê-la, e, por isso, é um sujeito indeterminado e determinável, imperfeito e perfectível; e é a existência, que tira-a da indiferença ou indeterminação, dando-lhe o complemento que lhe falta e assim fazendo com que a essência subsista em si mesma, na realidade, e de possível se torne existente. Antes de receber a existência, a essência era possível; ao receber a existência, a essência é uma coisa real e opõe-se à essência possível.

Quando uma pessoa é concebida, ou seja, começa a existir, houve uma infusão da essência humana (alma) em uma matéria resultante do encontro do óvulo com o espermatozoide com todas as potencialidades para a ocorrência de tal mistério.

A existência ou o ato de ser, é o ato ou a atualidade de todos os outros atos, e, por isso, é a perfeição de todas as perfeições. E nada mais exato. Visto que todo o ato e, toda a perfeição (que é ato), se é ato considerado em si mesmo, é, contudo potência considerado em relação ao ato de ser, nos entes finitos, nenhum ato, e, portanto, nenhuma perfeição, encerra na sua essência a existência ou o ser, o ato pode existir mas não existe essencialmente. E, como o ato denota atualidade e perfeição, podemos e devemos dizer que o ato de ser ou a existência, é a atualidade de todos os outros atos, e, por isso, é a perfeição de todas as perfeições.

Ao ser nada pode acrescentar-se que seja mais formal, mais atual, e que aperfeiçoe e determine como o ato determina a potência. Por isso, o ser não é determinado por outra coisa como a potência é determinada pelo ato, mas só pode ser e é determinado ou limitado pela potência. E assim um ser distingue-se de outro ser, enquanto um é recebido numa essência ou natureza e outro noutra (o ato é determinado ou limitado pela potência em que é recebido).

"O existir é o que há de mais perfeito entre todas as coisas, pois a todas se refere como ato. E nada tem atualidade senão enquanto é; o existir é, portanto, a atualidade de todas as coisas, até das formas. Por conseguinte, não se

refere às coisas como o recipiente ao que é recebido, e sim como o que é recebido ao recipiente. Quando digo, por exemplo, o existir do homem ou do cavalo, ou de qualquer outro, considera-se o existir como um princípio formal e como o que é recebido, não como algo a que competiria existir."

Santo Tomás de Aquino - Sum. Th., p.I, q.4, a.1 ad 3

Sendo a existência o que de mais atual se encontra nas coisas, os escolásticos definiram a existência: a última atualidade de uma coisa; porque uma coisa recebe a última atualidade, isto é, a última perfeição, o último complemento, quando recebe a existência. Por isso, se a essência é boa, é boa não por si, mas pelo ser. O ser é o fundamento e a razão de todo o bem ou de toda perfeição que se encontra nas coisas.

"Deve-se dizer que embora cada coisa seja boa na medida em que possui o ser, no entanto a essência da criatura não é seu próprio ser; por isso mesmo não se segue ser ela boa por essência. Deve-se dizer que a bondade de uma criatura não é sua própria essência, mas algo acrescentado: seja seu próprio ser, seja alguma perfeição acrescentada, seja sua ordenação a um fim. No entanto, esta bondade acrescentada é dita boa assim como é dita ente. Por esta razão é dita ente, porque é algo, e não porque tenha uma outra bondade pela qual seria boa." Sum. Th., p. I, q.6, a. 3 ad 2 et 3

Como podemos ver a ideia de essência vem antes da existência; porque, depois de termos concebido o que uma coisa é (*quid est*), logo em seguida perguntamos se ela existe (*na est*). Todavia, do fato de a existência ser uma coisa distinta da essência, não se segue que a existência e a essência sejam dois entes. O ente é composto de essência e existência. Mas não devemos imaginar que o composto de essência e existência seja uma terceira coisa, resultante destes dois elementos e diversa de cada um deles, como o homem, composto de alma e de corpo, é uma terceira coisa, distinta de cada um desses dois elementos. Quando dizemos que a essência é, o verbo é denota a atualidade da essência, e a essência é o sujeito dessa atualidade, assim temos a essência existente que não é uma terceira coisa distinta da essência e da existência, mas é a mesma essência enquanto atualizada pelo ser ou pela existência.

Esta criança existe, sendo composta de essência e existência. Sua existência será sempre a atualização da essência que irá se aperfeiçoar ao longo da vida. Afinal, é natural que as crianças cheguem a uma vida mais perfeita que é a adulta.

Notamos ainda que o ser e a existência, embora se empreguem como termos equivalentes, não significam uma e a mesma coisa. O ser significa tudo o que um ente é e possui, modelado e vasado no molde da essência, e, por isso, significa toda a perfeição de que o ente é dotado, incluída a existência; ao passo que a existência, por si, indica apenas a posição do ente fora das suas causas e não tudo o que o ente possui.

A existência encontra-se na substância e no acidente

A existência é a última atualidade de todo o ente real. Todo o ente real, que existe no mundo, é substância ou acidente. Logo a existência encontra-se na substância e no acidente. Por isso, assim como há uma essência substancial e uma essência acidental, assim também há uma existência substancial e uma existência acidental. Contudo, a existência, principalmente, convém à substância e, secundariamente, ao acidente.

A conclusão é evidente. No mesmo indivíduo humano, uma coisa é a existência ou o ser de homem e outra coisa é a existência ou o ser de sábio, de bom, etc. A existência, como a essência, primeiramente, compete à substância e, secundariamente, ao acidente, porque o acidente tem o seu ser ou a sua existência

no ser ou na existência da substância. Em cada substância não pode haver senão um único ser substancial, porque não pode haver nela senão uma única forma substancial, da qual deriva o ser substancial, mas pode haver vários seres acidentais, porque pode haver na substância várias formas acidentais, cada uma delas derivada de um ser acidental. Assim, Pedro – que, em virtude da sua única forma substancial, isto é, da única alma racional, possui um ser substancial pelo qual subsiste enquanto homem – em virtude de várias formas acidentais, possui vários seres acidentais, pelos quais é alto, é virtuoso, é sábio, etc.

Advertimos que, nos entes compostos de matéria e forma, mesmo o ser ou a existência, se diz derivar da forma para o mesmo composto, enquanto que a forma, aperfeiçoando e completando a essência material na linha da essência, dá a mesma essência à última disposição, necessária e suficiente para a recepção da existência, isto é, torna a mesma essência proximamente capaz de receber a existência. Isto vale, proporcionalmente, tanto para a forma substancial, quanto para a forma acidental. Da forma substancial, que atua na matéria prima, deriva para o sujeito o ser substancial; da forma acidental, que atua o sujeito já constituído no seu ser substancial, que é o primeiro ser, deriva para ele o ser acidental, que é o segundo ser.

Podemos reconhecer que o mosteiro construído no Monte Saint-Michel (França) é um mosteiro, pois sua essência é de mosteiro, mas também seus acidentes nos fazer reconhecer que é um mosteiro, de forma, que enquanto foi sendo construído (passando de potência para existência) sua existência foi sendo aperfeiçoada pela perfeição dos seres acidentais, que também passaram para a existência, a ele adicionados. O ser deste mosteiro passou da essência para a existência através da existência de seres acidentais.

Nos entes finitos, a existência refere-se à essência como o ato à potência

Quando há duas coisas em que uma aperfeiçoa e completa a outra, a primeira refere-se à segunda como o ato se refere à potência; porque o ato é a coisa que aperfeiçoa e completa e a potência é a coisa que recebe a perfeição e o complemento. Nos entes finitos, a existência aperfeiçoa e completa a essência, porque a faz subsistir na atualidade. Portanto, nos entes finitos, a existência refere-se à essência, como o ato à potência.

Sendo a existência para a essência o que o ato é para a potência, tudo o que dissemos sobre o ato e a potência deve aplicar-se à existência e à essência. Disto segue que a existência é mais perfeita do que a essência. Com efeito, a existência, sendo a última atualidade da essência, pois a faz passar do estado de ente em potência para o estado de ente em ato, é para ela um princípio de complemento e de perfeição. O ente que aperfeiçoa é mais perfeito do que o ente que é aperfeiçoado.

Contudo, sob um certo aspecto, a essência é mais perfeita do que a existência. De fato, a essência, por limitar e determinar a existência, refere-se à própria existência, como o que limita e determina se refere

ao que é limitado e determinado. Ora, o determinante é mais perfeito do que o determinado. Além disso, o ser ou a existência, embora não possam dizer-se simplesmente aperfeiçoada pela essência (a essência é aperfeiçoada pela existência, da qual recebe a última atualidade), quando é recebida na essência, é por esta, de algum modo, aperfeiçoada. Deste modo, se diz que a existência, ou o ser, é mais ou menos aperfeiçoado conforme é mais ou menos nobre e perfeita a essência em que é recebido; assim o ser da planta é mais nobre e perfeito do que o da pedra; o ser do homem é mais nobre e perfeito do que o do animal.

A razão disto é porque o primeiro Agente produz o ser, não como subsistente em si mesmo, mas em ordem a uma certa essência (pois deve haver proporção entre a coisa recebida e o recipiente); e, por isso, o ser, embora receba de Deus, e não da essência, a própria perfeição, recebe-a de Deus em ordem à essência; e Deus produz um ser mais ou menos perfeito, conforme a qualidade da essência na qual o ser é recebido, como em uma forma ou molde. Assim, a nobreza e a perfeição da essência é o critério, o sinal da nobreza e da perfeição do ser.

Existe em todo o universo criado uma hierarquia de existências e perfeições

Diante desta constatação podemos ter a certeza de que há em todo o universo criado uma hierarquia, onde há seres mais e menos nobres e perfeitos. Seguindo uma simples intuição, vemos que os minerais são menos nobres e perfeitos do que as plantas; as plantas, por sua vez, são menos nobres e perfeitas do que os animais; os animais são menos nobres e perfeitos do que os seres humanos e, nós, somos menos nobres e perfeitos do que as criaturas angélicas; no fim da nobreza e da perfeição é óbvio que está o Criador que é infinitamente nobre e perfeito. Mas vale ressaltar que, diante da obra de remissão da humanidade, pelo fato de Deus ter se encarnado e participado da natureza humana e, mais, ter nos adotado como filhos, fez com que pudéssemos, pela graça, participar da natureza divina, nos elevando acima dos anjos. É interessante pensarmos como somente a partir da Revelação é que esta realidade ficou latente. Vemos esta diferença entre, por exemplo, o Salmo 8 e a Carta aos Gálatas:

"Que é o homem – digo-me então –, para pensardes nele? Que são os filhos de Adão, para que vos ocupeis com eles? Entretanto, vós o fizestes quase igual aos anjos, de glória e honra o coroastes. Destes-lhe poder sobre as obras de vossas mãos, vós lhe submetestes todo o universo." Sl 8, 5-7

"Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim. " Gl 2, 20

Este mistério da Salvação será melhor estudado em posteriores disciplinas como a Teodiceia e a Apologética, mas, por enquanto, podemos perceber que Deus quiser elevar nossa natureza, quis elevar nossa essência para que participemos verdadeiramente da vida da graça. Mas será isto possível? Um desatento estudante pode estar se perguntando, será possível este "salto ontológico"? Respondemos com outra pergunta: "Mas não foi justamente isto que os Santos viveram?"

O ente finito é composto de essência real e de existência real

A essência do ente finito, considerada em si mesma, é necessária e eterna, e, todavia, considerada no mesmo ente, é contingente e temporânea. Como a essência do ente finito não é contingente e temporânea senão pela existência, então o ente finito é composto de essencial real e de existência real.

O ser, considerado em si mesmo, é uno, indiviso, ilimitado, não-causado, e, todavia, considerado nos entes finitos, é múltiplo, diviso, limitado, causado. Como esta modificação que o ser recebe nos entes finitos só pode derivar da essência, a qual, sendo por si determinada, é princípio de determinação, e por isso de divisão, de multiplicidade, de limitação e de dependência, então o ente finito é composto de existência real e de essência real.

A madeira apresenta a potencialidade de ser muitas coisas. Quando um artesão produz algo, está transmitindo a essência do ser que concebeu idealmente, para a matéria madeira compondo um ente finito de essência e existência real.

Quando se diz que o ente finito é composto de essência real e de existência ou de ser real, não deve entender-se que a realidade da essência seja uma coisa distinta da realidade do ser, de modo que o ente resulte de duas realidades. No ente finito, o composto de essência e de ser é uma só realidade. Esta única realidade é própria do ser, pertence ao ser, e pelo ser é comunicada à essência; de forma que o ser é real por si e a essência se torna e é real pela realidade do ser, assim como a potência se torna e é atual pelo ato, enquanto recebe de si o ato.

No ente finito, a existência distingue-se logicamente da essência

Uma coisa distingue-se logicamente de outra quando o conceito da primeira é diverso do conceito da segunda. Ora, o conceito de existência é diferente do conceito de essência, pois essência significa a coisa, que constitui o ente em uma determinada espécie, ao passo que existência significa a coisa que faz existir a mesma essência na realidade; a essência é capaz de existir, mas é por si indeterminada quanto à sua presença na ordem real, e, por isso, tem razão de potência, ao passo que a existência tira da indeterminação a essência, preenche aquela capacidade, e, por isso, tem razão de ato. Logo, no ente finito, a existência distingue-se logicamente da essência.

Que, em todo ente finito, a existência seja logicamente distinta da essência, é verdade admitida por todos os que sabem o que é distinção lógica e o que significam os termos – existência e essência. Como se vê, falamos da essência real ou atual, de que todas as criaturas existentes são intrinsicamente compostas, e não da essência possível, que pode existir mas que atualmente não existe na realidade.

No ente finito, a existência distingue-se realmente da essência

a) Como o nosso conhecimento é uma reprodução ideal das coisas, se, no ente finito, a existência e a essência não se distinguissem realmente, mas fosse uma e a mesma coisa, a espécie ou imagem inteligível, que representa a essência da coisa entendida, deveria representar-nos também sua existência.; porque uma coisa não pode separar-se de si mesma. Como a experiência atesta que uma espécie ou imagem inteligível pode representar e, efetivamente representa, a essência das coisas, prescindindo, contudo, da sua existência; no ente finito, a existência distingue-se da essência.

É evidente que a existência e a essência são coisas distintas, pois, se a existência fosse um elemento constitutivo da essência, toda a definição da essência de um ente deveria exprimir também a sua existência; visto que a definição não pode deixar de exprimir todos os elementos que constituem a essência do ente definido. Como a definição da essência de um ente prescinde completamente da existência ou da não-existência do mesmo ente, a existência, no ente finito, não é um elemento constitutivo da essência, mas uma diferencia-se realmente de outra.

Quando vemos duas zebras sabemos que são duas justamente porque a existência é diferente da essência. As duas tem a mesma essência, mas existências diferentes.

Dito de outra forma, se o ser da criatura está fora da essência quanto à inteligência, deve estar também fora da essência quanto à realidade. Santo Tomás em seu livro "O ente e a essência", ensina que a existência forma um composto com a essência; ora, a existência, sendo coisa real, não pode formar o composto com uma coisa que não existe na realidade, como é a essência possível.

b) A existência distinguir-se-á realmente da essência, se aquela não for um elemento constitutivo desta, e, por isso, se a essência existir em virtude de uma outra realidade ou perfeição; porque duas coisas são realmente distintas entre si, quando uma não é outra. No ente finito a existência não é um elemento constitutivo da essência, porque, se fosse, a criatura existiria em virtude da própria essência, isto é, seria essencialmente existente, e, por isso, não seria contingente, mas necessária, e, assim, deixaria de ser criatura. Portanto, no ente finito, a existência distingue-se realmente da essência.

Podemos analisar esta questão de um outro modo. Se, no ente finito, a existência não se distinguisse realmente da essência, a existência das criaturas seria necessária[227], porque os elementos das essências são necessários; e, por isso, a criatura seria necessariamente existente. Como a existência das criaturas não é necessária, mas contingente, visto que podiam deixar de existir, a existência não é um elemento constitutivo da essência das criaturas, e, por isso, no ente finito, a existência distingue-se realmente da essência.

Mas, alguém pode ainda pensar: Uma coisa atualmente existente, existe necessariamente. Logo podemos dizer que a essência atual das criaturas seja essencial ou necessariamente existente. Portanto, no ente finito, a existência não se distingue realmente da essência.

Contudo, eis a resposta: A necessidade na existência pode referir-se ao fato ou à exigência. Referida ao fato, a necessidade na existência é uma coisa hipotética, e pode perfeitamente conciliar-se com a contingência do ente: de modo que um ente contingente, enquanto existe, não pode deixar de existir, existe necessariamente, e, todavia, não deixa de ser contingente, porque a existência não lhe era necessária, isto é, porque não existe por assim o exigir sua essência. Referida à exigência, a necessidade na existência é uma coisa absoluta, constitui a própria essência dos entes, e, por isso, não pode conciliar-se com a contingência dos próprios entes: assim Deus, como veremos, existe por assim o exigir a sua essência, e, por isso, é o ser absolutamente necessário.

[227] Os estudantes já devem ter percebido que algumas palavras não tem o mesmo significado que o usual. Quando dizemos que algo é necessário, estamos dizendo que este ente existe por si mesmo, ou seja, sua existência é essencial. Dizemos, por exemplo, que o homem é necessariamente racional, porque ser racional é um elemento constitutivo da essência humana, não há nenhum homem que não seja racional, ou seja, o ser racionalidade (que é um ser acidental) existe na essência do ser humano e esta existência é necessária para sermos humanos. O contrário de necessário é contingente.

Deus livremente criou tudo.

A necessidade na existência, que se atribui aos entes finitos ou criados, não é uma necessidade da exigência, mas é uma necessidade de fato, visto que os entes finitos existem, não porque assim o exige a sua essência, mas só porque Deus livremente os criou. Se os entes finitos existem, não porque assim o exige sua essência, é claro que a sua necessidade na existência não é um elemento constitutivo de mesma essência. Se, nos entes finitos, a necessidade da existência não é um elemento constitutivo da essência, a existência distingue-se realmente da essência. Nem pode dizer-se que a necessidade na existência se torna um elemento constitutivo da essência dos entes finitos pela fato destes existirem atualmente, porque se assim o fosse, as essências não seriam imutáveis, as criaturas existiriam em virtude da sua essência e deixariam de ser contingentes; o que é um absurdo. Logo a essência dos seres finitos recebe ou tem a existência, mas não é a existência.

c) Todo o ato que é recebido numa potência distingue-se realmente da potência em que é recebido; porque repugna que uma coisa seja recebida em si mesma. Ora, no ente finito, a existência é recebida na essência, como o ato na potência. Contudo, se a existência não fosse recebida na essência, como o ato na potência, a existência dos entes finitos seria um ato puro, subsistente, e, por isso, seria infinito e único: o que repugna. Logo, no ente finito, a existência distingue-se realmente da essência.

No Ente infinito, a existência não se distingue realmente da essência

Uma coisa não se distingue realmente de outra quando entre elas há uma perfeita identidade. Ora, no Ente infinito, há perfeita identidade entre a essência e a existência, porque Deus existe em virtude de sua essência, e, por isso, a existência constitui a sua essência. Logo, no Ente infinito, a existência não se distingue realmente da essência.

Se, no Ente infinito, a existência se distinguisse realmente da essência, a existência seria recebida na essência e seria um ato misto, não subsistente, e, por isso, limitado e multiplicado pela mesma essência em que é recebido. Ora, a existência, ou o ser de Deus é ato puríssimo, subsistente, e, por isso, infinito e único na sua ordem. Logo, no Ente infinito, a existência não se distingue realmente da essência.

Deus respondeu a Moisés:"Eu sou aquele que Sou" Gn 3,14

Deus, e só Ele, é o ente necessário, que existe em virtude da sua essência, isto é, por assim o exigir a sua essência; e, por isso, em Deus, e só n'Ele, a existência não se distingue realmente da essência, mas identifica-se com esta. De fato, Deus, e só Ele é. Deus é o próprio Ser, a própria Existência; todos os seres finitos não são o ser, mas receberam o ser ou a existência.

De onde se vê que a essência pode atuar-se ou realizar-se por dois modos: por si mesma, ou pela ação de uma causa

extrínseca. Realiza-se por si mesma, quando é necessária, quando existe na realidade em virtude própria, por assim ela o exigir; assim existe a Essência de Deus. Realiza-se pela ação de uma causa extrínseca, quando é contingente, isto é, indiferente para a existência e para a não-existência, e, por isso, deve ser determinada por uma causa extrínseca; assim existe a essência do ente finito. Quando a essência se realiza por si mesma, a existência é uma nota constitutiva da mesma essência, sito é, a essência não só existe, mas é a sua existência, o seu ser. Quando a essência é determinada para a existência pela ação de uma causa extrínseca, a existência não é um elemento constitutivo da essência, mas é uma perfeição, que se lhe une, como o ato se une com a potência, e que lhe dá o último complemento, a última atualidade na linha da realidade.

A importância da doutrina exposta

A doutrina exposta tem uma grande importância porque serve para estabelecer uma harmonia perfeitíssima entre todos os seres. A simplicidade é sinal de perfeição, como a composição é sinal de limitação ou imperfeição. Deus é ato simplíssimo, puríssimo, a sua existência identifica-se com a essência; por isso é infinito na perfeição.

As inteligências separadas, que são os Anjos, são compostas de essência e de existência, por isso são limitadas na perfeição, infinitamente inferiores a Deus, mas superiores a todas as outras criaturas.

As criaturas visíveis são compostas de essência e de existência, e também de matéria e forma, por isso são ainda mais limitadas, e ínfimo é o seu grau de perfeição.

Além disto, a questão acerca da distinção real entre a existência e a essência nas criaturas, liga-se intimamente com outras duas questões importantes acerca da distinção real entre a substância e os acidentes, e entre a matéria e a forma. Estas três questões refletem, por sua vez, muita luz sobre alguns dogmas da Fé. Na verdade, esta distinção real entre a essência e a existência explica, de algum modo, como que em Nosso Senhor Jesus Cristo, podem duas naturezas ou essências subsistirem em uma só existência, ou pessoa divina; a distinção real entre a substância e os acidentes serve para conhecer, de algum modo, a mistério da Eucaristia; e a distinção entre matéria e forma explica a união da alma com o corpo em harmonia com as definições da Igreja.

"O sábio contempla a verdade, ordena todas as coisas, aponta os erros, suas causas e seus remédios"

Santo Tomás de Aquino

Atividades

7 – Explique esta definição de existência dos escolásticos: "existência é a última atualidade de uma coisa"

8 – Muitas vezes parece que ser e existência são a mesma coisa, mas não o são. Por que é importante fazermos esta distinção?

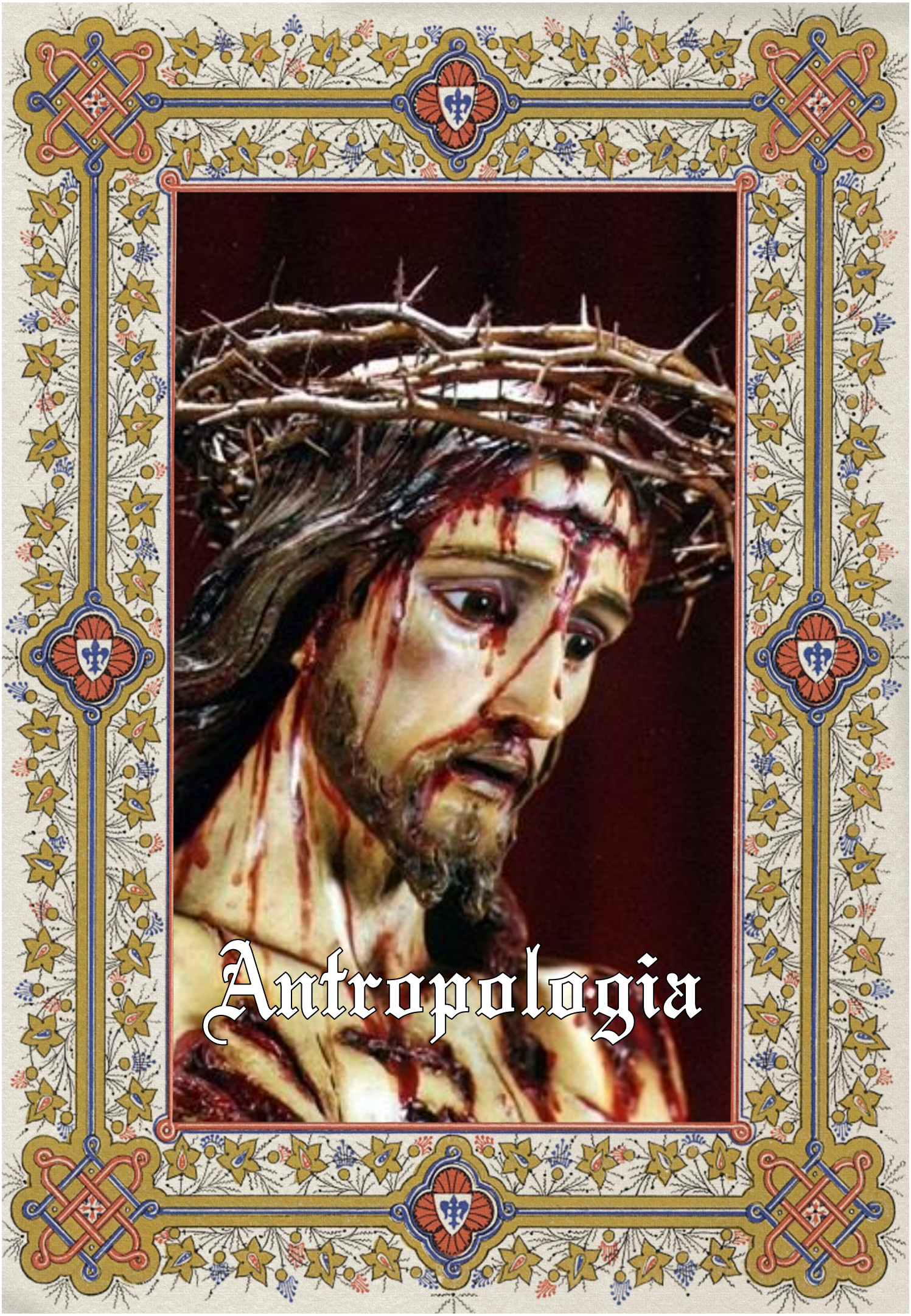
9 – Qual é a relação entre essência e existência e ato e potência?

10 – Como podemos constatar que existe uma hierarquia entre os seres e suas existências?

11 – Como podemos distinguir em um ser real a diferença entre essência e existência?

12 – Por que nos entes finitos a existência distingue-se da essência e em Deus (ente infinito) não há esta distinção?

13 – Qual a importância do estudo deste capítulo?


Antropologia

Orientações

Caríssimos responsáveis e estudantes,

Este estudo tem o objetivo de, a partir do conhecimento do mundo natural, mais especificamente com ajuda da ciência natural, auxiliar o desenvolvimento do pensamento, da meditação e da contemplação, ações necessárias para que se alcance a sabedoria e tenha sempre a mente em Deus, nas coisas divinas.

Para alcançarmos este objetivo, tão importante rumo à santidade, procuraremos possibilitar uma maior compreensão da obra da Criação, do próprio Criador e da Pessoa Humana criada à Imagem e Semelhança de Deus.

Sugerimos que este estudo seja realizado duas vezes por semana, ou conforme preferirem, sendo que em cada semana o estudante deverá realizar a leitura, bem como as atividades sugeridas, para melhor entendimento do mesmo.

Para esta disciplina sugere-se o estudo de cerca de 10 páginas por semana, mais os exercícios.

***

Capítulo 1 – Introdução ao estudo da Antropologia[228] e à Essência do Homem

Introdução à Antropologia

ANTROPOLOGIA é a ciência que trata das causas supremas do homem. A palavra antropologia vem do grego e significa "*antrophos*" homem e "*logos*" razão, pensamento, sendo por isso denominada como o estudo do homem. É uma ciência ampla, que estuda o ser humano de forma geral, sua origem, desenvolvimento, suas características, suas ações, sua vivência em sociedade e o sentido do seu existir.

Dissemos que a antropologia trata das causas supremas do homem, isto significa que o objeto de estudo da antropologia é o homem, considerando as suas causas supremas. As causas supremas do homem são quatro[229]: a sua essência, que se compõe da causa material e da causa formal, e da qual derivam as faculdades e as operações; a sua origem, isto é, a sua causa eficiente; e o seu destino, isto é, a sua causa final. Estas quatro causas relacionam-se com o ser humano de forma integral, pois tratam da origem, fim e meios do ser humano viver, conforme aquilo que Deus pensou. A Antropologia, baseada nos fenômenos que se realizam no homem, chega ao conhecimento dos mais altos princípios, das causas supremas, de que os fenômenos derivam.

[228] Disciplina baseada no livro "Elementos de Philosofia" de D. Thiago Sinibaldi, Roma, 1916 , 4ª edição.

[229] A filosofia perene ensina, desde Aristóteles, que há quatro causas que agem sobre tudo o que existe: a causa formal, a material, a eficiente e a final. A causa formal e material são aquelas que dizem respeito ao que o ente (ou ser) é, sua forma e matéria. A causa eficiente é aquela que origina o movimentos dos entes (seres), criando-os. A causa final é aquela que direciona os entes para serem o que devem ser, isto é, para que alcancem o fim para o qual foram criados. As causas serão detalhadamente estudadas na disciplina "Princípios Universais".

A excelência da Antropologia demonstra-se pela excelência do seu objeto, o ser humano, criado à Imagem e Semelhança de Deus. O homem não só concentra em si as perfeições de todas as outras criaturas corpóreas, que lhe estão sujeitas, mas também participa dos dotes das inteligências separadas, que lhe estão superiores; pois possui o *ser* como os minerais, *vive* como os vegetais, *sente* como os animais, *entende* como os espíritos, possui portanto, todos os graus de vida, até ao mais elevado. Deste modo, o homem apresenta a união entre a matéria e o espírito, e, como ensina Santa Hildegarda, pode chamar-se *microcosmos* (pequeno universo).

Representação do Homem como Microcosmo, de Santa Hildegarda de Bingen.

Diz-se que o ser humano é um microcosmo não só pela sua natureza, enquanto é a síntese de todas as perfeições criadas, mas também pelo seu conhecimento, enquanto reproduz e exprime na sua inteligência o mundo corporal e o espiritual, e concebe, ainda que de modo imperfeito e inadequado, a ideia de um Criador Sapientíssimo e Onipotente.

O método utilizado nos estudos de antropologia deve ser analítico-sintético, pois, pelo método analítico, observamos primeiramente os fenômenos, tanto internos quanto externos, considerando-os em si e em todas as suas condições e circunstâncias; depois, em virtude do princípio da causalidade, subimos às causas próximas e imediatas daqueles fenômenos, e destas para a mais elevada e suprema que é a essência do homem. Pelo sintético, fazemos o caminho inverso; partimos da essência do homem, já conhecida, e descemos às suas faculdades, e destas às operações.

Criação do homem

"Deus criou o homem à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher"
(Gênesis 1, 27)

A frase acima da Sagrada Escritura, do Livro do Gênesis, se refere à criação do ser humano, feito pelo próprio Deus, Uno e Trino, à Sua imagem e semelhança. A criação do ser humano ocorre de forma diferente da criação de todos os outros seres, como explicou São João Paulo II em suas catequeses[230] onde afirma que há uma gradualidade na criação, que ao criar a matéria não viva, em Gênesis, Deus utiliza os termos separou, chamou, fez e pôs; enquanto para os seres dotados de vida usa os termos criou e abençoou[231].

Além disso, de maneira única, quando cria o ser humano Deus diz "Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança"[232], como que retornando a si mesmo para fazê-lo como Trindade[233]. Pode-se então afirmar que o homem é criado na comunhão (da Trindade) e para a comunhão (com os outros, com o mundo e com o próprio Deus). São Basílio Magno explica o "Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança", de forma magnífica:

---

[230] Cfr. JOÃO PAULO II. *Teologia do corpo: o amor humano no plano divino*. trad. port. Libreria Editrice Vaticana & José Eduardo Câmara de Barros Carneiro, São Paulo: Ecclesiae, 2014.

[231] Ibidem, Catequese 2, *A primeira narrativa da criação e a definição subjetiva do homem*, 12 de Setembro de 1979. A diferença entre seres vivos e seres não vivos pode ser consultada na parte 1 da disciplina Ciências Biológicas.

[232] Gn 1, 26

[233] Observa-se que ao criar todas as obras precedentes Deus utiliza-se o verbo "Faça-se" e diferentemente quando cria o homem utiliza o verbo no plural "Façamos".

Deus realizando a obra da criação. (Do catecismo ilustrado)

"*'Façamos o homem'. Começa a conhecer-te a ti mesmo. Esta palavra não foi escrita sobre nenhum dos outros seres criados. A luz foi feita. Simples ordem. Disse Deus: 'Faça-se a luz' (Gn 1, 3). O céu foi feito sem conselho preliminar. Apareceram as estrelas; não houve precedente deliberação acerca dos luzeiros. Foram criados o mar e o pélago infinito; por meio de uma só ordem começaram a existir. Quanto a todas as espécies de peixes, foi mandado e elas foram feitas. Às feras e aos rebanhos, aos animais que nadam e aos que voam, Deus disse e foram feitos. Ainda não existia o homem; e delibera-se a respeito dele. Deus não disse, como aconteceu relativamente às outras criatura: «Faça-se o homem». Reconhece a tua dignidade. Tua origem não se encontra num mandamento. Deliberou Deus como viria à existência esse honroso ser vivo. «Façamos». Um sábio delibera, um artista raciocina. Acaso, a arte o abandonou, e ele, preocupado, quer dar à sua obra-prima trabalhado acabamento e perfeição? Ou busca te mostrar que és perfeito diante de Deus?*"[234].

Somente o ser humano Deus cria com as próprias mãos e não apenas com as palavras e sobre ele sopra Seu Espírito, o *ruah*[235]. O homem é marcado por uma interioridade, uma vida interior que é espiritual[236], ele é *capax Dei*, ou seja, capaz de conhecer a Deus e de acolher o dom que Ele faz de Si mesmo[237], isto é, Seu próprio Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

A pessoa humana é um ser com uma unidade dual, ou seja, é constituída por uma unidade corpo-espírito. O corpo é testemunho da criação como um dom fundamental, uma vez que o corpo não se forma simplesmente sozinho, mas faz-nos lembrar que fomos criados, que viemos ao mundo a partir de nossos pais (co-criadores) e de Deus (que infunde em nós a alma); o corpo, portanto, nos faz entrar numa "lógica do dom", já que, como dom recebido, é também através do corpo que podemos nos doar aos outros[238]. A alma é a forma do corpo, ou seja, é o princípio intrínseco e constitutivo dele, segundo o qual ele age ou opera[239]. Estudaremos nos próximos capítulos, mais profundamente sobre a alma, enquanto o corpo, na qualidade de matéria, será estudado na disciplina Ciências Biológicas.

Criação dos animais e de Adão. Inscrição no ícone: "Deus disse: Produza a terra seres vivos. E então Deus disse: Façamos o homem a nossa Imagem e Semelhança". Por Michael Kapeluck.

[234] BASÍLIO DE CESARÉIA. *Homilias sobre a origem do homem*. São Paulo: Paulus, 1998, 44-45.
[235] Cfr. Gn 2, 7.
[236] K. WOJTYLA. *Amor e responsabilidade*. Trad. port. Manuel Alves da Silva, Braga: Editora Braga, 1979.
[237] Cfr. JOÃO PAULO II. *Audiência de 26 de agosto de 1998*. n.1b; BENTO XVI. *Discurso aos participantes na assembleia plenária da Pontifícia Academia de Ciências*. 31 de outubro de 2008; J.J. PÉREZ-SOBA. "La famiglia, prima fonte del futuro della società", in L. MELINA (a cura di), *Il criterio della natura e il futuro della famiglia*, Siena: Cantaglli, 2011, 56;
[238] Cfr. S. KAMPOWSKI. *Ricordati dela nascita. L'uomo in ricerca di un fondamento*, Siena: Cantagalli, 2013, 19-25.
[239] S. TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, I, q.75, a.5 e q.76, a.1, São Paulo: Editora Ecclesiae e Editora Permanência, 2017, (deste ponto em diante utilizarei a abreviação *STh* para citar esta obra).

Ícone da criação de Eva.

Após a criação do primeiro homem, Adão, Deus confiou a ele a tarefa de dar nome às criaturas[240] e, ao exercer essa tarefa, Adão se dá conta de que é diferente de todos os outros seres, e se sente só. É a partir daí que Deus cria a mulher: "*Não é bom que o homem esteja só, vou fazer-lhe uma auxiliar que seja semelhante a ele*"[241]. A criação do ser humano enquanto homem e mulher, nos mostra, novamente, que Deus os fez para a comunhão, para a relação. A dualidade do sexo, a pessoa criada como homem ou mulher, é um dado natural da criação, um dado originário da natureza humana e imprescindível para a compreensão do homem como Deus o fez[242]. Desde o princípio Deus os criou assim e, a partir disso, podemos compreender que a relação também constitui o ser humano, a Pessoa Humana, daí nossa vivência em sociedade. Percebe-se também, a partir desse texto do livro do Gênesis, que o ser humano apresenta uma autocompreensão, ele se reconhece em meio às outras criaturas e sabe que não é como elas. A ver e dar nome a todos os outros seres, Adão percebeu que nenhum era como ele, pois ele se conhecia a si mesmo.

O ser humano, denominado acima como Pessoa Humana, foi criado "à Imagem e Semelhança de Deus"; isto pode ser dito apenas dos homens e dos anjos. Como ensina Santo Tomás, citando Santo Agostinho, "*onde há imagem, imediatamente há também semelhança; mas, onde há semelhança, não há imediatamente, imagem*"[243]. Podemos dizer, portanto, que certas criaturas se assemelham (possuem semelhança) a Deus, primeiro e sobretudo, enquanto são (existem); segundo, enquanto vivem; terceiro enquanto sabem e inteligem (possuem inteligência); e estas últimas, "*são próximas de Deus, pela semelhança, de modo que não há criaturas que o sejam mais*" (Santo Agostinho). Isso deixa claro que apenas as criaturas inteligentes foram criadas à imagem de Deus[244].

A inteligência, também é denominada como uma natureza racional, que estudaremos profundamente, mais adiante, e é a partir dela que a pessoa pode compreender seu agir, conhecer o que faz e ter liberdade para fazê-lo. A racionalidade do homem diferencia-o dos seres irracionais porque permite-lhe que tenha domínio dos próprios atos; guiado pela razão e pela vontade age com liberdade (livre-arbítrio)[245].

Santo Agostinho afirma que "*O que faz a excelência do homem é que Deus o fez à sua imagem, pelo fato de lhe ter dado um espírito inteligente que o torna superior aos animais*"[246].

Santo Tomás de Aquino afirma que a imagem de Deus no homem pode ser vista de três maneiras: enquanto o homem tem uma aptidão natural para conhecer e amar a Deus (presente em todos os homens); enquanto o homem conhece a ama atual e habitualmente a Deus de forma imperfeita (presente nos homens justos); e enquanto o homem conhece e ama a Deus de forma atual e perfeita (presente nos bem-aventurados)[247]. O conhecimento da Revelação, juntamente com a Doutrina da Igreja e os ensinamentos dos Santos, ajudam-nos a, cada vez mais, sermos conformes à imagem de Deus. A plenitude da Imagem de Deus está em Seu Filho Jesus Cristo.

---

[240] Cfr. Gn 2, 19-20.
[241] Gn 2, 18.
[242] Cfr. BENTO XVI, *Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios* (21.12.2012), Roma. Neste discurso, o Papa explica sobre a natureza da dualidade do sexo, em oposição às teorias de gender.
[243] S. AGOSTINHO *apud. S.Th* I, q.93, a.1.
[244] *STh I, q.93, a.2.*
[245] *STh*, I-II, q.1, a.1.
[246] SANTO AGOSTINHO, *A cidade de Deus – contra os pagãos*, Petrópolis: Editora Universitária São Francisco e Editora Vozes, 2010[7], 85, cfr. *STh*, I, q.93, a.2.
[247] *STh*, I, q.93, a.3.

Por todas as características anteriormente citadas e por existir como natureza racional, todo ser humano é considerado pela tradição da Igreja como Pessoa Humana, ou seja, segundo Santo Tomás de Aquino, chamar o homem de pessoa lhe confere um status particular, é um *nomem dignitatis*, é o nome exclusivo para a substância individual de natureza racional[248]. O Aquinate ainda completa "*A pessoa significa o que de mais nobre existe em todo o universo, ou seja, o subsistente de natureza racional*"[249]. A alma humana é, entre as formas, a mais elevada em nobreza, pois apresenta o intelecto, potência que transcende a matéria corporal na medida em que tem uma operação: a de conhecer[250]. Os seres inteligentes, como os homens e os anjos, não somentem existem, mas podem conhecer a Criação e Deus, podendo assim louvá-Lo e exaltá-Lo por tudo o que Ele fez. A partir disso, o documento *Gaudium et Spes*, no número 14, complementa "*Não se engana o homem, quando se reconhece superior às coisas materiais e se considera como algo mais do que simples parcela da natureza ou anônimo elemento da cidade dos homens*"[251].

O nome de Pessoa é dado não somente ao ser humano, mas principalmente a Deus (Pessoas Divinas – Pai, Filho e Espírito Santo) e aos Anjos (Pessoas angélicas), sendo que o homem só recebe este nome em vista de ser "imagem e semelhança de Deus", isto é, devido à sua natureza racional. Como pessoa significa o que há de mais perfeito em toda a natureza. Este termo refere-se primeiramente a Deus, que é a própria perfeição, ao Qual se devem atribuir todas as perfeições. No entanto, não se aplica a Deus o termo pessoa do mesmo modo que o aplicamos à criatura, mas de modo mais excelente, "*Deus é por excelência o ser existente por si mesmo e perfeitissimamente inteligente*"[252]. Nas palavras de Ricardo de São Vitor, quando usamos o termo pessoa para nos referirmos a Deus, significa "*a existência incomunicável da natureza divina*"[253].

Ícone da Santíssima Trindade.

Na sociedade pós-cristã, com o Iluminismo, Racionalismo e Modernismo[254], até a atualidade, a visão de pessoa está mudada. A pessoa foi reduzida a uma ideia, a ideia de indivíduo humano, submetido a um sistema, um simples objeto de pensamento, um indivíduo qualquer de uma espécie. Não considera-se mais o ser humano do ponto de vista de sua grandeza e nobreza. A redução da pessoa é sempre uma ofensa e apenas a experiência da Revelação Cristã pode conduzir a um conceito correto de pessoa, porque a pessoa apresenta uma irredutibilidade. Criada para o relacionamento, a pessoa tem também uma intersubjetividade e uma interpersonalidade. Ricardo de São Vitor afirma que cada pessoa é única, irrepetível, insubstituível, incomunicável[255]. Podemos expressar essa unicidade da pessoa na afirmação de que ela é "*alguém*", em contraposição a "algo ou alguma coisa"[256]. A pessoa humana é alguém com uma dignidade única; não é algo para que seja considerada apenas do ponto de vista da utilidade,mas cada pessoa, criada de forma única, recebe uma missão de Deus e mantêm-se em um relacionamento único com o Criador,.

A partir dessas considerações, um posicionamento ético perante a vida de cada pessoa é evidentemente essencial. A dignidade devida a toda pessoa humana, não faz referência a um estado de

[248] Ibidem, I, q.29, a.1.
[249] Ibidem, I, q.29, a.3.
[250] Ibidem, I, q.76, a.1.
[251] CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7.12.1965), n. 14.
[252] *S.Th. I, q.29, a.3.*
[253] Ricardo de São Vitor, IV De Trinitate, c.22 apud *S. Th. I, q.29, a.3.*
[254] Essas são algumas das ideologias que atrapalharam o desenvolvimento do pensameto humano. Cada uma será melhor estudada na disciplina "Serpentes Filosóficas".
[255] RICARDO DE SÃO VITOR. *De Trinitate.* 4,18: "Naturae divinae incommunicabilis existentia".
[256] K. WOJTYLA. *Persona e atto*. Revisão Italiana G. GIRGENTI – P. MIKULSKA (a cura di), Milano: Rusconi, 1999, 199.

consciência, de conhecimento ou de desenvolvimento, mas, para ser uma pessoa humana, basta que seja um ser humano, que haja uma vida humana, pois não é uma característica o ser pessoa, mas é o próprio ser do homem. Todo ser humano é uma pessoa humana, e, como tal, deve ser respeitada em toda a sua dignidade como um ser que é imagem e semelhança do próprio Deus Criador.

Apenas a pessoa (e cada pessoa), desde sua criação, está em uma relação especial com o Criador, seu único fim, e, por isso, a vida humana é *sagrada*[257]. "*O homem [é] a única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma*"[258], é no homem que Deus sopra seu "ruah eloah", o sopro divino, que permite o Salto Ontológico[259] e o diferencia de todos os outros seres.

Sendo cada pessoa querida por si mesma, a pessoa é sempre um fim e nunca pode ser tratada como um meio. "*A pessoa é um bem tal que só o amor pode ditar a atitude adequada e válida a seu respeito*", e nisto consiste a norma personalista[260] ensinada por João Paulo II.

⚜ Origem do corpo humano

O corpo humano não derivou do concurso de causas fortuitas e aleatórias, nem da evolução de uma espécie inferior[261], mas, em sua origem primeira, foi formado, imediatamente, por Deus e, no estado atual, se propaga por geração.

O corpo humano não pode ser fruto do acaso, pois apresenta ordem e finalidade, enquanto coisas que são fortuitas não seguem planos e nem têm fins a alcançar. O corpo é um todo completo, com órgãos harmonicamente dispostos e capazes de produzir suas respectivas operações. O corpo humano também não pode ser fruto da evolução de espécies inferiores, porque as espécies estariam sujeitas à mutabilidade e, a razão e a experiência provam que as espécies não estãos em constante mudança, nem há fosseis que comprovem as formas intermediárias entre espécies[262], além disso, dois seres com características profundamente diferentes e radicais, não podem derivar-se da evolução de um ou do outro.

Como dissemos, o corpo humano foi formado, imediatamente, por Deus (como estudamos primeiramente). O corpo do primeiro homem (Adão) já revelava em si perfeição, ordem e finalidade, o que não pode derivar do acaso. Foi criado e formado por um Ser inteligente, o Criador. Atualmente o corpo humano forma-se por geração, isto é, o corpo de uma pessoa deriva do corpo de outra (seus genitores). Deus, quando formou imediatamente o corpo do primeiro homem, deu-lhe a virtude ou poder de transmitir a outros a sua semelhança e, assim, perpetuar a própria vida.

⚜ Origem da alma humana

Assim como o corpo, a alma tem uma origem, pois sendo um ente contigente, ela não existiu desde sempre e também sua existência não era obrigatória, mas foi um ato da bondade de Deus. A alma humana é criada imediatamente por Deus no momento de sua união com o corpo.

---

[257] Cfr. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 2258. (A partir de agora, esta obra será citada como CIC)

[258] *Gaudium et spes*. *cit.*, n. 24.

[259] Cfr. GIOVANNI PAOLO II. *Messagio ai partecipanti alla plenária della ontificia Accademia dele Scienze*. 22 ottobre 1996, n. 6: "Con l'uomo ci troviamo dunque dinanzi a una differenza di ordine ontologico, dinanzi a un salto ontologico, potremmo dire". São João Paulo II explica que há uma diferença significativa do ser humano para as outras criaturas, o que pode ser denominado como um salto ontológico, isto é um salto no que a criatura é, no seu SER. A pessoa humana é imagem e semelhança de, não apenas mais uma criatura.

[260] Cfr. K. WOJTYLA. *Amor e responsabilidade. cit.*, 32.

[261] Essa ideia deriva do pensamento evolucionista ou transformista, que na disciplina "Serpentes filosóficas" serão melhor explicados. Desde já, no entanto, alertamos que essas ideologias apresentam inúmeros pontos contrários à doutrina da Igreja.

[262] Alguns estudos encontram determinados fósseis que "parecem" fazer essa ligação, mas não há esse registro de forma verídica, nem fósseis que demonstrem os passos intermediários. As refutações ao Evolucionismo serão feitas de forma profunda na disciplina "Serpentes Filosóficas" e também brevemente na Ciências Biológicas.

Veremos nas próximas aulas que a alma é a forma substancial do corpo, e como tal é espiritual. Assim como o corpo, ela não pode ser produzida ao acaso e nem pela evolução de um ser inferior, mas, diferentemente do corpo, ela também não pode ser produzida por geração. Não pode ser produzida por geração corpórea porque é espiritual (imaterial), e nem por geração espiritual porque a alma dos genitores não pode dividir-se.

Cada alma humana é feita imediatamente por Deus do nada, e fazer do nada significa criar. A criação é uma ação exclusiva e própria de Deus. Deus cria cada alma humana no momento de sua união com o corpo, pois como veremos, a alma e o corpo formam uma única natureza.

⚜ Origem do ser humano (composto de corpo e alma)

Veremos a seguir, que a essência do homem é formada de corpo e alma, isto é, o ser humano, por natureza, é o resultado da união da alma intelectual com o corpo orgânico.

A aparição do homem sobre a terra é um fato relativamente recente, segundo vários estudos paleontológicos. Estamos muitas vezes acostumados a pensar na ideia de milhões de anos, devido principalmente, à teoria da evolução, à qual diversos cientistas recorrem. Como já observamos, não tomamos como base essa teoria, e rejeitamos, veementemente, as ideologias que inerentes a ela. A Tradição Católica, bem como, Santos da Santa Igreja, defendem que a aparição do homem sobre a terra remonta a uma época compreendida entre 5.000 e 10.000 anos.

O composto humano, corpo e alma, não derivam de processos fortuito, uma vez que o acaso nega qualquer ordem e finalidade, como já dissemos, e, tão pouco poderia criar uma substância espiritual, como é nossa alma. Como vimos, o primeiro ser humano foi formado diretamente por Deus, enquanto cada pessoa humana atual deriva de outra pessoa e de Deus. O corpo se forma a partir dos genitores, e a alma é criada diretamente por Deus.

Todos os homens pertencem à mesma espécie, porque todos possuem os mesmos elementos essenciais, diferindo apenas nas características acidentais. As diversas raças humanas, cruzando-se podem propagar-se, logo, são todas a mesma espécie. A origem de todo o gênero humano pode ser (segundo os critérios científicos) e é (conforme o ensinamento da Sagrada Escritura) um único casal, Adão e Eva. Sua Santidade Pio XII, em sua Encíclica sobre o Gênero Humanao (*Humani Generis*) explica:

> *"[...]os fiéis cristãos não podem abraçar a teoria de que depois de Adão tenha havido na terra verdadeiros homens não procedentes do mesmo protoparente por geração natural, ou, ainda, que Adão signifique o conjunto dos primeiros pais; já que não se vê claro de que modo tal afirmação pode harmonizar-se com o que as fontes da verdade revelada e os documentos do magistério da Igreja ensinam acerca do pecado original, que procede do pecado verdadeiramente cometido por um só Adão e que, transmitindo-se a todos os homens pela geração, é próprio de cada um deles."*[263]

[263] PIO XII. Carta Encíclica *Humani Generis*. n.37, Roma, 12 de agosto de 1950. Cfr. Concílio de Trento, sessão 5, cânones de 1 a 4.

Atividades

1) Leia novamente o texto acima com bastante atenção, procurando entender cada páragrafo em seus detalhes. Aproveite esta segunda leitura para realizar também a atividade 2.

2) Faça em seu caderno um resumo do texto acima. Este resumo deve conter as seguintes explicações:

- O que significa Antropologia e o que essa ciência estuda?
- Qual o objeto e o método da Antropologia?
- Por que a Antropologia é considerada uma ciência excelente?
- Quais características próprias do Ser Humano?
- Por que o Ser Humano é chamado de Pessoa?
- O que significa dizer que o Homem foi criado "à Imagem e Semelhança de Deus"?
- Explique sobre a origem do corpo humano.
- Explique sobre a origem da alma humana.

***

Apologética

O sistema do Reino de Deus meramente interior

Refutação

Exposição do Sistema

Segundo os teólogos Sabater e Harnack, Jesus Cristo não fundou uma Igreja, ou uma sociedade visível, mas limitou-se a pregar um Reino de Deus interior, espiritual. Sua única preocupação foi fundar o Reino de Deus na alma de cada fiel, operando nela uma renovação interior e, inspirando-lhe para com Deus, os sentimentos de um filho para com seu Pai.

Jesus encontrara, na geração do seu tempo, uma religião exclusivamente ritual e formalista. Não a proibiu expressamente, mas considerou como secundário este aspecto externo da religião.

A grande novidade que pregou, o elemento original e propriamente Seu, que constitui, por assim dizer, a essência do cristianismo, é o lugar preponderante que atribui ao sentimento. Desta maneira, o Reino de Deus é íntimo e espiritual, destinado às necessidades da alma, sem imposição alguma de dogmas, instituições positivas e ritos meramente externos, deixando, neste ponto, completa liberdade ao modo de pensar individual.

Por conseguinte, a organização do cristianismo, como sociedade hierárquica, não entra no plano traçado pelo Salvador; a Igreja visível é criação humana, cujas causas e origens pertencem ao domínio da História.

Segunda Refutação

Concedemos, sem dificuldades, aos nossos adversários, que a essência da religião pregada por Cristo é, sobretudo, espiritual; que, a maior inovação do cristianismo foi a renovação interior pela fé, pela caridade e pelo amor ao Pai, e, que Jesus estabelecera uma diferença essencial entre o farisaísmo daquele tempo e a nova religião. Não devemos, porém, exagerar, porque a espiritualidade do Reino dos Céus não era estranha ao conceito que d'Ele faziam os profetas, como vimos ao estudar o *argumento das profecias*.

Todavia, temos que admitir, com Harnack, que o reino espiritual e interior foi exatamente a obra de Jesus, pois como a voz dos profetas ecoou sem demasiada eficácia, somente Jesus, com Sua autoridade, conseguiu opor a justiça meramente externa e material do culto mosaico. A justiça do novo reino, onde as virtudes interiores como a humildade, a castidade, a caridade e o perdão das injúrias ocupa o primeiro lugar.

Mas, feitas estas observações, seguir-se porventura, como pretende Harnack, que o Reino de Deus, **anunciado** e **fundado** por Cristo, é um reino meramente individual, uma sociedade invisível composta por almas justas, sem nenhum caráter coletivo e social? Poder-se-á afirmar que a perfeição interior deve ser considerado como a essência do cristianismo, por ser ela só a obra de Cristo? De modo nenhum.

Há, nesta linha de pensamento, um sofisma que foi desmascarado pelo próprio Loisy:

"Não seria lógico diz ele considerar como a essência total duma religião o que a diferencia das outras. A fé monoteísta, por exemplo, é comum ao judaísmo, ao cristianismo e ao islamismo, e, contudo, de modo nenhum se de procurar, fora da ideia monoteísta, a essência de cada uma delas, mas não são somente as diferenças que constituem as religiões... Jesus não quis destruir a lei, mas cumpri-la. É, pois, natural que haja no judaísmo e no cristianismo elementos comuns, essências a ambos... A importância destes elementos

não depende da sua antiguidade nem da sua novidade, mas do lugar que ocupam na doutrina de Jesus Cristo e da importância que o próprio Jesus Cristo lhes dá".

Por outras palavras, o Reino de Deus não é exclusivamente espiritual, apenas porque o Messias ensinou que era, **sobretudo**, espiritual. Tudo isso é evidente, se interpretarmos as palavras de Jesus Cristo, segundo as condições do meio e das ideias em que foram proferidas.

Jesus insistia, particularmente, na ideia de perfeição interior e de renovação espiritual para corrigir os falsos conceitos dos judeus que esperavam um reino temporal, por terem se fixado, quase que exclusivamente, no elemento secundário das profecias. Queria persuadi-los com o fato de que o Reino de Deus não era reino temporal, nem o triunfo de uma nação sobre as outras, mas um reino universal, para todos os povos, no qual podem entrar todos os homens de boa vontade, pela prática das virtudes morais interiores.

Esta mesma ideia se depreende, principalmente, das parábolas, que eram a maneira mais usada por Jesus Cristo para ensinar as verdades que desejara inculcar. Compara, por exemplo, o Reino dos Céus ao trigo e o joio (Mc 13, 24-30); à rede que pesca peixe bons e maus, um reino meramente interior e espiritual.

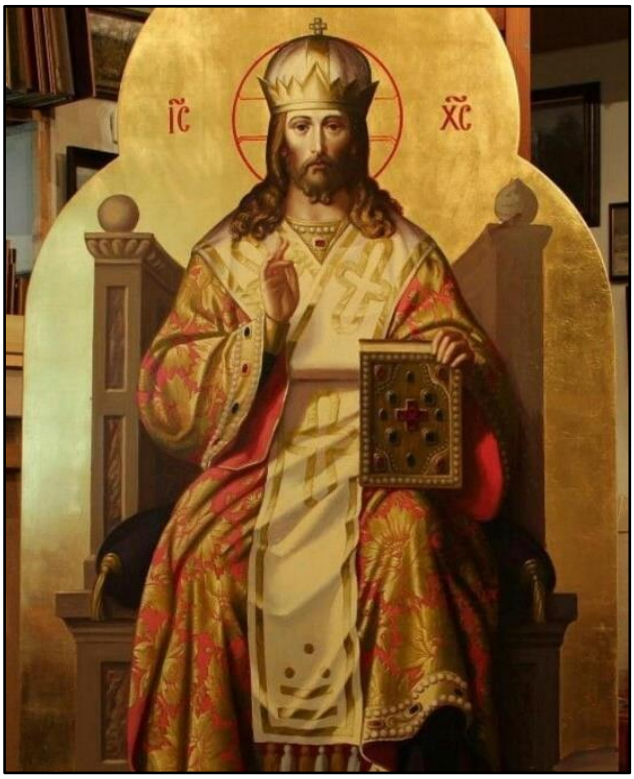


Figura 9. Ícone de Cristo Rei.

Ademais, a expressão Reino de Deus seria muito imprópria se correspondesse a um reino estritamente da alma de cada ser humano; porque, neste caso, não se trataria de **um** reino, mas de tantos reinos quanto almas estiverem.

Os partidários deste sistema, para provocar a sua tese, fundam-se no texto de São Lucas (17, 21): *Ecce Regnum Dei intra vos est*, que traduzem deste modo "O Reino de Deus está em vós". Mas, esta passagem tem outro sentido e, segundo o contexto, deve traduzir-se "O Reino de Deus está no meio de vós".

Os fariseus interrogaram Jesus e perguntaram quando viria o Reino de Deus, ao que Jesus lhes respondeu: *"A vinda do Reino de Deus não é observável. Não se poderá dizer: Ei-lo aqui! Ei-lo ali!', pois eis que o Reino de Deus está no meio de vós."* (Lc 17, 20-21)

Como é simples enxergar que estas palavras no contexto, não só não favorecem, mas parecem contrariar a ideia de um reino meramente espiritual; porque, dirigindo esta resposta aos fariseus, que não criam e que, portanto, se punham fora do reino, Jesus não lhes podia dizer que o Reino de Deus estava nas suas almas.

O pensamento de Jesus diverge daquele que os nossos adversários atribuem a Ele. Ao conhecer Jesus, as falsas ideias dos seus contraditores, que julgavam que a vinda do reino e do Messias seria acompanhada de sinais portentosos, de prodígios extraordinários no céu, este ensina-lhes a maneira como o reino de Deus há de vir. Diz-lhes que, não se pode conhecer, porque o reino será **principalmente** espiritual e, por isso, não será passível de observação. Além de que, ajunta Jesus, é inútil andar a procurá-lo, porque está no meio de nós.

Conclusão

Da genuína interpretação do texto de São Lucas, e das razões que anteriormente demos, pode coligir-se que o Reino de Deus não é meramente espiritual, mas coletivo e social e que, consecutivamente, não se pode afirmar que Jesus Cristo nunca pensou em fundar uma Igreja visível.

Figura 10. São Pedro pregando em Jerusalém.

O sistema de um Reino de Deus meramente escatológico

Figura 11. São Pedro e São Paulo por Bartolome Cavarozzi.

Exposição do sistema

É comum afirmarem que a fundação da Igreja nunca entrou nos planos do Salvador da humanidade. Na época em que apareceu Nosso Senhor, era ideia corrente entre os Judeus que o Messias havia de inaugurar o reino final e definitivo de Deus, isto é, *o reino escatológico*. Ora, analisando os textos dos Evangelhos, somente sob o aspecto crítico (sem deformá-los com interpretações teológicas), parece certo que Jesus compartilhava o erro dos seus contemporâneos.

Por consequência, a sua pregação tinha dois fins: — 1. Anunciar a vinda próxima do reino e o fim do mundo, intimamente conexos entre si; e — 2. Preparar as almas para esses acontecimentos por meio da renúncia dos bens do mundo e da prática das virtudes morais para alcançar a justiça. Portanto, o Cristo da história não pôde sequer pensar em fundar uma Igreja, isto é, uma instituição estável.

Não se pode, à vista disso, falar da instituição divina da Igreja; porque foram as circunstâncias e o fato de não se ter realizado o reino escatológico que levaram os discípulos a corrigir o plano do Mestre e, a interpretar de outro modo as expressões que Jesus dito de um mundo prestes a acabar, para acomodá-las ao mundo que continuava a existir. Donde se pode concluir que Jesus Cristo anunciava o reino, e em vez dele apareceu a Igreja.

Posto que a Igreja não provenha da intenção e vontade de Jesus, contudo, continuam os modernistas, pode dizer-se que está relacionada com o Evangelho, por ser uma espécie de continuação da sociedade que Jesus tinha reunido em volta de si, em vista do reino que desejava fundar.

Assim, a Igreja é, em certo modo, o resultado legítimo, ainda que inesperado, da pregação de Cristo, e pode dizer-se que é realmente continuação do Evangelho. Por outros termos: Jesus tinha reunido em volta de si alguns discípulos, aos quais confiou a missão de preparar o advento do reino próximo; mas, como os

acontecimentos iludiam a esperança dos apóstolos, — porque o reino não chegava, — a pequena comunidade cresceu e, crescendo, deu origem a Igreja.

A Igreja pode, então, definir-se: A sociedade dos discípulos de Cristo, que, vendo que o reino escatológico não se realizava, se organizaram e adaptaram às condições atuais. Se perguntarmos o que havemos de fazer dos textos que a instituição da igreja, responder-nos-ão, os protestantes liberais, que não são históricos, pois, são palavras de Cristo glorificado e, por conseguinte, interpretações ou maneiras de pensar dos primeiros cristãos. Em seguida, eles concluem que, a instituição da Igreja por Jesus Cristo ressuscitado não é, para o historiador, fato palpável.

Refutação

Jesus Cristo, tendo apenas o objetivo de preparar as almas para a vinda iminente do Reino dos Céus e para a Sua *parusia*, não se dedicou para organizar uma sociedade estável; tal é a ideia mestra deste sistema. Ora, para provar esta tese seria necessário retalhar o texto evangélico sem motivo justificável, e fazer uma escolha inadmissível, ou uma interpretação fantasista das passagens referentes à Igreja, como vamos demonstrar.

Examinaremos cada uma das afirmações protestantes. Primeiramente, será verdade que os contemporâneos de Jesus tinham a ideia de um Reino de Deus escatológico? Como muito bem observou o Padre Lagrange, podemos distinguir claramente na literatura daquele tempo duas manifestações do pensamento judeu: a dos apocalipses e a dos rabinos.

Tanto uns como outros afirmavam que o reino messiânico não se identificava com o reino escatológico, e ambos se preocupavam com o porvir do reino de Israel neste mundo. A única diferença que havia entre eles é que os primeiros insistem mais no reino escatológico, e os segundos, no reino do mundo atual. Por conseguinte, se Jesus Cristo tivesse adaptado as ideias dos apocalipses, pregaria somente um reino escatológico e corrigiria as ideias dos rabinos, no entanto, Jesus não o fez.

Vemos claramente, do exame imparcial dos Evangelhos, que o Salvador descreve um reino que tem duas fases sucessivas, uma terrestre e outra escatológica ou final. A primeira é apresentada por Jesus Cristo com características que não podem, de modo algum, aplicar-se ao reino escatológico e se adaptam perfeitamente à vida presente. Fala de um reino já fundado: Desde os dias de João Baptista até agora, o reino de Deus padece força e os que fazem violência são os que o arrebatam. (Mt 11, 12)

Quando replica aos fariseus, que o acusam de expulsar os demônios em nome de Belzebu, diz: Se eu lanço fora os demônios pela virtude do Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus. (Mt 12, 28)

Todavia, nas parábolas, a doutrina de Jesus é evidenciada. Nelas, o reino de Deus é descrito como realidade já existente e concreta, que deve crescer e desenvolver-se (*parábola do grão de mostarda* – Mt 13, 31-35; Mc 4, 30-32), que tem no seu seio bons e maus (*parábolas do trigo e do joio* – Mt 18, 24-30; *da rede que pesca peixes bons e maus* – Mt 13, 47-50; *das virgens prudentes e das virgens loucas* – Mt 24, 1-18).

Essas qualidades não se podem aplicar ao reino escatológico, e só podem convir a um reino previamente fundado, suscetível à dilatação e ao aperfeiçoamento, que sirva de preparação a outra forma de reino, onde a escolha já foi feita, no qual só o bom grão, os peixes bons e as virgens prudentes terão entrada, e o joio, os peixes maus e as virgens loucas serão, consequentemente, excluídos.

Instância

Não teríamos dificuldade em admitir tudo isso, dizem os partidários do sistema escatológico, se os textos alegados para provar o Reino de Deus neste mundo fossem autênticos. Mas não o são; porque foram intercalados pela primeira geração cristã que, vendo que o reino escatológico não se realizava, procuraram harmonizar o pensamento e as palavras de Jesus com os fatos.

Todo crítico de boa-fé reconhece as duas séries de textos, uma escatológica e outra não, e admite que são incompatíveis entre si. Devemos, pois, fazer a escolha dos textos das duas tradições e indagar qual a primitiva. Ora, tudo nos leva a crer que só a série escatológica representa o genuíno pensamento do Salvador, não podendo ter sido inventada no momento em que os fatos a desmentiam, logo, a segunda série é posterior ao Evangelho.

Resposta

A objeção modernista carece de fundamento sólido. As duas séries de textos não são novidade alguma para nós, e todos os católicos as admitem; no entanto, não podemos deduzir que se excluem mutuamente. Não haverá acaso meio algum de as conciliar? A dificuldade está exatamente nesse ponto.

Se Jesus Cristo tivesse anunciado o fim do mundo e o reino escatológico como um acontecimento próximo, haveria, sem dúvida, motivo de contradição entre as duas séries de textos, e Jesus não podia ser o autor da série não-escatológica. Será verdade que o Salvador afirma que o reino escatológico devia realizar-se em breve?

Posta a questão nestes termos, poderemos responder, a priori, que a conciliação é possível; porque é inadmissível que os Evangelistas, escrevendo os discursos do Senhor tantos anos depois, fossem tão ineptos, ou seja, que introduziriam textos que os contradiriam. De uma, duas: ou os Evangelistas são fidedignos ou não. Na primeira hipótese foram fiéis, e nesse caso só teríamos uma série de textos, a escatológica. Na segunda hipótese, não extinguiriam a série escatológica, visto que era desmentida pelos acontecimentos, deixando apenas a série não escatológica?

Será acaso verdade que a série escatológica só admite a interpretação modernista? A resposta levar-nos-ia à célebre profecia sobre o fim do mundo.

"Em verdade vos digo que não passará esta geração sem

que se cumpram todas as coisas." (Mt 24, 34)

É inútil, portanto, insistir. Basta recordar que esta frase de Jesus, invocada pelos adversários para provar que o Salvador acreditara no fim iminente do mundo. Segundo o contexto, deve aplicar-se à ruína de Jerusalém e do povo judeu.

Os Evangelistas não estabelecem distinção suficientemente clara entre as duas catástrofes, e, suas narrativas do fim do mundo e da ruína do Templo são falhas quanto à previsão. Por esse motivo muitos críticos julgaram que os Apóstolos, levados pelas ideias do meio ambiente, se enganaram acerca do pensamento de Jesus.

Em qualquer hipótese não se pode admitir que Jesus cometesse o erro que lhe imputam os adversários; porque, é fora de dúvida, que a catástrofe, cuja realização Jesus anunciava como iminente e a qual havia de assistir à geração do seu tempo, era a destruição de Jerusalém e do Templo; porquanto, o tempo da segunda é considerado por Jesus como muito mais afastado, pois diz que: *"Quanto àquele dia e àquela hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos do Céu, mas somente o Pai."* (Mt 24, 36)

Conclusão

Da discussão precedente não é temeridade concluir que o sistema de um reino exclusivamente escatológico é tão aceitável coma o sistema de um reino meramente interior e espiritual. Portanto, não é permitido afirmar que Jesus tivesse tido, em vista, a fundação de uma Igreja como sociedade visível.

Art. 2 – Jesus Cristo fundou uma Igreja

Estado da questão

Demonstraremos que o Reino de Deus, anunciado por Cristo, inclui um período que podemos chamar de *fase terrestre* e *preparatória* do reino escatológico. Este reino compreende todos aqueles que admitem a doutrina ensinada por Jesus e, por conseguinte, é uma sociedade, a que damos o nome de Igreja. Investigaremos, agora, a natureza desta sociedade...

Compõe-se, porventura, de membros iguais, ficando assim a interpretação da doutrina de Cristo ao arbítrio do juízo individual? Ou está hierarquicamente[264] constituída, isto é, composta de dois grupos distintos, um que ensina e governa, e outro que é ensinado e governado? Instituiu Jesus, por si mesmo, uma autoridade confiada à missão de ensinar autoritariamente a sua doutrina? Numa palavra, o cristianismo, é «religião de espírito» ou «religião de autoridade»?

Os protestantes ortodoxos, que são adversários neste ponto, sustentam a primeira hipótese, isto é, que Jesus não instituiu uma autoridade visível. As verdades de fé, os preceitos e os meios de santificação, ficaram dependentes da apreciação subjetiva e individual, pois Jesus não estabeleceu intermediário algum obrigatório entre Deus e a consciência.

Se lhes perguntarmos porque motivo se agrupam e fazem reuniões, respondem simplesmente que é para orar em comum, para ler e comentar o Evangelho, para praticar os ritos do batismo e da ceia e para se edificarem mutuamente no amor de Deus e na caridade fraterna, mas nunca para obedecer a uma autoridade constituída. Os protestantes procuram apoiar na história esta maneira de sentir. Veremos, posteriormente, como explicam a instituição da hierarquia e as origens do catolicismo.

Contra estas afirmações demonstraremos que Jesus instituiu uma hierarquia permanente, — o colégio dos Doze e seus sucessores, cujo chefe único foi Pedro e os que lhe sucederem no cargo, além de que essa hierarquia outorgou a autoridade governativa uma garantia divina, a infalibilidade doutrinal.

Para melhor atingirmos nosso intento, dividiremos as questões do seguinte modo:

1. Jesus conferindo aos Apóstolos os três poderes de ensinar, reger e santificar, fundou uma hierarquia e, por conseguinte, instituiu uma autoridade visível.

2. Esta hierarquia é permanente, visto que os três poderes dos Apóstolos devem transmitir-se aos seus sucessores.

3. À frente da hierarquia colocou um chefe único (primado de Pedro e seus sucessores).

[264] Hierarquia do grego hierós, sagrado, e arkhé, autoridade. Etimologicamente, hierarquia designa um poder sagrado, diretamente instituído por Deus. Nesse sentido, empregamos esta palavra no presente artigo, no qual nos propomos provar que a Igreja fundada por Jesus Cristo é uma sociedade hierárquica, investida de poderes divinos.

4. Finalmente, garantiu a conservação integral da sua doutrina, outorgando à Igreja docente o privilégio da infalibilidade. Estes pontos constituirão outros tantos parágrafos.

Jesus Cristo fundou uma Igreja Hierárquica

Estado da questão

a) Os protestantes ortodoxos, dissemos nós, não admitem que Jesus tenha posto à frente da sua Igreja uma autoridade visível. Entretanto, concedem a historicidade e até a inspiração dos textos evangélicos que os católicos alegam em favor da sua tese.
b) Os racionalistas, os protestantes liberais e os modernistas, pelo contrário, rejeitam a autenticidade desses textos, dizendo que foram redigidos posteriormente por autores desconhecidos e insertos na narração evangélica depois dos acontecimentos, quer dizer, no momento em que a instituição da Igreja hierárquica era um facto consumado.

A tese católica baseia-se em dois argumentos: o primeiro, fundado nos textos evangélicos, que, com todo o direito, podemos utilizar contra os protestantes ortodoxos, e segundo, um histórico, em que nos propomos refutar a falsa concepção dos liberais e dos modernistas sobre a origem da Igreja hierárquica.

Argumento escriturístico

Quando sustentamos a possibilidade de encontrar a instituição duma Igreja hierárquica nos textos evangélicos, não queremos afirmar que Jesus declarou explicitamente que fundava uma Igreja hierárquica para um dia ser governada pelos Bispos sob o primado do Papa; porque nunca pronunciou explicitamente estas palavras. Para demonstrarmos a nossa tese, basta provar que encontramos o equivalente no fato de ter escolhido doze Apóstolos e de lhes ter conferido poderes especiais que não concedeu aos outros discípulos.

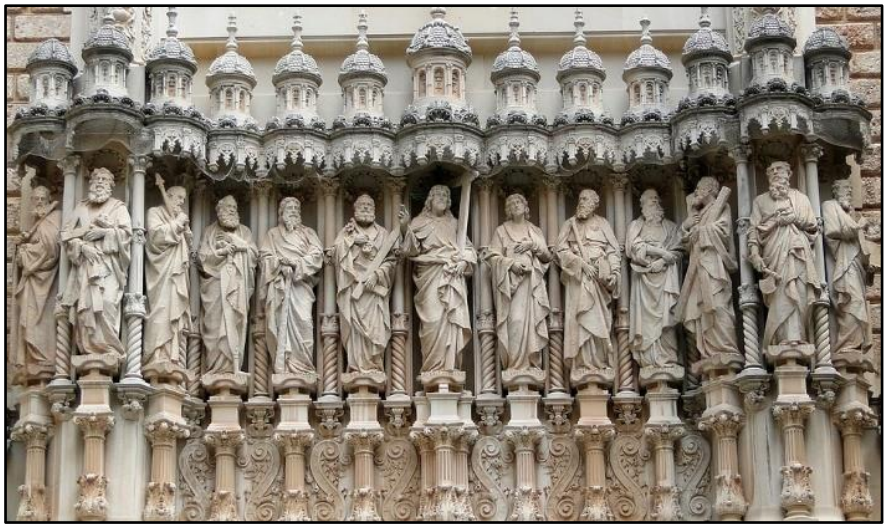


Figura 12. Os Apóstolos.

Escolha dos Doze

Todos os Evangelistas são concordes em testemunhar que Jesus, escolheu doze entre os discípulos, a quem deu o nome de Apóstolos (Mt 10, 2-4; Mc 3, 13-19; Lc 6, 13-16; Jo 1, 35). Instruiu-os de uma maneira particular, desvendou-lhes o sentido das parábolas que as turbas não compreendiam (Mt 13, 11) e associou-os à sua obra mandando-lhes que pregassem o reino de Deus aos filhos de Israel (Mt 10, 5-42; Mc 6, 7-13; Lc 9, 1-6).

Poderes conferidos ao colégio dos doze

Ao colégio dos doze — a Pedro em particular (Mt 16, 18-19), e a todo o colégio apostólico (Mt 18, 18), Jesus primeiro prometeu o poder de «ligar no Céu o que eles ligassem na terra», isto é, uma autoridade governativa que os constituiria juízes nos casos de consciência e lhes comunicaria a faculdade de preceituar ou proibir e, portanto, de obrigar; de modo que todos que não obedecessem à Igreja, seriam considerados «como pagãos ou publicanos» (Mt 18, 17).

Mas, objetam os protestantes a propósito do último texto, a palavra Igreja, no versículo 17, é tomada no sentido restrito de assembleia, e por isso não pode servir de argumento em favor duma autoridade hierárquica. A palavra Igreja pode prestar-se a duas interpretações. Segundo as regras da hermenêutica, porém, todo o texto obscuro deve ser interpretado conforme aos lugares paralelos mais claros. Ora, não há dúvida que nos outros textos, que tratam dos poderes concedidos por Nosso Senhor à sua Igreja, esta concessão estende-se unicamente ao colégio apostólico, portanto, devemos atribuir o mesmo sentido ao texto de São Mateus.

Poucos dias antes da Ascensão, Jesus conferiu aos doze Apóstolos o poder que antes lhes tinha prometido: *"Todo o poder me foi dado no Céu e na terra; ide, pois, e ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar todas as coisas que eu vos tenho ordenado, e estai certos de que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos."* (Mt 28, 19-20).

Deste modo, Jesus Cristo comunicou aos Apóstolos o poder de ensinar: «Ide e ensinai todos os povos»; de santificar, pelos ritos instituídos para este fim e, em particular, pelo batismo; e de governar, uma vez que os Apóstolos ensinariam o mundo a observar tudo o que Jesus mandou.

Figura 13. São Pedro e São João curando um homem coxo.

Objetam os racionalistas que esta passagem não tem valor algum, sob pretexto que as palavras e ações de Cristo ressuscitado não podem ser comprovadas pelo historiador. É evidente o preconceito racionalista, se a Ressurreição pode demonstrar-se como fato histórico e como uma realidade de que os Apóstolos alcançaram a certeza, o propósito de rejeitar as palavras de Cristo ressuscitado, atinge a própria Ressurreição. Além de que, as palavras de Cristo ressuscitado estão de tal modo conexas com as palavras

da promessa que impugnar umas é o mesmo que impugnar as outras, e negar umas e outras é tornar inexplicável o procedimento dos Apóstolos, que após a morte do seu Mestre reivindicaram os três poderes mencionados

Argumento histórico

A questão da instituição divina de uma Igreja hierárquica é sobretudo histórica; porque, se a história nos dissesse que a Fundação da Igreja foi posterior aos tempos apostólicos e obra semente de circunstâncias acidentais, em vão alegaríamos argumentos escriturísticos, pois os adversários teriam o direito de considerar os textos evangélicos como interpolações.

Os documentos, que servem de fundamento ao estudo do cristianismo nascente, são os Atos dos Apóstolos. São Lucas, segundo a tradição universal e constante, é o autor dos Atos dos Apóstolos. Esta tradição funda-se: — a) num argumento extrínseco (testemunhos de S. Irineu, do cânone de Muratori, de Tertuliano, de Clemente de Alexandria), e — b) num argumento intrínseco, porque da análise da obra concluiu-se que o autor era médico e companheiro de São Paulo e que os Atos apresentam as mesmas particularidades de linguagem e composição que o terceiro Evangelho. Como o livro termina com a primeira prisão de São Paulo em Roma, é provável que tenha sido composto depois de ter saído do cárcere e certamente antes da morte de São Paulo (67).

Os Atos são, pois, para o historiador dos primeiros tempos do cristianismo, um dos mais preciosos documentos. O autor refere os fatos, já como testemunha ocular, já conforme a narração de testemunhas oculares: São Paulo, São Barnabé, São Filipe, São Marcos. A precisão e os pormenores circunstanciados com que são narrados, afastam qualquer hipótese de lenda ou de amplificação tendenciosa. Quanto aos discursos que contêm, foram sem dúvida colhidos de fontes escritas, como parecem indicar os numerosos aramaismos que neles se encontram. Por outro lado, a sinceridade de São Lucas não é suspeita, e os críticos racionalistas só põem de parte o que se opõe à sua tese, isto é, os milagres e alguns discursos por causa do seu alcance doutrinal.

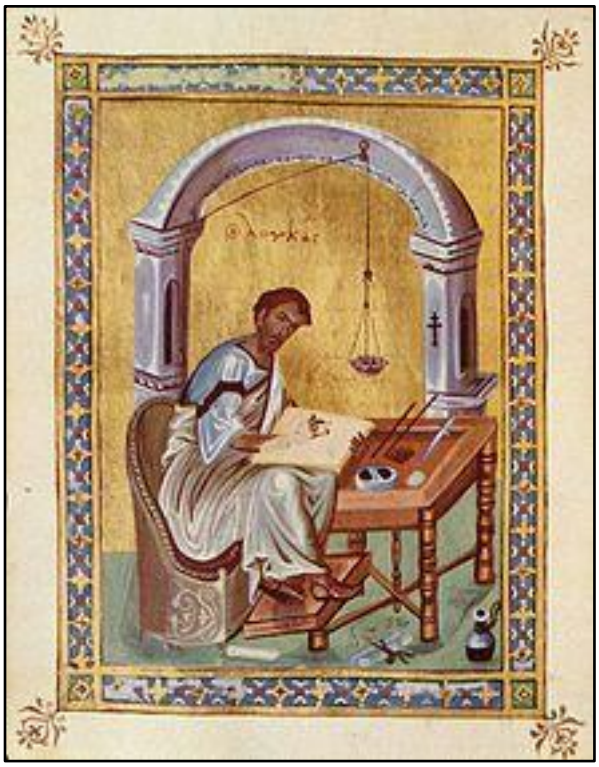


Figura 14. Pintura Bizantina de São Lucas escrevendo os Atos dos Apóstolos.

A importância dos Atos é manifesta por conterem uma exposição completa da primeira pregação dos Apóstolos e por nos manifestarem a organização da Igreja primitiva. As Epístolas de São Paulo são também para o apologista fontes de grande importância tanto pela sua antiguidade, como pelo valor documentário. Podem agrupar-se em quatro séries segundo a data de composição:

- Primeira série: Ep. I e II aos Tessalonicenses (ano de 51).
- Segunda série: As Epístolas maiores, I e II aos Coríntios, aos Gálatas e aos Romanos (56, 57).
- Terceira série: As Epístolas escritas na prisão aos Filipenses, aos Efésios, aos Colossenses e a Filérmon (61, 62).
- Quarta série: As Epístolas Pastorais, I e II a Timóteo, a Tito (62).

A autenticidade das três primeiras séries é admitida pelos próprios críticos racionalistas. As Epístolas de São Paulo e para o período pós-apostólico (isto é, para as três gerações que se seguem aos Apóstolos), as obras dos Padres e dos escritores eclesiásticos.

Em muitos lugares dos Atos dos Apóstolos fala-se de «carismas». Carismas (grego «charis» e «charisma» graça, favor, dom) são dons sobrenaturais concedidos pelo Espírito Santo para a propagação do cristianismo e para o bem geral da Igreja nascente. São manifestações extraordinárias do Espírito Santo e por vezes desordenadas, como o dom das línguas ou glossolalia, que consistia em louvar a Deus numa língua estranha e com ares de exaltação e entusiasmo (leia-se a este propósito I Cor., XIV). Os carismas mais apreciados era o dom dos milagres e o das profecias; mas todos eles eram sempre sinais divinos que tinham por fim confirmar a primeira pregação do Evangelho.

Exporemos, sem sair do campo da História, as duas teses racionalista e católica, acerca da origem da Igreja. A primeira, a que damos o título geral de racionalista, é também defendida pelos historiadores protestantes, ortodoxos ou Liberais e pelos modernistas, damos aqui um resumo, o mais objetivo possível, da exposição feita por A. SABATIER (*Religions d'autorité et la Religion de l'esprit, p. 47-83, 1 ed.),* que é a melhor que existe em francês.

Tese Racionalista

Origem da Igreja – A fundação de uma Igreja hierárquica não podia ter sido obra de Jesus. Nem a quis nem a podia prever, porque pensava que a sua vinda coincidiria com o fim do mundo; portanto, o desenvolvimento histórico do cristianismo estava fora do âmbito da sua missão messiânica.

Como os Apóstolos «estavam sempre à espera da volta triunfante de Jesus sobre as nuvens do céu», viviam «numa exaltação febril», considerando-se «como estrangeiros e peregrinos que passam, sem se preocupar com uma fundação perdurável».

As primeiras comunidades de discípulos de Cristo não formavam, portanto, uma sociedade hierárquica. Os dons individuais (carismas) eram concedidos pelo Espírito Santo a diversos membros da comunidade cristã, consoante as necessidades; era o Espírito que, operando em cada indivíduo, determinava as vocações e conferia aos fiéis, conforme a sua capacidade ou zelo, ministérios e ofícios provisórios.

As primeiras comunidades cristãs, compostas ao princípio de membros iguais entre si, distinta semente pela variedade dos dons do Espírito, tornaram-se com o tempo corpos organizados, igrejas verdadeiras, que se desenvolveram, tomando fisionomias diferentes, segundo a diversidade dos meios geográficos e sociais. As assembleias dos cristãos na Palestina e Transjordânia imitam as Sinagogas dos judeus. No Ocidente tomam a fisionomia dos colégios, ou associações pagãs, muito numerosas nessa época nas cidades gregas, todavia, as associações cristãs dispersas pelo Império mantêm entre si relações frequentes. É, pois, natural que tenham tido desde o começo consciência nítida da sua unidade espiritual e que tenha surgido nas cartas do Apóstolo das gentes, a ideia da Igreja de Deus, ou de Cristo, mui e universal acima das igrejas particulares e locais... A unidade ideal da Igreja tenderá a tornar-se uma realidade visível, pela unidade de governo, de culto e de disciplina.

Para se operar esta unidade faltam ainda duas condições necessárias. Primeiramente, é preciso que as cristandades particulares encontrem um centro fixo, à volta do qual se reúnam. Em segundo lugar importa que estabeleçam uma regra dogmática e um princípio de autoridade com que possam vencer todas as heresias e todas as resistências; estas duas condições efetuaram-se do modo seguinte: Após a destruição de Jerusalém a cristandade greco-romana buscou um novo centro à volta do qual se pudesse agrupar. As hesitações não podiam ser longas. As Igrejas de Antioquia, Éfeso e Alexandria, as mais importantes dos

tempos apostólicos, eram mais ou menos iguais na autoridade que exerciam nas comunidades das respectivas regiões. Mas havia uma cidade que sobressaía sobre todas as demais e que tinha importância universal. Era Roma, a cidade eterna e sagrada; a capital do Império estava, portanto, indicada de antemão para capital da cristandade.

Está realizada a primeira condição: o centro fixo, princípio da unidade hierárquica.

Numerosas seitas, entre outras, as grandes heresias do gnosticismo e do montanismo, que apareceram respectivamente pelos anos de 130 e 160, realizaram a segunda condição; porque procurou-se e descobriu-se o meio de opor a todas as objecções uma espécie de declinatório, ou questão prévia, mais eficaz do que a refutação das heresias, porque as executava logo ao nascer. Este meio consistia na profissão de fé apostólica, num símbolo popular e universal que, constituído como lei da Igreja, excluía do seu seio, sem discussão alguma, todos aqueles que se recusavam a aceitá-lo. Foi esta a regra de fé, a que se chamou símbolo dos Apóstolos, redigido pela primeira vez na Igreja de Roma, entre os anos de 150 e 160. A partir deste momento ficou fundado o catolicismo dotado de governo episcopal e da regra de fé externa.

Resumindo...

O cristianismo no começo era uma religião de espírito, tendo como única regra de fé os carismas, isto é, as inspirações individuais do Espírito Santo; não tinha hierarquia, nem unidade social visível. Não era independente das sinagogas judaicas, nem das associações pagãs, e só conseguiu ser religião de autoridade, com hierarquia própria, 120 ou 150 anos depois de Jesus Cristo, cerca dos fins do século II, no tempo de Santo Irineu e do papa São Vítor. Entre a morte de Jesus e a constituição católica da Igreja, há um período intermediário, em que não existiam organizações de espécie alguma e que pode designar-se com o nome de época pré-católica do cristianismo, Daí se segue que a Igreja católica não é de instituição divina. A fundação, o desenvolvimento e as vicissitudes da sua história explicam-se plenamente pelo concurso de circunstâncias humanas. Só depois da Igreja estabelecer a sua infalibilidade, procurou justificar teoricamente, o que já tinha triunfado na prática. O dogma só consagrou o que se passara na prática no primeiro ou nos dois primeiros séculos.

Tese Católica

Antes de discutirmos a tese racionalista, convém observar, para evitar equívocos, que os historiadores católicos não pretendem de modo algum encontrar no começo do cristianismo uma organização tão perfeita como a que mais tarde adquiriu. Seria desejar que a semente logo depois de lançada à terra produzisse fruto sem passar pelas várias fases da germinação. Os racionalistas concebem que no começo do século III, e mesmo nos fins do II, a Igreja possuía já uma hierarquia e tinha um centro de unidade e um símbolo de fé. A nossa investigação terminará, portanto, nessa época e mostrará que o fruto sazonado, encontrado pelos historiadores racionalistas nos fins do século II, é efeito do desenvolvimento normal da semente lançada à terra nos primeiros anos do cristianismo. Falando sem metáforas, demonstraremos que não existiu o suposto período pré-católico, que os órgãos essenciais do cristianismo posterior estavam contidos no cristianismo dos tempos apostólicos. Antes, porém, examinaremos um por um todos os artigos da tese racionalista.

Refutação da Tese Racionalista

O que os nossos adversários afirmam a respeito das intenções de Jesus, isto é, que não podia ter pensado em fundar uma Igreja por esta se encontrar fora do plano da sua missão messiânica, é um preconceito já refutado (n. 307) que não abordaremos de novo.

Será certo, como levianamente afirmam, que os Apóstolos, iludidos pela pregação de Jesus e esperando a próxima vinda do reino escatológico, também não puderam pensar na organização duma instituição durável? Se assim fosse, se os Apóstolos e os primeiros cristãos estivessem verdadeiramente convencidos que Jesus Cristo lhes tinha anunciado a vinda próxima dum reino escatológico, porque é que a comunidade cristã não se dissolveu quando viu que tinha sido enganada por Jesus? Este raciocínio é tão claro que os próprios historiadores liberais, Harnack por exemplo, reconhecem que o Evangelho era alguma coisa mais do que isso, alguma coisa nova, a saber, «a criação de uma religião universal fundada na religião do Antigo Testamento».

Dizer que se devem aos carismas os primeiros elementos da organização da Igreja, é também uma hipótese destituída de fundamento e evidente, como prova a experiência quotidiana que a inspiração individual conduz quase sempre à anarquia. O próprio Renan, que o confessa no seu *Marc Aurèle*: A profecia livre, os carismas, a glossolalia e a inspiração individual eram causas mais que suficientes para reduzir o cristianismo às pequenas proporções.

Figura 15. Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos.

Conclusão

Certa vez disse São Paulo: “Pois não é contra homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os Principados e Potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares”. De fato, antes de qualquer argumentação, precisamos saber contra quem e contra o que estamos lutando; porém, isso não deve limitar nossa capacidade argumentativa, pois dessa forma estaríamos contrariando a tradição da Santa Igreja Católica que sempre usou da razão para contrapor-se aos seus inimigos.

Na juventude é comum que se estabeleça um grande desejo de conhecimento acerca do que faz parte do cotidiano, mas que é feito de maneira mecânica e rotineira. Mais necessário neste estágio do que conhecer as coisas, se faz imprescindível que se aprenda a defender os valores, ou seja, aquilo pelo qual se fundamentam nossas vidas. Chegamos a um ponto em que é provável que o mísero grão de mostarda da Doutrina Católica tenha sido semeado; não desanimem, pois o caminho é longo e de lutas!

Uma vez plantado o grão de mostarda, é necessário protegê-lo a fim de que possa crescer sem ser machucado, quebrado, podado, ou ainda pior, sem ser arrancado. Somente dessa forma a árvore da Fé poderá crescer de tal maneira que fique tão grande que alcance o céu, onde não haverá mais a possibilidade de que algum mal ocorra, dado que lá está Aquele ao qual nada pode afetar, lá está a Cabeça da Igreja, a quem ninguém pode vencer, lá está Deus, Seu fundador.

Figura 16. São Paulo Apóstolo, rogai por nós!

Neste capítulo, deixamos fundamentado que Deus criou a Igreja e que deu a ela uma hierarquia. Demos, então, seguimento ao primeiro capítulo, na construção de um cercado, ainda que simples, para que esta árvore não seja vilipendiada; mas, mais uma vez reiteramos que a frase de São Paulo seja constantemente relembrada. Não abaixem a guarda! Busquem conhecer e amar cada vez mais a Igreja e sua Doutrina, tomando como exemplo os Santos!

As heresias acompanham a Igreja desde seu princípio e são muito bem elaboradas; elas continuam a perverter os fiéis e a instaurar confusões. Esperamos que, apesar disto, com este estudo tenha sido possível aprimorar suas armas. Nós continuaremos aprimorando as nossas até o dia em que formos chamados para o descanso eterno. Até lá, rogamos a Deus que nos dê a graça de combater o bom combate.

Atividades

1. Faça uma síntese de todo o Capítulo.

2. Defenda a Igreja da acusação de que existe salvação em outras religiões e que estas são boas.

3. Um senhor lhe indaga que Cristo quis fundar uma Igreja e que seu Reino é meramente escatológico. Apresente os argumentos de defesa contra essa afirmação.

4. Ao debater com um herege protestante, um jovem não consegue dar embasamento para explicar a importância e necessidade da Hierarquia Católica, ajude-o!

Lógica

Capítulo 1

Introdução à Filosofia

Usaremos neste estudo de Lógica a obra de Dom Thiago Sinibaldi, Elementos de Filosofia[265]. Antes, porém, de entrarmos no estudo da Lógica, analisaremos alguns aspectos da Filosofia.

1. Filosofia

FILOSOFIA (*philosophia)*, que no sentido etimológico significa *amor à Sabedoria*, pode definir-se como a Ciência que trata das causas supremas dos entes[266], descobertas pela luz natural da razão.

A Filosofia é Ciência, pois Ciência, em geral, é uma série de conhecimentos certos, coordenados e relativos a um determinado objetivo; que trata das **causas supremas dos entes**, pois esta Ciência não se ocupa das causas mais óbvias e próximas dos entes, mas sobre as mais elevadas ou supremas, descobertas pela luz natural da razão, visto que a Filosofia se eleva ao conhecimento das causas supremas, não com o auxílio da luz sobrenatural da Fé, mas sim da luz própria da razão.

Definição: A Filosofia é a Ciência que trata das causas supremas dos entes, descobertas pela luz natural da razão.
1) O que é Filosofia? 2) O que é Ente? 3) À qual luz recorremos para conhecer as causas supremas dos entes? 4) Memorize a definição de Filosofia e de Ente.

Obs: *Devido à importância e a complexidade do assunto, faremos as atividades ao longo do conteúdo, prezando pela memorização dos conceitos e a reflexão dos assuntos tratados nos parágrafos mais importantes. Isto será feito por meio destes quadros que serão inseridos entre os parágrafos. O gabarito das questões está no término deste volume.*

Quando nos referimos à CAUSA, dizemos, no sentido mais lato, que é tudo o que explica de algum modo o ente, e que, por isso, nos pode levar ao seu conhecimento. Em cada ente encontramos muitas e diversas causas, que o constituem ou de que depende ou que de algum modo o explicam. Estas causas, em cada gênero, estão por tal forma relacionadas e ordenadas, que uma depende da outra e todas de uma primeira, a qual é a razão suficiente de todas e a todas dá luz e firmeza. Nossa inteligência não se satisfaz com a superficial observação dos fatos, nem com a consideração das causas próximas ou ínfimas, mas eleva-se e progride sempre e não descansa, enquanto não chega às causas últimas e supremas, enquanto não descobre o último porquê da coisa, de modo que não tenha outras perguntas a fazer. Esta é a Filosofia.

As causas últimas são intrínsecas ou extrínsecas, conforme se referem à essência ou à existência do ente. Tanto as intrínsecas, como as extrínsecas, podem ser últimas relativamente (num certo gênero), ou absolutamente. São intrínsecas e relativamente últimas as leis do pensamento na ordem dos atos da inteligência e as leis morais na ordem dos atos da vontade; são causas intrínsecas e absolutamente últimas as essências dos entes. A causa extrínseca e absolutamente última de todos os entes finitos é Deus.

---

[265] SINIBALDI, Dom Thiago. **Elementos de Filosofia: Lógica, Ontologia e Cosmologia.** Roma, 1927.

[266] Ente (lat. ens, entis) é o que há de mais evidente, sendo por isso a primeira coisa que se conhece (primum cognitum); **ente são todas as coisas que têm ser** (por participação do Ser [Esse], que é Deus).

Definição: Causa é tudo o que explica de algum modo o ente, e que, por isso, nos pode levar ao seu conhecimento.
5) Pela razão conhecemos as causas dos entes. A Filosofia se ocupa de quais causas? 6) Quem é a causa extrínseca e absolutamente última de todos os entes? 7) Memorize a definição de causa.

A Filosofia chama-se comumente Ciência, e não Sabedoria. A razão é porque Ciência significa, em geral, **o conhecimento das causas dos entes**, mas a Sabedoria (*sapientia*) denota um certo saber ou gosto, que experimenta o nosso espírito, quando possui um perfeitíssimo conhecimento de uma coisa. Por isso, **a Sabedoria é um perfeitíssimo conhecimento das coisas, pelo qual as próprias coisas são percebidas em todas as suas causas, mesmo nas mais remotas, e em todos os seus princípios, mesmo nos mais elevados**. Ora como a razão humana, entregue a si mesma, dificilmente pode alcançar esse perfeitíssimo conhecimento, com muita exatidão e propriedade atribuímos a Filosofia a dignidade de Ciência e não de Sabedoria. Poderia objetar-se que a Filosofia é Sabedoria, porque a Sabedoria consiste no conhecimento da causa suprema e altíssima, que é Deus, e a Filosofia trata de Deus. Respondemos que a Filosofia seria simplesmente Sabedoria, se julgasse das coisas criadas pelo critério das coisas divinas: porque a Sabedoria é, propriamente, o conhecimento das coisas pela causa altíssima. Mas não é assim. Nós não julgamos das coisas criadas pelo critério das coisas divinas, mas, pelo contrário, julgamos das coisas divinas pelo critério das coisas criadas: isto é, não conhecemos as criaturas por meio de Deus, mas conhecemos Deus por meio das criaturas, e por isso o nosso conhecimento é Ciência, e não Sabedoria. Tal é a doutrina de Santo Tomás. Por isso o nome de Sabedoria convém propriamente à Teologia Revelada e, sobretudo, àquele dom sobrenatural que tem esse nome e consiste em julgar de todas as coisas em conformidade das relações que elas têm com Deus. Todavia, às vezes, Ciência e Sabedoria tomam-se do mesmo sentido.

A Filosofia chama-se comumente CIÊNCIA e não Sabedoria. 8) Por que a Filosofia é uma Ciência? 9) O que é a Sabedoria? 10) Por que a Filosofia não é Sabedoria? Explique o meio pelo qual conhecemos a Deus pela luz natural da razão.

2. Objeto da Filosofia

O objeto, pois, da Filosofia é constituído pelas *causas supremas* dos entes, enquanto são conhecidas pela luz natural da razão. Por isso, a Filosofia é só uma Ciência, porque, embora considere muitos e diversos entes, quer na ordem subjetiva quer na ordem objetiva, considera-os, contudo, sob um só aspecto, isto é, nas respectivas *causas supremas*, e distingue-se não só das Ciências *Naturais*, que se ocupam das causas próximas dos entes, mas também da Teologia *Revelada*, que se elevará à Causa Altíssima de todos os entes pela luz sobrenatural da Fé.

Definição: O objeto da Filosofia é constituído pelas **causas supremas dos entes**, enquanto são conhecidas pela luz natural da razão.
11) Qual é o objeto da Filosofia? 12) Em que sentido a Filosofia se difere das Ciências Naturais e da Teologia Revelada? 13) Memorize o objeto da Filosofia.

Em toda e qualquer Ciência deve distinguir-se um duplo objeto: *material* e *formal*. **O material é o ente que a Ciência atinge**: assim o corpo humano é o objeto material da Medicina, **o formal é a razão, o aspecto sob o qual e pelo qual a Ciência atinge o ente**; assim a sanidade é o objeto formal da Medicina, uma vez que esta Ciência não se ocupa de nosso corpo senão enquanto deve ser curado. O objeto formal é

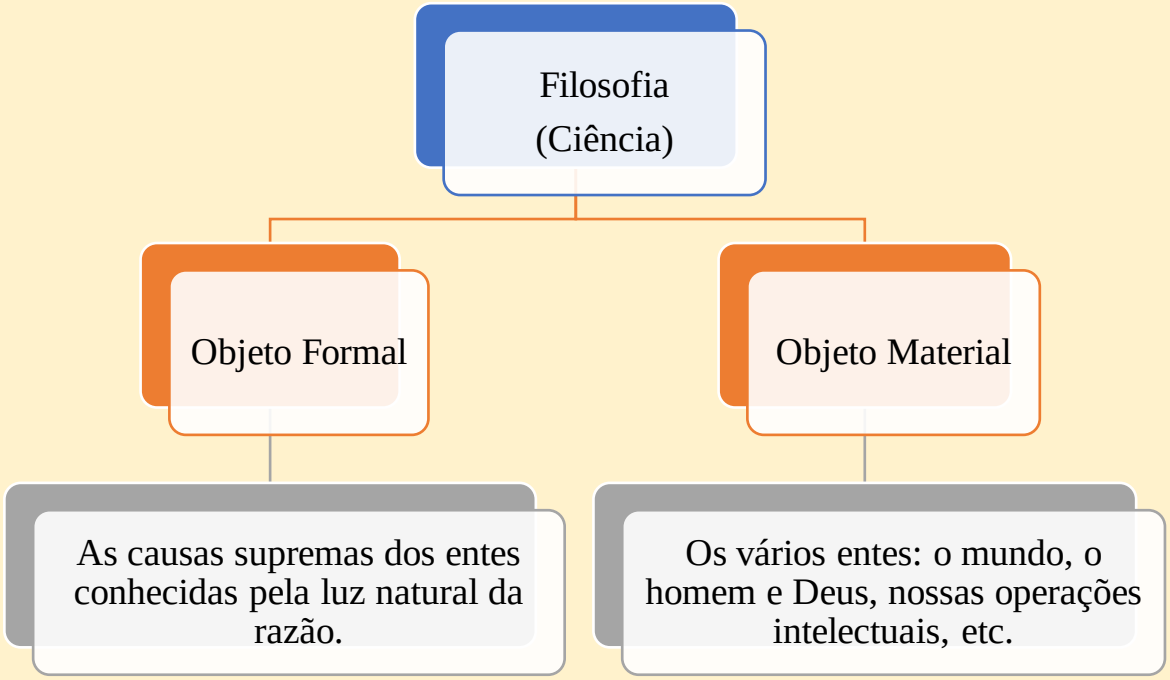
própria e verdadeiramente o objeto da Ciência. E é este o objeto e não o material, que dá às Ciências a **unidade e a espécie**:

– **a unidade**, pela qual a Ciência é e diz-se una, quando, embora trate de coisas materialmente diversas, considera-as sob um único aspecto; assim, por exemplo, a Zoologia é uma só Ciência, pois trata de vários seres sob a única razão de animalidade;

– **a espécie**, pela qual uma Ciência difere de outra, quando consideram o mesmo objeto material, embora o consideram sob diferente aspecto; assim a Anatomia distingue-se da Fisiologia, pois, embora se ocupem do mesmo corpo humano, a Anatomia considera a estrutura dele e a Fisiologia, as funções.

Feita esta distinção, percebemos que o objeto material da Filosofia é constituído pelos vários entes, que são o mundo, o homem, Deus, os atos da inteligência e da vontade, etc.; **e o objeto formal consiste nas causas supremas desses vários entes, enquanto são conhecidas pela luz natural da razão.** Por isso, a Filosofia, é uma só Ciência, pois considera tudo sob o mesmo único aspecto, e é especificamente diversa de todas as outras Ciências que consideram apenas as causas próximas dos esses – como as Ciências Naturais – ou consideram as causas supremas enquanto são conhecidas pela luz sobrenatural da Fé, como a Teologia Revelada.[267]

Em toda e qualquer Ciência deve distinguir-se um duplo objeto: material e formal.



14) O que é o objeto material?
15) O que é o objeto formal?
16) De qual objeto a Ciência se ocupa? Dê o exemplo da Medicina.
17) O que significa a unidade e a espécie das Ciências? Por que é o objeto formal que lhe dá estes aspectos?
18) Qual é o objeto material da Filosofia?
19) Qual é o objeto formal da Filosofia?

[267] É, pois, manifesto o erro de Larimiguière e de Jouffrouy, quando dizem que a Filosofia não tem um objeto próprio e determinado, e dos positivistas, quando afirmam que a Filosofia não é uma Ciência especial, mas é uma classificação de Ciências. As causas supremas, descobertas pela luz natural da razão, são o objeto formalmente próprio da Filosofia, que não compete a nenhuma outra Ciência. Da unidade e da espécie deste objeto deriva a unidade e a espécie desta Ciência. Os adversários partem do falso princípio que a unidade e a espécie de uma Ciência dependem da unidade e da espécie do objeto material, e não do objeto formal.

20) Memorize as definições de objeto material e objeto formal.

3. Divisão da Filosofia

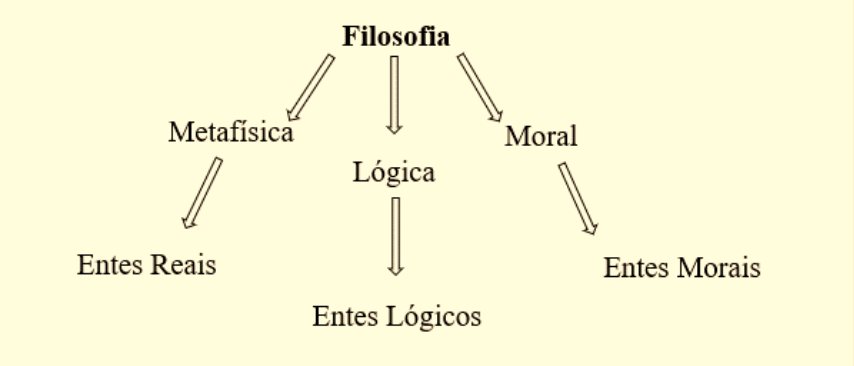
A Filosofia divide-se em três partes, que são a Lógica, a Metafísica e a Moral. Na verdade, as causas supremas dos entes, que esta Ciência investiga, podem referir-se ou aos entes objetivos, que não dependem de nós no seu ser, ou aos entes subjetivos que dependem de nós no seu ser, enquanto derivam da nossa inteligência, e são os entes lógicos, ou derivam da nossa vontade, e são os entes morais. Dos entes objetivos, considerados nas suas causas supremas, ocupa-se a Metafísica; dos entes lógicos, a Lógica; dos entes morais, a Moral. A Metafísica subdivide-se em quatro partes, que são a Ontologia, a Cosmologia, a Antropologia e a Teodiceia, conforme se ocupa do ente, considerado em geral, ou trata do mundo, do homem, de **Deus**.

A Filosofia divide-se em três partes: Lógica, Metafísica e Moral. As causas supremas dos entes, que a Filosofia investiga, referem-se:

- aos ***entes objetivos ou reais*** (que não dependem de nós no seu ser. Por exemplo: o mundo (toda a criação), os homens e Deus. Estes entes não dependem de nós para existirem).
- aos ***entes subjetivos ou lógicos*** (que dependem de nós no seu ser. Por exemplo: uma **ideia**, que é a representação intelectual de alguma coisa, ou seja, é uma imagem gravada na inteligência. Nesta imagem a inteligência vê a própria coisa que a ideia representa. Portanto, é um ente uma vez que existe, mas depende de nós, isto é, da nossa inteligência para existir).
- aos ***entes morais*** (que derivam da nossa vontade, logo também dependem de nós no seu ser. Por exemplo: o amor é um ato humano pelo qual a vontade se compraz no bem, que a inteligência lhe apontou como amável por si mesmo e honesto. O amor também é um ente que depende de nós no seu ser).

Os entes objetivos (ou reais) são objetos da Metafísica. Os entes subjetivos (ou lógicos) são objetos da Lógica. Os entes morais (que também dependem de nós em seu ser) são objeto da Moral.

Veja o esquema abaixo:



21) Quais são as três partes da Filosofia?
22) A Filosofia investiga as causas supremas de quais três tipos de entes?
23) Por que os entes objetivos (ou reais) não dependem de nós no seu ser? Por que os entes lógicos e morais dependem de nós para existirem?
24) Copie o esquema acima.
25) Memorize as três partes da Filosofia e os objetos de cada uma.

Diz Santo Tomás: **O ofício do homem sábio é ordenar** (isto é, dispor as coisas de modo que uma se refira à outra); porque a Sabedoria é a principal perfeição da razão, e é próprio desta faculdade conhecer a ordem... Ora a ordem refere-se à razão por quatro modos. Há uma ordem que a razão não estabelece, mas unicamente considera; tal é a ordem das coisas naturais. Há uma outra ordem que a razão, refletindo, estabelece nos próprios atos, quando coordena as suas ideias e os signos das ideias que são as palavras. Há

uma terceira ordem que a razão, refletindo, estabelece nas coisas externas que produz, por exemplo, numa casa. A ordem que a razão apenas considera nas coisas, mas não produz, é o objeto próprio da Filosofia Natural (a qual se reduz à Metafísica). A ordem que a razão estabelece nos atos próprios pertence a Filosofia Racional (que é a Lógica). A ordem que a razão estabelece nos atos da vontade pertence a Filosofia Moral (que é a Ética). A ordem, finalmente, que a razão estabelece nas coisas externas que produz pertence às Artes Mecânicas (daí a Filosofia das Artes, chamada Estética). Deste modo a Filosofia abrange quatro partes que são: a Lógica (Ciência da verdade subjetiva), a Metafísica (Ciência da verdade objetiva), a Estética (Ciência do belo), a Moral ou Ética (Ciência do bem). Como a Filosofia não trata ex professo das Artes Mecânicas, mas limita-se a expor os princípios do belo, a Estética pode reduzir-se à Metafísica, e assim teremos três grandes partes irredutíveis que são a Lógica, a Metafísica e a Moral. Note-se que o homem, embora seja um só ente pode, contudo, considerar-se sob um tríplice aspecto e assim ser objeto das três partes da Filosofia. O homem é um ser real e, como tal, é objeto da Metafísica, que o considera na sua natureza. É um ser racional, isto é, que raciocina, portanto, os atos da sua razão formam o objeto da Lógica, que os regula para a consecução da verdade. É um ser moral e os atos de sua vontade são o objeto da Moral, que os ordena para a *consecução do fim conveniente.*

4. Disposição das partes da Filosofia

A Lógica deve preceder às outras partes da Filosofia, **pois ensina as regras, que a nossa inteligência deve seguir, em toda e qualquer Ciência, para alcançar, provar e defender a verdade.** A Metafísica deve preceder a Moral; pois é pela consideração do mundo, do homem e de Deus, que chegamos a conhecer o princípio, o fim e a norma dos nossos atos morais. Na Metafísica estuda-se primeiramente a Ontologia que, tratando do ente em geral, subministra os princípios fundamentais de todas as Ciências. Depois a Cosmologia, porque a primeira realidade que se oferece à nossa consideração é o mundo exterior. Em seguida a Antropologia, não só porque o homem é a síntese de todos os entes visíveis, mas também porque ele reflete sobre ele mesmo depois de ter contemplado o mundo. Finalmente a Teodiceia, porque é pela consideração do mundo, e sobretudo do homem, que nos elevamos ao conhecimento da existência e das infinitas perfeições de Deus.

A ordem que seguimos na disposição das partes da Filosofia, pode chamar-se *doutrinal ou lógica*, porque corresponde ao progresso dos nossos conhecimentos. Pomos em primeiro lugar a Lógica, **porque, antes de raciocinar, o homem deve aprender as leis e o modo do raciocínio**. Por isso a Lógica deve prepor-se não só às outras partes da Filosofia, mas também a todas às outras Ciências, porque em todas se emprega o raciocínio. Outros escritores, seguindo a ordem ontológica, principiam pela Ontologia, porque esta parte da Metafísica trata das primeiras e universalíssimas ideias e propriedades de todas as coisas, e considera os primeiros e supremos princípios de todas as Ciências. Mas como poderemos nós raciocinar acerca do ente e seus atributos se não conhecemos o modo de raciocinar legitimamente? Outros, como Gratry, seguindo a ordem da dignidade, sustentam que o estudo da Filosofia deve principiar pela Teodiceia, porque, dizem, Deus é o Ser absoluto e necessário, de quem todas as coisas recebem a inteligência e a inteligibilidade. Mas estes escritores confundem a ordem da realidade com a ordem do conhecimento. Deus é o primeiro ente na ordem da realidade, porque tudo deriva Dele: mas não é o primeiro ente na ordem do conhecimento, porque é pelas criaturas que subimos ao Criador. Outros, e são os Cartesianos, seguindo a ordem psicológica, começam pela Psicologia (que é uma parte da Antropologia); porque, dizem, sendo as faculdades da alma os meios de que, como de instrumentos, o homem se serve para alcançar a verdade, é necessário conhecer primeiramente essas faculdades e por isso a essência da alma, de que derivam. Mas a razão aduzida não é convincente. Do fato das faculdades da alma serem os instrumentos de que nos servimos para a consecução da verdade, não se segue que, para o reto uso dessas faculdades, seja necessário conhecê-las na sua natureza e no seu princípio: porque, para isso, basta que se admita a sua existência e o

seu reto e legítimo modo de operar, assim como, para o reto uso de um instrumento, não é preciso que se conheça a qualidade da matéria de que foi feito, mas basta que se conheça a sua virtude ou operação natural, e o modo porquê se emprega.

A Lógica deve ser a primeira parte da Filosofia a ser ensinada, **pois ensina as regras que a nossa inteligência deve seguir em toda e qualquer Ciência, para alcançar, provar e defender a verdade.** Pomos em primeiro lugar a Lógica **porque, antes de raciocinar, o homem deve aprender as leis e o modo do raciocínio**.

Ordem imutável das partes da Filosofia:

26) Mostre o motivo pelo qual a Lógica deve preceder todas as outras Ciências.
27) Por que não podemos começar pela Ontologia, pela Teodiceia e pela Psicologia?
28) Explique a ordem que deve ser seguida para o conhecimento correto das coisas.
29) Como se chama à ordem seguida no texto?

5. Relação entre a Filosofia e as Ciências Naturais

A Filosofia é mais excelente que as Ciências Naturais – A excelência de uma Ciência mede-se pela excelência do objeto de que trata e do fim que atinge. Ora, o objeto da Filosofia, enquanto teórica ou especulativa, é mais excelente que o objeto das Ciências Naturais, pois a Filosofia considera o mundo, o homem, Deus, e considera estes seres nobilíssimos nas causas ou razões supremas e remotas, ao passo que as Ciências Naturais ou não se ocupam destes objetos ou se ocupam apenas de alguns deles (do mundo, do homem), limitando-se a descobrir as causas ou razões mais óbvias e próximas. O fim que a Filosofia, enquanto prática, atinge e que é a consecução do fim último, isto é, do Bem infinito na ordem natural, é superior ao fim, que as Ciências Naturais atingem e que é a consecução de um bem material ou temporal. Logo a Filosofia é mais excelente que as Ciências Naturais.

Podemos estabelecer a nossa tese sobre outra base. O grau de perfeição ou excelência de uma Ciência depende do seu grau de abstração. Uma Ciência é tanto mais perfeita, quanto mais é abstrata. Ora, nenhuma Ciência é mais abstrata que a Filosofia; e por isso essa excede, em excelência, todas as outras Ciências.

A Filosofia é mais excelente que as Ciências Naturais.

30) Por que a Filosofia é mais excelente que as Ciências Naturais?
31) Do que depende os graus de perfeição ou excelência de uma Ciência?

A Filosofia é necessária para a compreensão das Ciências Naturais – **As causas dos entes estão por tal modo coordenadas entre si, que as mais óbvias e próximas dependem das supremas e remotas**. Sendo assim, é claro que as Ciências Naturais, que têm por objeto as mais óbvias ou próximas causas, somente na Filosofia, que tem por objeto as causas supremas ou remotas, podem encontrar a última razão das suas questões, o termo último das suas investigações, pois as razões próximas dependem das supremas, e destas recebem a inteligibilidade e a certeza. Logo, a Filosofia é necessária para a compreensão das Ciências Naturais.

A Filosofia, tendo por objetivo próprio e específico as causas supremas das coisas, descobre e ensina os princípios primeiros e universais, que devem servir de fundamento a todas as Ciências. Por isso, além

de ser vínculo que liga e reúne em uma síntese grandiosa e admirável todas as Ciências Humanas, é absolutamente necessária para a compreensão, isto é, para o perfeito conhecimento das outras Ciências. Por exemplo, é necessária para a compreensão da Matemática. Na verdade, à Matemática procede sempre pela abstração e pelo raciocínio, mas é a Filosofia que, além de dar a Matemática os primeiros princípios, que são a base de toda a Ciência, forma o espírito para o raciocínio e para a abstração. É necessária para a compreensão da Física, pois, a Física, por se basear na observação e indução e estudar as causas próximas dos fenômenos sensíveis, não pode prescindir da Filosofia, que determina as condições e as regras da observação e da indução, e se eleva à Causa Primeira e absolutamente Suprema. É necessária para a compreensão do Direito Positivo[268], pois o Direito Positivo funda-se no Direito Natural que é o objeto da Filosofia Moral.

A Filosofia é necessária para a compreensão das Ciências Naturais – **As causas dos entes estão por tal modo coordenadas entre si, que as mais óbvias e próximas dependem das supremas e remotas.**
32) Mostre o motivo de dizermos que a Filosofia é necessária para a compreensão das Ciências Naturais.

6. Relações entre a Filosofia e a Teologia Revelada

Sobre a relação entre a Filosofia e a Teologia Revelada, gostaríamos de destacar dois pontos: a Filosofia é uma Ciência independente da Teologia Revelada e a Filosofia é inferior, em dignidade, à Teologia Revelada.

Para explicar o primeiro ponto, basta percebermos que uma Ciência é independente da outra quando não recebe desta, nem os princípios em que se funda, nem as conclusões que deduz, nem os meios de que se serve para deduzir dos princípios as conclusões. Ora, a Filosofia não recebe da Teologia nem os princípios, nem os meios, nem as conclusões. Os princípios da Filosofia são conhecidos pela luz natural da razão; as conclusões são deduzidas destes princípios e os meios são o silogismo e a indução, porque estes são formados à luz dos mesmos princípios racionais. Por isto, a Filosofia independe da Teologia Revelada.

A Filosofia é uma Ciência independente da Teologia Revelada e é inferior a esta.
33) De que modo podemos dizer que a Filosofia é uma Ciência independente da Teologia?

A Filosofia pertence ao grupo das Ciências Racionais, isto é, daquelas Ciências que a razão forma através das suas forças naturais, e, por isso, é uma Ciência autônoma, independente de toda e qualquer Ciência, mesmo da Teologia Revelada. De fato, a Filosofia já existia, quando apareceu a divina luz do Cristianismo, e não pode dizer-se que, ao aparecer desta luz, ela perdesse a própria independência; visto que Nosso Senhor Jesus Cristo veio a este mundo, não para destruir a natureza, mas para a aperfeiçoar e enobrecer. E todos sabem que, quando no meado do século XIX, dois escritores franceses, Bonald e Lamennais, pretenderam obrigar a razão humana a pedir os primeiros princípios e os primeiros motivos de certeza à Revelação sobrenatural, a Igreja, não só não aceitou, mas reprovou e condenou essa pretensão. A ordem natural não pode fundar-se na ordem sobrenatural; cada uma tem as suas bases. Mas daqui não se segue que a Filosofia deva prescindir da Teologia Revelada ou da Fé. É permitido a razão do filósofo seguir os próprios princípios e as suas livres tendências, sem que seja dirigida, de um modo positivo ou direto, pela Revelação, contanto que não contradiga as verdades divinamente manifestadas e não invada a esfera superior da Teologia. É uma subordinação indireta, que não se opõe a autonomia. Diz o Concílio Vaticano I:

[268] Posteriormente, em uma disciplina própria de Fundamentos do Direito, veremos uma distinção mais detalhada entre Direito Positivo e Direito Natural, por hora, basta-nos saber que a diferença é que o Direito Natural independe do Estado ou de leis, sendo inerente a todo o ser humano, possuindo caráter universal, imutável e atemporal.

"A Fé não proíbe as Ciências de servirem-se, cada uma na sua esfera, dos seus princípios próprios e do seu método particular; mas, embora reconheça sempre esta justa liberdade, vela com cuidado para que não aceitem erros, metendo-se em oposição com a doutrina divina, nem invadam e perturbem, saindo dos seus limites, a esfera e as verdades da Revelação" (Constituição *Dei Filius*).

A Filosofia pertence ao grupo das Ciências Racionais, isto é, daquelas Ciências, que a razão forma através de suas forças naturais. A ordem natural não pode fundar-se na ordem sobrenatural; cada uma tem as suas bases.
34) Explique o erro dos franceses Bonald e Lamennais a respeito da autonomia da Filosofia. 35) Qual é o limite que o filósofo tem em relação à Teologia? 36) Copie o artigo do Concílio Vaticano I.

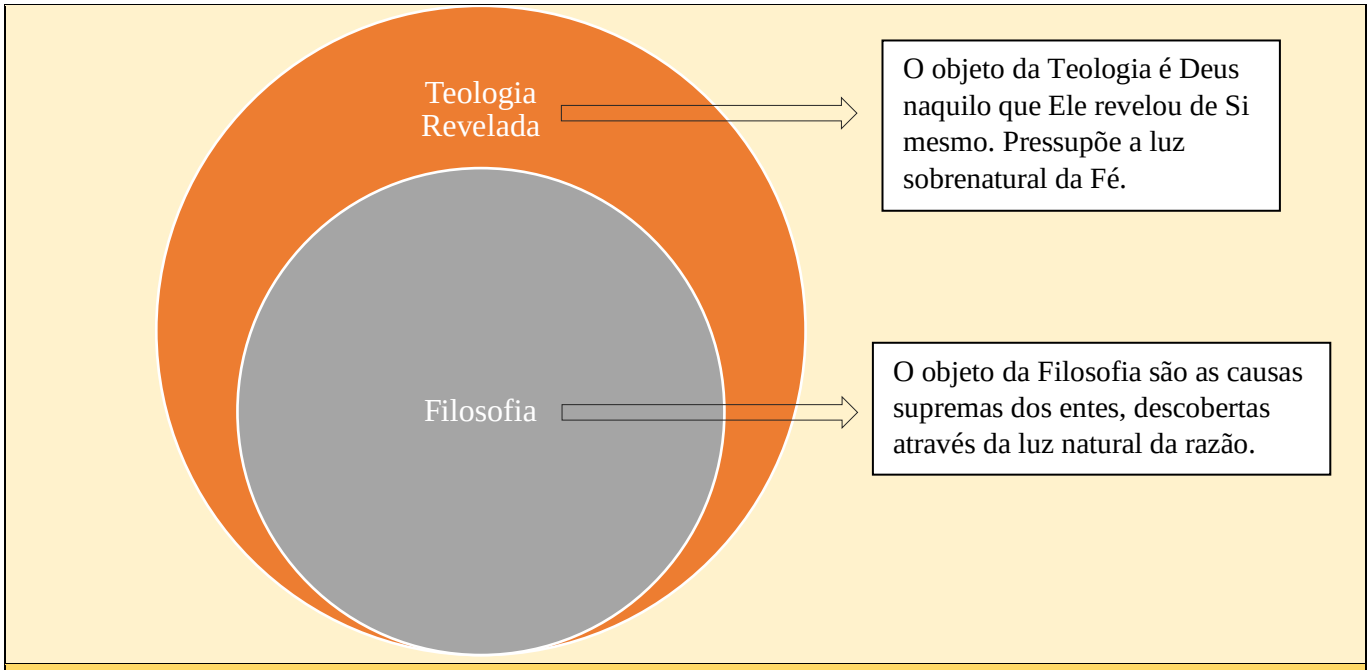
Pelo segundo ponto dizemos que a Filosofia é inferior, em dignidade, que a Teologia Revelada. É inferior quanto ao objeto, pois a Filosofia, mesmo que pela luz natural da razão, se eleve às causas supremas e até à Causa absolutamente primeira, não descobre senão poucas verdades relativas a Deus e de um modo muito imperfeito; ao passo que a Teologia Revelada, guiada pela luz sobrenatural da Fé, descobre muitas outras verdades relativas a Deus, que transcendem a capacidade de toda a inteligência criada.

É inferior quanto a certeza, pois a Filosofia é guiada no conhecimento dos princípios e na dedução das conclusões, pela luz natural da razão, que pode enganar-se e muitas vezes se engana; ao passo que a Teologia é guiada no conhecimento dos princípios, que são os artigos da Fé, pela luz da Ciência Divina, que não se engana e não pode enganar e na dedução das conclusões, pelo menos das que se relacionam com esses artigos, pelo Magistério infalível da Igreja.

É inferior quanto ao fim, pois a Filosofia dispõe o homem para o fim último natural, que consiste na contemplação de Deus pelas criaturas, ao passo que a Teologia Revelada ordena o homem para o fim último sobrenatural, que consiste na visão intuitiva de Deus.

Por estes três motivos a Filosofia é inferior à Teologia. Além disto, Santo Tomás demonstra que à Teologia, especulativa e prática, é superior, em dignidade, a todas às outras Ciências, especulativas e práticas, que se guiam pela luz natural da razão. Adverte o Santo Doutor que as dúvidas e incertezas que se levantam no nosso espírito acerca de um ou outro artigo de Fé, nascem, não da incerteza objetiva dos mesmos artigos, mas da fraqueza subjetiva da inteligência criada (*Sum. Th. P. 1, q. 1, a. 5).*

A Filosofia é inferior em dignidade à Teologia Revelada. A luz natural da razão se eleva às causas supremas e até a Causa primeira de um modo muito imperfeito. É pela luz sobrenatural da Fé que descobrimos as verdades mais sublimes de Deus. **Ordem de dignidade das Ciências:**



37) Por que a Filosofia é inferior à Teologia quanto ao objeto estudado?
38) Por que a Filosofia é inferior à Teologia quanto ao conhecimento dos princípios?
39) Por que a Filosofia é inferior à Teologia quanto ao fim?
40) Segundo Santo Tomás, de onde surgem as dúvidas acerca dos artigos de Fé?

7. Utilidade da Filosofia

Uma vez que se constata que a Teologia é superior à Filosofia, pode-se perguntar o porquê de se estudar Filosofia ou qual sua utilidade. A esta questão respondemos que o estudo da Filosofia é utilíssimo para o indivíduo e para a sociedade.

Para o indivíduo é utilíssimo, pois a Filosofia aperfeiçoa as mais nobres faculdades de que o homem é dotado que são a inteligência e a vontade. Aperfeiçoa a inteligência, elevando-a ao conhecimento das causas supremas dos seres criados, e até ao conhecimento do próprio Deus. Aperfeiçoa à vontade, guiando-a pela prática das virtudes morais à consecução da felicidade eterna, ainda que na ordem natural.

Parece evidente que a Filosofia aperfeiçoa a inteligência, mas nem todos pensam que também aperfeiçoa à vontade, o que é ainda mais importante. A retidão da vontade é imensamente mais preciosa, mais útil, mais necessária que a ilustração da inteligência. Toda a perfeição da nossa vontade, mesmo na ordem natural, resume-se e consiste no amor ao Sumo e Infinito Bem. Este amor desperta-se e aumenta à vista das perfeições criadas, enquanto estas são um reflexo das infinitas perfeições de Deus. Se são amáveis as criaturas, infinitamente mais amável é o Criador.

O estudo da Filosofia é utilíssimo ao indivíduo, pois aperfeiçoa as mais nobres faculdades de que o homem é dotado que são a inteligência e a vontade.

41) De que modo o estudo da Filosofia aperfeiçoa a inteligência?
42) De que modo o estudo da Filosofia aperfeiçoa à vontade?
43) Por que o aperfeiçoamento da vontade é ainda mais importante que o aperfeiçoamento da inteligência?
44) Memorize o motivo pelo qual a Filosofia é utilíssima ao indivíduo.

E para a sociedade também é utilíssima pois, a sociedade, sendo uma reunião de indivíduos para o alcance de um bem comum, exige o concurso eficaz e proporcionado de todos seus membros. Tal concurso dos membros da sociedade consiste na soma de forças, especialmente morais, com que eles conspiram para o fim e que derivam da aplicação dos princípios da verdade e da moralidade. Estes princípios da verdade e da moralidade, de cuja aplicação derivam as forças morais, são ensinados e inculcados pela Filosofia, por isso, a Filosofia é utilíssima para a sociedade.

Os costumes correspondem às ideias. Se isto se verifica nos indivíduos, muito mais se verifica na sociedade: porquanto, se os indivíduos podem estar e estão, mais ou menos, em contradição consigo mesmos, as multidões seguem sempre o impulso dos seus princípios. Negai Deus, o livre arbítrio, a propriedade; e vereis a que pode chegar e chega uma sociedade. Daí a insipiência dos homens políticos, que proíbem a liberdade da ação, e depois permitem a liberdade do pensamento. É a Filosofia que dirige o mundo. O conflito dos interesses das paixões nasce, muitas vezes, de uma ideia que um escritor lançou no seio da sociedade e que parecia dever ficar sempre no campo da abstração. A Filosofia é sempre a luz da história. Se quisermos conhecer a civilização de um povo ou de uma época, devemos examinar a maneira porque esse povo ou sua época compreendeu o direito, a autoridade, a liberdade, etc. É na Filosofia de Sócrates, de Platão e de Aristóteles que deve procurar-se a inteligência da História Grega nos séculos V e VI antes de Cristo, como nas teorias de Epicuro se encontra a explicação da corrupção e da decadência, que se seguiram. As glórias do século XIII coincidem com a grande época da Filosofia Escolástica. Foi o espiritualismo cristão de Descartes, de Bossuet, de Malebranche, de Leibnitz e de tantos outros, que fez o século de Luiz XIV. É impossível ter uma ideia exata da Revolução Francesa e dos princípios que a inspiraram, se não se conhece a Filosofia do século XVIII. A teoria que o capital é um roubo não tem sido e não é hoje porventura, a causa da revolução social, que ameaça cobrir o mundo de sangue e de ruínas? Podemos, portanto, concluir que a história do mundo é a história das suas ideias.

O estudo da Filosofia é utilíssimo também para a sociedade. Esta é a reunião de indivíduos para o alcance de um bem comum.

45) Como o estudo da Filosofia beneficia a sociedade? E como as ideologias podem pervertê-la?
46) Por que podemos concluir que a história do mundo é a história das suas ideias?

8. Disposições para o estudo da Filosofia

Segundo Dom Thiago Sinibaldi, as principais disposições são três: oração humilde e fervorosa, grande pureza de coração e ardente amor da verdade. É necessária a oração, pois, sendo Deus o Senhor das Ciências, o Pai das luzes, a Ele deve recorrer quem deseja a sapiência. É necessária a pureza de coração, pois, um coração que se arrasta no lodo das mais vis paixões não pode elevar-se à contemplação de coisas nobilíssimas, como são as que trata a Filosofia. É necessário o amor da verdade, pois, só este amor provoca o desejo de saber, conforta as forças e vence as dificuldades, subordina as ideias às coisas e não as coisas às ideias, e, se detesta o erro, ama sinceramente o errante.

As principais disposições para o estudo da Filosofia são: I) oração humilde e fervorosa, II) grande pureza de coração, III) e ardente amor da verdade.
47) Por que a oração, a pureza e o amor da verdade são essenciais ao estudo da Filosofia? 48) Memorize as disposições para o estudo da Filosofia.

9. Fontes da Filosofia

Sendo a Filosofia o conhecimento natural dos entes pelas causas supremas, é claro que as suas legítimas fontes devem ser os livros dos escritores que trataram, com verdade e sapiência, os grandes problemas relativos ao mundo, ao homem, à Deus. Sobre todos os escritores levanta-se, como o Sol entre os outros astros, o grande Santo Tomás de Aquino, a quem, pela sublimidade de talento e pela inocência de vida, a Igreja deu o nome de Doutor Angélico. Tudo o que de verdade se encontra nos escritos dos filósofos pagãos, dos Padres e Doutores da Igreja, e de todos os sábios que o precederam, Santo Tomás não só conheceu perfeitamente, mas argumentou, completou e ordenou com tal firmeza de princípios, com tal severidade de raciocínio, com tal perspicuidade e propriedade de linguagem, que a sua doutrina não só resolve e esclarece os mais árduos problemas, mas se adapta maravilhosamente às necessidades de todos os tempos, e tem a força de refutar todos os erros passados, presentes e futuros. Levado por esses motivos, o Santo Padre Leão XIII declarou Santo Tomás de Aquino *Patrono de todas as escolas católicas*.

Alguns dizem que a filosofia de Santo Tomás envelheceu, que não corresponde às necessidades de nossos tempos, nem conserva a força e a eficácia necessária para confutar os adversários da verdade. Mas erram. Santo Tomás não deduz as suas conclusões senão dos princípios e da essência das coisas, e, como os princípios são imutáveis e as essências necessárias, também as conclusões são imutáveis e necessárias. Por isso, a doutrina do Angélico satisfaz as necessidades e exigências da mente humana em todo e qualquer tempo, e tem a eficácia de confutar todas as dificuldades dos adversários, em todos os tempos. A Filosofia Escolástica, de que Santo Tomás é o principal representante, foi chamada justamente a *Filosofia do Senso Comum*, e, por isso, deve ser seguida por todos que ainda não renunciaram a esse bom senso.

Nem se diga que a Filosofia de Santo Tomás é contrária às descobertas e ao progresso das Ciências Naturais. Santo Tomás não só não é contrário às Ciências Naturais, mas, ensinando que a nossa inteligência não pode elevar-se ao conhecimento das coisas imateriais senão pelo conhecimento das coisas materiais, ensinou, ao mesmo tempo, com a palavra e o exemplo, que o filósofo deve investigar diligentemente os segredos da natureza e ocupar-se do estudo das Ciências Físicas. Os melhores cientistas confessam que entre os princípios da Escolástica e as descobertas certas das Ciências Naturais não só não existe verdadeira oposição, mas, pelo contrário, reina a mais perfeita harmonia. E se houvesse, num caso determinado, uma verdadeira e averiguada oposição (o que não é impossível, pois as Ciências Naturais não tinham, no século XIII, o desenvolvimento que têm hoje), o filósofo, amigo unicamente da verdade, não deveria ter dúvida

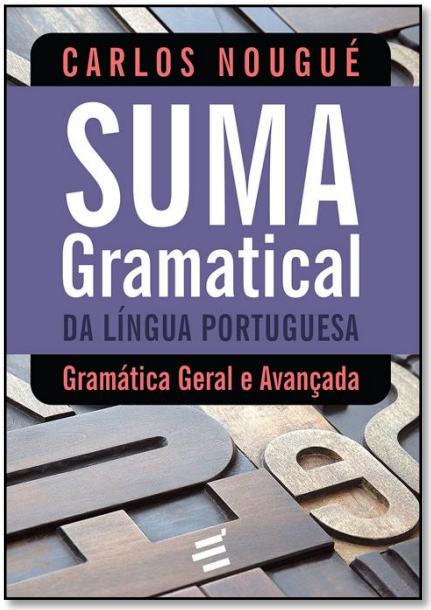
em rejeitar uma conclusão, embora defendida pelos mais afamados mestres, ou pelo próprio Santo Tomás. É esta a norma inculcada pelo mesmo Santo Padre Leão XIII na célebre encíclica *Aeterni Patris* (4 de agosto de 1879).

49) Por que Santo Tomás de Aquino é "o Sol entre os outros astros"?
50) Por que a Filosofia de Santo Tomás jamais se tornará obsoleta?

Começaremos agora o estudo da Lógica propriamente dito.

Gramática

Quarta parte: Morfologia, ou tratado da forma das palavras na Língua Portuguesa (Páginas 119-198)



Suma Gramatical de Carlos Nougué.
Fonte: É Realizações.

Neste volume estudaremos a terceira parte da Gramática, de Carlos Nougué. Para alcançar tal fim, propomos que realize a revisão de alguns tópicos gramaticais e amplie seus conhecimentos, ao mesmo tempo em que avança na leitura da Suma.

Após a leitura preliminar, leia novamente, pausadamente, e realize os exercícios postulados no final desta disciplina.

Para recordar e aprofundar:

Recordaremos alguns conceitos fundamentais da gramática, vistos ao longo dos anos fundamentais, para que, além de recordar, seja possível aprofundar seus conhecimentos sobre estes conceitos morfológicos e até mesmo repensar tudo o que foi aprendido.

Morfologia

Ao contrário do que dizem a Linguística e, ao menos, a quase totalidade dos gramáticos dos últimos tempos, A PALAVRA É A UNIDADE SIGNIFICATIVA MÍNIMA DA LINGUAGEM. Pois bem, enquanto estuda a palavra como unidade significativa mínima da *linguagem*, a morfologia em verdade não faz senão repetir as conclusões da Lógica. Enquanto, todavia, estuda a palavra como unidade significativa mínima da *língua*, a Morfologia está em terreno próprio – ainda que sempre de algum modo subalternado ao da Lógica.

(NOUGUÉ, 2015, p.126)

Um dos primeiros temas, núcleo dos estudos morfológicos, é a noção sobre o radical. Recorde com atenção.

Radical

RADICAL é o mesmo NÚCLEO LEXICAL da palavra. Mais que isso, porém, nas seguintes séries:

- ✓ *pedr-a, pedr-inh-a, pedr-ada, pedr-eir-o, pedr-e-g-ulh-o, a-pedr-ej-ar, etc.;*
- ✓ *bel-a, bel-íssim-o, bel-eza, bel-a-mente, em-bel-ez-ar, em-bel- ez-a-mento, etc.,*

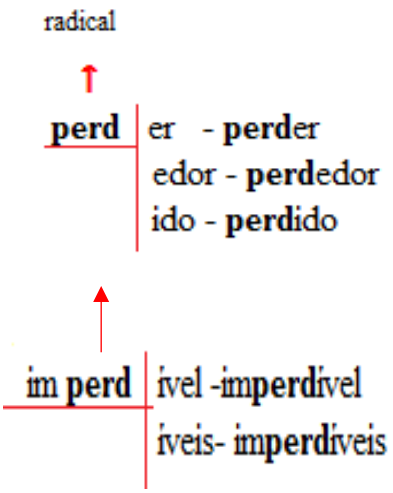
Podem ver-se os radicais *-pedr-* e *-bel-* em sua função de núcleo lexical a que se filiam uma FAMÍLIA DE PALAVRAS. Nem sempre, todavia, o radical se mantém intacto como nas séries acima. Não raro, em razão de alterações fonéticas de diferente tipo, apresenta uma ou mais variantes. Tome-se o caso do radical *-faz-*, que se filiam, por exemplo:

- ✓ *faz-e-r, fác-il, in-fec-to, di-fíc-il, per-fei-to, etc.*

Como se vê, RADICAL é a raiz ATUAL de uma família de palavras em determinada língua.

(NOUGUÉ, 2015, p.141)

Observe estes outros exemplos:

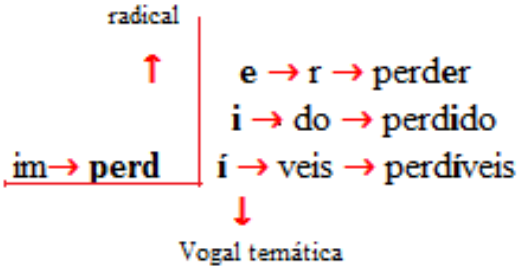


Vogal temática

A VOGAL TEMÁTICA serve precipuamente para dividir os substantivos e os verbos portugueses em distintos grupos. É mero instrumento gramatical.

(NOUGUÉ, 2015, p.142)

Exemplos:



Vogais temáticas dos verbos: **-a**, **-e**, **-i**, vogais que caracterizam as conjugações verbais.

Exemplos:

cant**a**r	vogal temática **a**	1ª conjugação
perd**e**r	vogal temática **e**	2ª conjugação
part**i**r	vogal temática **i**	3ª conjugação

Vogais temáticas dos nomes: **-a**,**-e**, **-o**, quando em posição final e átona.

Exemplos:

banan**a**, mes**a**, laranj**a**, cobr**a**

leit**e**, verd**e**, estudant**e**, mestr**e**

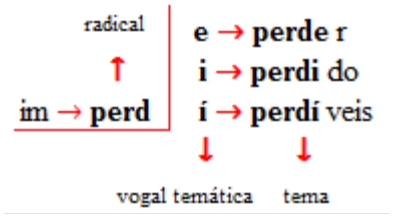
banc**o**, son**o**, bel**o**, menin**o**

Tema

TEMA é o segmento da palavra formado de *radical* mais *vogal temática*. Assim, do radical *cas-* mais a vogal temática nominal *a* se obterá o tema *casa*.

(NOUGUÉ, 2015, p.155)

Exemplos:



Desinência

DESINÊNCIA: Ser masculino, feminino ou neutro, singular ou plural, de primeira ou de segunda pessoa, deste ou daquele tempo, e pertencer a este ou àquele paradigma gramatical, nada disso constitui diferença essencial entre as coisas. Por essa razão é que, para significá-lo, convinha manter a *mesma* palavra com *variações* ao fim do radical. São os **Acidentes** das palavras, e dividem-se em sufixos flexionais (ou desinências) e em *vogais temáticas*.

(NOUGUÉ, 2015, p.142)

Há, portanto, dois tipos de desinências:

Nominais: indicam, respectivamente, o gênero e o número dos nomes (substantivos, adjetivos, numerais e pronomes).

Exemplo:

meninas →	menin	a	s
	↓	↓	↓
	radical	desinência de gênero	desinência de número

Verbais: são as desinências que indicam número, pessoa, modo e tempo.

Exemplo:

cantávamos →	cant	á	**va**	**mos**
	↓	↓	↓	↓
	Radical	Vogal temática	Desinência modo temporal (DMP)	Desinência número-pessoal (DNT)
	Tema			

Afixos

Existem morfemas que, acrescentados ao radical, formam palavras novas: afixos.

Há dois tipos de afixos: um que aparece antes do radical (**pre**fixo) e outro após, depois do radical (**su**fixo):

Prefixos: são os afixos colocados antes do radical.

Exemplos:

in	+	feliz	**in**feliz
prefixo		radical	palavra nova

Sufixos: são os afixos colocados após o radical.

Exemplos:

feliz	**+**	**mente**	feliz**mente**
radical		sufixo	palavra nova

⚜ Responda as questões abaixo:

1. O que é morfologia?
2. Exemplifique o que são morfemas.
3. Qual é a definição de radical?
4. Qual a função de vogal temática?
5. Qual a definição de tema?
6. Qual a definição de afixo?

⚜ Observe a frase:

"O pai tem procurado adoradores que O adorem em Espírito e em Verdade" (Jo 4)

a. Identifique os morfemas presentes na palavra "adoradores".

b. Identifique os morfemas presentes nas palavras "procurado" e "adorem".

⚜ Identifique os tipos de morfemas destacados:

a. **Sant**idade

b. Cast**i**dade

c. **In**constante

d. Tenaz**mente**

e. Mor**re**r

f. **Amo**r

g. **Reza**va

Formação das palavras

Quando estudamos os morfemas, iniciando os estudos morfológicos, começamos a entender como as palavras são constituídas. Para aprofundar seu conhecimento, agora você estudará os processos de formação de uma palavra.

Dois processos de formação

O léxico de uma língua é dinâmico. Há palavras que caem em desuso, outras adquirem novos significados e há ainda aquelas que vão sendo criadas de acordo com novas necessidades. Na formação de palavras, a língua portuguesa obedece, basicamente, a dois processos: derivação e composição.

Derivação

DERIVAÇÃO: são as seguintes as principais notas de derivação própria, ou seja, a sufixal:

- os sufixos sempre se propõem ao radical ou ao tema, ou seja, sempre se encontram ao final do vocábulo;
- trazem menos carga semântica ao radical ou ao tema do que fazem tanto os prefixos como, sobretudo, na composição mais propriamente lexical, os radicais;
- a palavra *derivada* continua na mesma família que o radical ou o tema *primitivos*;
- são os instrumentos próprios para construir famílias vocabulares com presença nas classes fundamentais. Com efeito, pelos chamados sufixos nominais criam-se substantivos e novos adjetivos: por exemplo, de santo (substantivo) criam-se santi**dade** (substantivo) e Santíssimo (adjetivo);
- pelos chamados sufixos verbais criam-se novos verbos: por exemplo, de santo, santific**ar**, de belo, embeleza**r**, de puro, purific**ar**;
- pelo único sufixo adverbial, mente, criam-se novos advérbios: por exemplo, de bela belamente, de caridosa, caridosamente, de tranquila, tranquilamente.

(NOUGUÉ, 2015, p.176)

Derivação é o processo pelo qual palavras novas são criadas a partir de outras já existentes na língua. As palavras novas são denominadas **derivadas** e as que lhes dão origem, **primitivas.**

⚜ Apresente três exemplos de palavras derivadas e três de palavras primitivas.

Há vários tipos de derivação, isto é, palavras que vão derivar de outras, e podem ocorrer por meio de um dos seguintes processos:

Composição prefixal

Como pode conferir, uma derivação ocorre por prefixação quando à palavra primitiva é acrescentado um prefixo (uma pequena estrutura que se fixa antes do radical).

Exemplo:

in	+	feliz	→	**in**feliz
prefixo		palavra primitiva		palavra nova (derivada)

⚜ Relembre e escreva três exemplos de palavras derivadas por prefixação.

Este tópico, como você observará na Suma Gramatical, apresenta diversidade de nomeação entre os gramáticos, sendo mais logicamente classificado como uma forma de composição e não de derivação, como demonstra Nougué e como estudará mais adiante:

> PREFIXAÇÃO: A primeira espécie de composição é, pois, a prefixação. Os prefixos, que de modo geral são partes morfológicas de origem ou prepositiva ou adverbial (as quais podem ou não ter vida própria na língua atual como preposições ou como advérbios), modificam com sua carga semântica mais ou menos precisa o sentido do tema primitivo, para assim formar a nova palavra.
>
> (NOUGUÉ, 2015, p.158)

Derivação sufixal ou derivação por sufixação

A derivação ocorre com o acréscimo de sufixo à palavra primitiva (uma pequena estrutura que se fixa depois do radical).

Exemplo:

feliz	+	**mente**	→	feliz**mente**
palavra primitiva		sufixo		palavra nova (derivada)

⚜ Relembre e escreva três exemplos de palavras derivadas por sufixação.

Derivação prefixal e sufixal

A derivação prefixal e sufixal ocorre com o acréscimo de prefixo (antes do radical) e sufixo (depois do radical).

Exemplo:

in	+	feliz	+	**mente**	→	**in**feliz**mente**
prefixo		palavra primitiva		sufixo		palavra nova (derivada)

⚜ Relembre e escreva três exemplos de palavras derivadas por prefixação e sufixação.

Derivação parassintética

> PARASSÍNTESE: em português, a parassíntese consiste na simultaneidade de composição por prefixação e de derivação própria (ou sufixal) sobretudo para formação de novos verbos, quer de base substantiva, quer de base adjetiva.
>
> (NOUGUÉ, 2015, p.185)

Diferente das derivações anteriores aprendidas, a parassíntese ocorre com acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo. Não existe a palavra nem apenas com o prefixo nem só com o sufixo, os dois processos ocorrem **necessariamente** ao mesmo tempo.

Exemplo:

em	+	pobr(e)	+	**ecer**	→	**em**pobre**cer**
prefixo		palavra primitiva		sufixo		palavra nova (derivada)

(esta palavra existe apenas com os dois afixos: prefixo e sufixo)

Não existe a palavra *pobrecer* e não existe *empobre*, mas sim empobrecer (junção do prefixo **em** + sufixo **ecer**).

⚜ Pesquise e registre em seu caderno três exemplos de palavras derivadas por parassíntese.

Derivação regressiva

DERIVAÇÃO REGRESSIVA: Na chamada derivação regressiva ocorre o exato oposto do que se da na derivação flexional: o vocábulo derivado resulta não da ampliação do derivante, mas de sua redução por subtração de um segmento qualquer de seu final.

- Pela derivação regressiva forma-se de verbos grande quantidade de substantivos: é a também chamada derivação deverbal.

(NOUGUÉ, 2015, p.186)

Como o próprio nome já diz, chama-se derivação regressiva quando, ao formar uma palavra, a palavra derivada (primitiva) se mostra maior do que a nova palavra, ocorrendo, portanto, uma redução, uma regressão da palavra primitiva.

Exemplos:

ajudar - a ajuda	debater – o debate	atrasar – o atraso
perder – a perda	cortar – o corte	chorar – o choro

Derivação imprópria

Ocorre quando se emprega uma palavra com valor de uma classe gramatical que não é propriamente a sua classe.

Exemplos: Os **bons** têm suas recompensas!

↓

adjetivo substantivado

O professor explicou bem **claro** o tema da redação.

↓

adjetivo adverbializado

- Escreva duas frases de conteúdo católico em seu caderno: uma com um exemplo de derivação regressiva e outra com derivação imprópria.

- Analise a frase:

“Caireis mesmo na condenação eterna’’ (Cartas de Santa Catarina)

- Qual é a palavra derivada?
- Como é formada?
- Dê três exemplos de palavras que são formadas da mesma maneira.
- Encontre, nos Evangelhos, e três tipos de cada um dos processos de derivação (prefixal, sufixal, parassintética, regressiva, imprópria e prefixal e sufixal) e escreva-os no caderno, indicando a passagem completa.

Composição

Composição é o processo pelo qual palavras novas são formadas pela junção de duas ou mais palavras, ou seja, de dois ou mais radicais. Essas palavras são denominadas **compostas** em oposição às **simples**, que possuem apenas um radical.

A junção das palavras, no processo da composição, pode ocorrer basicamente de duas maneiras:

Composição por justaposição

JUSTAPOSIÇÃO: As partes morfológicas de uma palavra formada por composição mais propriamente lexical podem apenas justapor-se, conservando sua integridade temática.

(NOUGUÉ, 2015, p.163)

É a junção em que as palavras não sofrem alteração fonética, apenas se justapõe, como demonstram os exemplos:

Exemplos:

ponta	+	**pé**	→ pontapé
gira	+	**sol**	→ girassol
porta	+	**bandeira**	→ porta-bandeira

Composição por aglutinação

AGLUTINAÇÃO: as partes morfológicas de uma palavra formada por composição mais propriamente lexical podem apenas aglutinar-se, com o que ao menos uma delas perde a integridade.

Quando compomos palavras que sofrem alteração, como alteração fonológica ou ortográfica, por exemplo, dizemos que esta palavra foi composta por aglutinação.

Exemplos:

plan(o) +	**alto**	→ planalto (queda do "o")
águ(a) +	**ardente**	→ aguardente (queda do "a")
pern(a) +	**alta**	→ pernalta (queda do "a")

Casos especiais de composição

Há palavras compostas que não são formadas a partir de outras palavras da língua portuguesa, mas de radicais pertencentes a outras línguas.

São dois os tipos de composição com esses radicais.

Compostos eruditos

São palavras compostas de radicais apenas latinos ou apenas gregos.

Exemplos:

agrícola	agri- (latim)	+ -cola (latim)
psicultra	pisci- (latim)	+ -cultura (latim)
pentágono	penta- (grego)	+ -gono (grego)
odontologia	odonto- (grego)	+ -logia (grego)

- Selecione mais doze exemplos de compostos eruditos.

Hibridismo

São palavras compostas de radicais de línguas diferentes.

Exemplos:

monocultura	mono- (grego)	+ -cultura (latim)
burocracia	buro- (francês)	+ -cracia (grego)
abreugrafia	abreu- (português)	+ -grafia (grego)
alcoômetro	álcool- (árabe)	+ -metro (grego)

- Selecione mais doze exemplos de compostos híbridos.

Outros meios usados para criar palavras

Além dos dois processos básicos de formação das palavras – derivação e composição, há palavras formadas por outros meios.

Abreviação vocabular

ABREVIAÇÃO: a abreviação é apenas uma espécie de BRAQUISSEMIA (ou mudança de uma palavra em outra mais curta). Também são a derivação regressiva, a apócope, a contração, etc.; e de todas também pode dizer-se, de certa maneira, que são modos de formação de palavras.

(NOUGUÉ, 2015, p.187)

Observe os exemplos:

Auto, por automóvel

Moto, por motocicleta

Pneu, por pneumático

Extra, por extraordinário

Quilo, por quilograma

Foto, por fotografia

Siglonimização

Trata-se da formação de uma sigla.

Exemplos:

DSI – **D**outrina **S**ocial da **I**greja

CNBB- **C**onferência **N**acional dos **B**ispos do **B**rasil

CPF- **C**adastro de **P**essoas **F**ísicas

PIB- **P**roduto **I**nterno **B**ruto

CIC- **C**atecismo da **I**greja **C**atólica

Onomatopeia

As onomatopeias são palavras que, em sua mesma configuração sonora, buscam reproduzir ou o som ou o ruído feito por aquilo mesmo que nomeiam. Assim, tique-taque, que nomeia e ao mesmo tempo reproduz, de algum modo, o som cadenciado e relógio; catraca, que nomeia e ao mesmo tempo reproduz, de algum modo, o ruído produzido por esse dispositivo ao ser acionado; etc.

(NOUGUÉ, 2015, p.187)

Exemplos:

Tique-taque	chuá-chuá	zás-trás
Zum-zum	plaft	ding-dong
Atchim	reco-reco	blá-blá

- Defina qual foi o processo de formação das seguintes palavras:

- Decair
- Impiedoso
- Incolor
- Paraquedas
- Virtuosa
- Santamente
- Amamos
- Foto
- Onívoro
- "O choro"
- "Os caridosos"
- RG
- Atchim

- Encontre na Bíblia ou na vida e frases dos Santos, três exemplos de cada caso de composição (composição por justaposição, composição por aglutinação, compostos eruditos, hibridismo, abreviação vocabular, siglonimização e onomatopeia) e registre-os em seu caderno.

Exercícios

A partir desta revisão e do aprofundamento gramatical resultante da leitura da Suma Gramatical (Parte IV), leia, reflita e responda aos seguintes exercícios:

1. Construa um glossário com as palavras que desconhece, seguindo o modelo abaixo:

- Ente: o que existe, o que é; ser, coisa, objeto; tudo o que se crê existir.

O que é morfologia em gramática

1. O que estuda a morfologia?
2. Qual é o significado da palavra e qual a sua importância?
3. Escolha uma palavra, da Língua Portuguesa, da qual desconhece o significado, e faça o exercício de deduzir qual é a significação desta (como por exemplo, heterossemântico).
4. Procure no dicionário o significado da palavra que escolheu e associe a analogia feita pelo professor Carlos Nougué a respeito do corpo e da alma e da palavra e do significado. Escreva suas conclusões em forma de uma redação.
5. Qual relação podemos estabelecer entre a morfologia botânica e a morfologia gramatical?

6. Qual classe gramatical identifica o sujeito de uma oração com verbo?

As classes gramaticais

2. Quais são as dez categorias ou gêneros máximos do ente e suas respectivas funções?
3. O que é um substantivo?
4. Qual é a definição de substantivo concreto comum?
5. Qual a definição de substantivo concreto próprio?
6. Qual é a definição de substantivo abstrato?
7. O que são os adjetivos?
8. O que são os adjetivos qualitativos e determinativos? Por qual outro nome podem ser chamados?
9. A classe dos pronomes pode ser reduzida a quais definições?
10. De qual maneira podemos classificar os pronomes substantivos?
11. Como são classificados os numerais adjetivos e substantivos?
10. O que são as preposições e as conjunções?

11. O que são as interjeições?
12. O que são as palavras denominadas *polifuncionais*?
13. Com relação aos verbos, em quais modos se dividem?
14. Quais são as conjugações ou paradigmas verbais?
15. Qual é o modo universal de formarmos advérbios, em português?

A palavra, unidade significativa mínima

12. Por que podemos afirmar que a palavra é a unidade significativa mínima?
13. Até o momento você deve ter aprendido que "morfema" é a menor unidade linguística com significação. Onde está o erro desta definição de muitas gramáticas?
14. Qual é a nova proposta feita por Nougué? Justifique.

Como se formam as palavras

15. Quais são as partes que compõem as palavras em Língua Portuguesa?
16. O que é a raiz da palavra?
17. O que é o radical da palavra?
18. Dê exemplos de palavras no diminutivo e no aumentativo que não expressam seu sentido denotativo, mas, pelo contrário, são palavras pejorativas?
19. Em qual conjugação o verbo *por* se enquadra? Por qual motivo?
20. Como podemos classificar as desinências nominais e verbais? Quais situações indicam?
21. Copie a tabela das páginas 148-149, destacada em cinza, sobre as classificações dos sufixos.

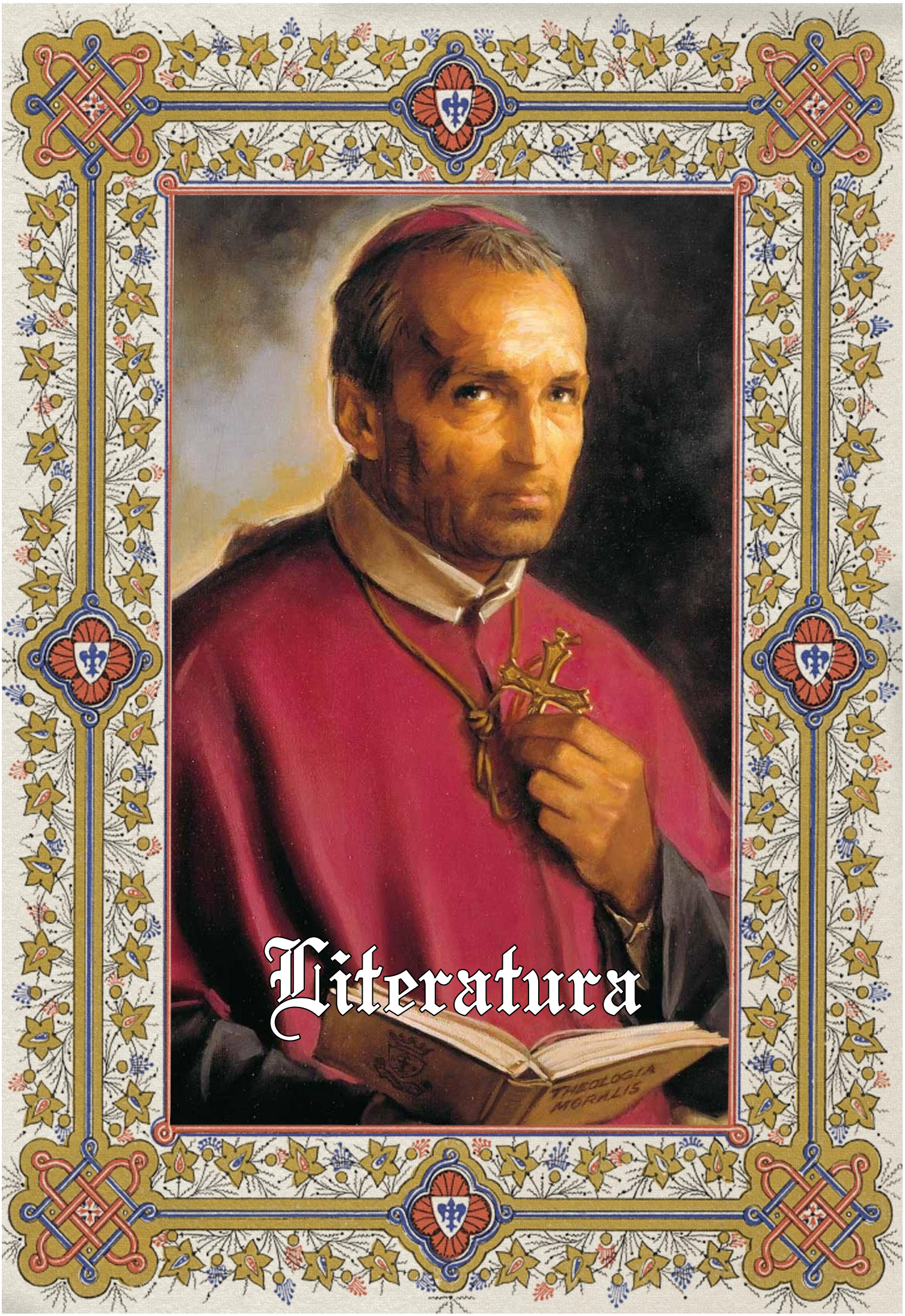
22. Copie a tabela da página 156, destacada em cinza.

A formação de novas palavras

23. Quais são as possibilidades de formação de novas palavras?
24. O que é parassíntese?
25. O que é hibridismo?
26. Qual é a definição de locução?
27. Faça o resumo deste tópico com as principais definições dos termos.
28. O que o gramático considera como composição prefixal?
29. Por que não seria um caso de derivação e sim de composição?
30. Copie em seu caderno os prefixos mais usados em palavras portuguesas (p. 158 – p.162, Suma Gramatical).
31. Copie em seu caderno os radicais de origem grega e latina (p. 164 – p.173 da Suma).
32. Com relação a derivação imprópria, por qual motivo acaba sendo um erro dizer que trocam a classe gramatical?
33. O que ocorre com muitas palavras latinas ao passarem para o nosso idioma?
34. No que consiste a corrupção linguística?
35. Quais são as três maneiras apresentadas pelas quais as palavras adquirem novos significados? Explique e apresentre três novos exemplos.

Apêndice: o uso do hífen

1. Faça o resumo do apêndice.
2. No resumo, considere os seguintes aspectos:
   - O que o novo Acordo Ortográfico propõe sobre o uso do hífen.
   - As inconstâncias da nova proposta do Acordo.
   - Aspectos novos que você desconhecia e precisará memorizar.


Literatura
THEOLOGIA
MORALIS

Introdução aos Estudos Literários

Na introdução deste material didático, os senhores entenderam que a nossa proposta para a vida intelectual perpassa primeiramente por uma vida interior repleta de amor Àquele que tudo fez para nos salvar. Cristo-ponte, indicado por Deus, nos revela um caminho que será trilhado nesta disciplina. Leia e medite, com atenção, um trecho do diálogo de Santa Catarina de Sena com A Verdade:

> "Ó inestimável e doce caridade, quem não se inflama de tão grande amor? Ó abismo de amor! Pareces enlouquecer pelas tuas criaturas, quase que sem elas não pudesses viver. No entanto, és Deus e não precisas de nós. Nossas perfeições não te enriquecem; és imutável. Nossos males não te prejudicam; és a bondade suma e eterna. Somente o amor, não a obrigação, nem a necessidade, torna-te tão misericordioso. Não precisas de nós, réus que somos e ímpios devedores. Se bem compreendo, ó Verdade eterna, eu sou a ladra e tu o condenado em meu lugar, pois vejo teu Filho, o Verbo encarnado, pregado numa cruz. Conforme revelaste a esta miserável serva, dele fizeste uma ponte para mim. Por tudo isso, explode meu coração; nem podia deixar de fazê-lo pela sede e desejo adquirido em ti. Recordo-me de que desejavas dizer-me quais são as pessoas que passam pela ponte, e quais são as que não passam. Com prazer eu veria e ouviria, se fosse do teu agrado explicar-me."

Mais tarde, Deus revela à Santa doutora:

> "Antes de revelar-te algo que tenho em mente sobre o assunto que me interrogas, quero descrever-te a ponte. Já disse que ela se estende do céu à terra, graças à união (hipostática) que realizei com o homem formado do limo da terra. **Essa ponte é meu Filho e possui três degraus:** dois deles foram construídos no madeiro da cruz e o terceiro, quando ele na amargura bebeu fel e vinagre.

O **primeiro degrau** é formado pelos **pés**; significam o amor, pois como os pés transportam o corpo, assim o (duplo) amor faz caminhar a alma. Os pés cravados na cruz servem-te de degrau para atingir a chaga do peito, que te revela o segredo do coração. Após subir até os pés pelo amor, o homem fixa o pensamento no **coração aberto de Cristo** e saboreia sua caridade inefável e consumada. Disse caridade "consumada", porque Cristo vos ama sem interesse pessoal; em nada sois de utilidade para ele, que forma uma só coisa comigo. Vendo-se amada, a pessoa se enche da caridade. Enfim, após atingir **o segundo degrau**, chegar-se ao **terceiro, que é a boca de Cristo.** Nela o homem encontra a paz, depois (de vencer) a grande guerra contra as próprias culpas. No primeiro degrau o cristão se afasta da afeição terrena, despoja-se dos vícios; no segundo, adquire as virtudes; no terceiro, goza a paz. São três, portanto, os degraus da ponte: passa-se do primeiro ao segundo, para atingir o último. A ponte é alta; quando se passa por ela, a água do pecado não atinge a alma. Em Jesus não houve pecado."

Após a leitura e meditação do excerto anterior, responda:

- O que forma cada um dos degraus do "Cristo-ponte"?
- O que o homem encontra (e supera) em cada degrau?
- O que Deus concede àqueles que conseguem ultrapassar a ponte?

> "O coração humano, ao ser atraído pelo amor, leva consigo todas as faculdades da alma: a memória, a inteligência e a vontade (...) Quando o coração e as faculdades forem atraídos a Mim, todas as demais faculdades e suas ações também o serão. (O diálogo, p. 74)"

- A partir da revelação anterior feita por Deus à Santa doutora, faça uma oração pedindo a Ele que lhe conceda a graça de ter sua memória, sua inteligência e sua vontade voltadas para O Sumo e Santíssimo Bem, Criador de todas as coisas (registre a sua oração em seu caderno).

Todos os itens que apresentarem este símbolo ( ) nesta introdução teórica e durante todos os volumes, deverão ser copiados em seu caderno.

"É N'Ele que toda virtude é comprovada e vivificada. Fora de Jesus ninguém possui a vida da graça. Ocorre estar nele, trilhar suas estradas, viver sua mensagem. Somente ele faz crescer as virtudes, somente ele as constrói como pedras vivas, cimentando-as com o próprio sangue." (O diálogo, p.75)

Jesus, eu confio em Vós!

A partir deste caminho que Deus nos propõe trilhar, iniciemos o nosso percurso literário.

A nossa Literatura

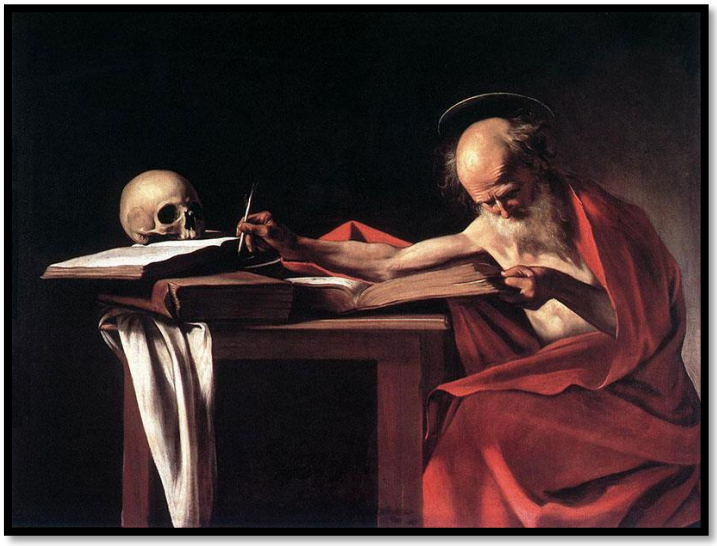
A palavra literatura deriva do latim *litterae*, cuja tradução é simplesmente *letras*. A literatura recebe este nome pois é a *arte da escrita*, arte cuja ferramenta principal é a letra. Veja: um armário é construído por um bom marceneiro, que se utiliza de pregos, martelo, madeira. Separadamente, esses itens não podem ser classificados como um armário, e somente isso se tornam após serem unidos por uma inteligência, através de uma série de passos previamente estabelecidos e pensados. A literatura, como *arte da escrita*, exige ferramentas e uma inteligência que organize estas ferramentas:

1º Primeiramente temos as **letras**. Cada letra possui três acidentes[269]: o *nome*, isto é, como se chama; a *figura*, ou seja, com que símbolo se representa; a *propriedade*, isto é, se se trata de uma vogal ou uma consoante.

2º Organizadas estas letras, formam-se as ***palavras***, que são imagens daquilo que existe; tamanho é sua capacidade que, sem a necessidade da voz, transmitem o que têm dito, pensado e contemplado pessoas ausentes, e introduzem a imagem daquilo que são não pelos ouvidos, senão pelos olhos.

3º Por fim, colocadas sobre o domínio de uma inteligência, que também as inteligiu, elas são organizadas logicamente de tal maneira a constituírem **frases, parágrafos, textos,** sendo capazes assim de transmitir a todo aquele que as lê o pensamento de quem as escreveu.

Nos ensina São João Bosco[270] que Adão foi o inventor da escrita; os registros mais antigos que chegaram até nós são dos sumérios e fenícios, uns dos primeiros povos do mundo. O que sabemos é que as letras surgiram devido à necessidade e ao desejo de manter todas as coisas na memória, pois em tão extensa variedade de matérias seria impossível aprender a todas de ouvido e guardá-las todas. Portanto, através da escrita, tornou-se possível armazenar o conhecimento e a vivência de uma sociedade inteira em poucos parágrafos bem escritos e organizados. Tamanha é a força da escrita que é capaz de unir o pensamento do leitor e do escritor, independente da época em que se escreve e em que se lê!

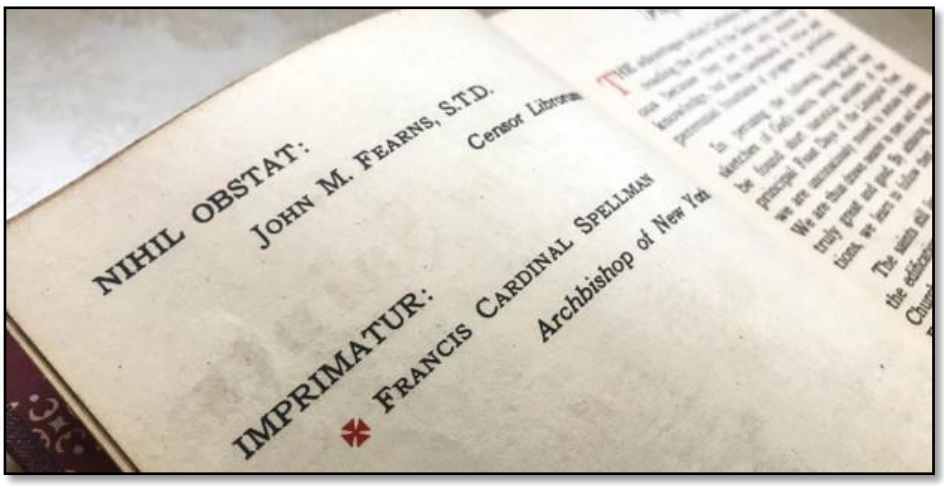


São Jerônimo traduzindo a Septuaginta para o Latim.

Desde nossos primeiros pais, a Tradição Oral – muito preciosa a nós católicos – era a forma de transmitir os ensinamentos, divinos e humanos, de geração em geração. No entanto, a partir do momento em que estas tradições passaram a ser registradas através da escrita, elas foram preservadas para um futuro ainda mais distante. Como saberíamos sobre a Criação ou os feitos de Noé, se Moisés não nos tivesse deixado por escrito o Pentateuco? O que seria da Santa Igreja hoje, se homens como São Pedro, São Paulo, São João Evangelista, São Marcos, São Mateus, São Lucas, Santo Irineu, Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Tomás e tantos outros não nos tivessem deixado como legado seus escritos? A realidade é que a Igreja sempre deu muita importância à conservação e propagação dos bons livros, e ela esteve sempre ligada ao processo e desenvolvimento da leitura.

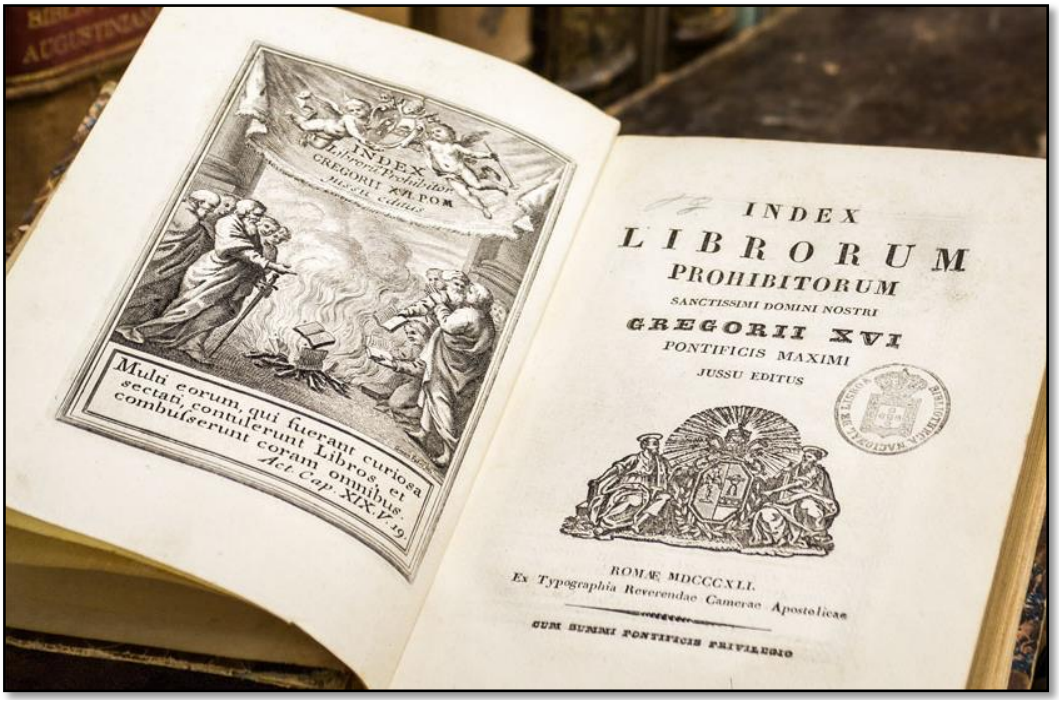
[269] Santo Isidoro de Sevilha
[270] São João Bosco. **História Bíblica**. 6ª ed. São Paulo: Livraria Salesiana, 1939. 20 p.

Tamanha é a gravidade que a Santa Igreja atribui aos livros, que foram os monges quem foram os responsáveis pela preservação e propagação de todos os manuscritos durante o período da Idade Média. Além disso, preocupada com a salvação dos seus, nenhum livro era publicado sem antes passar pelas mãos de Sua Santidade ou de um bispo, e só era permitida a leitura de livros que tivessem o selo *Nihil Obstat* ou *Imprimatur* que significam, respectivamente, *nada obsta* e *seja impresso*.



Exemplo de livro que recebeu o aval da Igreja para ser publicado e lido.

A partir do século XVI, a Igreja passou a publicar uma lista de livros proibidos aos católicos, o *Index Librorum Prohibitorum*, uma vez que estes colocariam suas almas em risco caso o lessem.



Index da época do papa Gregório XVI. Abaixo da gravura é possível ler uma passagem das Sagradas Escrituras: "Muitos também, que tinham exercido artes mágicas, ajuntaram os seus livros e queimaram-nos diante de todos. Calculou-se o seu valor, e achou-se que montava a cinquenta mil moedas de prata."(At 19, 19)

Visando o papel importantíssimo que a Igreja atribui à literatura na formação das almas, o trabalho desta disciplina neste Ensino Médio será o de dar uma resposta a esta crise educacional moderna, buscando resgatar o mundo da educação para Deus! Teremos como essência a literatura católica: princípio, meio e fim para se conquistar a humildade, a sabedoria e a santidade. Para fundamentar esta nossa escolha, optamos por colocar na íntegra quatro capítulos do livro “O Verme Roedor Nas Sociedades Modernas ou o Paganismo na Educação”, de Monsenhor J. Gaume.

Em seu livro, Mons. Gaume traça com maestria a linha histórica da literatura na formação da família e do estudante cristão, ressaltando sempre os escritos e os conselhos dos Santos da Igreja. Mons. Gaume deixa explícito o porquê é necessário a leitura **exclusiva** de livros cristãos para a formação católica do estudante, e que este correrá sérios riscos se aventurar-se em literaturas pagãs. Antes de iniciar a leitura, veja o que diz Santo Agostinho sobre a literatura pagã:

> ***"Instruir a infância com livros pagãos, é ensinar-lhes inutilidades, é roubá-los de Deus, é entregá-los ao demônio. O que é tudo isso, senão vento e fumo? Não há outro meio de cultivar o espírito e adquirir eloquência? Os vossos louvores, Senhor, tão eloquentemente cantados na Sagrada Escritura, teriam elevado o meu fraco coração, e não o teriam deixado ser preza das garras de impuras aves. Ah! há mais do que um meio para sacrificar os homens ao demônio.... É assim que convém educar a mocidade? São esses os modelos que se lhe devem apresentar? Fazendo assim, não são aves, nem animais, nem mesmo sangue humano que vós ofertais; mas, o que é bem mais abominável ainda, é a inocência da juventude que vós imolais sobre os altares de Satanás."*** *(Santo Agostinho)*

- Elabore um resumo dos principais tópicos vistos até o momento. Para que este resumo fique bem feito, considere as respostas às seguintes indagações:
  - O que significa literatura? Qual é o seu objeto de estudo?
  - O que diferencia a tradição oral da escrita? Quais implicações existem?
  - Qual é o significado de *Nihil Obstat* e *Imprimatur?*
  - Explique no que consiste o *Index Librorum Prohibitorum.*
  - No que consiste a Arte da escrita?

- Realize a leitura dos capítulos a seguir, sempre elaborando em seu caderno um resumo dos principais tópicos e a cópia das principais citações de Santos (apresentadas em destaque e com este símbolo):

Livro: O Verme Roedor nas Sociedades Modernas ou o Paganismo na Educação – Monsenhor Gaume. Disponível em:

http://alexandriacatolica.blogspot.com/2011/07/o-verme-roedor-nas-sociedades-modernas.html

Capítulo IV

História dos livros clássicos: Primeira época

Em primeiro lugar, dizeis vós que eu sou muito absoluto, e que a mudança de molde não foi tão completa como eu avanço. Para responder, obrigais-me a traçar rapidamente a história dos livros clássicos desde o estabelecimento do cristianismo até nossos dias: isso vou empreender.

Esta história divide-se naturalmente em três épocas bem distintas.

A ***primeira*** estende-se da pregação dos apóstolos até ao fim do século V.

A ***segunda*** começa no século VI e acaba com o XV; compreende a idade média propriamente dita[271].

A **terceira** vem do século XVI até nós.

Distinguindo com cuidado a infância da adolescência, nós dizemos: Durante a primeira época, os livros clássicos da infância são **exclusivamente cristãos**. Todos sabem que as línguas chamadas hoje clássicas ou mortas, eram então as línguas vivas de Roma e Atenas, assim como de todos os povos civilizados. Aprendiam-nas os meninos, não nas escolas, mas no lar doméstico; não de mestres, mas de seus pais e mães; não por regras, mas pelo uso, como nós hoje aprendemos a língua materna. Ora, esta infância prolongava-se muito tempo. Não era necessário aplicar tão cedo a mocidade ao estudo da gramática e retê-la nele, como hoje se faz, por tantos anos.

Resta saber que narrativas ouviam de contínuo as crianças cristãs, no seio da família; que livros tinham eles exclusivamente nas suas mãos inocentes; que cantos repetiam em comum. A resposta não é duvidosa: todos sabem o **cuidado extremo dos primeiros cristãos em se nutrirem exclusivamente a si e a seus filhos com a leitura dos Livros Sagrados, dos Atos dos Mártires e das cartas dos soberanos pontífices; de cantarem em família os Salmos de Davi, de se instruírem a fundo nos dogmas, preceitos e usos da religião, para que estes jovens atletas tivessem na ocasião necessária a coragem de confessar a fé no meio dos suplícios e a capacidade precisa para a vingarem dos sofismas e calúnias dos pagãos.**[272]

Este gênero de instrução não era novo. Encontra-se entre os Judeus desde a mais remota antiguidade com exclusão de qualquer outro. Afastar de seus filhos quaisquer livros que não fossem os anaes sagrados da nação, não lhes fazer aprender e cantar senão os hinos de Moisés e dos profetas; todos sabem ter sido este o uso invariável dos descendentes de Abraão. Judeus de origem, herdeiros da antiga Igreja, os Apóstolos formaram a educação dos fiéis sobre o tipo da educação usada na santa Nação.

Muitas são as provas desta asserção**. A exclusão dos autores profanos é recomendada formalmente pelas Constituições apostólicas**. Neste monumento, que Santo Atanásio chama a *doutrina dos apóstolos recolhida por São Clemente*, e Santo Epifânio, o *resumo sem corrupção, das regras da conduta*, lê-se:

> **"Abstende-vos de todos os livros dos gentios. Que tendes vós com essas doutrinas, com essas leis estranhas, com esses falsos profetas? Essas leituras fizeram perder a fé a alguns homens levianos. Que vos falta na lei de Deus para recorrerdes a essas fábulas? Se quereis ler história, tendes os Livros dos Reis; se vos convém filosofia ou poesia, achá-las-eis nos Profetas, em Jó, no autor**

[271] Battini, Apol. dei secoli barb. p. IX.
[272] (De opp. SS. PP. in litter, juven. instit. odhib. Romae 1841; Mamachi, Origin. et antiq. christ. lib. Ill, c. 8, etc.)

dos Provérbios, e com mais perfeição e elevação que em qualquer outra obra desses sofistas e poetas, porque só a palavra de Deus é sábia. Quereis líricas? Lê-de os Salmos; antigas origens? Lê-de o Gênesis; leis, preceitos de moral? Tomai o código divino do Senhor. Abstende-vos, pois, absolutamente de todas essas obras profanas e diabólicas".[273]

Quanto à assídua leitura da Escritura Sagrada pelos meninos, penetremos no interior de algumas dessas famílias do Oriente e Ocidente, cujo exemplo, testemunha o espírito geral, e veremos que o Livro Sagrado era o primeiro livro da infância.

> "Apenas Orígenes, diz Eusébio, saiu do berço, seu pai Leonidas, imprimiu em seu espírito as divinas letras. Não se contentava com dedicar a este estudo alguns momentos roubados ao ensino cíclico; pusera-o em primeiro lugar. Todos os dias fazia ler ao menino passagens das Escrituras, que deleitavam mais ao jovem Orígenes que os autores gregos".[274]

Na família tão cristã e tão ilustrada dos Gregórios, a educação fazia-se do mesmo modo. A Escritura Sagrada era insinuada no espírito dos meninos com os seus primeiros pensamentos para de algum modo, tomar nele o primeiro lugar. Assim foram educados S. Basílio, e S. Gregório de Nissa, seus irmãos e irmãs, Gregório de Nazianza, Cesário. Macrina, uma de suas irmãs, vindo a ser mestra, excedeu ainda seus pais e mestres. Tendo feito voto de virgindade, teve por seu irmão mais novo, toda a ternura maternal que a natureza põe no coração de todas as mulheres. Ela o tomou à sua conta desde o berço e quis educá-lo, segundo as suas ideias. Ora estas ideias não podiam ser senão as que ela recebera na sua educação. Escutemos agora seu ilustre irmão, S. Gregório de Nissa, fazendo-nos conhecer a educação dada a Macrina:

"Macrina, apenas saiu da infância, diz ele, mostrou a maior facilidade em aprender. **Quisera sua mãe ser a sua própria mestra**; ela mesma estudava para se instruir. Mas não quis ensinar-lhe as ficções dos poetas, de que costumam encher os espíritos juvenis. Parecia-lhe pouco decente e até perigoso representar à imaginação de sua filha esses quadros, esses movimentos apaixonados que pintam os poetas trágicos, e ainda mais as fraquezas, que se atribuem às mulheres nas comédias! Era isto, no seu pensar, corromper uma alma bem-nascida.

Por isso gostou ela mais de fazer uma escolha dos lances mais edificantes, das máximas mais salientes dos nossos Livros Sagrados para a sua filhinha aprender. O livro da Sabedoria fornecera-lhe uma multidão de sentenças e reflexões próprias para formar o coração e ilustrar o espírito, para toda a conduta da vida. Esta boa mãe tinha extraído dos Salmos certas invocações que ela acomodava a todos os exercícios, de modo que sua filha ao levantar, ao vestir, ou ao comer, tinha sempre algum versículo dum salmo apropriado à circunstância, que ela cantava como uma agradável canção. Emília ao mesmo tempo que cultivava assim o espírito de sua filha, exercitava-lhe as mãos em trabalhos próprios do seu sexo, ensinando-lhe a manejar habilmente a lã e o fuso".

Tal foi a educação de Macrina, e tal foi a de seu jovem irmão Pedro de quem ela se encarregou. **O estudo das letras profanas foi absolutamente banido da sua instrução**. A sua meiga instrutora soube empregar-lhe e distribuir-lhe o tempo, de tal maneira que não lhe sobejou nenhum para as vãs ciências. Esta educação era a mesma por toda a parte.

---

[273] Const. apost. lib. 1, c. 6.
[274] Hist., lib. IV, c. 3.

Família de São Basílio, São Gregório de Nissa e Santa Macrina. Todos foram educados tendo por base o livro da Sabedoria.

São Jerônimo, escrevendo a Gaudência e a Leta, sobre a educação de seus filhos, quer que a jovem Pacatula, logo aos sete anos, ainda antes de ter os dentes bem fortes para se utilizarem de alimentos sólidos, comece a entregar à memória às inspirações do rei-profeta, e que até aos quatorze anos ela faça dos livros de Salomão, do Evangelho, dos Apóstolos e profetas, o tesouro do seu coração.[275]

"É pela própria Escritura, diz ele a Leta, que vossa filha aprenderá a ler, escrever e falar. Aprenda a sua boca a repetir os doces cânticos do rei-profeta. Não lhe seja permitido formar grupos de palavras tomadas ao acaso; escolham-se essas palavras nas sagradas letras, e as primeiras que ela souber pronunciar serão os nomes dos Apóstolos, patriarcas e profetas. **O primeiro livro que ela aprenderá será o Saltério, cujos cantos divinos repetirá ao despertar. Nos provérbios de Salomão aprenderá ela a viver com sabedoria; no Eclesiastes, a desprezar vaidades do mundo; em Jó, a virtude da paciência e coragem. Passará depois ao Evangelho, para não mais o deixar; identificar-se-á com os Atos e Epístolas dos Apóstolos, de que vos recitará cada dia uma passagem que será como um ramo de flores escolhidas nas Escrituras.... Guardai-a de todas essas leituras que introduzem uma linguagem pagã no seio do cristianismo**. Que pode haver de comum entre os cantos profanos do paganismo e os castos acentos da lira dos profetas? Como aliar Horácio com Davi? Virgílio com o Evangelho? **Ainda que queiramos salvar-nos pela intenção, é sempre um escândalo ver uma alma cristã num templo de ídolos".**

Não se diga que se trata aqui da educação de meninas. Nós já vimos que a Escritura era o livro clássico das crianças de ambos os sexos. Se não basta isto, escutemos ainda os Padres, reguladores e historiadores da família primitiva.

"Guardai-vos, acrescenta São João Crisóstomo, de julgar supérfluo o estudo dos Livros Sagrados. É a Escritura que ensinará vossos filhos a honrar o seu pai e a sua mãe: vós lucrareis tanto com isso como eles. E não digais que isto só serve para os que vivem retirados do mundo. Decerto que não pretendo fazer ermitões; e ainda que vosso filho o fosse não perdia nada com isso; mas não, basta que ele seja cristão. Ele está destinado a viver no meio do mundo; é nos nossos Livros Sagrados que ele aprenderá a regra do seu comportamento. *Mas para isso convém que ele se penetre deles desde os primeiros anos".*

[275] (Ep. ad Gaud, CXVIII, p. 798, opp. t. IV.)

Quando a comunidade foi substituída à família para a educação da mocidade, São Basílio escrevia:

"O estudo das letras deve ser acomodado ao espírito da educação dos meninos, as *Sagradas Escrituras lhes servirão de vocabulário*. Em vez de fábulas, lhes serão contadas as admiráveis histórias da Sagrada Bíblia; aprenderão de cor as máximas do livro dos Provérbios".[276]

Mas há um fato que dispensa todos os testemunhos. Cada discurso dos antigos Padres da Igreja, cada página da história desses tempos heroicos oferece a prova evidente de que a Escritura era o livro clássico de todas as famílias no Oriente e no Ocidente. Orígenes, Santo Atanásio, São Basílio, São João Crisóstomo, Santo Agostinho, e tantos outros não tinham de certo menos zelo e tato, do que saber e eloquência. Como tratariam, pois, estes grandes homens as mais altas questões de teologia e da Escritura diante dos fiéis, se não soubessem que os seus ouvintes, instruídos nessas coisas desde a infância, estavam em estado de os compreenderem.[277]

Não se sabe que numa citação do Evangelho, bastava uma palavra trocada para pôr em rumor uma assembleia inteira? Não se sabe que Santo Agostinho não deixava ler na igreja a versão de São Jerônimo, ainda que perfeitamente ortodoxa, receando escandalizar os povos habituados a outra tradução? Não se sabe, enfim, que o próprio São Jerônimo, encarregado, pelo Papa São Dâmaso, da correção dos Livros Sagrados, hesitou empreendê-la, prevendo as reclamações que se iam levantar por parte dos fiéis?

"Qual será, diz ele, o sábio ou o ignorante, que, pegando na minha tradução e vendo diferir o que lê do que, por assim dizer bebeu com o leite, não exclame que sou um falsário e sacrílego, por ter ousado aumentar, mudar ou corrigir alguma coisa nos antigos exemplares".[278]

A Escritura era, pois, o livro clássico da infância, nos séculos mais chegados ao berço do cristianismo. **Aos livros Sagrados juntavam-se os Atos dos Mártires, dos quais alguns foram contemporâneos dos apóstolos. Não era só nas assembleias públicas e nas igrejas que eles eram lidos: eram o livro da família.** Os maiores santos não cessavam de recomendar o seu estudo, e era tal a veneração e o amor de nossos pais por estes monumentos sagrados, que muitos os traziam consigo, não podendo separar-se deles nem nas suas viagens. Daí vem que eles não poupavam despesas, não fugiam a perigos para os obterem.

O mesmo acontecia com as cartas dos soberanos pontífices. Lidas nas Synaxes, relidas e comentadas no lar doméstico, tornavam-se para pais e filhos uma regra viva de conduta e de fé, e uma fonte de consolações. **Acresceram depois as obras dos primeiros santos e defensores da religião[279]**. Assim, durante os cinco primeiros séculos, clássicos exclusivamente cristãos para a infância cristã, e a infância mais tempo que hoje no lar doméstico: tal é o duplo fato que ressalta dos monumentos primitivos do Oriente e do Ocidente.

A frequentação das escolas pagãs, a leitura das obras pagãs, só começavam numa idade mais avançada, depois de estar o menino munido dos melhores antídotos. Neste ponto os detalhes que precedem, e a história dos mais ilustres Padres da Igreja, não deixam dúvida alguma. São Basílio e São João Crisóstomo eram adolescentes quando tomaram as lições do retórico Libânio; São Gregório de Nazianza não era mais novo quando foi mandado primeiro a Cesaréia, depois a Alexandria, e enfim à Atenas; São Jerônimo tinha dezoito anos quando veio para Roma estudar gramática com Donato. Para os adolescentes, mas só para eles, eram os clássicos pagãos, as escolas pagãs. Não havia outro remédio. O cristianismo, privado, á nascença, de toda a literatura humana, achou a sociedade pagã de posse da literatura e da ciência.

---

[276] XV, Reg. i.
[277] (Proef. in S. Ambr. opp.)
[278] (Praef. in quatuor Evang.)
[279] S. Hier. ad Laet. Ep. LVII, t. IV p. 596.

Aos mestres pagãos pertencia o direito exclusivo de ensinar nas cadeiras públicas. Se alguns cristãos queriam ensinar, eram obrigados a servir-se dos autores pagãos. Com efeito, estes autores eram considerados por todos como modelos acabados da eloquência, da poesia e das letras humanas. Se os mestres cristãos proibissem aos seus discípulos o estudo d'estas obras, se eles mesmos as tivessem banido das suas escolas, qual o meio de iniciar os jovens cristãos nas ciências humanas? Que pretexto especioso não teriam tido os pagãos para caluniar a religião? Não a acusariam de barbaria e obscurantismo, como se não pejaram de o fazer os pagãos destes últimos tempos? Os epítetos injuriosos de bando de idiotas, de seita inimiga das luzes que lhe prodigalizaram sem fundamento, com aparência de razão não teriam sido aplicados, se ela fechasse aos seus discípulos as únicas fontes então sabidas da ciência, da eloquência e da filosofia?[280] Uma tal opinião arruinaria as escolas cristãs e obrigaria a mocidade ingênua a dirigir-se exclusivamente aos doutores pagãos.

É preciso confessar que era bem triste esta condição dos jovens cristãos. Contudo, ela era isenta tanto de perigo como de culpa. De perigo, porque só depois de premunidos perfeitamente contra o veneno das obras pagãs, é que eles faziam uso delas. Tertuliano, testemunha ocular desta sábia conduta, usa dos termos seguintes: "Os nossos jovens estão tão seguros como aquele, que, conhecendo o veneno, apresentado por quem não o conhece, o recebe e não bebe. **Desculpa-os a necessidade porque não têm outro meio de se instruírem"**[281]. De culpa porque era só a necessidade que os determinava a ler e ouvir obras e mestres do paganismo. São Jerônimo fala desta necessidade, quando condenando os cristãos e sobretudo os eclesiásticos que liam os autores pagãos unicamente por prazer, desculpa os jovens obrigados a fazê-lo: "O que é, diz ele, uma necessidade para a mocidade, eles o mudam em crime, fazendo-o por vontade própria".

Mas qual era, pois, essa necessidade? Bastante admira que ela seja essencialmente diferente do motivo que desde a renascença serve de pretexto para o estudo dos autores pagãos. Dizem que é para aprendermos a pensar e a sentir bem, que nos fazem estudar Virgílio e Cicero, Homero e Demóstenes. No seu todo, um tal intento seria olhado por nossos pais como um ultraje à religião, e uma espécie de apostasia. "Que pode haver de comum, exclama São Jerônimo, entre a luz e as trevas? Entre Jesus Cristo e Belial? Que relação entre Davi e Horácio? Entre o Evangelho e Virgílio? Entre São Paulo e Cícero? Não será um escândalo para vosso irmão o ver-vos no templo dos ídolos? É-nos proibido bebermos ao mesmo tempo no cálice de Jesus Cristo e no cálice dos demônios".[282]

Era, como se pratica, há três séculos, para fazer admirar aos jovens cristãos as riquezas da filosofia pagã e fazer-lhes adotar algum dos seus sistemas? Mas eles chamavam aos filósofos animais de glória, aos patriarcas heréticos, e àquele a quem nós não receamos chamar divino, o autor de todos os erros que assolavam a Igreja.

(Comentário Crítico – Tema: "Não podeis servir a dois senhores" (Mt 6, 24); 10 linhas; a partir de tudo o que já foi lido, elabore uma crítica que tenha como base este trecho bíblico e os excertos em vermelho.)

Iam até mais longe; compunham obras de propósito para os exporem a eles e aos seus sistemas à irrisão pública. Uma tal linguagem na boca dos Padres provará a intenção de fazer dos jovens cristãos, discípulos dos filósofos[283]?

---

[280] Lucian., De morte Peregrin., p. 338. Latebrosa, et lucifuga natio. Min. Felix. Octav., p. 8.).
[281] De anim. vers. fin.
[282] Epist ad Eustoch.
[283] S. Hier. Ad Pammaeh. ep. LV. Op., t. IV, p. 585. — Patriarchae haereticorum. ld.,ad Ctesiphont. Doleo Platonem frisse omnium haereseon condimentarium. S Iren. De haeresib. Hermias, Irrisio philosophor.

Era, ao menos, como nos recomendam hoje, para copiarem os seus oradores, se apropriaram das formas da sua eloquência, e das qualidades da sua linguagem? Ninguém negará que os antigos Padres da Igreja aprenderam nos livros pagãos as expressões e o estilo, ou porque, antes de eles mesmos terem composto obras sobre as coisas humanas, não existissem modelos; ou porque a maior parte havia nascido pagãos e só se converteram em idade mais avançada. É para admirar que, filhos de pagãos e pagãos eles mesmos durante uma parte da sua vida, eles aprendessem a linguagem pagã e mesmo a retórica pagã que, muitos deles ensinaram com distinção? Quanto à eloquência que faz ainda a sua glória, não foi, de nenhum modo, nos autores pagãos que eles beberam o conteúdo, nem mesmo a forma; foi nos Livros Sagrados e principalmente nos Profetas, com os quais, segundo a enérgica expressão de São Jerônimo, uma contínua meditação os havia identificado.

A prova maior é que entre a eloquência dos Padres e a dos oradores pagãos há, se pode dizer, a distância que separa o céu da terra. Quanto à última, se faz notar pela arte da retórica, a escolha dos termos e a elegância das frases, tanto a primeira se distingue pela espontaneidade das expressões, solidez dos pensamentos, energia dos sentimentos, magnificência das imagens, força e abundância das provas. Por isso, os membros espalhados de Cícero, *disjecta Tullii membra*, que é fácil reconhecer em Quintiliano, por exemplo, em vão os procurareis em Santo Ambrósio, em São Máximo, em Santo Agostinho, em São Cipriano, em São Leão, em Pedro Crisólogo, e em São Gregório. De Isócrates ou Demóstenes também nada se acha nos imortais discursos de Santo Atanásio, São Basílio, São João Crisóstomo, São Gregório de Nazianza, e São Cirilo de Alexandria; tudo neles está longe da imitação do paganismo, tudo é primitivo, arquetipo e inspirado pela intensidade da fé e pelo zelo ardente da salvação do mundo.

O que acabo de dizer da eloquência, aplica-se a todos os gêneros de estilo: histórico, epistolar e filosófico. A frase de Eusébio, Sulpício Severo, Júlio Africano, São Cipriano, São Paulino, São Justino, Orígenes e outros escritores do cristianismo, em nada se assimila ao dizer de Xenofonte, Suetônio, Cícero, Plinio e Sêneca. Se, como se pretende, os Padres liam e mandavam ler os autores pagãos, para os imitarem, é força confessar que foram bem infelizes. Contudo, não lhes faltava estudo, saber, nem gênio. Que digo eu? Imitavam-nos muito bem quando queriam. Santo Agostinho cita um exemplo disso tirado de São Cipriano, e depois acrescenta: "No número, na elegância, na abundância, esta frase é admirável; mas a sua própria riqueza é imprópria da gravidade cristã. Os que gostam desta maneira de escrever, acusam os que a não empregam, de a não poderem empregar: não sabem que é a razão e o bom gosto que os manda abster dessa linguagem. São Cipriano mostrou bem que se quisesse lhe seria fácil empregá-la, mas não o fez".

São Jerônimo, não menos excelente juiz nesta matéria do que Santo Agostinho, diz também que Lactâncio imitou perfeitamente a Cicero, e Santo Hilário a Quintiliano[284]. Esta imitação era uma glória? De modo nenhum; São Jerônimo diz: "O que vós admirais, aborrecemo-lo[285] nós". Os Padres gregos pensam como os Padres latinos. **Se os jovens cristãos precisassem de estudar os autores profanos, para terem estilo e gosto, como nos repetem há três séculos, achar-se-ia infalivelmente este preceito em São Basílio, que compôs uma obra especial a favor da mocidade, para lhe servir de guia no estudo dos autores pagãos.** Ora, o grande doutor, não diz sobre isso, nem uma só palavra! Conheceis coisa mais eloquente que tal silêncio?

Mas, enfim, dizeis vós, qual era, pois, o fim que se queria atingir, permitindo-se aos jovens cristãos a leitura de obras, e a frequência de aulas pagãs? Que vantagem se queria daí tirar? **Vós haveis de convir que, aos olhos de homens sisudos e religiosos, como nossos pais, o fim havia de ser sério e a vantagem tal, que compensasse os gravíssimos perigos que de tal estudo podiam sobrevir, apesar de todas as precauções**. Sem uma necessidade imperiosa, um pai não entrega um filho querido aos perigos dum mar

[284] Epist. ad Magnum, op., t. IV, p. 656.
[285] Epist. ad Pammach.

revolto. **É mais uma prova de que para eles se tratava de outra coisa, que não a pueril vantagem de criar retóricos ou acadêmicos**.

Tratava-se para seus filhos: 1º de conhecerem a história do seu país, e dos outros povos, cujos arquivos, escritos por mãos pagãs, pertenciam aos pagãos; 2° de se iniciarem nas artes, nas ciências físicas, naturais e médicas, cujo monopólio pertencia também aos pagãos; 3° de darem ao cristianismo, herdeiro de tudo, as verdades que o paganismo, audaz usurpador, se tinha apropriado, e que, depositário infiel das tradições primitivas, tinha desfigurado; 4° de se servirem, como São Paulo, de máximas, exemplos e autoridade dos poetas, dos sábios e dos filósofos pagãos, ou para se animarem na prática de alguma virtude, ou para tornarem mais acessíveis à razão, as verdades e os preceitos da fé, ou, como diz Santo Agostinho, para que os seus vasos de ouro e prata, tirados aos egípcios e dados aos Israelitas, servissem para ornamento do tabernáculo; 5° de conhecerem bem os erros e sistemas dos pagãos, para os refutarem, porque, qual o meio de se vencer um inimigo cuja táctica que se não conhece?

Tal era o grande, o único interesse dos cristãos ilustrados. Postos, desde o berço, em face dos infatigáveis inimigos da sua religião, não se viam obrigados a combatê-los noite e dia? Ora, para atingirem este fim, ou antes para cumprirem este dever, precisavam de saber a ciência e a língua dos pagãos, e falá-la com certa pureza para não serem taxados de bárbaros, e para conseguirem que lhes prestassem alguma atenção.

Sobre os motivos de fazer estudar à mocidade os autores pagãos nos primeiros séculos da Igreja, acabais de ouvir São Basílio, Santo Agostinho, São Justino, Taciano, Clemente de Alexandria, Hermias, São Jerônimo, e com eles, todos os guias mais ilustrados dos jovens cristãos[286]. Do seu unânime ensinamento, resulta esta **conclusão inatacável: que os primeiros cristãos estudavam o paganismo nas letras e nas ciências, não para o imitarem, isto é, para o perpetuarem, quanto ao fundo ou quanto à forma, mas para tomarem dele, o que era útil à glória ou defesa da religião. Assim, se a Igreja estudou o paganismo na arte foi só para se apoderar dele e fazê-lo servir de elemento à arte cristã; e se estudou também os seus sistemas religiosos e filósofos, foi para os reduzir a pó.**

[286] S. Basilio, De legendis gentilium libris, t. II, p. 2, p. 243. S. Aug., De doct. christ; S. Just., Dialog. cum Thrypho.; Tatian.; Contra gentes; Clem. Alexand., Strom. 1. Hermias. Irris. philosoph.; S. Hier., Epist. ad Magnum, opp., t. IV, p. 64. Ad Pammach., opp., t. IV, p. 585.

Capítulo V

Continuação do precedente

Sérios motivos tiveram, pois, os Padres, para fazerem estudar à adolescência cristã os autores do paganismo, e permitirem-lhe frequentar as suas escolas. Contudo, coisa digna da mais séria atenção: os próprios Padres, não concordam entre si. Conforme o espírito das constituições apostólicas, o maior número pronunciou-se formalmente contra esta instrução, pelo perigo que fazia correr à fé e aos costumes. Outros pensam que os adolescentes se podem entregar a ela, mas, com reserva e grandes precauções. Em nome dos que a autorizam, escutemos Tertuliano, São Gregório de Nazianza e São Basílio; depois ouviremos os que a proíbem.

> "Quando um menino, diz Tertuliano, criado na fé, vem à escola (dum mestre pagão) deve estar prevenido contra o erro. Preservar-se-á; aprenderá a letra que lhe é útil, e desprezará a doutrina ímpia e mentirosa".
>
> "É sentimento comum de todos os homens de bom senso, diz também São Gregório de Nazianza, que a instrução é dos melhores bens que o homem pode receber. E eu não falo só desses conhecimentos numa ordem de coisas sobrenaturais, que podem ser estranhos a todos os ornatos de linguagem... Tenho também em vista essa instrução fora da fé, e dos seus dogmas, esses conhecimentos que a maior parte dos cristãos consideram vãos e ilusórios, cheios de perigos, servindo só para desviar as almas de Deus; e que, por isso, eles desprezam e aborrecem".

O desacordo que mostramos vai diminuindo à medida que o cristianismo estende o seu império e se multiplicam os seus livros, e, por conseguinte à medida que vão perdendo valor os motivos de estudar o paganismo e de aproveitar alguma coisa dele. Assim, nós vemos o próprio São Gregório de Nazianza, que se mostrara tão favorável ao estudo das letras pagãs, modificar a sua opinião, e no fim da vida escrever estas palavras a um amigo seu, Adamâncio, que lhe pedia livros de literatura: "Os livros que tu, tornando a menino, para aprender retórica, me pedes, pu-los eu de parte, depois que, obedecendo à inspiração divina, lancei os olhos ao céu. **Era preciso que tivessem fim todos os brincos da infância; era preciso cessar de balbuciar, para aspirar, enfim, à verdadeira ciência e sacrificar ao Verbo todos esses discursos frívolos, como tudo o que então me encantava**. Mas tu, visto que nada te poderá dissuadir do teu intento, visto que resolveste dar a preferência ao que deve ter segundo lugar, aqui tens os meus livros. Mando-te os que escaparam aos vermes e ao fumo, porque os pendurei por cima da lareira, como o piloto, que se retirou do mar, suspende o leme. Aconselho-te, contudo, que estudes os sofistas amplamente. Adquire todos os conhecimentos necessários e reparte-os com a mocidade, contanto que o temor de Deus domine todas estas vaidades".

Mas eis do mesmo padre coisa mais grave. No elogio de Santo Atanásio, Gregório, levado duma justa admiração pelo generoso defensor da fé, louva-o sem restrição por ter abandonado cedo a cultura das letras e ciências humanas. "Foi educado, diz ele, nos bons costumes, e iniciado nas letras e ciências; mas, logo que soube bastante para não parecer inteiramente inculto e ignorante nesta ordem de coisas, dedicou-se todo à meditação dos Livros Sagrados". Que diferença entre esta linguagem do Santo Doutor e a de algumas passagens das suas cartas!

O seu amigo Basílio sofreu a mesma influência. Depois do Batismo, pesa-lhe o tempo que gastou em estudos literários e filosóficos: "Eu despertei, diz ele, como de profundo sono; e, apenas o Evangelho me iluminou, conheci a vaidade da sabedoria humana...Depois que me entretenho com Moisés e Elias, escreve ele a Libanius, e que recebo da sua língua bárbara as lições que devo transmitir a meus irmãos,

esqueci completamente o que em vossas escolas aprendi". Pela influência de tais homens na Igreja, pode-se julgar da disposição geral dos espíritos antes do fim do século IV.

Começado o século V, estabeleceu-se o acordo sobre esta grande questão. Tinha-se, enfim, visto os perigos do ensino profano, e o bom fundamento da repugnância da maior parte dos cristãos, como diz São Gregório. Compreendia-se, que se não podia esperar o triunfo completo do cristianismo sobre a idolatria e a depravação dos costumes gregos e romanos, enquanto a mocidade das escolas, alimentasse a sua imaginação, e tomasse a regra dos seus juízos no estudo das obras da antiguidade. Nova moral, novas leis, um novo mundo, enfim, não podia sair, pela educação, senão duma nova literatura. "Como era possível, diz um filósofo moderno, aliar o cristianismo com a herança dos antigos povos? As velhas tradições, a lembrança das grandes ações e dos grandes homens que tinham passado, tudo atraía os espíritos num sentido, e o cristianismo com as suas promessas num outro."

Suscitou Deus três grandes atletas, os Santos João Crisóstomo, Jerônimo e Agostinho, para fecharem os debates, acabando com a escola pagã e abrindo uma nova era. Todos três atacam o paganismo clássico, exatamente pelos pontos que o têm feito estimar tanto desde a renascença. Inútil como filosofia, vão como literatura, perigoso como moral.

> "Que mal, exclama o primeiro, nos virá, se ignorarmos as belas letras (isto é a literatura profana)? Não é só entre nós, que nos rimos desta vã sabedoria, que às letras se não dá apreço. Filósofos que nos não pertencem não fazem caso disso…O que não impediu que adquirissem uma justa celebridade… Quão dignos de censura não seríamos nós, pois, se alumiados pela fé, fizéssemos tanto caso dum talento desprezado por aqueles que só se nutrem de vento! **Os apóstolos, e outros que não estudaram esta literatura, converteram o mundo, enquanto que dos filósofos, nenhum chegou ainda a converter um tirano**". Depois de expor todos os perigos deste estudo, acrescenta: "Não seria uma crueldade lançar no meio de tantos inimigos, pobres crianças, incapazes de se defenderem de si próprias?"[287]

O segundo parece ter escrito o seu admirável tratado *De doctrina Christiana*, para fazer com que os jovens cristãos odiassem o paganismo clássico. "Com efeito, diz M. Lalanne, no meio dos excelentes conselhos que o santo doutor dá sobre a eloquência, admira sua reserva em não citar nenhum escritor profano… Em vez de aconselhar, como ainda fazem os nossos retóricos, as obras de Cícero e Demóstenes, passa-as inteiramente em silêncio, e acrescenta: **Não nos faltam escritores eclesiásticos,** independentemente daqueles que o Espírito Santo inspirou, de cujas obras um homem capaz saberá tirar sem esforço, modelos de eloquência, e só terá de se exercer em escrever e ditar, e em falar, finalmente, como a piedade lho inspirar".[288]

Quanto a São Jerônimo, foi, como se sabe, o Orígenes do seu tempo, o sábio em que, de algum modo, se resumia toda a ciência eclesiástica dos tempos passados. Tivera excelentes estudos com mestres pagãos, e já era muito instruído quando se dedicou ao serviço da religião. Na força da idade, e no meio dos mais sérios trabalhos literários, escreveu ao papa Dâmaso, a proposito dum versículo da parábola do filho pródigo, onde se diz que este mancebo desejava, para matar a fome, as cascas que se deitavam aos porcos: "**Pode-se entender, pelo sustento dos porcos, a poesia, a falsa filosofia do mundo, a vã eloquência dos oradores**. A sua agradável cadência e harmonia, afagando o ouvido, apoderam-se do espírito e encantam o coração; mas, depois de se terem lido com aplicação as obras deste gênero, sente-se só uma espécie de atordoamento. **E não nos iludamos, dizendo que não cremos nas fábulas de que vem cheios esses livros.**

[287] Adv. oppugn, vit. monast., lib. III, n. 12, 13, opp. 11, p. 118-121.
[288] De Doctr. christ., lib. IV, n. 4-7.

Esta razão não nos justifica, porque sempre escandalizamos os outros que julgam crermos nós no que lemos”.[289]

Resumindo esta discussão sobre o paganismo clássico nos primeiros séculos, diremos com o sábio autor já citado: “Depois desta grande e miraculosa revolução, operada por homens tais que se pode dizer: *Infirma mundi elegit Deus ut confundat fonia*, o cristianismo apresenta-se na pessoa dos seus propagadores com todo o prestígio que o paganismo admirava nas letras e ciências**. Era o vencedor que se revestia das armas de seu inimigo vencido; precisou delas um instante, para defesa e ataque; serviu-se delas e exortou os seus a manejarem-nas. Mas, em breve, sentindo que era armadura estranha, que lhe ia mal e o feria, despiu-a peça por peça, não fazendo mais caso dela. Em presença do colosso da barbárie, entrou na liça com os seus trajes mais simples, com a cruz por única arma, como o jovem pastor que ia com uma funda derrubar um gigante: ambos tinham posto a sua confiança em Deus**”.[290]

A partir do século VI até meio do XV, geralmente falando, não se fez uso, ou só de modo muito secundário, dos autores pagãos na educação da mocidade. “Ao entrarmos no século V, encontramos diante de nós três grandes homens, discípulos do século IV, herdeiros de toda a sua ciência filosófica e literária, dignos de fecharem essa brilhante legião de inteligências escolhidas, que tanto tinham ilustrado a Igreja. Nós vimo-los dar, de algum modo, à posteridade o sinal dessa grande deserção dos templos literários da Grécia, do Pórtico, da Academia de Atenas e do Museu, assim como de Corinto e Pafos, e, com mão animosa, precipitarem o mundo em noite momentânea, para lhe fazer perder de vista os falsos clarões que o enganavam”.

A Providência favorecia a sua ação com os grandes acontecimentos que então se deram. O império romano, com seus monumentos, as suas artes, a sua literatura caía aos golpes dos bárbaros. Ao mesmo tempo um grande pontífice criava uma nova literatura, expressão perfeitamente pura da sociedade cristã, única que ficara de pé entre as minas. Este pontífice foi São Gregório, de quem teremos muitas vezes ocasião de falar.

[289] Ep. 146 ad Damas., De Duo. flliis. Lalanne, pag. 102.
[290] Id,, pag. 108

Capítulo VI

Segunda época

Acabamos de ver qual foi o sistema de instrução literária seguido pelos cristãos durante a primeira época, isto é, durante os cinco primeiros séculos da Igreja. Vamos estudá-lo na segunda época que compreende toda a idade média.

Interrogando com cuidado os monumentos que nos restam, vemos que se segue o mesmo método, a não ser que os autores pagãos são menos ou nada lidos. Com efeito já não tem o mesmo valor a razão de os estudar.

O paganismo greco-romano é vencido, nos seus tiranos e nos seus filósofos, nas ideias e nos fatos. Desapareceu o motivo cristão de ler os seus autores: ainda se não inventou o pretexto mundano de os estudar. Senhora do campo de batalha, a Igreja pôde cumprir em toda a sua plenitude, a grande missão que lhe foi dada de renovar a face da terra. Ao redor dela apinham-se os robustos filhos do Norte, vencedores semisselvagens do mundo antigo. Este duro granito é preciso o polir; estes ferros Sicambros, é preciso civilizá-los; este é o seu único cuidado; esta será a sua glória.

Ora, ela sabe que a civilização não é senão o cristianismo aplicado às sociedades; sabe que esta aplicação, para ser real e duradoura deve primeiro dirigir-se à infância; sabe que a infância é formada pela educação; sabe que a educação depende do molde em que se vasam as gerações; sabe, enfim, que o rude elemento que tem de ajeitar, só o pode ser pela ação exclusiva, forte e constante do cristianismo.

O pensamento dominante destes grandes séculos acha-se todo nas palavras notáveis dum Santo, que exerceu alta influência sobre a orientação dos espíritos : dir-se-ia uma nova promulgação das constituições apostólicas. Na Vida de Santo Eloi, seu colega no episcopado, Santo Ouen, bispo de Ruão, exprime-se assim: "**Que proveito tiramos nós da leitura dos diversos gramáticos, que mais parecem derrubar que erguer? [...] De que utilidade são para os leitores os tristes cantos de poetas criminosos, como Homero, Virgílio e Menandro? Que podem dar à família cristã esses fazedores de histórias pagãs, Salústio, Heródoto e Lívio? Que arte oratória de Lísias, Graccho, Demóstenes ou Túlio, pode comparar-se com as puras e belas doutrinas do Cristo? De que nos serve a habilidade de Flacco, Varrão, Demócrito, Plauto, Cícero e outros que acho escusado enumerar aqui?"**

Durante esta segunda época todos os clássicos são cristãos. Pensa-se tão pouco em negar este fato importante, que ele tem servido de texto eterno às muitas exprobrações que se lançam, há três séculos, a nossos avôs. Depois se examinará este texto: continuemos.

A língua latina permaneceu muito tempo como língua vulgar dos antigos Europeus[291]; no século IX parece que o grego era ainda geralmente conhecido[292]. Graças a esta feliz circunstância, a infância podia estar mais tempo que hoje à sombra do teto paterno. Ali, como nos primeiros séculos, era ela fortemente alimentada com a leitura dos Livros Sagrados, dos Atos dos Mártires, das obras dos Padres, das legendas dos Santos, das narrativas tão singelas e ao mesmo tempo tão épicas dos grandes feitos de cavaleiros, cruzados, peregrinos e ilustres fundadores de ordens religiosas, cujo nome era tão popular como sublimes tinham sido as suas obras. Isto provam-no os monumentos contemporâneos e prova-o o cunho tão profundamente religioso da linguagem e dos hábitos mais simples da gente do campo e da cidade.

Nem só no lar doméstico lia a infância estes clássicos admiráveis. Achava-os escritos com brilhantes caracteres nas vidraças das Igrejas e nas pinturas das suas paredes. Como naquele tempo todos iam à Igreja,

[291] Battini, 1.1, c. XIII, p. 166.
[292] Em Poitiers assinavam-se autos em grego no século IX. Mem. de la Soc. des antiq. de l'Ouest, 3° vol.

e a miúde, essa leitura era verdadeiramente a leitura clássica popularizada. Daí o uso consagrado ainda hoje em muitas famílias, de ensinar a ler os meninos na Bíblia com imagens. Daí, também, esse outro uso, conservado em certas partes da Europa, de ler, às noites, principalmente de inverno, os Atos dos Mártires, diante da família.

Deixando a família, a mocidade destinada à clerezia entrava nas escolas públicas. Sabe-se, com efeito, que nessa época chamada bárbara, o solo da Europa estava coberto de escolas estabelecidas, ou em presbitérios de campo, ou em mosteiros, ou em catedrais, ou nas casas episcopais[293]. Ali, reunia-se a infância das diferentes classes da sociedade; todos ali recebiam uma educação comum, qualquer que fosse a carreira que intentassem abraçar. Quereis saber que livros se lhes punham nas mãos? Lede as belas cartas de São Jerônimo a Leta, e a Eustóquio: eram o diretório dos estudos, e vereis com que admirável fidelidade a idade média conservava as regras pedagógicas dos primeiros séculos da Igreja.

Começava-se, ou antes, continuava-se a educação começada no lar doméstico, pela literatura eclesiástica, isto é, pela história e doutrina da religião. Os principais clássicos eram os Atos dos Mártires, ou, como então se dizia, o livro das paixões, *Liber passionum*; livro mais capaz que nenhum outro de desenvolver com energia na alma dos meninos todos os nobres sentimentos de fé, generosidade e coragem, que fazem os grandes caráteres e os grandes povos. Daí vem que este livro de ouro, era posto no lugar de honra das melhores bibliotecas. Este testemunho de respeito era mais uma conformidade com o uso dos primeiros cristãos, que não recuavam diante de despesa alguma, diante de perigo algum, para obterem os Atos dos Mártires, que liam com assiduidade.

Uma das glórias da Grã-Bretanha, Acca, sucessor do ilustre Wilfrid, arcebispo da Cantuária, tornou-se celebre pela grande biblioteca que reuniu. Sabeis qual é o primeiro livro mencionado por seu imortal historiador? Os Atos dos Mártires[294].

Ao Livro das Paixões, juntava-se a Sagrada Escritura e os Salmos principalmente, que se aprendiam de cor, como hoje as fábulas de Pedro ou a Arte poética de Horácio. A história detalhada de algumas educações não deixa dúvida sobre a universalidade do sistema.

Limitemo-nos a alguns exemplos, tomados ao acaso nos diferentes povos da Europa. São Bonifácio, escrevendo a vida de São Livino, conta assim a maneira como ele foi educado:

"Este menino, dotado de excelentes disposições, escolheu a vida contemplativa e viveu com São Benigno, padre escocês, homem de distinto nascimento. Procurando ser instruído por este padre na melodia dos Salmos, na doce leitura dos Santos Evangelhos, e outros divinos exercícios, passou a infância como desejava, de modo que, como se estivesse num imenso jardim de beleza toda celeste, crescia todos os dias, passando por todos os graus da virtude. Ajudado por sua sutil inteligência e pela graça, nenhuma dificuldade achava no estudo de tantas coisas divinas, nem na prática dos exemplos dos justos"[295].

Conta-se de São Patrício, que a mãe do jovem Lananus, lhe trouxera o filho para o instruir nas letras, e o menino, confiado pelo Santo homem, ao bem-aventurado Cassando, aprendeu em pouco tempo todo o Saltério, e foi depois homem de vida exemplar.[296]

---

[293] Thomass., De la discipl., etc., des écoles, pag. 240 e seg.
[294] Beda, lib. V, c. XXI; dom Ruinart., Act. martyr., Praef., p. 2 e 3.
[295] Vit. B. Livin., p. 258.
[296] Ages de Foi, p. 225.

Falando do jovem Leobard, de ilustre família, São Gregório de Tours, diz que, sendo o tempo, foi mandado para a escola, onde aprendeu de cor todo o Saltério[297]. O mesmo se diz de São Nizier, bispo de Leão, que prestou o mesmo serviço a outros meninos[298].

No estudo dos Livros Sagrados, tinha-se essa prudência recomendada por São Jerônimo a Leta. Penetrada de respeito pela infância, a Igreja afastava dela, até nos Livros Sagrados, tudo o que pudesse intimidar-lhe a inocência, ou fatigar-lhe a imaginação, e as obras dos Padres serviam ao mesmo tempo de modelos de eloquência e comentários dos Livros Sagrados. Aqui, ainda a mesma marcha, que nos primeiros séculos da Igreja.[299]

Os tratados das ciências e artes, explicavam-se depois. Mas, segundo o grande princípio de ordem e de luz, que a religião é no mundo o que é o sol no firmamento, o centro em volta do qual tudo gravita, as ciências e artes eram estudadas, não como fim mas como meio; como meio, não de bem-estar, mas de aperfeiçoamento espiritual e temporal, e de utilidade para a religião. Assim, vemos que, nas sábias escolas de Inglaterra, fundadas pelo ilustre Teodoro, a geometria, a astronomia e as matemáticas em geral, eram ensinadas, debaixo do ponto de vista religioso, com tal rigor, que se chamavam geometria, astronomia e matemáticas eclesiásticas. O mesmo se dava com a pintura, a escultura, a arquitetura e a poesia; porque todas foram inventadas para glória de seu autor.[300]

Ensinavam-se, também, as línguas estrangeiras, ou para se aproveitarem os tesouros de ciência religiosa dos diferentes povos, ou para se poder pregar o Evangelho no Oriente e no Ocidente: e por este duplo motivo eram elas objeto de particular cuidado. Muitos as falavam como a sua língua materna. A história consignou este fato: que o rei Gontram foi recebido em Orleans por uma multidão de mancebos que, cantavam os seus louvores, uns, em siríaco, outros, em latim, e outros, em hebraico[301]. O latim falava-se principalmente em Roma, no palácio de São Gregório, com admirável perfeição[302].

Depois veremos o concílio de Viena ordenar a ereção de cadeiras de todas as línguas orientais nas diferentes universidades da Europa. Nada digo das ciências morais, e principalmente da filosofia, porque é evidente que eram olhadas todas como servas da teologia: assim lhes chama Santo Tomás, cujas obras, como as dos doutores da idade média, são a magnífica prova desta magnífica definição.

Eis aqui, enfim, o programa dos estudos, nesses séculos chamados bárbaros. Traçado por Marciano Capela, retórico africano do século V, e vindo da mais remota antiguidade, este programa permaneceu invariável durante doze séculos. “Aos dez anos começavam os estudos em regra; dividiam-se em dois períodos, de cinco anos cada um. Durante o primeiro, percorria-se o *trivium*, que compreendia a gramática, a dialética e a retórica: por muito tempo estes estudos, não foram depreciados, por se chamarem modestamente triviais. À gramática, pertencia o estudo das línguas. Cultivam-se por toda a França, todas as línguas sábias, sem se excetuarem as línguas orientais. A dialética precedia sabiamente a retórica, que não era então o que depois se tornou, uma arte de dizer ideias, que só mais tarde se terão.”

“Segundo a aptidão e os progressos dos discípulos, ao *trivium* sucedia o *quadrivium*, que os iniciava na aritmética, na geometria, na astronomia e na música. Todos estes elementos dispersos se uniam sinteticamente. Segundo os antigos, a educação do homem, como a formação do mundo, reduzia-se a duas coisas: a palavra e o número, e a dois grandes fins, eloquência e sabedoria.

---

[297] Vit. Patr., c. 20.

[298] id., ibid. — Só conhecemos uma exceção a este método: é a educação de S. Fulgêncio; explica-se pelas intenções de seus pais sobre o futuro de seu filho e pelas circunstâncias particulares da sua infância. Thomass. «supra.»

[299] Hier. Ep. ad Laet. opp., t. IV, p. 596. S. Bened. Regul, c. vi, 7. Cassiod. ap. Sur, 28 nov. Baron., an. 562, n. 13.

[300] Beda, lib. IV, e 1-2.

[301] S. Greg. Turon., Hist, lib. VIII. c. 1.

[302].Vit. S. Greg. lib. I, c. 12-13.

Três caminhos levavam à eloquência "arte de falar corretamente, de pensar reto, e de dizer bem; ou, a palavra elaborada pela gramática, afiada pela dialética, expressa e embelezada pela retórica: o verbo na sua pureza, na sua força e na sua beleza"; tal era a eloquência.

Era preciso um caminho mais longo e mais árduo, para chegar à sabedoria ou à ciência, coisas idênticas. Tudo, porém, se resumia ao número; mas havia o número transformando-se em combinações infinitas, a aritmética, representada pela unidade; havia o número abstrato, absoluto, imutável na extensão ideal, ou a geometria, que tinha por emblema o binário; havia o número movendo-se através dos espaços criados, e arrebatando os corpos celestes; a astronomia, que tinha por símbolo uma esfera. Enfim, às sete cordas da lira, faltava ainda uma. Quando, pois, todos estes acentos ressoavam juntos, a harmonia despertava na alma, a música aparecia, como esses concertos que Pitágoras ouvia nos mundos longínquos e no fundo da sua alma. Era esse o complemento do homem, a consumação da sabedoria. Assim se formava essa escada do desenvolvimento humano, cujos sinais eram a palavra e a sabedoria, e cujos degraus eram essas artes liberais que constituíam o homem elevado ao seu verdadeiro valor, o sábio eloquente: *Vir bonus dicendi peritus*[303].

O que são, na profundidade e harmonia, os modernos sistemas de instrução, ao pé deste? Contudo, era este o molde comum, onde se vasavam todas as inteligências. Vinham depois os conhecimentos especiais a cada situação da vida: eram dados nas universidades.

Enfim, até a literatura pagã, segundo as regras de prudência dos Padres da Igreja, era estudada na idade conveniente, para que os despojos do Egito servissem para ornamento do santuário. Assim, por um lado, só a adolescência, e nunca a infância, tocava nesse vaso de belo exterior, mas cheio de veneno; por outro lado, a adolescência e os próprios mestres só o tocavam com grandes precauções[304].

Se, em algum lugar, se deixava de seguir estas regras, cuja muita prudência é atestada pelos males que hoje sofremos, logo as reclamações e os gritos de alarma se faziam ouvir. Era advertido o Sumo pontífice, o grande sentinela de Israel; tudo tornava a entrar na ordem, e a Europa continuava a procurar o belo, na mesma fonte que lhe dava o verdadeiro, o bom e o justo[305].

Terminemos por algumas particularidades úteis de se saber, principalmente hoje. Os eclesiásticos, os bons monges, geralmente votados à educação da mocidade, faziam-no com uma abnegação com a qual nada se parece a conduta dos homens de profissão, que especulam com a instrução oficial.

---

[303] D; Pitra, Vida de S. Leger, pag. 63. Greg. Tur., Hist, franc., lib. IX, 19. Galland Bibi. pp., t. XI, p. 161. — O mesmo plano de estudo se encontra com novos desenvolvimentos, na educação das letras divinas, de Cassiodoro. Este ilustre senador romano, consul, prefeito do pretório depois de 50 anos de trabalho no governo do reino da Itália, abraçou a vida monástica aos 70 anos, e ainda trabalhou perto de 30, para legar aos séculos futuros os tesouros da antiguidade litarária. No seu plano de estudo, ou antes no seu programma de uma universidade católica, é dominante a ciência de Deus e das coisas divinas. Todas as ciências humanas servem para conduzir àquele ponto e merecem por isso ser cultivadas.

Primeiro que tudo vem a Escritura com os principais comentários dos Padres da Igreja. Seguem-se, após a Escritura e os Santos Padres, as atas de quatro concílios gerais : de Nicéia, de Constantinopla, de Éfeso e de Calcedônia. Neste lugar aconselha Cassiodoro a leitura das diversas histórias que tem relação com a Religião, tais como as Antiguidades Judaicas, por Joséfo; a História Ecclesiastica, de Eusébio, a de Sozomeno, de Teodoreto, de Orose; os Catálogos dos homens ilustres, de S. Jerônimo, e principalmente as Vidas dos padres e os Atos dos Mártires. A Cosmografia e a Geografia, visto que podem ser úteis à Religião, são por isso recomendadas por Cassiodoro, bem como o estudo dos melhores geográfos. Ele aconselha o estudo das letras profanas, mas moderadamente e com o fim de tirar delas socorros para a inteligência dos livros sagrados. Para completar o seu trabalho da educação das letras divinas, Cassiodoro ajuntou o Tratado das sete artes liberais com o fim de aperfeiçoar o homem e de o elevar até Deus. (Vide Histoir Uuniv. de l'Égl., t. IX, 178-189.)

[304] S. Bened. Reg., c. n, —Omnes omnino pontífices a lectione librorum gentilium Gregorius inhibebat. Joan. diac. in Vit., lib. IH, c. 33.

[305] Ele não proíbe inteiramente as letras profanas, mas quer que elas ocupem um lugar secundário e que se continue como até então a alimentar a infância com a Escritura e os Padres. Sur. 28 nov. Nós veremos mais adiante toda a carta de S. Gregório ao bispo Didier, pela qual ele o proíbe de fazer das obras pagãs os clássicos da mocidade. Lib. IX, epist. 49

ABNEGAÇÃO EM INSTRUÍREM-SE. A vida do eclesiástico, ou religioso, destinado ao ensino, era vida de estudos. Nenhum cuidado da existência, nenhuma preocupação das necessidades da vida lhe vinham ao pensamento: toda a sua vida era rezar e instruir-se, para santificar e instruir seus irmãos. Os santos cânones, as regras dos mosteiros ordenavam-lho como um dever de consciência. A falta de outras provas, isto só bastaria para demonstrar a superioridade do seu ensino[306].

ABNEGAÇÃO EM CONSERVAREM A INOCÊNCIA DE SEUS DISCÍPULOS. Aqui, ainda, que diferença entre a conduta dos religiosos de então e a dos professores de agora! Hoje toda a educação é abandonada à influência dos professores. Outrora os mestres não saíam do pé dos seus discípulos, dia nem noite. Não sei de coisa mais tocante e instrutiva que as prescrições seguintes dos concílios de Tours e Toledo:

"Os religiosos e clérigos, dizem eles, a quem se confiar a educação da mocidade, cuidarão em pôr juntos os jovens, de quinze anos para cima, numa sala comum, onde dormirão sob a vigilância constante do seu diretor ou do mestre. Durante a noite haverá uma leitura, a fim de que as mesmas precauções tomadas para a pureza de seu corpo, sirvam também para alumiar as suas almas"[307].

ABNEGAÇÃO EM ALIVIAREM AS SUAS NECESSIDADES. Hoje, não se pode entrar nos estabelecimentos de instrução, senão a peso de dinheiro. Nos séculos bárbaros da idade média, a ciência nada custava. Era dada, e esses monges tão ávidos, ainda davam às crianças pobres, livros e sustento corporal, para que pudessem continuar os seus estudos[308].

Saindo das escolas estabelecidas nos presbitérios, nos mosteiros, nas catedrais, nas residências dos bispos, a mocidade ia para as universidades. Nesses grandes centros de luzes, com que a religião dotara a Europa antiga, o espírito da instrução era o mesmo que no lar doméstico, e nas escolas elementares: homens e livros, tudo lá era cristão. Só Aristóteles teve, por assim dizer, o direito de livre prática, e obteve o privilégio de uma grande popularidade. Mas nem este filósofo era posto em mãos de crianças, nem era estudado pelo fundo das suas idéias, ou pela forma do seu estilo; era-o unicamente pelo seu método dialético. O interesse da religião inspirava os nossos pais, e ninguém deixará de reconhecer que foram bem inspirados.

Talvez que com isto vos escandalize, mas confesso-vos que a dialética me deve particular afeição.

l.° Pelo mal que dela disseram os heréticos e inovadores, e que não foi pouco.

2.° Pelos grandes serviços que ela prestou ao espírito humano e à verdade. O espírito humano deve-lhe essa marcha firme e essa força de dedução que não o deixa perder-se no vago, e que comunica às nossas línguas modernas uma precisão que nunca tiveram as línguas antigas. E finalmente forneceu armas seguras para desmascarar o erro e enredá-lo em seus próprios laços, reduzindo as suas divagações e todo o seu palavreado à forma simples e inexorável dum silogismo.

Contudo, as obras de Aristóteles não foram completamente inocentes; deram lugar a diferentes erros justamente condenados pelo bispo de Paris, Estevão Tempier, em 1277:

"Veio ao nosso conhecimento, diz ele, que alguns estudantes em artes (filosofia), saindo dos limites da sua faculdade, ousam sustentar erros manifestos, ou, antes, quimeras extravagantes. Encontram estas proposições nos livros dos pagãos, e parecem-lhes tão demonstrativas que não sabem responder-lhes: Querendo paliá-las, caem noutro escolho, porque dizem que são verdadeiras segundo o filósofo, (quer dizer,

[306] Conc. Narb., an. 589, can. 11. Conc. Tolet. VIII, can. 8. S. Isid. Uispal. Regul., c. VI-VII—S. Bened. Reg., c. 48.
[307] Conc. Tolet. 11. can. 43. Conc. Turon. 11, can 14.
[308] Beda, lib. in c. 27.

segundo Aristóteles), mas não segundo a fé católica. Como se pudesse haver duas verdades contraditórias!”[309].

Resumamos o que precede.

Desta rápida exposição, resulta o fato que nós queríamos estabelecer—a saber: que, durante o período da idade média, os livros clássicos foram exclusivamente cristãos. Desde o princípio da Igreja até ao século XVI, a opinião invariável dos Padres e dos sábios foi que a literatura pagã não convinha nem ao espírito nem ao gênio da religião cristã; que, por isso, era necessário estudar aquela que nascia naturalmente do cristianismo, que era a sua expressão e respirava o seu espirito. “A nossa verdadeira latinidade, diz São Próspero, é, se me não engano, aquela que, retendo só a propriedade dos termos da antiga latinidade, exprime as coisas breve e simplesmente, e não aquela que se faz notar pela beleza da forma”. A glória eterna de São Gregório, o Grande, é o ter fixado com os seus escritos essa língua latina cristã, cujos fundamentos tinham sido lançados pelos Padres; língua tão admirável de lucidez, riqueza, simplicidade, unção, elegância, e tão diferente da língua latina pagã, como o dia é diferente da noite, ou o cristianismo do paganismo.

O ilustre pontífice não parou aqui; unindo os seus esforços aos de Santo Isidoro de Sevilha, fez com que a mocidade só aprendesse o latim nos autores cristãos, e para prova basta esta simples observação: **nós, na idade madura conservamos sempre, mais ou menos, o estilo, os pensamentos, a elocução dos autores que estudamos na infância; o vaso retém muito tempo o cheiro do primeiro líquido que conteve**: *quo semel est imbuta recens servabit odorem testa diú*. Daí vem que São Jerônimo e Santo Agostinho, conquanto condenassem ambos energicamente os clássicos pagãos, deixam ver no seu estilo alguma coisa das expressões e da maneira dos autores pagãos com que se tinham familiarizado na infância; pelo contrário, desde São Gregório até São Bernardino de Sienna, Santo Antônio de Florença, e São Lourenço Justiniano, escritores do século XV, célebres tanto por sua eloquência como pela gravidade de suas obras, nenhum autor cristão apresenta nos seus escritos coisa que se pareça com o estilo ou a elegância dos autores profanos. É a prova mais evidente de que todos tinham na infância aprendido o latim, não nos autores profanos, mas nos cristãos. Daí vinha esse gosto, esse amor ardente pela Sagrada Escritura e pelos antigos Padres, que eles conservavam por toda a sua vida, e que se acha não só nos eclesiásticos, mas até nos leigos e nas mulheres. Quanto às obras pagãs, davam-lhes pouca importância, e só as liam na idade madura, e se isso faziam, não era para estudarem o estilo, mas para, à imitação dos primeiros cristãos, buscarem nelas o que servisse de confirmar e ornar a verdade cristã.

Tal foi a economia dos estudos, desde o princípio da Igreja até ao fim do século XV.

Por consequência, a filosofia, a literatura, as ciências, animadas do mesmo espírito que a teologia, caminhavam juntas na mesma estrada da verdade cristã, e a prossecução de seu desenvolvimento era realizada por meios exclusivamente cristãos. De feito, vemos que todos os livros desta época, e principalmente os publicados pelos *Trecentistas*, têm por objeto histórias cristãs ou assuntos cristãos e nacionais: estes últimos também são cristãos, porque amar a pátria é um dever do cristianismo.

As artes apresentam-nos o mesmo espetáculo. Não sei dum pintor, dum escultor dessa época que tratasse um assunto mitológico, pagão, obsceno ou mesmo exclusivamente profano. O viajante atento que passa por Veneza, pode, ainda hoje, adquirir, com os seus próprios olhos, a certeza do que afirmo. Pode considerar-se esta cidade como o mais vasto museu da arte cristã. O bronze, o mármore, os magníficos quadros que recordam os grandes feitos dos venezianos contra os turcos, bastam, por si sós, para provarem que estes heroicos feitos de armas foram praticados por cidadãos duma república cristã.

[309]Biblioth. Patr., an. 1277.

Assim, os moderadores e os guias desta época, tão indignamente caluniada, sabiam, como os Padres da Igreja, que o único meio de ter gerações cristãs, era vazá-las no molde cristão. Não era porque esses homens, chamados bárbaros, não pudessem ou não soubessem servir-se de autores profanos. Possuíam-nos porque no-los conservaram; liam-nos, porque os transcreveram milhares de vezes; ora, se os liam e transcreveram, é porque os entendiam.

Além disso, sabiam apreciá-los. Para os conservarem impunham-se sacrifícios, diante dos quais talvez nós recuássemos. Assim, no século VIII, um pobre monge, Loup, abade de Ferrières, escreve para todas as partes da Europa a pedir manuscritos para os mandar copiar e corrigir os que possuía, acrescentando que todas as despesas serão à custa dele. Implora a Éginard os manuscritos do *Orador* de Cícero e das *Noites Áticas* de Aulo-Gello; ao bispo Heribold, os *Comentários* de César; a Ansbald, as *Cartas* de Cícero a Mercuade, abade de Prom; o manuscrito de *Suetonio* ao papa Bento III; os *Comentários de* São *Jerônimo* às *Instituições de Quintiliano;* os *Comentários de Donato a Terêncio*, *Salustio*, os *Discursos contra Verres*, e muitos outros mais[310].

No século X, o celebre Gerbert, primeiro humilde religioso de Aurillac, depois Arcebispo de Ravena, e, enfim, Papa com o nome de Silvestre II, não mostra menos afã em conservar e multiplicar os manuscritos dos autores profanos. Apela para bispos e religiosos de França, Itália, Alemanha e Bélgica, e o generoso pontífice compra a peso de ouro essas obras que se podiam dar como livros clássicos à mocidade, mas que nunca se lhe deram[311]. Nos séculos seguintes, vemos o mesmo zelo perpetuado em toda a Europa, por Lanfranc, arcebispo da Cantuária, por Didier, abade do monte Cassino, depois Papa com o nome de Victor III, e por muitos outros que longa seria a enumeração[312].

Visto que a sociedade ilustrada da idade média conhecia, estudava, apreciava os autores pagãos, quem sustentará que ela não os podia dar à mocidade como modelos, e imitá-los ela mesma? Que lhe faltava para isso? As obras desses autores? Possuía-as. O bom gosto necessário para as admirar? Que! Todos esses gênios de primeira ordem, que na idade média mantiveram tão firme o cetro do saber e da eloquência, não poderiam, se quisessem, imitar a língua, a poesia, a escultura, a arquitetura dos pagãos, tão bem, e talvez muito melhor, do que o têm feito há três séculos para cá, muitos personagens que se arrogam esse privilégio? Nem Santo Agostinho, nem São Jerônimo, nem São João Crisóstomo, nem São Bernardo, Alberto o Grande, Dante, Petrarca, Santo Tomás, e tantos outros, poderiam copiar na sua língua a forma pagã, nem os arquitetos das nossas imperecedouras catedrais, poderiam copiar nos seus trabalhos, as linhas retas e os cimbres de Atenas e Roma? Podiam; e se não o fizeram foi porque não quiseram; não quiseram porque tinham muito bom gosto para cometerem semelhante contrassenso, muita razão para ressuscitarem uma forma gasta com o pensamento que revestira, muita superioridade para se abaixarem, como depois se fez, ao papel de imitadores servis.

Nem só as sumidades da época conheciam os autores profanos, como nos primeiros séculos da Igreja o seu estudo era permitido quando deixava de ser perigoso, e até, o que talvez vos espantará, era, até certo ponto, popular. Citarei só um exemplo que dispensa outros. Lembrai-vos dos belos versos do cantor imortal da divina Comédia, onde o venerável Cacciaguida, bisavô do Dante, conta que as damas do seu tempo falavam na guerra de Tróia, nas antiguidades de Fiesole, e nos altos feitos dos Gregos e Romanos, fiando na roca, ou embalando seus filhos[313]. Se aproximardes as datas, vereis que isto se passava, no século XI. Já vedes, pois, que a renascença não inventou, como se diz, os Gregos e Romanos. Antes dela, já eram conhecidos e acolhidos honrosamente entre os nossos bons avós. **A idade média, porém, teve o bom**

[310] Epist. Paris, 1588. Ep. 104 et 105.
[311] Epist. 44 Ad Ecbert., abb Turon. Id. ad Reginald monaca. Ep. 130.
[312] Battini, t.1, c. 9, pag. 88 e seg.
[313] Parodis., cant. xv.

senso e o bom gosto de pôr cada coisa no seu lugar: o cristianismo primeiro e o paganismo depois; o cristianismo como base e corpo do edifício, o paganismo como ornato acessório; o cristianismo como molde, o paganismo como lavor; o cristianismo como essencial, o paganismo como secundário para a estabilidade e beleza da ordem social, e para os progressos do espírito humano.

Capítulo VII

Terceira época

Esta ordem tão perfeitamente lógica aos olhos da razão e da fé, teve a desgraça de desagradar aos homens que, sabendo-o ou não, introduziram o paganismo na Europa, inaugurando a *terceira época* da nossa educação pública.

Eis, em poucas palavras, a história dessa revolução inaudita, cujas desastrosas consequências ainda hoje estamos sofrendo.

Constantinopla acabava de cair aos golpes de Maomé II: era em 1453. Tristes restos de uma nação dispersa por ter traído a fé de seus pais, os Gregos fugitivos chegam ao Ocidente. Na sua bagagem de proscritos, trazem as obras dos filósofos, poetas, oradores e artistas pagãos, de que são admiradores fanáticos. Acolhidos pelos Médicis, pagam-lhes o agasalho, explicando as obras dos seus antigos compatriotas e exaltando a glória de tudo o que foi inspirado pelo gênio pagão. Ao ouvi-los, dir-se-ia que a Europa, até ali, nada conhecera de eloquência, filosofia, literatura, poesia e belas artes.

"Bárbaro, instruí-te; não procures modelos nem inspirações nos teus pretendidos grandes homens, nos teus anais, na tua religião. Só a Roma pagã, a Grécia pagã, principalmente, te podem oferecer, em todos os gêneros, obras primas, dignas da tua meditação. Elas tiveram o monopólio do gênio, do saber e da eloquência; lá existiram os homens que tu deves imitar, mas que nunca igualarás porque puseram as colunas de Hércules da inteligência humana". Assim disseram em todos os tons os novos mestres.

Surdamente minada pelo espírito de revolta, triste fruto do grande cisma do Ocidente, a Europa presta atentos ouvidos a estas palavras; vê nelas uma censura, uma injúria para o catolicismo, e com todo o ardor dum rancor comprimido, aproveita a ocasião de lhe quebrar a autoridade literária enquanto não chega o momento de romper abertamente com ele, quebrando-lhe a autoridade religiosa.

Um imenso eco responde à voz sedutora dos novos doutores. Já se não veem senão os pagãos de Roma e Atenas; devoram-se as suas obras e exaltam-se até às nuvens; já não se conhecem para a humanidade senão dois séculos de luzes: o século de Augusto e o de Péricles,— os outros todos são ocultados pelos Carlos Dupin da época, com largas zonas de tinta negra. Nada é belo, nada é suportável nas diversas formas do pensamento humano, em literatura e em arte, senão o que tem o selo do paganismo. Todos se envergonham de o não saberem há mais tempo e disso fazem contrita penitência, esforçando-se por se amoldarem o mais possível à imagem da antiguidade.

Tanto para poupar à infância um grande trabalho como para assegurar o sucesso desta feliz *renascença*, prepara-se logo um modelo perfeitamente pagão para nele se vasarem as gerações. Para longe os Atos dos Mártires, as Escrituras, os Padres da Igreja! A história dos deuses do Olimpo, as fábulas de Esopo, Quinto Cúrcio, Ovídio, Virgílio, Homero, Xenofonte, Demóstenes, Cícero: essas sim, é que serão doravante, os modelos exclusivos dos jovens cristãos, dos filhos de mártires e cavaleiros. "Será a admiração do futuro, diz um grave protestante de nossos dias, saber-se que uma sociedade, que se dizia cristã, dedicou os sete ou oito mais belos anos da mocidade de seus filhos ao estudo exclusivo dos pagãos"[314]. E, contudo, é um fato, porque é certo que na época de que estamos falando houve uma quebra completa da cadeia tradicional do ensino, um desvio exorbitante na marcha do espírito humano; numa palavra, uma mudança radical na educação da mocidade.

[314] De Gasparin, Des instit. gén. du protest.

Há outro livro ainda mais clássico, mais popular que as obras impressas ou manuscritas: falo da arte em geral. Exclusivamente consagrada à religião, ela explicava aos olhos dos sábios e dos ignorantes os Atos dos Mártires, os fatos da Escritura e as histórias dos Santos: as páginas tão variadas, tão inteligíveis deste novo livro, achavam-se em toda a parte, nas Igrejas e até no lar da mais humilde cabana. Tal era o segundo livro clássico, o segundo molde cristão das jovens gerações.

Ora o que se tinha feito na literatura, tratou-se logo de o fazer também nas artes. Ao tipo cristão, sucede um tipo perfeitamente pagão. Fora com todas as glórias artísticas dos tempos da fé! Fora com os magníficos monumentos da arquitetura, de pintura, de ourivesaria de que está cheia a Europa! Os templos mutilados da Grécia e da Itália, as estátuas, os vasos, os fragmentos de colunas, os arcos de triunfo, os edifícios arruinados do paganismo, os afrescos dos seus palácios, das suas vilas, das suas termas, eis o tipo exclusivo do belo, eis os verdadeiros livros clássicos, para pintores, escultores, arquitetos, desenhadores e ourives. Aqui, como na literatura, o entusiasmo chegou a delírio: tornou-se uma epidemia que grassou em toda a Europa. Não há dúvida de que, para o dirigir, a própria Roma, na pessoa dos Papas da casa dos Médicis, se pôs a frente do movimento: a renascença gozou de grande favor na capital do mundo cristão. Além do culto ardente das letras pagãs e das honrarias concedidas aos artistas da nova escola, tudo o que se ligava à antiguidade pagã, atraia a atenção: o achado dum vaso ou duma estátua era um acontecimento!

Acabais de ver como se quebrou o molde em que a Europa se vasara durante quinze séculos, e donde saíra tão heroica, tão forte, tão grande em tudo; numa palavra, tão cristã. Agora lembro-vos a vossa primeira objeção e pergunto-vos: Pareço-vos ainda muito absoluto? A mudança de molde foi menos completa do que eu afirmei? Recordai-vos e comparai.

Durante as duas primeiras épocas, os clássicos, isto é, os livros e artes apresentadas como modelos à infância, são exclusivamente cristãos. Durante a terceira época, são exclusivamente pagãos. Durante as duas primeiras épocas, os clássicos propriamente ditos, são: os Atos dos Mártires, a Sagrada Escritura, os Padres da Igreja: é secundário, e só na adolescência, o estudo das obras pagãs. Durante a terceira época, os livros clássicos propriamente ditos, são: os historiadores dos deuses do paganismo, as fábulas do paganismo, os livros dos grandes homens do paganismo: são estudados principal e exclusivamente, e desde os primeiros anos.

Durante as duas primeiras épocas, a infância permanece longo tempo no seio da família, onde é nutrida do puro leite das verdades cristãs; só passa às escolas para um alimento mais substancial, mas não menos cristão. Durante a terceira época, a infância deixa muito cedo o lar doméstico, onde já recebe um sustento meio cristão, meio pagão; entra, depois, nas escolas públicas onde o sustento é todo pagão.

Durante as duas primeiras épocas, só se estudam os pagãos com um fim religioso, e não como modelos de sentir, pensar e falar. Durante a terceira época, só se estudam os pagãos, como modelos da perfeição na arte de pensar, sentir e falar. Pôde ser mais completa a mudança de sistema, de forma, de molde?

- Pesquise em um bom dicionário todos os significados das palavras que desconhece e registre-os em seu caderno.
- Copie as citações em seu caderno (estão indicadas com o símbolo).
- A partir da leitura dos capítulos, o seu resumo deve contemplar as respostas aos seguintes questionamentos (se não considerou algo, adicione as informações que faltaram):

- Em quais épocas Monsenhor Gaume divide a história?
- Qual conselho é dado por São Jerônimo sobre a educação dos filhos? Copie as partes mais importantes em seu caderno.
- O que diz São João Crisóstomo sobre o estudo dos livros sagrados?
- Qual era o livro clássico dos cristãos na infância?
- Qual era a função da literatura pagã nestes primeiros séculos? Por que e quem as estudava?
- O que diferencia a eloquência dos Padres da Igreja da dos oradores pagãos?
- Qual conclusão Monsenhor Gaume tira à guisa dos exemplos dos Santos e jovens cristãos?
- O que escreve São Gregório de Nazianza a um amigo que lhe pedia livros de literatura?
- Qual era a "disposição geral dos espíritos" antes do fim do século IV?
- Quem são os Santos Atletas e qual missão com exímio êxito alcançaram?
- Como Monsenhor Gaume define a literatura de São Gregório?
- Que opinião tem o Monsenhor sobre os cuidados e educação das crianças sob o teto paterno?
- Como era a educação na segunda época?
- Como as ciências e as artes eram estudadas? Quais eram as suas finalidades?
- No que consiste as artes do trivium e quadrivium?
- O que significa ter eloquência?
- A literatura pagã nesta época era destinada a todos, sem distinção? Qual era a sua importância?
- Como eram as coisas nas universidades na Europa antiga?
- Quais justificativas utilizam para sustentar a ideia de que os clássicos pagãos devem ser lidos?
- No que consistem as diferenças entre o cristianismo e o paganismo na Idade Média?
- O que caracteriza a terceira época da educação, segundo Monsenhor Gaume?
- O que mobilizou o espírito de revolta contra a educação católica?
- Qual modelo passa a perdurar desde então? Qual fruto esta revolução trouxe?
- A Arte acompanha esta revolução? De que modo?

⚜ No Capítulo V do Livro "O verme roedor", o Monsenhor Gaume escreve uma metáfora para a parábola do filho pródigo, estabelecendo uma comparação com a literatura. Escreva esta metáfora e explique o sentido atribuído.

⚜ Escolha um tema abordado anteriormente e, com base nele e na leitura feita até o momento, crie uma metáfora para exemplifica-lo.

⚜ Levando em consideração todas as leituras realizadas até o momento e baseando-se nos seis últimos parágrafos do capítulo VII do "Verme roedor", elabore uma tabela que leve em consideração as três épocas apresentadas e, em cada linha, a análise das seguintes características:
- Período de duração de cada época.
- Principais características.
- Literatura católica.
- Literatura pagã.
- Livros recomendados.

⚜ Após toda a leitura e atividades realizadas, responda:
- Qual é a importância do estudo da Literatura exclusivamente católica?
- Que resposta e benefícios este tipo de literatura pode trazer para a sociedade atual?

Após estas leituras, fica cada vez mais evidente a necessidade dos alunos se aterem ao estudo de verdadeiros clássicos: cristãos, católicos. O uso de livros pagãos foi permitido por uma necessidade, como foi visto, que, definitivamente, não servirá para esta formação para a vida intelectual e para a vida interior que estamos propondo, que pretende formar Santos Sábios e não intelectuais soberbos entregues a todas às concupiscências da carne. Dois mil anos de Igreja, de escritos e de Santos, Deus nos concedeu que em tudo superaram a escrita pagã. Homens e mulheres, mais Santos e Sábios do que nós, já leram e estudaram estes autores e deles já retiraram tudo o que é bom; não precisamos nos expor a seus erros, arriscar nossas almas na busca da erudição'. Este é o nosso convite, caro estudante, para estes três anos do Ensino Médio: entendamos melhor o que consideraremos como literatura católica.

O que é Literatura Católica?

Dr. Taylor Marshall (Phd), católico, filósofo, teólogo e especialista em Santo Tomás de Aquino, nos traz uma interessante definição sobre o que significa **"Literatura católica":**

"Qualquer livro ou romance que possui uma visão de mundo sacramental ou que demonstra o modo católico (os olhos católicos) de ver o mundo."

São Basílio, em sua "Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã", escreve sobre o sustentáculo desta disciplina:

"[Homem] conscientiza-te da tua grandeza considerando o preço derramado por ti: olha para o preço do teu resgate e compreende a tua dignidade."

Ao formá-lo, aluno, estamos perante uma missão grandiosíssima concedida por Deus! Diante da sua dignidade, resgatada pela cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, deve compreender que a vida, os estudos, cada atividade proposta não é um mero "passa tempo". Formar a pessoa humana, formar-se para a verdadeira sabedoria e santidade, implica em fazermos escolhas pelo melhor, pelo Belo, pelo Verdadeiro, o que, essencialmente, importará para a sua Salvação, por isso a escolha pela literatura católica.

Embebidos do objetivo primevo deste projeto, tendo como finalidade os meios literários, o objetivo da disciplina também é formar alunos, discípulos, que desejam viver eternamente com Deus.

Se nos podem causar tantos danos as obras dos antigos gregos, quanto mais as obras da modernidade desferem golpes para a nossa condenação eterna! Não, não nos exponhamos aos riscos da modernidade, assim como não nos exporemos aos riscos da antiguidade. Vejamos o que mais os Santos podem nos ensinar:

Santa Teresa D'Ávila e o Romances

Santa Teresa D'Ávila, doutora da Igreja e reformadora da Ordem do Carmelo, foi filha de pais virtuosos, de quem ela recebeu uma boa educação religiosa. Quando criança, sua brincadeira preferida era a de 'fundar mosteiros' e ela constantemente pensava na vida eterna.

No entanto, **Teresa adquiriu de sua mãe o mau hábito de ler livros de romance**. Isto a tornou vaidosa e inclinada a conviver com pessoas pouco virtuosas, o que ela mesmo confessa com pesar em sua autobiografia "O Livro da Vida". Teresa somente voltou ao prumo quando o pai percebeu os caminhos que ela levava. Não titubeou: colocou-a num convento de agostinianas, o que lhe serviu de correção. Diz a Santa em seu livro:

> *"Parece-me que começou a fazer-me muito dano o que agora direi.* ***Considero algumas vezes o mal que fazem os pais em não procurar que seus filhos vejam sempre - e de todas as maneiras - coisas de virtude****. Era ela [sua mãe] afeiçoada a livros de cavalaria. [...]****Comecei a ficar com o costume de os ler; e aquela pequena falta que nela via fez resfriar os desejos em mim e faltar no demais****. Não me parecia mal o gastar muitas horas do dia e da noite em tão vão exercício, embora às escondidas de meu pai. Era tão em excesso o que nisto me embebia que, se não tivesse livro novo, não tinha - a meu parecer - contentamento. Comecei a trazer galas e a desejar agradar, parecendo bem, a ter muito cuidado com as mãos e cabelo, perfumes e todas as vaidades que nisto podia ter. E eram muitas, por ser*

muito requintada? Não tinha má intenção, pois não quisera eu que alguém ofendesse a Deus por minha causa. Durou-me muitos anos este muito requinte no demasiado apuro e em coisas que me pareciam não ser nenhum pecado. Agora vejo o mal que devia ser".

Ao mesmo tempo, a Santa Doutora reconhece quão proveitoso pode ser um bom livro. Veja as próprias palavras da Santa:

"Eu não teria conseguido perseverar na oração nos dezoito anos em que acometeram tamanhos sofrimentos e aridez, visto não poder fazer oração discursiva, ***sem as leituras. Por todo esse tempo, eu não me atrevia a começar a orar sem livro, exceto quando acabava de comungar; minha alma temia tanto orar sem livro que era como se tivesse de enfrentar um exército."*** *(Livro da Vida 4,9).*

"É muito útil usar um bom livro, mesmo para recolher o pensamento e vir a rezar bem vocalmente; assim, vai-se acostumando pouco a pouco a alma, com carinhos e artifícios, para não amedrontá-la." (Caminho de Perfeição 26,10).

*"****Sempre tive afeição pelas palavras dos Evangelhos, que me levavam a maior recolhimento do que livros muito bem redigidos****." (Caminho de Perfeição 21,4).*

Observemos, pois, quão valioso é este exemplo para nós. Será que nós, tíbios como somos, teremos a grandeza de Teresa para abandonar o que aprendemos em leituras levianas? Aprendamos com seu exemplo, coloquemos para fora tudo aquilo que não for de Cristo e de Sua Única e Verdadeira Igreja!

Santo Inácio de Loyola: Sua Conversão Pelas Leituras!

Santo Inácio de Loyola era o décimo terceiro filho e entrou aos dezenove anos como pajem na corte do Rei Fernando V. Dotado de temperamento ardente e belicoso, a carreira das armas o seduziu e durante a juventude viveu uma vida devassa, envolvido com jogos e bebidas e na luxúria.

Na imagem, Santo Inácio esmagando o heresiarca Lutero. De fato, a Companhia de Jesus foi uma das principais Ordens a barrar o avanço das heresias protestantes no mundo!

Certa vez foi ferido gravemente em batalha. **Durante longa convalescença, por falta de livros de cavalaria, que o apaixonavam e o faziam aspirar às glórias mundanas, deram-lhe para ler a Vida de Jesus Cristo e dos Santos. Tais leituras foi para ele uma revelação. Compreendeu que a Igreja também possuía sua milícia, a qual, sob ordens do representante de Cristo, luta para defender na Terra os**

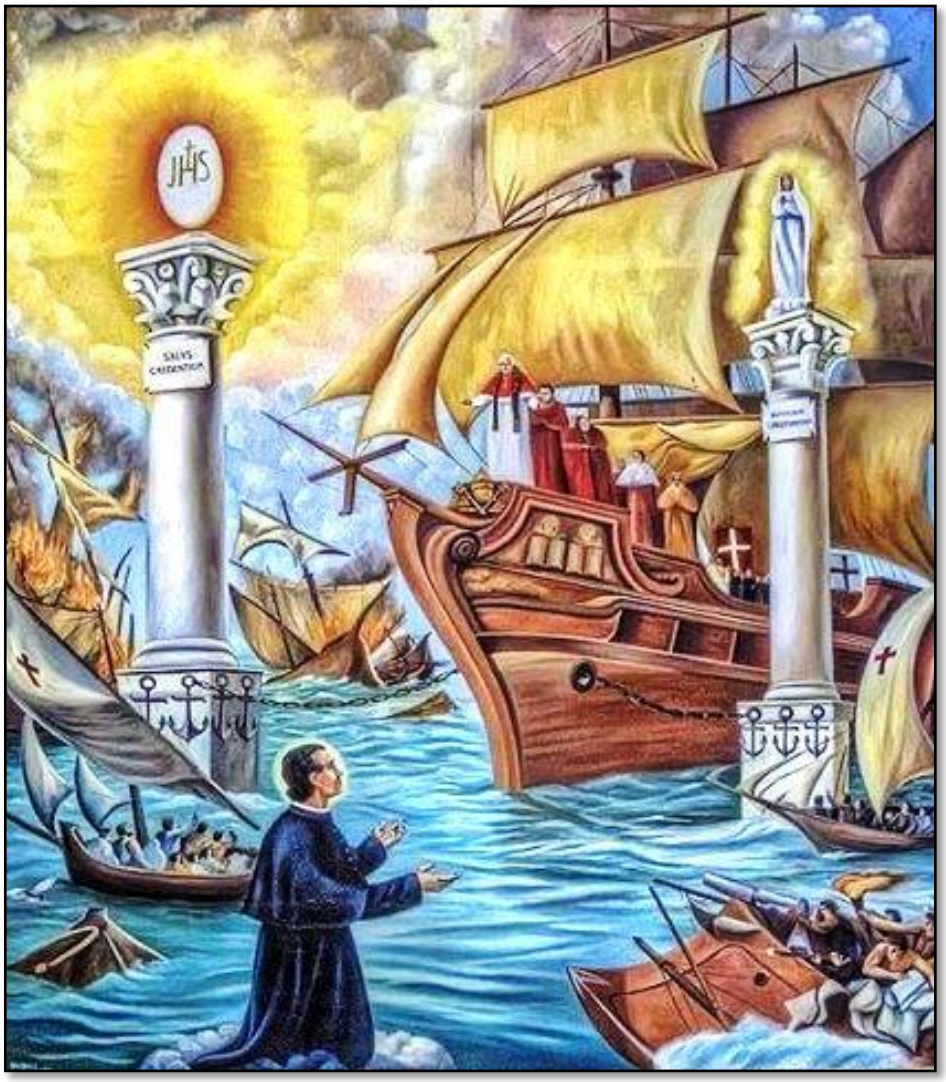
interesses sagrados do Deus dos Exércitos. Lendo a vida de Nosso Senhor e dos Santos, tomou ele uma firme resolução: imitá-los!

Será que ele teria alcançado os mais altos patamares da santidade se não lhe tivesse caído em mãos livros que narravam a vida de Nosso Senhor e dos Santos? Santo Inácio é venerado como um dos maiores Santos da Igreja Católica, e a ele devemos a graça de podermos participar do Corpo Místico do Senhor, pois a Companhia de Jesus, fundada por ele, evangelizou esta terra de Santa Cruz. Devemos o catolicismo de nosso país à leitura de um bom livro!

Dom Bosco e o Sonho das Duas Colunas

São João Bosco, popularmente conhecido como Dom Bosco, foi um Santo do século XIX, fundador dos Salesianos, que recebe merecidamente o título de "Mestre da Juventude". Santo de sétima morada, Dom Bosco possuía um dom divino, os sonhos. Em um destes sonhos, Dom Bosco vê a Igreja, representada por uma barca, sofrendo diversos ataques e esta afundaria se não estivesse presa à duas colunas: a devoção à Virgem Maria e à recepção da Santa Eucaristia. O que é interessante para nós neste sonho, é que as armas do inimigo para destruir a barca de Pedro são, nada mais nada menos, dos que **escritos e livros.** Veja o trecho do sonho:

> *"Os navios inimigos movem-se todos a assaltá-la [a barca] e fazê-la submergir:* ***algumas com os escritos, com os livros, com matérias incendiárias de que estão cheias, que procuram jogar-lhe a bordo;*** *outras com os canhões, com os fuzis, e com os esporões. O combate se torna cada vez mais encarniçado; mas inúteis se revelam os seus esforços: a grande nave continua segura e franca no seu caminho."*
>
> *Em outro momento, escreve Dom Bosco:*
>
>> *"Os livros, jornais ou impressos em que a religião e a moral são menosprezadas, lançai-os ao fogo como faríeis com o veneno".* Acaso não são esses ensinamentos suficientes para nós desprezarmos a literatura pagã e exaltarmos sobremaneira a literatura católica? Não queremos, nós, defender a barca de Pedro? Devemos, pois, combater os maus livros com bons livros. Gastemos, pois, todo o nosso esforço neste sublime intento.



São Jerônimo: "Não és cristão, és ciceroniano"

Por fim, leiamos o testemunho de São Jerônimo, que muito mais interessado em ler as obras dos pagãos, recebeu a dura advertência de Cristo "Não és cristão, és ciceroniano".

> *«Eu mesmo, diz ele noutra parte, quis fazer essa perigosa experiência, e amargos foram os frutos que dela colhi. Havia anos que eu tinha deixado a casa paterna, privando-me da sociedade de meus pais, minha irmã e meus amigos; e, o que é mais difícil, tinha renunciado ao uso dos alimentos delicados; tudo com vistas de ganhar o céu. Tencionando ir a Jerusalém, para combater nos combates do Senhor, não podia passar sem a biblioteca que em Roma compusera com extremo cuidado e trabalho infinito. Assim, desgraçado de mim! Deixava tudo, jejuava, para ler Cicero. Depois de frequentes vigílias e abundantes lágrimas por minhas culpas passadas, pegava em Plauto. Se, às vezes, tornando a mim, tentava ler os profetas, horrorizava-me o seu estilo inculto; e* ***como os meus olhos enfermos não viam a luz, julgava que a falta era do sol****.*
>
> *Em tanto que eu era assim o joguete da antiga serpente, fui de repente levado em espírito ao tribunal do soberano juiz. Tal era o resplendor da luz que brilhava na sua pessoa e na dos anjos que o rodeavam, que fiquei prostrado sem ousar erguer os olhos.* ***Interrogado sobre a minha condição, respondi que era cristão. Mentes,***

replicou o Juiz; tu és ciceroniano, e não cristão; porque onde tens o teu tesouro, tens o teu coração. *A estas palavras calei-me, e o Juiz mandou-me açoitar, e os açoites que eu recebia me eram menos cruéis que os remorsos que rasgavam a minha consciência. Lembrei-me desta palavra do profeta: Quem vos poderá louvar no inferno? Contudo comecei a exclamar e a dizer, soluçando: Senhor, tende piedade de mim! Enfim, os que ladeavam o tribunal, lançaram-se aos pés do juiz e pediram-lhe compaixão para a minha mocidade e tempo para fazer penitência, dizendo-lhe que eu me emendaria. Eu, também, nesta extremidade, fazia ainda maiores promessas;* ***jurei, invocando o nome de Deus, que queria ser tido como apóstata, se me acontecesse algum dia guardar livros pagãos.***

Pronunciado este juramento, soltaram-me e eu vim a mim. Com grande espanto das circunstâncias, tinha os olhos tão cheios de lágrimas que todos se convenceram da violência da dor que sofrera. Não foi sono, ou vão sonho, como os que nos iludem às vezes. Tomo por testemunhas aquele tribunal ante o qual estive, e a formidável sentença que me gelou de medo. Por isso nunca mais quererei expor-me a tal questão, em que fiquei com as costas mortificadas pelos açoites, que, por muito tempo, me doeram, e depois da qual estudei as Escrituras com o fervor com que estudara os livros pagãos."

O santo doutor foi fiel ao juramento. Não só deixou de ler autores pagãos, mas até receava citar passagens deles, que lhe vinham à memória. Aos que lhe diziam, como se diz hoje, que, sem esses livros, não se pode falar nem escrever bem, respondia:

"O que vós admirais, desprezo-o eu, porque tenho gozado da loucura de Jesus Cristo, e a loucura de Jesus Cristo é mais sábia que toda a sabedoria humana".[315]

São Jerônimo

[315] Ad Eustocli., De custod. virginità, ep. xvin, opp., t. IV, p. 43.

Depois de tudo o que foi exposto, acreditamos não serem necessárias muitas palavras, pois os exemplos falam por si mesmos. Portanto, nossa leitura possui a essência, o equilíbrio e a segurança no seio da verdadeira Igreja e é construída neste pilar: católico apostólico romano. Tudo que formos ler, da ficção ao real, da política à teologia, o faremos a partir da visão católica, dos valores católicos, escritos por homens e mulheres católicos, Santos ou, simplesmente, fieis à Verdadeira doutrina.

- A partir das exposições feitas por Santa Teresa D'Ávila, São Jerônimo, Santo Inácio de Loyola e São João Bosco, em seu caderno escreva uma oração, pedindo a intercessão de cada um desses Santos, para que permaneça fiel aos propósitos de santidade e de busca da verdadeira sabedoria. Para isso, antes de iniciar as orações, escolha uma imagem de cada um deles (se preferir, desenhe), e cole em uma folha de papel sulfite. Abaixo da imagem, escreva a sua oração e faça o compromisso de ser fiel ao que Deus te propõe, à Sua Vontade e à Sua Verdade.

Motivados por estas santas leituras, pela vida e virtudes que os Santos nos animam a ter, propomos a próxima seção desta disciplina, que deverá ser realizada diariamente: Hagiografia.

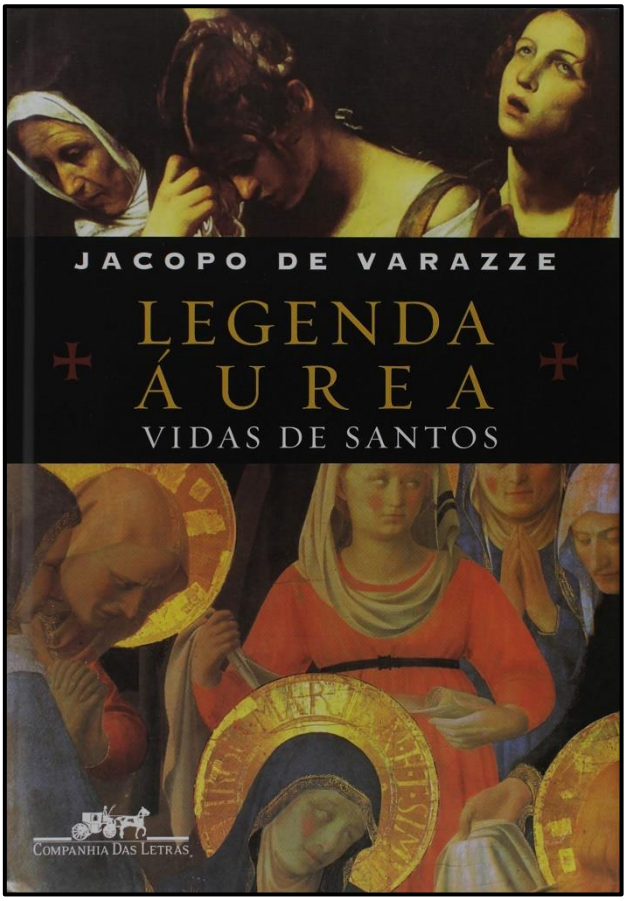
Hagiografia

O que é Leitura Hagiográfica?

Chama-se leitura hagiográfica o texto de algum Padre ou Escritor eclesiástico, que fala diretamente a respeito do Santo celebrado ou que se aplica a ele com propriedade; é também uma consideração de trechos dos escritos do próprio Santo, ou a narração de sua vida.

Ao se prepararem as leituras próprias dos Santos, devem-se levar em conta a verdade histórica e o previsto espiritual dos leitores e ouvintes da leitura hagiográfica, evitando-se cuidadosamente tudo o que despertaria apenas admiração. Dar-se à relevância a peculiar índole espiritual dos Santos, a sua importância para a vida e para a espiritualidade da Igreja.

(Adaptado da Liturgia das Horas, volume I)



Propomos, ao longo do Ensino Médio, que estas leituras hagiográficas façam parte da rotina diária do estudante. Para iniciar, a partir da definição da Liturgia das Horas sobre as leituras hagiográficas e da importância que esta possui para o crescimento intelectual e espiritual do ser humano, propomos que seja adquirido o livro: ***Legenda Áurea: Vida de Santos, de Jacopo de Varazze, Editora Companhia das Letras, 2003***, ou o livro "**Na Luz Perpétua**" (volume 1 – disponível para download).

Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0Bxu0vxnfM6FMcG9lUWIwS08zRE0/view

A proposta desta seção (Hagiografia) exige que, a cada noite, antes do exame de consciência e das orações noturnas, inicie com uma leitura piedosa, escolhendo a vida de algum Santo do sumário para refletir e meditar sobre aquele exemplo de vida e virtudes. A leitura hagiográfica deverá ser realizada seguindo a sequência disposta abaixo.

1. À noite, antes de dormir, consulte o sumário do livro e escolha uma biografia para ler, meditar e contemplar. Escolha a história do Santo do dia (caso contenha a história) ou alguma que lhe chamar a atenção. Ao longo do ano realize a leitura de toda a Legenda Áurea ou Na Luz Perpétua.
2. Durante a leitura medite sobre a vida do Santo e propor compromissos de santidade para a sua vida.
3. Após a leitura, realize oralmente algum tipo de oração (perdão, súplica, agradecimento, louvor, etc).
4. Ao término da atividade anote em seu caderno qual foi o Santo lido (para que não haja repetições) e o compromisso que este Santo lhe inspirou a viver.

Boa Leitura!

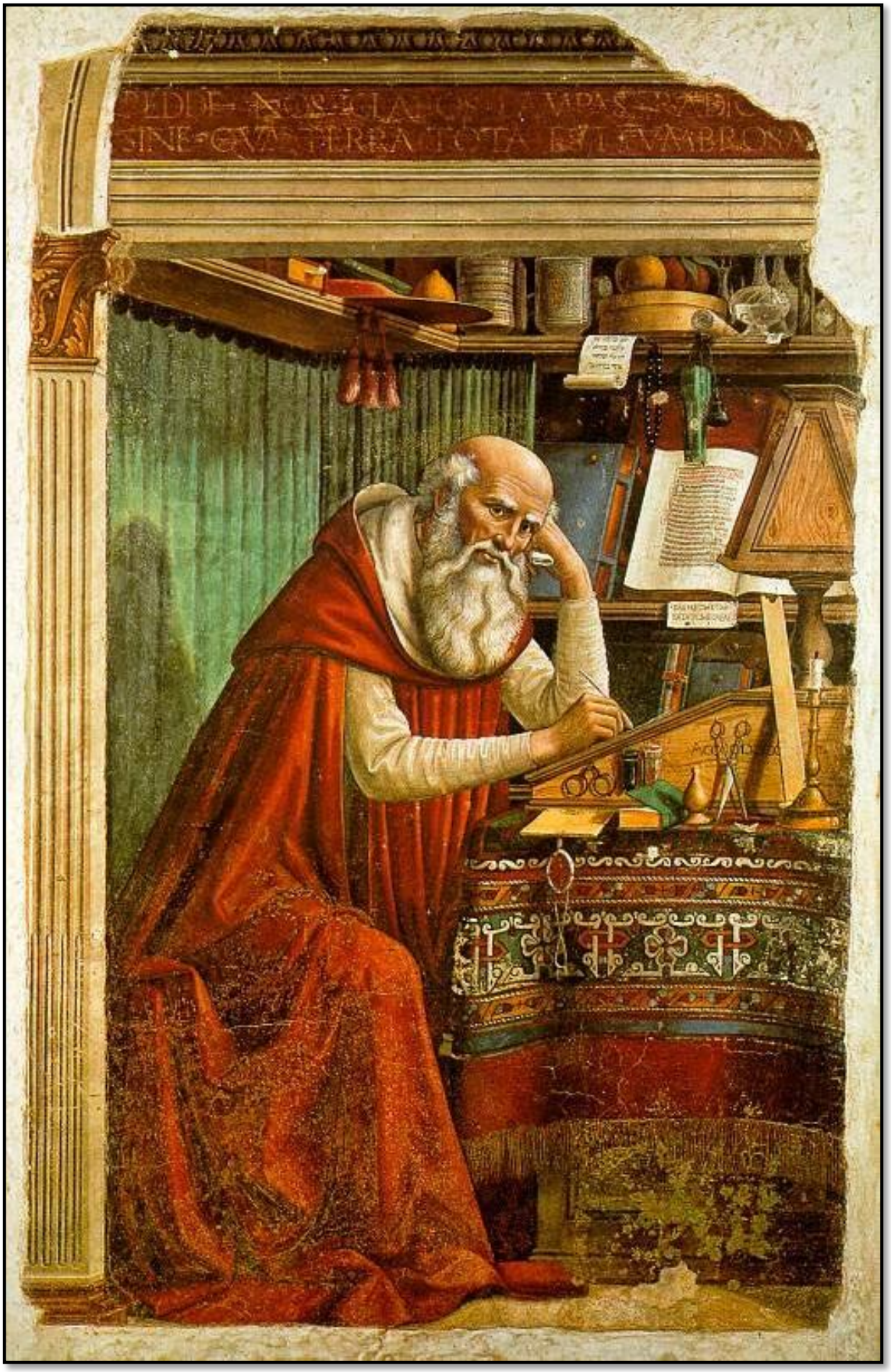
Como aprender e como ler?

Uma vez que entendemos o assunto desta disciplina, o que buscaremos e o tipo de leitura que faremos, é importante entender como esta leitura proposta deve ser feita e qual fim queremos alcançar com ela- o aprendizado. Do mesmo modo como saber quais são os ingredientes de uma receita de bolo não basta para assar e finalizar o bolo (o modo como utiliza os ingredientes é essencial para o bom êxito da receita), o modo como executará as indicações de leituras e os passos de aprendizagem que daremos também é fundamental para que alcance o fruto almejado: as virtudes, a sabedoria, e a santidade!

- Antes de iniciar a leitura de cada passo para o aprendizado, separe uma folha de papel almaço para registrar cada etapa, cada dica e regra. O registro deve ser feito em tópicos, pois estas folhas serão utilizadas diariamente (e provavelmente por longos anos!), portanto, capriche, seja claro e coeso. Ao término da exposição terá em mãos um manual de "Como ler livros" e também um roteiro para que aprenda, verdadeiramente.

O objetivo que temos, ao ler um livro – puro entretenimento, para retirar informação ou para profundo entendimento – determinará a maneira como deve ler. A eficiência de sua leitura será diretamente proporcional ao esforço e à humildade que imprimir nesta tarefa. Em geral, a regra é esta: quanto maior o esforço, melhor – sobretudo em relação aos livros difíceis, isto é, aos livros que são capazes de elevar nossa mente de um estado de entendimento inferior para um estado de entendimento superior.

Em linhas gerais, deve ser compreendido que a leitura, como vimos na apresentação deste material didático, é um passo fundamental para aqueles que querem aprender, que querem estudar e alcançar a sabedoria e a santidade. A partir dos ensinamentos de Hugo de São Vitor e de alguns estudos na área da arte de ler, iremos propor a seguir um caminho de leitura e aprendizado, um método de estudo e leitura eficientes, retomando alguns aspectos da apresentação e aprofundando novos conceitos.



São Jerônimo foi um santo sábio que soube como estudar e adentrar em todos os níveis de leitura e santidade. Sigamos seu exemplo!

É fundamental que recordemos a apresentação e os seis passos que propomos para que o estudo e o aprendizado sejam de fato eficientes.

Este método em que nos baseamos foi iniciado e aprofundado pelos grandes Santos, desde os sábios antigos, e Hugo de São Vitor elabora a conclusão de *como aprender a estudar*.

Entendamos primeiro quem foi Hugo de São Vitor:

- Elabore uma pesquisa sobre quem foi Hugo de São Vitor, onde viveu e morreu, e quais foram as suas contribuições para a cristandade.

Biografia – Título: "Nunca houve teólogo como Hugo" (São Boaventura). Pesquise e escreve uma biografia breve sobre Hugo de São Vitor.

A pessoa não será sábia e inteligente por meio da quantidade de coisas que ela faz, mas sim pelo tanto que ela entende sobre aquilo que lê. A quantidade pode, muitas vezes, não ser sinônimo de qualidade, e é para esta busca, pelo conhecimento e entendimento verdadeiros, que iremos iniciar este método.

Padre Paulo Ricardo nos ensina que podemos comparar a jornada do aprendizado com a subida de um morro, no qual estamos iniciando a caminhada, e que pode, dia a dia, nos levar a estar mais próximos do topo. Hugo de São Vitor nos ensina como fazer esta escalada de modo seguro e eficiente, nos dando o alicerce que nos moverá para a Verdade, iluminados pela luz natural da razão: a humildade.

Humildade

Eis o primeiro degrau, a base para iniciar esta escalada: ser humilde. A primeira coisa que parecem tirar dos alunos hoje, é este fundamento. Quantos não são os que se acham superiores aos pais? Quantos não são os que vivem a murmurar, em um estado de insatisfação latente diário? Dispensar a arrogância do "Tudo sei", para prender com o outro será fundamental para aquele que quer buscar a Verdade, que quer escalar este alto morro. Muitas vezes significará reconhecer que esteve errado a vida toda, ou ainda, que esteve à frente por muito tempo no *método da soberba*, e não do aprendizado.

Indicamos que, **diariamente, antes de iniciar os estudos, realize a leitura da Ladainha da Humildade**, do Cardeal Merry del Val, que foi copiada em seu caderno e está disposta na introdução desta disciplina. Esta oração é um divisor de águas em nossas vidas! Leia-a com muita atenção e repare no que estamos pedindo a Nosso Bom Salvador: que nos livre dos desejos de amor, honra, louvor, glória, reconhecimento, de todo receio de desprezo, calúnias, repulsas, ridicularizações, difamações, suspeitas, e terminamos pedindo que nos ajude a desejar que os outros sejam mais amados, queridos, escolhidos, louvados, mais santos! Eis o caminho para a verdadeira humildade, sabedoria e santidade!

Podemos considerar este como o verdadeiro vestibular, o da humildade. É assim que conhecemos a maturidade e o nível em que cada aluno está, pronto ou não para escalar o morro. Pare um pouco e reflita:

- Como costuma reagir às humilhações?
- Quando chamam a sua atenção, qual é a sua primeira reação?
- Consegue com facilidade reconhecer o erro e pedir perdão?

Estas perguntas estão longe de resumir a humildade de alguém, mas lhe dará indícios do nível em que pode estar e o que precisará fazer para, de fato, aprender.

Sugerimos ao longo do percurso formativo que leiam o livro “A prática da humildade”, do Papa Leão XIII. Se já realizou a leitura anteriormente, recorde uma sentença por dia, ao acordar, para vivê-la com afinco durante o dia ou semana. Se ainda não a fez, este é o momento para iniciar, pedindo a Deus a graça de permanecer fiel à Sua Verdade.

Uma vez que está edificando este alicerce para iniciar o estudo, podemos iniciar com o primeiro passo de nosso método.

Nossa Senhora, exemplo de pureza e humildade, rogai por nós!

- Realize, oralmente, uma oração pedindo a Nossa Senhora a graça de ser, verdadeiramente, humilde.

1º passo: Como definir se um livro é bom, belo e verdadeiro?

O primeiro fator para analisar se o livro é adequado e que pode até mesmo ser anterior a toda interpretação, é analisar se possui, reflete ou contempla estes três requisitos: bondade, beleza e verdade (critério BBV). Pode ser também que só depois da leitura iniciada e aprofundada, tenha a percepção de que não se trata de um bom livro (BBV) ou o contrário, o que o motivará ainda mais.

O livro deve possuir a **bondade**, ou seja, deve trazer algo de bom que contribua para a vida virtuosa, de busca de sabedoria e santidade; deve possuir **beleza**, sendo seus elementos constituintes harmônicos, seu conteúdo virtuoso, segundo tudo aquilo que Deus criou; deve ser **verdadeiro**, trazendo a Verdade, e não apenas opiniões do autor, ideologias e impressionismos. Todo o conteúdo do livro deve nos levar a **contemplar a Verdade**, seja pela beleza, pela bondade, pelos argumentos ou exemplos.

Um excelente filtro para este critério BBV, e que deve ser feita antes mesmo de iniciar a análise, é **sondar a vida do autor**, sua fé, seu testemunho de vida. Estas características influenciam profundamente uma obra, e, mais do que isto, pode nos impedir de cair em ciladas desastrosas, como nos ensina São Basílio. Se a vida do autor demonstra a entrega desmedida a todo tipo de vícios, de pecados, de falta de testemunho e de fé, será impossível retirar de sua obra algo proveitoso para a nossa salvação, que nos eleve às virtudes, à santidade e à sabedoria, uma vez que não podemos caracterizar um livro como bom, belo e verdadeiro se a vida do autor não frutifica tais critérios.

A Sagrada Escritura, melhor e mais sábio texto que se poderia encontrar, nos exorta veementemente em tais aprendizados; o problema é que, na maioria das vezes, é desconhecida! Inúmeros são os que preferem ler livros mundanos, produzido por pagãos, ao invés de lerem aquilo que foi criado e inspirado por Deus.

- Vejamos alguns versículos que deverão ser copiados no caderno e memorizados:

- **“Uma árvore boa não dá frutos maus, uma árvore má não dá bom fruto. Porquanto cada árvore se conhece pelo seu fruto. Não se colhem figos dos espinheiros, nem se apanham uvas dos abrolhos. O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração, e o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro, porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio.” (Lc 6, 43-45)**

- **“Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos? Toda árvore boa dá bons frutos; toda árvore má dá maus frutos. Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má, bons frutos. Toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Pelos seus frutos os conhecereis." (Mt 7, 16-20)**

- **“Ou dizeis que a árvore é boa e seu fruto bom, ou dizeis que é má e seu fruto, mau; porque é pelo fruto que se conhece a árvore." (Mt 12, 33)**

- **"Acaso, meus irmãos, pode a figueira dar azeitonas ou a videira dar figos? Do mesmo modo a fonte de água salobra não pode dar água doce." (Tg 3, 12)**

Agora, entendamos os princípios para o próximo passo (leitura).

Leitura

Quando perguntamos a alguém "já leu este livro?" talvez não tenhamos dimensão da complexidade de significados deste ato: ler. Diversos estudiosos e Santos estudaram por muito tempo esta questão e iremos resumir o que seria, de fato, ler, segundo Hugo de São Vitor.

Muitos indicam a leitura do livro "Como ler livros?", de Mortimer Adler, para iniciar a vida intelectual. Baseados neste livro e formados pelo intento de Hugo de São Vitor, iremos propor ao longo das próximas páginas um roteiro de leitura para que se identifique e realize a leitura eficiente, passo fundamental para aqueles que querem memorizar, meditar, contemplar e aprender, iniciando o método pedagógico visado. Para isso, iniciemos o roteiro de leitura.

Os níveis de leitura

Em linhas gerais, chamamos o primeiro e mais baixo nível de leitura de ***Leitura Elementar.*** Ele também poderia ser chamado de leitura rudimentar, leitura básica ou leitura inicial: o que importa neste nível é o fato de que esse sugere que a pessoa deixou o analfabetismo e tornou-se alfabetizada. Quando a pessoa aprende os rudimentos da arte de ler, recebe o treinamento básico na leitura, dizemos que ela domina o nível da Leitura Elementar. Esse termo – *Leitura Elementar* – é apropriado, porque esse nível de leitura normalmente é aprendido no período da infância.

Nesse nível de leitura, a pergunta que o leitor faz é: "O que diz a frase?"

O segundo nível de leitura é chamado de ***Leitura Inspecional,*** e já é mais profundo que o anterior, mas ainda está longe de levá-lo à verdadeira meditação de uma obra. Sua característica principal é o fator tempo. A leitura nesse nível pressupõe certo período no qual temos de ler determinados trechos – que pode ser de quinze minutos, por exemplo, ou até menos.

Assim, podemos dizer que o objetivo da Leitura Inspecional é extrair o máximo possível de um livro num determinado período de tempo – em geral, um tempo relativamente curto. Normalmente, por definição, esse período curto é insuficiente para que extraiamos do livro todo o seu potencial.

O objetivo da leitura nesse nível é examinar a superfície do livro, aprender tudo o que a superfície pode nos ensinar. Enquanto a pergunta do nível elementar é "o que diz a frase?" a pergunta do nível inspecional é "O livro é sobre o quê?" ou "Em quais partes o livro é dividido?".

Ao completar a leitura inspecional – apesar do tempo disponível para tal -, o leitor deve ser capaz de responder à pergunta "Que tipo de livro é este – romance, história ou ciência"?

O terceiro nível de leitura é denominado **Leitura *Analítica***. É uma atividade mais complexa e sistemática do que os dois níveis anteriores e é para este nível de leitura que queremos chamar a sua atenção.

A leitura analítica é a leitura propriamente dita, isto é, a leitura completa, plena, aquela que o introduzirá no método de estudo de Hugo de São Vitor – é a melhor leitura possível, é a leitura que o levará a **meditar** sobre tudo o que foi escrito. Se a leitura inspecional pode ser considerada a melhor leitura possível em um período limitado de tempo, a leitura analítica é a melhor e mais completa possível em um período ilimitado de tempo.

A leitura analítica formula, de modo organizado, muitas perguntas, de acordo com o livro que está sendo lido. É digno de nota que a leitura analítica é sempre intensamente ativa. É destinada exclusivamente a entender o livro. Em outras palavras, elevar sua mente de um estado de entendimento inferior a um estado

de entendimento superior é praticamente impossível sem um mínimo de domínio das técnicas de leitura analítica.

O quarto nível é a ***Leitura Sintópica.*** Trata-se do tipo mais complexo e sistemático de leitura – é o nível mais exigente, mesmo que os livros sejam em si fáceis.

Esse nível também poderia ser chamado de leitura comparativa. A leitura sintópica implica a leitura de muitos livros, ordenando-os mutualmente em relação a um assunto sobre o qual todos versem. Mas comparar não é o bastante. A leitura sintópica é mais sofisticada do que a mera comparação. Com os livros em mãos, o leitor sintópico estará apto a desenvolver uma análise que talvez não esteja em nenhum dos livros. Está claro, portanto, que a leitura sintópica é a mais ativa e trabalhosa de todas. Esta leitura poderá nos remeter ao último passo do método de estudo de Hugo de São Vitor: a contemplação, que vai muito além da análise de livros, se concentra na busca e apreensão da **V**erdade pelas junções e meditações das **v**erdades).

A partir deste ponto, apresentaremos um percurso: no que consiste cada nível de leitura, as principais características e dicas para que um leitor seja eficiente e consiga dar início a escalada rumo ao aprendizado! Resuma cada item em sua folha de papel almaço, para que seja mais fácil a memorização, uma vez que cada critério formará a base para que consiga ser sábio.

⚜ Ao término de cada tópico, reflita sobre os seguintes questionamentos:

- O que caracteriza este tipo de leitura?
- Já leu livros a partir deste nível?
- O que é possível reconhecer neste tipo de proposta de leitura?

⚜ No fim, após finalizar a leitura, em seu caderno, construa também uma tabela que exemplifique cada tipo de leitura, o que é possível detectar em cada leitura e a eficiência alcançada.

Aprendamos com maior profundidade o que significa e o que contempla cada nível de leitura.

Leitura elementar

Ao longo dos séculos, vários métodos e modelos foram sendo utilizados para a finalidade de se ensinar a leitura, no entanto, dependendo de cada criança, uns eram mais eficazes e outros completamente desastrosos.

O que é importante notar é a superficialidade com que a leitura tem sido feita, que vem se alastrando pelas últimas décadas, gerando um número cada vez maior de analfabetos funcionais, que pensam que são hábeis leitores, mas que nunca chegaram a entender o sentido pleno de um texto, chegando muitas vezes a pronunciar palavras apenas.

O objetivo da leitura também é importante, pois pode despertar o gosto pela leitura, seja por iniciativa própria ou mesmo para cumprir um dever. O importante é que a leitura ocorra de modo a ser desenvolvida ao longo do tempo, fazendo com que haja um aprimoramento e se chegue à finalidade da leitura: meditação e contemplação.

O que hoje necessitamos são de alunos discípulos, leitores competentes, enfatizando o sentido denotativo desta palavra. De que adiantariam os melhores livros, os mais virtuosos personagens e narrativas, se não forem com disciplina e competência observados?

Este primeiro nível de leitura, a leitura elementar, é o princípio da leitura, onde se pronunciam as palavras, atentando-se somente a elas sem se preocupar com a integralidade de um texto ou livro. Podemos, portanto, definir leitura elementar como sendo uma leitura superficial.

Leitura inspecional

Trata-se de um nível marcadamente distinto da leitura elementar e da anteriormente citada leitura analítica.

Assim, podemos notar que os níveis de leitura são cumulativos e, por isso, a leitura elementar está contida na leitura inspecional, assim como a leitura inspecional está contida na leitura analítica.

Isto significa que ninguém conseguirá avançar para o nível de leitura inspecional sem antes conseguir dominar a leitura elementar.

Em suma, o domínio da leitura elementar praticamente consiste em ler um texto de maneira contínua, sem muitas paradas para consultar o dicionário e sem tropeçar nas regras gramaticais e sintáticas. Compreende-se, neste nível, o sentido da maioria das frases e parágrafos, embora não necessariamente o sentido deles.

Primeiramente, precisamos entender que há dois tipos de leitura inspecional. Neste caso denominaremos leitura inspecional I: pré-leitura ou sondagem sistemática, e leitura inspecional II: leitura superficial.

Leitura inspecional 1: Sondagem

Iniciaremos pela leitura inspecional I: pré-leitura ou sondagem sistemática. A sondagem sistemática é o primeiro subnível da leitura inspecional. A sondagem poderá dizer muitas coisas sobre o texto, mesmo que depois a pessoa decida não lê-lo ou fazer a leitura com cuidado.

Basicamente, na sondagem conseguimos responder: qual é o conteúdo do livro e o tipo de livro que o autor escreve.

Seis passos para realizar uma sondagem sistemática de um livro

1 - Exame da folha de rosto e o prefácio

Leia-os rapidamente. Em especial, procure notar os subsídios e demais sinais que indiquem o escopo, o objetivo ou o ponto de vista específico que o autor porventura tenha sobre o assunto. Concluída essa etapa, terá uma boa noção do assunto e, se desejar, poderá refletir por um instante sobre a categoria apropriada do livro. Este método é muito utilizado por bibliotecários para classificar e organizar os livros nas estantes das bibliotecas.

2 - Examine o sumário

A fim de conhecer a estrutura geral do livro, examine o sumário. Use-o como se fosse o mapa de uma viagem. É impressionante como as pessoas raramente prestam atenção ao sumário, a não ser que procurem algo específico nele.

- Faça a experiência de analisar o sumário deste volume, analise as divisões, as disciplinas. Encontre quantas subdivisões existem em Literatura.

A leitura de Sumários, atualmente, tem sido cada vez mais deixadas de lado. Diante da pressa e da correria, são muitos os alunos que pulam esta parte e pensam que assim ganharão tempo.

Os leitores muitas vezes se sentem atraídos por livros cujos capítulos contenham títulos misteriosos – e vão querer ler para descobrir do que se trata. De qualquer maneira, o sumário pode ser algo muito valioso, e deve ser lido com esmero antes de adentrar na leitura do livro.

3 - Consulte o índice remissivo

A maioria das obras expositivas possui um índice. Dê uma olhada rápida nos tópicos cobertos e nos tipos de livros e autores citados. Quando deparar com termos e expressões que lhe pareçam cruciais, leia alguns trechos citados. Os trechos que escolher talvez contenham o argumento central – ou talvez sejam novos pontos de partida para que encontre elementos principais do raciocínio do autor.

- Escolha um livro que aborda um assunto virtuoso que tenha lido e analise o índice deste livro. Como se compõe? Quais são as expressões essenciais?

4 - Leia a contracapa e a sobrecapa

Muitas pessoas acham que a contracapa e as orelhas (caso o livro as tenha) não passam de autoelogios dispensáveis. Porém, não é sempre assim, sobretudo no caso das obras expositivas. As notas editoriais de boa parte das contracapas e sobrecapas são escritas pelos próprios autores – com a ajuda do departamento de marketing da editora, é verdade. Não é incomum que os autores procurem se esforçar com esmero para resumir nas contracapas os pontos principais de seus livros. Não desperdice esses esforços.

Evidentemente, se as notas editoriais se limitarem a meros autoelogios, não terá dificuldades em detectar isso. Talvez o livro não diga nada de importante – e talvez por isso mesmo a contracapa também não diga nada de importante, mas também poderá surpreendê-lo.

Ao fim destes quatro passos, estará apto a decidir se o livro merece uma leitura mais apurada. Em todo caso, se quiser, ponha o livro de lado por um instante. Se não o fizer, então talvez esteja pronto a sondá-lo com mais profundidade.

5 - Examine os capítulos que lhe pareçam centrais ao argumento do autor

Mesmo que seu conhecimento do livro ainda seja muito vago e superficial, examinar os capítulos pode lhe dar maiores pistas. Se esses capítulos contiverem pequenas sinopses em suas páginas inicias ou finais, leia-as com atenção.

6 - Folheie o livro

Folheie o livro detendo-se pontualmente em alguns parágrafos ou lendo algumas páginas em sequência, mas nada além disso. Tente encontrar trechos fundamentais; em outras palavras, procure entender o que permeia o livro. Pode ser uma boa ideia ler as duas ou três páginas finais, ou o epílogo, caso o livro tenha um, bem como as páginas mais importantes do livro. Poucos autores resistem à tentação de reunir nessas páginas aquilo que julgam inovador e importante em suas obras.

Você acaba de sondar sistematicamente o livro, ou seja, acaba de fazer o primeiro tipo de leitura inspecional. A esta altura, você já deve possuir um conhecimento relativamente bom a respeito do livro, mesmo que tenha dedicado apenas alguns minutos – no máximo uma hora – inspecionando-o. Você também já deve ser capaz de classificar o livro adequadamente, "arquivando-o" na pasta correta em sua mente para posterior consulta, caso necessário.

A propósito, esse tipo de leitura é altamente ativo. É impossível fazer uma leitura inspecional sem estar alerta, sem estar perfeitamente desperto e atento. Quantas vezes você já leu páginas e mais páginas de maneira desatenta e "sonhadora", só para descobrir mais tarde que não faz a menor ideia do terreno que estava pisando? Isso não vai mais acontecer se você seguir os passos descritos – isto é, se você possuir um plano para seguir a linha de raciocínio do livro.

Imagine-se como um detetive em busca de pistas sobre os temas e ideias gerais do livro, alerta a tudo que lhe trouxer esclarecimento a esse respeito. Você ficará surpreso por ter poupado tanto tempo, satisfeito por ter percebido que é capaz de absorver muito mais e aliviado por ter descoberto que tudo é muito mais fácil do que imaginava.

Outro fator é a disposição para se ler um livro: procure uma posição confortável, mas não deitado, de modo a não despedir toda disposição e atenção que precisarão ser tomadas. Sua postura deve ser de prontidão e o ambiente em que está realizando a leitura precisa favorecer a formação de um santo e sábio leitor.

Leitura inspecional 2: leitura superficial

Todos nós já passamos pela experiência de ler um livro difícil e altamente promissor sem êxito. É muito natural que, nesse estado, cheguemos à conclusão de que foi um erro ter tentado lê-lo. Ora, não foi esse o erro. O erro foi ter depositado esperança demais na primeira leitura de um livro difícil. Se abordado da maneira correta, nenhum livro destinado a não especialistas, apesar de sua dificuldade, deveria causar desespero.

Uma regra correta que pode auxiliar a leitura de livros difíceis consiste em ler sem parar, isto é, leia-o sem se deter nos trechos mais espinhosos e sem refletir nos pontos que ainda permanecem incompreensíveis para você. Preste atenção àquilo que for capaz de entender e não se deixe intimidar pelos trechos que não consiga entender de imediato. Passe batido pelos parágrafos difíceis e logo chegará aos parágrafos que consegue entender. Concentre-se nestes. Leia o livro continuamente, sem se deixar paralisar pelos parágrafos, notas de rodapé, comentários e referências que lhe escaparem. Você terá uma chance muito melhor de entender o livro em uma segunda leitura, mas isso exige, obviamente, que você o tenha lido completamente pela primeira vez.

Os dois passos em que consiste a leitura inspecional devem ser executados rapidamente. A leitura inspecional competente os realizará com rapidez, apesar do tamanho e da dificuldade do livro em questão.

O tempo é um fator importante na leitura inspecional, uma vez que existem certos textos nos quais empregar um maior tempo seria um desperdício. Porém é verdade que as vezes lemos devagar demais certas obras e aprender a ler mais rápido seria de grande vantagem.

O importante é encontrar um equilíbrio em saber discernir quais leituras devem ser rápidas e quais devem ser minuciosamente exploradas.

Quanto à velocidade da leitura, o ideal não é apenas saber ler mais rápido, mas saber ler a diferentes velocidades. No caso da leitura inspecional trata-se de uma leitura mais rápida, no entanto, aprenderemos adiante que a leitura analítica é tipicamente mais lenta que a anterior.

Também devemos perceber que uma obra integral possui trechos difíceis que devem ser lidos com mais ênfase e lentamente, no entanto, os trechos mais simples podem ser lidos superficialmente, com maior velocidade.

Concentração é outro nome para aquilo que chamamos de atividade. O bom leitor lê ativamente, de maneira concentrada.

Em suma podemos dizer que não existe velocidade ideal de leitura, o ideal é aprender as diferentes velocidades e saber empregá-las no momento certo.

A sondagem ou pré-leitura de um livro é sempre uma boa ideia – é uma prática necessária quando você não sabe se o livro merece uma leitura mais precisa e cuidadosa. Em geral, a sondagem é uma prática importante, mesmo naqueles livros que você já tenciona ler analiticamente para ter uma noção de sua forma e estrutura. Este nível, unido ao anterior, podemos denominar como uma "Introdução à verdadeira Leitura", para que se realize o próximo nível, que seria a Leitura verdadeira, primeiro passo do nosso método.

A essência da leitura inspecional consiste em saber que você não conseguirá entender toda palavra ou página de um livro difícil pela primeira vez. Leia rapidamente o mais difícil dos livros. Só então você estará preparado para lê-lo melhor pela segunda vez. A leitura superficial é o primeiro passo necessário para a interpretação do conteúdo de um livro.

A arte da leitura exigente

A leitura inspecional é sempre ativa, é uma tarefa que exige esforço, porém ainda não mencionamos a prescrição principal da leitura ativa: faça perguntas enquanto lê – perguntas às quais você mesmo deve tentar responder ao longo da leitura.

Quaisquer perguntas? Não. A arte de ler e, qualquer nível acima do elementar, consiste no hábito de fazer as perguntas certas, na ordem correta. Podemos propor quatro perguntas centrais que você deve fazer a respeito de qualquer livro.

1 - O livro fala sobre o quê?

Você deve tentar descobrir o tema central do livro, bem como a maneira pela qual o autor desenvolve esse tema, por meio da organização e da subdivisão dos temas e tópicos essenciais.

2 - O que exatamente está sendo dito, e como?

Você deve tentar descobrir as ideias, afirmações e argumentos principais que constituem a mensagem particular do autor.

3 - O livro contém verdades que me elevarão à Verdade?

Você só conseguirá responder essa pergunta se já tiver respondido as duas anteriores. Você precisa saber o que está sendo dito antes de decidir se é verdadeiro ou falso. Quando você entende um livro, fica obrigado, caso esteja lendo com seriedade, a formar um juízo sobre ele. Conhecer a mente do autor não é suficiente.

4 - E daí? De que vale tudo isso para a eternidade?

Se o livro lhe forneceu informações novas, você deve pesar a importância delas. Por que o autor acha que sua própria mensagem é importante? No entanto, se o livro não apenas lhe forneceu informações, mas o esclareceu em determinados quesitos, então é necessário investigar e buscar mais, isto é, buscar quais implicações, forçosamente, se seguem.

Existe um abismo entre o leitor exigente e o leitor não exigente; este último não faz perguntas e, portanto, não obtém respostas.

Às quatro perguntas aqui enunciadas, adaptadas por nós sobre a arte de como ler livros, adicionamos o questionamento que devemos fazer diante de qualquer coisa, e não só diante dos livros: de que me vale isso para a eternidade? E depois? (Como dizia São João Maria Vianney diante de tudo o que fazia). Estas questões resumem **a obrigação básica do leitor.** Elas se aplicam a tudo o que vale a pena ser lido.

A leitura inspecional tende a fornecer respostas mais precisas às duas primeiras perguntas, mas também pode ser útil às outras duas. A leitura analítica não terá sido bem-sucedida enquanto você não tiver respondido às últimas perguntas – enquanto não tiver uma boa noção da veracidade do livro, em todo ou em parte, e de sua importância, nem que seja dentro de seu próprio quadro de referências. A última pergunta – e daí? – é provavelmente a mais importante para o discernimento se será ou não concretizada a leitura. Evidentemente, você terá de responder as três primeiras perguntas antes de tentar responder a quarta.

Saber quais são as quatro perguntas não é o bastante. Você deve se lembrar de fazer as perguntas à medida que lê. O hábito de procurar respondê-las é a marca de leitor exigente. Ainda mais importante do que fazer as perguntas, você deve ser capaz de respondê-las corretamente e com precisão. A habilidade em fazer isso consiste na arte de ler.

A leitura ativa exige não apenas vontade, mas habilidade – a arte que as ensinará a subir até o nível dos livros, que, a princípio, estão acima dos seus conhecimentos. Imagine subir o morro rumo ao topo sem os recursos necessários? Por exemplo, se subirmos de costas, com certeza será mais custoso do que subir analisando cada passo que precisa dar.

O importante é que se aproprie do livro para que a leitura se desenvolva. Apropriar-se consiste em fazer anotações, escrever nas entrelinhas no próprio livro. A outra indicação a qual iremos propor consiste no mesmo processo, porém, fazendo as anotações em um material à parte.

É importante que se faça anotações sobre o livro, pois, em primeiro lugar, essa atividade o manterá desperto – não apenas consciente, mas verdadeiramente alerta. Em segundo lugar, ler é pensar, e o pensamento tende a expressar-se em palavras faladas ou escritas. A pessoa que diz que sabe o que pensa,

mas não consegue expressar-se em palavras, na verdade, não sabe o que pensa. Em terceiro lugar, anotar suas reações ajuda-o a lembrar das ideias e dos pensamentos do autor.

A leitura do livro tem que ser uma conversa entre você e o autor. Presume-se que ele sabe mais do que você sobre o assunto em questão; se não fosse assim, provavelmente não estariam conversando. Mas o entendimento é uma operação de mão dupla; o aprendiz deve perguntar a si próprio e a seu mestre.

As anotações são, literalmente, a expressão das ocorrências (e mesmo discordâncias) que o leitor teve, os reflexos de luz que podem estar clareando verdades apresentadas. Veremos adiante que não basta fazer anotações, é preciso guardá-las, memorizá-las para que possam ser meditadas e depois contempladas, e assim alcançará o aprendizado.

Há uma série de técnicas de anotações inteligentes e proveitosas. Eis algumas que lhe poderão ser úteis:

1. Reescrever os trechos principais, sejam os mais importantes, sejam os mais contundentes.
2. Grifar o texto já escrito com uma caneta grifa texto. A ideia é enfatizar trechos já escritos anteriormente.
3. Inserir um post-it (papel autoadesivo) com alguma anotação que julgar necessária. O objetivo é que, quando você voltar a ler o livro, localize rapidamente os trechos mais importantes para memorizá-los.
4. Anotar os números das páginas que foram consultadas e levaram você àquelas anotações.
5. Estabelecer ou formular palavras-chave. O intuito é recapitular a linha de pensamento.
6. Escrever perguntas. O objetivo é registrar as perguntas e, se possível na sequência, as respostas, que, porventura, foram despertadas pelo trecho em questão; reduzir uma questão complicada a uma frase; registrar a sequência de pontos centrais. Estes critérios irão ajudá-lo a meditar sobre o que está sendo lido.

As perguntas respondidas na leitura inspecional são:

(1) Que tipo de livro é este?

(2) O que ele diz, de modo geral?

(3) Qual é a ordem estrutural pela qual o autor desenvolve seus conceitos e entendimento do assunto?

Tome nota das respostas a essas perguntas, especialmente se sabe que levará dias ou mês até que o leia analiticamente.

A questão é que essas notas devem estar mais voltadas à estrutura do livro, e não propriamente à substância – pelo menos não aos detalhes. Essas anotações são chamadas, portanto, de anotações estruturais.

Durante a leitura inspecional, sobretudo se o livro for longo e difícil, talvez lhe ocorram *insights* relacionados às ideias do autor sobre o assunto, *flashes* de verdades que o auxiliarão a ler concretamente.

Assim, durante a leitura analítica, você terá de elaborar respostas às perguntas sobre a veracidade e importância do livro. As anotações que fizer ao longo dessa leitura não serão estruturais, mas conceituais. Elas se ocupam dos conceitos do autor, bem como de seus próprios conceitos, à medida que forem se aprofundando e alargando durante a leitura.

Para formar o hábito da leitura, é necessário que cada pessoa forme seu próprio hábito, utilize e aprofunde estas regras específicas de leitura, se necessário. Não existe outra forma de elaboração do hábito de leitura a não ser executando-o, por isso damos estas indicações a você, para que comece a aplicá-las e crie este bom hábito.

A diferença entre a mesma atividade realizada antes e depois de formado o hábito é a facilidade e a prontidão. Depois de praticar, você conseguirá fazer a mesma coisa melhor do que antes. Aquilo que você faz de maneira muito imperfeita no começo, gradualmente começará a fazer com cada vez maior perfeição, com a graça de Deus!

Podemos comparar o ato da leitura ao ato de andar de bicicleta: quando estamos aprendendo a ler ou a andar de bicicleta, no início a atividade é desengonçada e sem harmonia; após vários treinos e grande esforço, o pedalar ganhará elegância e equilíbrio. Do mesmo modo o leitor, ao treinar e se esforçar, adquirirá uma eficiência e uma harmonia manifestas na leitura.

Provavelmente, o senhor lê há muitos anos, mas pode ser que tenha percebido que não lê de um modo tão eficiente; recomeçar a aprender a ler pode ser uma experiência humilhante. Porém, vimos que a humildade é a primeira virtude para quem deseja aprender, visto que jamais conseguirá aglutinar os diversos passos necessários à leitura em uma atividade harmoniosa, única e complexa até que tenha se tornado antes de tudo um humilde discípulo.

Como a leitura eficaz, analítica, é o que nos leva a meditar, apresentaremos algumas regras que poderão ajudá-lo:

2º passo: A leitura analítica – como alcançar a meditação?

A classificação de um livro

A leitura de um conto é quase sempre mais fácil do que a leitura de um romance; a leitura de um artigo é quase sempre mais fácil do que a leitura de um livro sobre o mesmo assunto. Se consegue ler um poema épico ou um romance, conseguirá ler um poema lírico ou um conto. Se consegue ler uma obra expositiva – um livro de história, filosofia ou um tratado científico –, conseguirá ler um artigo ou um texto resumido sobre o mesmo assunto.

Por conseguinte, tudo o que dissermos sobre a leitura de livros, se aplicará também a leitura de outros textos semelhantes. Quando nos referimos à leitura de livros, você poderá aplicar as mesmas regras às obras menos complexas e mais fáceis de entender. Às vezes, as regras não são perfeitamente aplicáveis aos textos mais fáceis, ou, pelo menos, não são aplicáveis da mesma maneira que aos livros inteiros. Apesar disso, é fácil adaptar as regras às obras mais simples.

A primeira regra de leitura analítica pode ser expressa desta forma:

Regra 1: Saiba qual tipo de livro está lendo e deve saber o mais cedo possível, antes de começar a lê-lo de preferência.

Saiba, por exemplo, qual é o tipo textual daqueles escritos; se é uma obra de ficção, um romance, uma peça de teatro, um épico, um poema lírico – ou se é uma obra expositiva.

Podemos definir livros expositivos como sendo qualquer livro que transmite sobretudo e, de modo geral, “conhecimento”.

Neste caso, o ponto central não é distinguir ficção de não-ficção, mas é fornecer mecanismos para que consiga reconhecer e identificar os diversos tipos de livros expositivos. Não é mera questão de saber quais os livros são instrutivos, mas quais são os tipos de instrução que transmitem. O tipo de informação ou esclarecimento fornecido por uma obra de história não é o mesmo disponível em outra, de filosofia. Os problemas abordados pelo autor em um livro de física e em um de moral, não são os mesmos, nem os métodos empregados para resolver esses problemas são os mesmos.

Conforme já sugerimos, cumprirá os itens da leitura inspecional. Lerá o título, o subtítulo, o sumário e, no mínimo, dará uma lida no prefácio ou introdução e no índice remissivo. Não deixe de ler os textos de capa e contracapa, se existirem. Estes serão os sinais com que o autor lhe acena para indicar para onde o vento está soprando. Não é culpa dele se não parar, olhar e escutar.

É importante ressaltarmos que cada informação aqui contida possui uma finalidade e não é uma mera citação, mas cada elemento composicional de um livro traz a sua essência. Um exemplo do que estamos falando é o título de um livro; muitas pessoas leem os livros sem saber corretamente o título ou conhecem algum livro pelo título e acham que sabem o conteúdo integral da obra (aqui daremos um exemplo de cada situação).

Sobre a primeira, a respeito do leitor ler o livro e não se atentar ao seu título, damos um exemplo verídico: em uma sala de aula, uma professora de língua portuguesa foi aplicar uma avaliação sobre o livro "Diálogos das carmelitas"; como questão inicial, a professora perguntou qual era o título do livro. Por incrível que pareça, apenas um aluno acertou a questão, pois, toda a sala imaginava que o nome do livro era "O diálogo das carmelitas"; este é um bom exemplo de como muitas pessoas não se atentam ao título do livro. Você poderá indagar: mas foi apenas uma confusão de singular e plural. A resposta é não, pois, quando pensamos na essência, ao falar de "o diálogo das carmelitas" pensamos em apenas uma cena que se desenvolve ao longo da obra, porém, ao denominar "diálogos", sabemos que todo o contexto se passa em um vasto tempo onde ocorrem vários diálogos.

Para exemplificar a segunda situação (conhecer algum livro pelo título e achar que sabe o conteúdo integral da obra), uma bibliotecária foi catalogar um livro, porém, como estava sem tempo e conhecia o autor, viu o título "Carta aos jovens de todos os tempos", de São João Bosco, e deduziu que o livro eram cartas que São João Bosco, como grande mestre, havia escrito a seus orientandos; no entanto, a obra não é uma carta em forma de estrutura, esta trata-se de um texto instrucional para jovens.

Em outras palavras, a leitura do título poderia ter fornecido informações essenciais sobre o livro, antes mesmo de começar a ser lido.

Uma das razões para as pessoas ignorarem os títulos e os prefácios é que elas não acham importante classificar o livro que estão lendo. Elas não cumprem a primeira regra da leitura analítica. Se a seguissem, seriam gratas ao autor por tê-las ajudado. Obviamente, o leitor acha importante que o autor se dê ao trabalho de deixar isso claro no prefácio, além de normalmente intitular – ou subintitular – o livro de maneira descritiva.

Embora seja algo importante, a leitura dos títulos não é tudo. Os melhores títulos do mundo, os melhores índices do mundo, nada disso lhe será útil na classificação do livro, a não ser que já tenha em mente os tipos gerais de classificação.

Podemos resumir os livros teóricos e livros práticos definindo-os assim: livros teóricos ensinam o que é algo. Livros práticos ensinam como fazer algo que você quer fazer ou deveria fazer.

Os livros "normativos", que dão instrução, constituem uma categoria muito especial de livros práticos.

O reconhecimento da necessidade de enxergar a estrutura de um livro implica a descoberta da segunda e da terceira regras para a leitura de qualquer livro. Nós dissemos "qualquer livro". Essas regras aplicam-se à poesia tanto quanto às ciências e a qualquer tipo de obra expositiva. Sua aplicação será obviamente diferente, de acordo com o tipo de livro em questão. A unidade de um romance não é igual à unidade de um tratado sobre política e nem mesmo suas partes são do mesmo tipo, ou ordenadas da mesma maneira. Mas todo livro que valha a pena ser lido, sem exceção, possui uma unidade e uma organização de suas partes. Um livro que não as possuísse seria uma verdadeira bagunça. Seria ilegível, como são em geral os livros ruins.

A segunda regra da leitura analítica é expressa desta forma:

Regra 2: Expresse a unidade do livro em uma única frase, ou, no máximo, em algumas poucas frases em um parágrafo curto.

Isto significa que você tem de responder, tão brevemente quanto possível, a esta pergunta: "O livro, como um todo, é sobre o quê?". Dizer "sobre o quê", não equivale a dizer qual o tipo de livro em questão. Mas, por outro lado, a palavra "sobre" admite um sentido mais coloquial, no sentido de descobrir o tema ou ponto principal de um livro.

Nesta regra está o próximo passo para que a meditação ocorra verdadeiramente. O sentido de resumir, sintetizar a ideia principal, está no fato de que precisará memorizar estas sentenças para que, de fato, possa meditar sobre elas. Se fizer este resumo, mas não memorizar as principais sentenças, tudo será em vão e tudo o que descobriu poderá cair no esquecimento.

A terceira regra pode ser enunciada desta forma:

Regra 3: Exponha as partes principais do livro e mostre como elas estão ordenadas em relação ao todo, ordenando-as umas às outras e à unidade do todo.

Um bom livro é um arranjo bem organizado de partes. Cada grande parte possui certa independência. No entanto, cada parte tem de ser conectada às demais – tem de guardar certa relação funcional com elas – pois, do contrário, poderia tornar-se ininteligível.

Os melhores livros são aqueles que possuem a melhor e mais inteligente estrutura interna. Embora sejam mais complexos que os livros ruins, sua complexidade também lhe confere certa simplicidade, já que suas partes estão mais bem organizadas e unificadas.

É por essa e por outras razões, que os melhores livros são também os mais legíveis.

A maioria dos leitores sente-se totalmente perdidos se lhes pedimos que descrevam brevemente o livro como um todo. Acreditamos que parte dessa dificuldade, origina-se na falta de habilidade dos leitores em expressar-se concisamente. Outra parte se deve ao seu desprezo por essa regra de leitura. Mas isso também deixa claro que muitos leitores, simplesmente, não prestam atenção às frases introdutórias do autor, assim como, em geral, também não prestam atenção ao título.

Há uma fórmula geral para se trabalhar com essa terceira regra. Ela o guiará, em linhas gerais. De acordo com a segunda regra, tínhamos de dizer: o livro como um todo é sobre isto ou aquilo.

Feito isso, podemos cumprir a terceira regra exemplificando assim: o autor cumpre esse plano em cinco partes: a primeira parte é sobre isto, a segunda sobre aquilo, a terceira sobre aquilo outro, a quarta

sobre outra coisa e a quinta sobre ainda outra coisa diferente; a primeira dessas partes é dividida em três seções: a primeira considera X, a segunda Y e a terceira Z; na primeira seção da primeira parte, o autor expressa quatro pontos: o primeiro é A, o segundo é B, o terceiro é C e o quarto é D. E assim por diante.

Na realidade, o bom leitor cumpre habitualmente essa regra e, portanto, de maneira fácil e natural. Ele não precisa escrever tudo. Ele nem mesmo precisará, no momento da leitura, explicitar tudo verbalmente, mas se ele for chamado a explicar a estrutura do livro, fará algo que se aproximará dessa fórmula.

No entanto, podemos resumir tudo isso lembrando-nos daquele velho preceito: todo texto tem de ter unidade, clareza e coerência. De fato, esse é o princípio de toda boa escrita. Se o texto tem unidade, temos de encontrá-la. Se o texto tem clareza e coerência, temos de contemplá-la detectando a distinção e a ordem de suas partes. A coerência se percebe pela disposição coesa e ordenada das partes.

A quarta regra pode ser expressa desta maneira:

Regra 4: Descubra quais foram os problemas do autor. O autor começa um livro com uma pergunta, ou mais. O livro nada mais é do que sua resposta, ou respostas.

Talvez o autor não lhe diga quais eram as perguntas, nem dê as respostas que são fruto da sua obra. Mesmo que não as forneça, o leitor tem a obrigação de formular as perguntas o mais precisamente possível. Você terá de ser capaz de expressar a principal pergunta que o livro tenta responder, além de ser capaz de expressar as perguntas subordinadas a ela, caso a pergunta principal seja muito complexa e contenha muitas partes. Você não apenas terá de ser capaz de aprender as perguntas, mas terá também de expressá-las de maneira inteligível.

Resumindo, o primeiro estágio da leitura analítica, ou as regras para descobrir sobre o que é o livro:

1. Classifique o livro de acordo com título e assunto.
2. Expresse a unidade do livro da maneira mais breve.
3. Enumere suas partes principais em ordem e relação, e esboce essas partes assim como esboçou a unidade.
4. Defina o problema ou os problemas que o autor busca resolver.

Chegando a um acordo com o autor

Quando dizemos que o leitor tem que chegar a um acordo com o autor, isto significa que deve haver a transmissão de conhecimento de um para o outro, pois, o acordo é o elemento fundamental do conhecimento transmissível (além da humildade que é o ponto inicial para conseguir aprender). Queremos deixar claro, que não significa concordar cegamente, não refletir ou algo do tipo, mas, acima de tudo, ter juízo daquele e daquilo com o qual está lidando. Observe o significado da palavra *acordo*, no dicionário online:

> "Acordo (ô): perfeito uso e domínio dos sentidos; conhecimento, consciência; atitude refletida; discrição, prudência, tino."

Propomos então que utilize de modo perfeito o domínio dos sentidos. A quinta regra da leitura consiste em você localizar as palavras importantes do livro e descobrir como o autor as utiliza. Mas podemos tornar essa explicação mais precisa:

Regra 5. Encontre as palavras importantes e, por meio delas, entre em acordo com o autor.

Note que a regra tem duas partes. A primeira parte significa localizar as palavras importantes, isto é, as palavras que se destacam qualitativamente. A segunda consiste em determinar o sentido dessas palavras, conforme são usadas, com precisão.

Cada regra de leitura interpretativa possui dois passos. Se fôssemos mais "técnicos", diríamos que tais regras possuem um aspecto gramatical e um aspecto lógico. O aspecto gramatical lida com os termos. Ambos os passos são necessários para haver comunicação. Se a linguagem for usada, mas não houver pensamento, então nada terá sido comunicado. E pensamentos ou conhecimentos não podem ser transmitidos sem linguagem. A gramática e a lógica são artes que se ocupam da linguagem em relação ao pensamento e do pensamento em relação à linguagem. É por isso que as habilidades de leitura e escrita são adquiridas por meio dessas artes.

É importante que a cada leitura usemos de palavras-chave para simplificar o que o autor quis dizer. Em suma, as palavras-chave são aquelas utilizadas pelo autor que possui um sentido relevante no contexto do texto, por exemplo: neste texto estamos argumentando sobre a leitura, portanto, uma das palavras-chave que poderíamos atribuir a esta obra seria leitura. E assim, conforme vamos desenvolvendo a leitura, vamos identificando as palavras-chave de cada livro.

Outros modos de identificarmos as palavras-chave são: ênfase explícita em que um autor confere a determinadas palavras; uso de sinais gráficos em determinadas palavras como itálico ou aspas.

Outra coisa importante é que, todo campo de conhecimento possui seu próprio vocabulário técnico; isso significa que algumas palavras desconhecidas em um contexto geral são de grande familiaridade na área específica. Um exemplo seria a palavra usuário na área de biblioteconomia. Para um bibliotecário, a palavra *usuário* consiste em um frequentador e utilizador de uma biblioteca; na área da saúde, por exemplo, este termo pode conter uma conotação totalmente diferente, significando aquele que faz uso de drogas.

Se você souber que tipo de livro está lendo, o que ele focaliza como um todo e quais suas partes principais, então a tarefa de distinguir o vocabulário técnico do vocabulário trivial será bastante facilitada. Os títulos do livro, dos capítulos e o prefácio poderão ser úteis nessa empreitada.

A maioria das pessoas está viciada na leitura passiva. A principal falha do leitor passivo é sua desatenção em relação às palavras e, consequentemente, sua incapacidade de entender o autor.

Outra tarefa importante é encontrar sentido para as palavras que não conhecemos. Uma maneira de fazer isto, é descobrir o sentido de uma palavra que não entende por meio do significado de todas as palavras que você entende, no contexto.

Como especificar a mensagem do autor

A proposta de um livro é uma declaração, ou seja, é uma expressão do julgamento do autor sobre alguma coisa. Ele afirma que julga ser verdade, ou nega algo que julga ser falso.

Uma proposta desse tipo é como uma declaração, mas de conhecimentos, e não de intenções. O autor talvez nos informe suas intenções no começo do prefácio, por exemplo. Mas, para descobrirmos se ele manteve sua promessa, temos de procurar suas propostas.

As propostas de um autor não passam de sua opinião, a não ser que sejam fundamentadas por boas razões.

Na leitura analítica – em que a interpretação é nosso objetivo – você deve ter percebido que a direção que estamos tomando é contrária à direção do primeiro estágio – quando o objetivo era esboçar uma estrutura. No primeiro estágio, partimos do livro como um todo e fomos descendo até suas partes principais; depois às divisões dessas partes que contêm muitas propostas e, normalmente, vários argumentos. Se você continuasse dividindo o livro em partes, teria condições de dizer afinal: "Nesta parte, as seguintes ideias são expostas". Ora, cada uma dessas "ideias" é, provavelmente, uma proposta, e algumas delas, se tomadas em conjunto, perfazem um argumento.

Desse modo, os dois processos de esboçar e interpretar encontram-se no nível das propostas e argumentos. Você chega às propostas e aos argumentos dividindo o livro em suas partes. Vai aos argumentos observando sua composição em propostas e, em última instância, em termos. Quando tiver completado os dois processos, então poderá dizer com segurança que realmente conhece o conteúdo do livro.

A sexta regra pode ser expressa assim:

Regra 6: Marque as frases mais importantes do livro e descubra as proposições que elas contêm.

E eis a sétima regra:

Regra 7: Encontre os parágrafos que expressam os argumentos importantes do livro; se os argumentos não puderem ser encontrados dessa maneira, contrua-os juntando frases de diversos parágrafos, até que construa um argumento.

Esta regra continua a nos ajudar a alcançar o próximo passo, uma vez que pode nos ajudar a resumir, sintetizar o conteúdo da leitura.

A propósito, tanto estas novas regras, quanto aquela que recomenda entrar em acordo com o autor, valem primordialmente para as obras expositivas. As regras sobre preposições e argumentos são bem diferentes quando estamos lendo uma obra poética – romance, peça teatral ou poema.

Além das palavras-chave, podemos encontrar frases-chave que nos ajudam a entender a centralidade do pensamento do autor e dão um sentido mais aprofundado ao argumento do escritor.

Um exemplo na qual o próprio autor destaca as frases que denominamos essenciais ao leitor é em Santo Tomás de Aquino. Na Suma Teológica, cada seção vem precedida por uma questão. Há vários indícios da resposta que o autor busca defender. São enunciadas várias objeções à resposta e o local onde Santo Tomás de Aquino começa a argumentar sobre a falsidade é marcado pelas palavras "Solução". Veja um exemplo da Suma Teológica:

"Questão 17: Da falsidade

Em seguida devemos tratar da falsidade. E nesta questão, discutem-se quatro artigos:

Art. 1 — Se há falsidade nas coisas.

I Sent., dist. XIX, q. 5, a. 1; De Verit., q. 1, a. 10; V Metaph., lect. XXII; VI lect. IV.

O primeiro discute-se assim. — Parece que não há falsidade nas coisas.

1. — Pois, diz Agostinho: Se a verdade é o que é, havemos de concluir, que o falso em nenhuma parte existe, quem quer que a isso repugne.

2. Demais. — Falso vem de falir (enganar). Ora, as coisas não enganam, como diz Agostinho, porque não manifestam senão a sua espécie. Logo, nelas não há falsidade.

3. Demais. — Como se disse, as coisas chamam-se verdadeiras relativamente ao intelecto divino, enquanto o imitam. Ora, qualquer coisa, como tal, imita a Deus. Logo, é verdadeira e sem falsidade. Portanto, nenhuma coisa é falsa.

Mas, em contrário, diz Agostinho: Todo corpo é verdadeiro corpo e falsa unidade; porque imita a unidade mas não é unidade. Ora, todas as coisas imitam a divina unidade, mas deficientemente. Logo, em todas há falsidade.

***SOLUÇÃO.** — Como o verdadeiro e o falso se opõem, e os contrários têm o mesmo sujeito, necessariamente há de existir, em primeiro lugar, a falsidade, na potência onde, em primeiro, existe a verdade, isto é, no intelecto. Ora, nas coisas não há verdade nem falsidade, senão pela relação delas com o intelecto. E como um ser se nomeia, absolutamente, segundo o que lhe convém, por essência, e, relativamente, segundo o que lhe convém, por acidente, uma coisa se pode chamar falsa, absolutamente, pela relação essencial com o intelecto de que depende e a que se compara por si. Porém, relativamente a outro intelecto, com o qual se relacione acidentalmente, só se pode chamar falsa relativamente.*

Ora, as coisas naturais dependem do intelecto divino como as artificiais do humano. E estas chamam-se falsas, absolutamente e em si mesmas, quando lhes falta a forma da arte; e por isso dizemos que um artífice fez obra falsa quando falhou na operação da sua arte. Assim, pois, nas coisas dependentes de Deus, não pode haver falsidade, relativamente ao intelecto divino, porque tudo o que existe, nelas, procede da ordenação desse intelecto. Exceto, talvez os agentes voluntários, que têm o poder de se subtrair a tal ordenação, nisso consistindo o mal da culpa. E, em tal sentido, os pecados chamam-se na Escritura, falsidades e mentiras, segundo aquilo (Sl 4, 3): Por que amais a vaidade e buscais a mentira? Assim também, e ao contrário, a operação virtuosa se chama verdade da vida, enquanto se subordina à ordem do divino intelecto, conforme a Escritura (Jo 3, 21): Aquele que obra a verdade chega-se para a luz.

Mas, relativamente ao nosso intelecto, com o qual as coisas naturais têm relação acidental, podem chamar-se falsas, não simples, mas: Chamamos falsas às coisas que apreendemos como verossímeis. E o Filósofo diz relativamente, e isto de dois modos. Primeiro, em razão do significado; chamando-se, assim, falso nas coisas, ao que é significado ou representado por palavra ou pensamento falso. E deste primeiro modo, qualquer coisa pode chamar-se falsa, relativamente ao que nela não existe. Assim, como se dissermos que é falso o diâmetro comensurável, segundo o Filósofo; ou se dissermos, com Agostinho, que um trágico é um falso Heitor. E, ao contrário, uma coisa pode chamar-se verdadeira, pelo que lhe convém. Segundo, em razão da causa. E, assim, chama-se falsa a uma coisa, que é causa de se formar dela uma opinião falsa. Pois, é-nos natural julgar das coisas pela aparência exterior, porque o nosso conhecimento, atingindo, primeiramente e em si mesmo, os acidentes exteriores, tem a sua origem nos sentidos. Por isso, as coisas que, pelos seus acidentes externos, se assemelham a outras, chamam-se falsas por comparação com estas últimas; assim, o fel é um falso mel e o estanho, uma falsa prata. E, deste modo, diz Agostinho, que se chamam falsas todas as coisas a que é natural mostrarem-se quais não são ou o que não são. E também, deste modo, chama-se falso ao homem amante das opiniões ou locuções falsas. Mas, não pelas poder formar, porque, então, também os sapientes e os sábios se chamariam falsos, como diz Aristóteles.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. *— A realidade, relativamente ao intelecto, chama-se verdadeira, pelo que é; falsa, pelo que não é. Por onde, um verdadeiro ator trágico é um falso Heitor, como diz Agostinho. Assim pois, como há um certo não-ser, nas coisas existentes, assim também há nelas uma certa razão de falsidade.*

RESPOSTA À SEGUNDA. *— As coisas nos enganam, não por si mesmas, mas, por acidente, oferecendo ocasião à falsidade, por terem a semelhança com outras coisas, de que não têm a existência.*

RESPOSTA À TERCEIRA. *— Relativamente ao intelecto divino, não se chamam falsas as coisas. Porque, então, seriam absolutamente falsas; mas, relativamente ao nosso intelecto, sendo então, falsas por acidente.*

RESPOSTA À QUARTA. *— A semelhança ou representação deficiente não induz razão de falsidade, senão quando dá ocasião à falsa opinião: por isso, não é qualquer semelhança que torna falsa uma realidade, mas, uma semelhança tal que seja capaz de causar opinião falsa, e isso, não a toda pessoa, mas em geral."*

- Qual é a proposição de Santo Tomás com relação à falsidade?
- Ele concorda com Santo Agostinho?

Ao ler este pequeno trecho da Suma, você pode ter ficado confuso e agitado, ou então frustrado por pouco ou nada ter entendido. Observe ainda o que O Santo Aquinate escreveu no prólogo desta Suma:

> "(...)Por esta razão nos propusemos nesta obra expor o que se refere à religião cristã do modo mais apropriado à formação dos iniciantes."

Santo Tomás de Aquino

Não se desespere! A maioria das pessoas, ao lerem que a obra (Suma) trata de algo para "iniciantes", riem por saberem o teor e a profundidade deste legado da Igreja, escrito por Santo Tomás. O que queremos é entender que algo está muito errado nas formações mundanas atuais, que cada vez mais formam (ou deformam) os alunos, os leitores, e, cada vez vemos mais distante a formação de santos. Estes passos apresentados até o momento, buscam iniciá-lo nesta jornada intelectual e espiritual, e, por isso, é preciso vê-los, revê-los, memorizá-los e, ainda mais, colocá-los em prática.

Um dos grandes problemas da leitura interpretativa encontra-se em, muitas vezes, darmos ênfase às frases que mais nos interessam e nos esquecermos das frases que nos questionam ou que são de difícil compreensão; se ao invés de lermos com atenção as frases que nos despertam, nos atentarmos às frases que nos indagam, teríamos um melhor aproveitamento na leitura.

É importante que ressaltemos a relevância da gramática para compreendermos o sentido de uma frase, pois faz-se necessário que saibamos os elementos composicionais de uma frase, ou seja, o que é um adjetivo, um substantivo, o verbo (e outros elementos), e isto faz com que ampliemos os sentidos das palavras e, assim, interpretemos corretamente o sentido da frase.

Outro aspecto importante para a leitura interpretativa, é enunciar com as suas próprias palavras aquela frase que você julgar indagativa e transpor, com maior clareza, as palavras que lhe causam dificuldade de entendimento.

Regra 8: Encontre, se puder, os parágrafos que expressam os argumentos importantes do livro; mas se os argumentos não puderem ser encontrados dessa maneira, você terá de construí-los, juntando frases de diversos parágrafos, até que consiga compor uma sequência de frases que enunciem as proposições que compõem o argumento.

Após ter detectado quais são as frases principais, a composição dos parágrafos deverá ser algo relativamente simples. Há várias maneiras de fazê-lo. Você deverá escrever as proposições em conjunto e formar um argumento.

O último passo da regra interpretativa é a **regra 9.**

Regra 9: Descubra quais são as soluções do autor. Quando tiver aplicado essa regra, além das três precedentes, você poderá ter certeza de que conseguiu entender o livro.

Se você começou com um livro que está "acima" do seu entendimento – um livro que pode lhe ensinar alguma coisa – então percorreu um longo caminho para chegar até aqui. Mais do que isso, agora está apto a completar sua leitura analítica do livro. O terceiro e último estágio lhe será relativamente fácil. Até agora você manteve seus olhos e sua mente abertos, mas a boca esteve fechada. Até agora você acompanhou o autor. A partir de agora será necessário memorizar as principais sentenças para poder meditar.

Resumindo, o segundo estágio da leitura analítica, ou as regras para descobrir o que diz o livro (interpretação do conteúdo):

1. Chegue a um *acordo* com o autor, interpretando suas palavras-chave.
2. Capte as proposições principais, encontrando as frases mais importantes.
3. Entenda os argumentos do autor, encontrando-os ou compondo-os com base em conjuntos de frases.
4. Determine quais problemas o autor conseguiu resolver e quais ele não conseguiu resolver.

Há ainda um terceiro estágio da leitura analítica, mas que não nos interessará no momento por não ser essencialmente necessário para que alcancemos a meditação, mas limita-se mais a elaboração de uma crítica, após a leitura (veremos em outro módulo) Portanto, resumamos os estágios anteriores:

Primeiro estágio da leitura analítica: regras para descobrir o conteúdo:

1. Classifique o livro de acordo com o tipo textual.
2. Diga sobre o tema com a máxima brevidade possível.
3. Enumere as partes principais em sua devida ordem e relação, e delineie essas partes assim como delineou o todo.
4. Defina o problema, ou problemas, que o autor buscou solucionar.

Segundo estágio da leitura analítica: regras para interpretar o conteúdo:

5. Entre em acordo com o autor, interpretando as palavras-chave do livro.
6. Aprenda as proposições principais, estudando as frases mais importantes.
7. Identifique os argumentos, encontrando-os ou construindo-os com base em sequência de frases.

8. Determine os problemas que foram resolvidos e os que não foram resolvidos; quanto a estes últimos, verifique se o autor está ciente de que conseguiu ou não resolvê-los.
9. Soluções do autor.

(A teoria foi embasada na obra de Mortimer Adler, Como ler livros. É Realizações Editora, 2010; o texto e exemplos foram adaptados para a realidade deste conteúdo, junto com ressalvas teóricas e a introdução do método de como aprender – Hugo de São Vitor –, como foi indicado anteriormente.)

Recorde e aprofunde seus conhecimentos, com atenção

Se você leu um texto, analiticamente, de modo eficaz, significa que deve ser capaz de realizar um resumo, de fazer uma síntese; resumir é uma capacidade básica para todo estudante. Além de ler e resumir, você deve ser capaz de reter na memória, para sempre; assim poderemos passar para o próximo passo.

Queremos fazer uma exortação sobre a memorização, tão atacada e maleficamente entendida atualmente.

A memória

Hoje é amplamente criticado qualquer método que faça menção de memorizar ou decorar conteúdos, como se fosse um castigo ou um absurdo. O que estas pessoas, muitas vezes renomados "intelectuais", esquecem é que a vida intelectual se constrói a partir da memorização! Se eu proíbo ou não incentivo a memorização, eu tranco a porta da vida intelectual ao aprendiz, o que gerará um emburrecimento (coletivo!). O que seria meditado e contemplado se não houvesse algo real para fazê-lo? Se não podemos memorizar, de onde sairão os argumentos, as análises das verdades para se chegar à Verdade? O problema hoje é que até mesmo a Verdade não é mais buscada, quanto mais o caminho para ser levado até Ela!

Memorizar significa guardar a verdade que foi revelada e a reter! Se descobrir uma verdade, mas não a retiver, ela será lançada fora junto com as páginas que escreveu sem refletir. É também importante saber que memorizar algo, sem entendê-lo, também de nada adiantará.

É graças à leitura e à memorização (que ainda não resumem o que é o aprendizado) que é possível entender o que Hugo de São Vitor ensina por meditação.

A meditação

Meditar significa encontrar uma verdade, meditar sobre ela, até que finalmente a enxergue com clareza; significa investigar a causa, a origem, a utilidade e o modo de cada coisa. Meditar leva a conhecer as coisas por suas causas e, assim, as causas vão levando a causas mais profundas e a outras causas ainda mais profundas; significa saber o porquê de ser assim.

Padre Paulo Ricardo exemplifica este passo como se fosse "a ruminação" feita pela vaca. Você estudou, resumiu e memorizou (primeira deglutição); o que memorizou, agora ficará meditando, pensando, meditando novamente, até que verifique-se um "clique", e este clique o levará a um nível superior ao das palavras.

É por isso que, com a leitura analítica, se torna possível este passo. Se lemos superficialmente ou se nos preocupamos apenas com a estrutura composicional de um livro, não será suficiente para chegarmos as verdades que este livro lido pode nos trazer. Ao ler analiticamente, você começa a enxergar as coisas com

uma profundidade maior, aprofunda sua visão, a retira da superfície do texto para, então, iluminado pela luz natural da razão (inteligência), descobrir a **v**erdade (ou verdades, com **v** minúsculo). Desta forma, vamos meditando sobre várias verdades, até que temos um *tesouro de verdades*; vamos então percebendo que as várias verdades começam a coalescer-se, vão se encaixando, de forma que conseguimos ter uma visão superior, que será o nosso próximo passo: a contemplação.

Resumindo, meditar é "o reconduzir do pensamento para penetrar no que é oculto e enxergar a causa; ao meditar, descobrimos uma (ou mais) verdade(s)!" (Padre Paulo Ricardo, Introdução ao método teológico)

Uma vez entendida esta leitura eficiente, meditativa, como parte do processo da aprendizagem que queremos propor (subida do morro), podemos continuar os passos do nosso método, proposto por Hugo de São Vitor.

3º passo: A contemplação

Uma vez que adentrou a profundidade da meditação, o próximo passo do método de estudo de Hugo de São Vitor é a contemplação.

Contemplar é o passo no qual você já consegue ter uma visão livre e perspicaz das coisas; as verdades encontradas (v minúsculo!) começam a se unir, a se complementarem. A contemplação que estamos considerando é aquela que é sempre de coisas manifestas e segundo a nossa capacidade.

Neste nível começamos a subir o morro, estamos em um lugar mais elevado, mas ainda longe do topo, onde estão os Santos, por exemplo. Esta contemplação não é a dos grandes místicos -contemplação infusa.

A corrente marxista hoje postula que colocar as verdades umas contra as outras nos ajudará a "subir de nível" rumo ao conhecimento. Não é isso o que propomos, o que a Igreja e nem os Santos propõem! Sabemos que a Verdade é uma, Jesus Cristo, e é n'Ele que estão contidas todas as demais verdades. Isto é contemplar: buscar n'Ele, com Ele e por Ele as razões e relações entre todas as verdades existentes.

Imagine, para entender a diferença entre meditação e contemplação, uma obra de arte (a capa deste volume, por exemplo). Na meditação, os detalhes importam; cada detalhe, cor, objeto, traçado, todos os elementos constitutivos são importantes e analisados; contemplar esta obra significa olhar para o todo da obra; significa afastar o olhar para ver o todo, como todos os elementos, juntos, formam a unidade, a magnanimidade da obra. Só é possível ver a finalidade da obra se chegarmos à contemplação! É este o próximo e fundamental passo.

O crescimento do conhecimento se dá quando as verdades meditadas, vistas, mas ainda esparsas, vão se conciliando, possibilitando que as contemplemos. Retomemos a introdução deste material didático, a imagem do quebra cabeça e entenderá como estas partes fazem mais sentido agora!

> "Imagine um quebra-cabeça cuja imagem não lhe é conhecida. Primeiramente, você deverá conhecer as peças do jogo, virando-as de tal forma que apareçam as suas formas e cores (leitura). Depois você deverá reunir as peças que se assemelham e separá-las em blocos (resumo e a memorização). Após separar, você deve tentar reunir as peças, começando pelos blocos com as cores e formas semelhantes, esforçando-se para descobrir a imagem do quebra-cabeça (meditação). Quando as peças começarem a se encaixar, você começará a ter maior noção do que se trata o jogo, e, depois de várias tentativas, com erros e acertos, você descobrirá a belíssima imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, mas isso ainda não é a contemplação. Somente depois de terminar de

encaixar todas as peças, após muito esforço, você poderá olhar para aquela pintura feita por mãos celestes, com riqueza de formas e cores, símbolos e significados, fitar aquela Mulher vestida de Sol com a Lua debaixo de seus pés e se deleitar de tal modo que seu coração se elevará até a Virgem, como se ela estivesse em pessoa ali, naquele simples quebra-cabeça, e lhe dirigirá uma belíssima oração de agradecimento pelo seu sim, que nos trouxe o Salvador! Isso é contemplação. Mas ainda não acabou."

4º passo: A eloquência

A partir da contemplação, feita conforme a Vontade de Deus, agora temos o próximo passo da nossa escalada: ensinar aquilo que foi lido, meditado, memorizado e contemplado.

Santo Tomás de Aquino nos ensina que "pregador é aquele que transmite aos outros aquilo que contemplou." Este passo é crucial dentro do método de aprendizado.

Este processo de aprender e ensinar é também um reflexo do que nos pede Jesus quando diz "Ide por todo o mundo e fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28, 19). Primeiro é necessário ser discípulo: "Vinde" nos diz Jesus; através da meditação e da contemplação conhecemos o Mestre, e, a partir disso, nos é possível ensinar.

Este roteiro e método de estudo que estamos propondo não é algo específico para esta disciplina ou ainda deste material didático, apenas. É um roteiro de estudo para a vida toda, que o tornará sábio e Santo.

Um aspecto muito interessante é perceber que, quando nos confessamos, quando saímos do pecado mortal, e estamos em estado de graça, podemos fazer a mesma experiência que fez Santo Agostinho, de ter a inteligência mais ampliada, "funcionando" melhor e mais efetivamente. Por isso a necessidade (e graça concedida por Deus) de nos conservarmos em estado de graça: para aprendermos verdadeiramente.

- Faça uma breve experiência de ensinar. Escolha alguém de sua família e conte os aspectos do aprendizado mais interessantes vistos até o momento nesta disciplina. Escolha também o exemplo da história de algum Santo, visto até o momento e a qual irá ensinar algo para apresentar.

Matemática

Capítulo 4

Plano Cartesiano

NESTE capítulo estudaremos a relação que envolve o Plano Cartesiano com o par ordenado e também o Produto Cartesiano de dois conjuntos.

A palavra relação, vem do latim RELATUS, particípio passado de REFERRE, "levar consigo, apresentar, relacionar".

A palavra relação é encontrada em várias passagens bíblicas:

> Foi bastante poderoso para aumentar a cidade, conquistou glória em suas **relações** com a nação, e alargou a entrada do templo e do átrio. (**Eclesiástico 50, 5**)
>
> Vou pôr-me em boas **relações** com Hanon, filho de Naas, pensou Davi, assim como seu pai fez comigo. Enviou-lhe, pois, mensageiros que lhe exprimissem suas condolências pela morte de seu pai. Quando os servos de Davi chegaram à terra dos amonitas,II (**Samuel 10, 2**)

Par

Definição: Chama-se **par** todo conjunto formado por dois elementos. Temos então que {1, 4}, {3, -4}, {a, b} são pares.

Lembrete: Pelo conceito de Igualdade de Conjunto, se a ordem dos elementos for invertida se produzirá um novo par.

Exemplos: a) {1, 4} = {4, 1}

b) {3, 2} = {2, 3}

c) {-1, 5} = {5, -1}

d) {a, b} = {b, a}

Na matemática, existem circunstâncias em que necessita-se distinguir dois pares pela ordem dos elementos.

Exemplo 1: No sistema de equações

$$\begin{cases} x + y = 3 \\ x - y = 1 \end{cases}$$

x = 2 e y = 1 é solução; se trocarmos a ordem, teremos x = 1 e y = 2, logo não é solução.

Assim, {2, 1} é solução e {1, 2} não é solução. Portanto, temos uma contradição, pois {2, 1} = {1, 2} é um mesmo conjunto e um é solução e o outro não.

Então, dizemos que a solução é o **par ordenado** (2, 1).

Notação de Par Ordenado: O primeiro elemento do par ordenado refere-se a incógnita x e o segundo elemento refere-se à incógnita y.

(x, y)

Exemplo 1: Seja (3, 4) um par ordenado. Logo, x = 3 e y = 4.

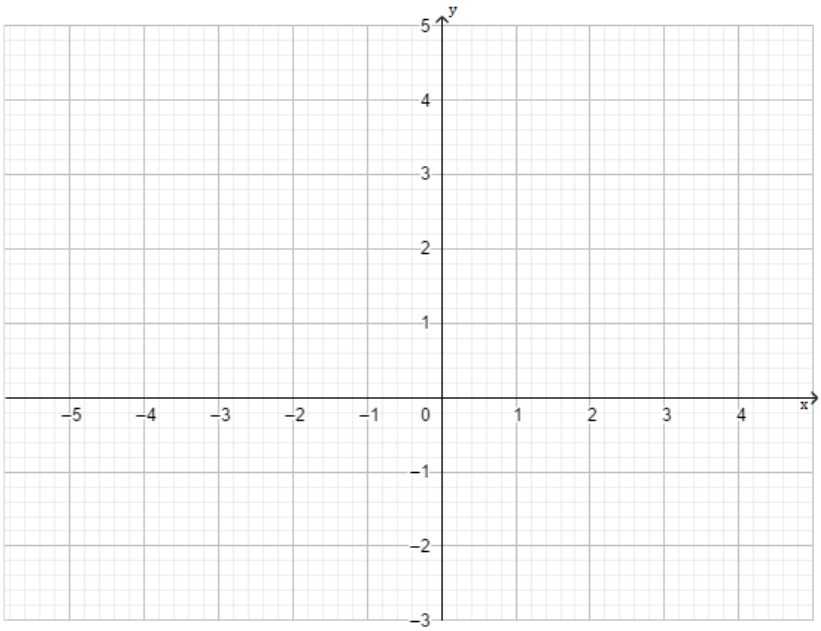
Par Ordenado

Definição: Sejam dois pares ordenados (a, b) e (c, d) iguais se, e somente se, $a = c$ e $b = d$.

(a, b) = (c, d) <=> a = c e b = d

Plano Cartesiano

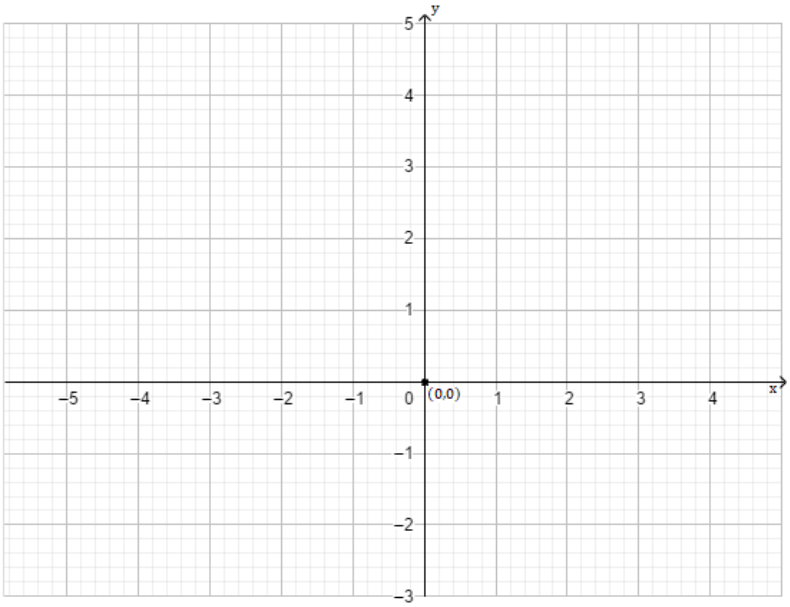
Definição: **Plano Cartesiano** é o plano formado por duas retas, x e y perpendiculares entre si.



Definição: O eixo x é a reta horizontal chamada de **Eixo das Abscissas**.

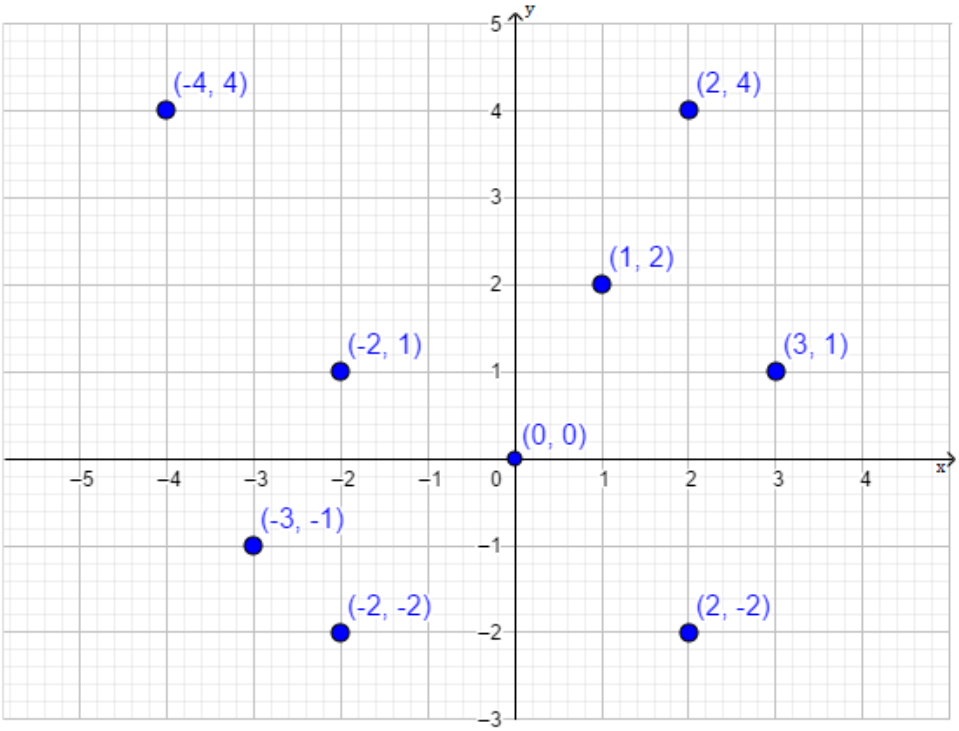
Definição: O eixo y é a reta vertical chamada de **Eixo das Ordenadas**.

Definição: O ponto em comum dessas duas retas é o ponto O, chamado de **Origem**.



O par ordenado é representado em um plano cartesiano.

Exemplo 1: Um Plano Cartesiano com alguns pares ordenados sendo representado abaixo.



Produto Cartesiano

Definição: Sejam A e B dois conjuntos não vazios. Denotamos o **produto cartesiano de *A* por *B*** o conjunto $A\ x\ B$ cujos elementos são todos os pares ordenados (x, y), em que o primeiro elemento pertence a A e o segundo elemento pertence a B.

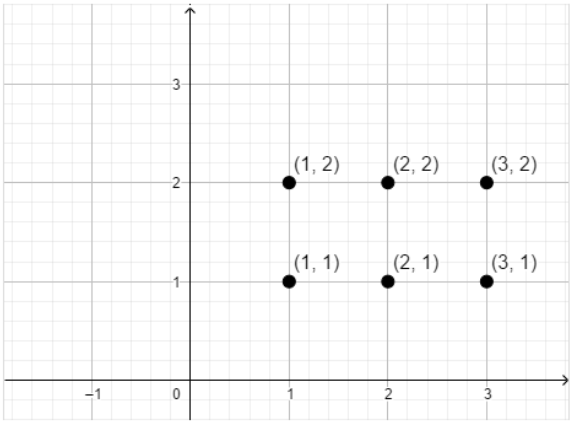
$$A\ x\ B = \{(x, y)\ \ /\ x \in A\ e\ y \in B$$

Lê-se: *A cartesiano B* ou *produto cartesiano de A por B*.

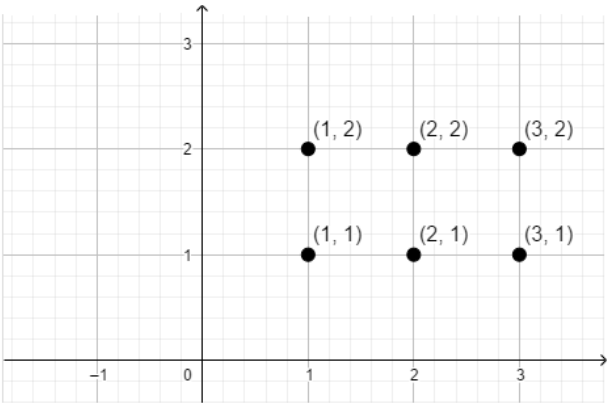
Vejamos alguns exemplos de Produto Cartesiano:

Exemplo 1: Seja $A\ =\ \{1, 2, 3, 4\}$ e $B\ =\ \{1, 2\}$. Quais são os pares ordenados que formam $A\ x\ B$ e $B\ x\ A$?

$$A\ x\ B\ =\ \{(1, 1), (1, 2), (2, 1), (2, 2), (3, 1), (3, 2), (4, 1), (4, 2)\}$$



$$B\ x\ A\ =\ \{(1, 1), (1, 2), (1, 3), (1, 4), (2, 1), (2, 2), (2,3), (2, 4)\}$$

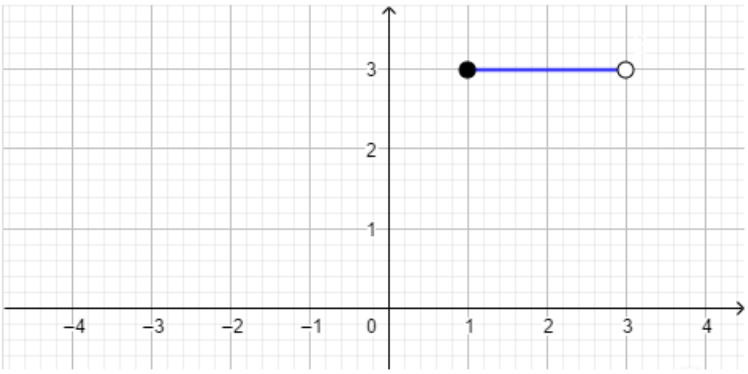


Exemplo 2: Seja $C\ =\ \{1, 2\}$. Quais são os pares ordenados que formam $C\ x\ C$?

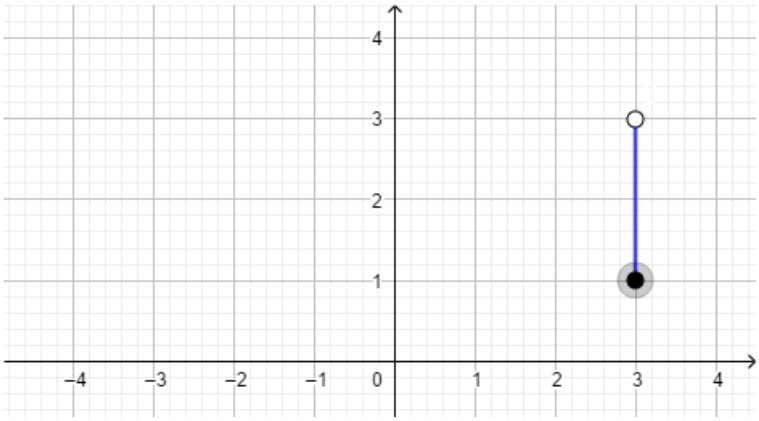
$$C\ x\ C\ =\ \{(1, 1), (1, 2), (2, 1), (2, 2)\}$$

Exemplo 3: Seja $D\ =\ \{x \in \mathbb{R}\ /\ 1 \leq x < 3\}$ e $E\ =\ \{3\}$. Quais são os pares ordenados que formam $D\ x\ E$ e $E\ x\ D$?

$$D\ x\ E\ =\ \{(x,3)\ /\ x \in D\}$$



$$E\ x\ D\ =\ \{(3,x)\ /\ x \in D\}$$



Exemplo 4: Seja $F\ =\ \{1,3,5\}$ e $G\ =\ \{2,4,6,8\}$. Quais são os pares ordenados que formam $F\ x\ G$ e $G\ x\ F$?

$$F\ x\ G\ =\ \{(1,2),(1,4),(1,6),(1,8),(3,2),(3,4),(3,6),(3,8),(5,2),(5,4),(5,6),(5,8)\}$$

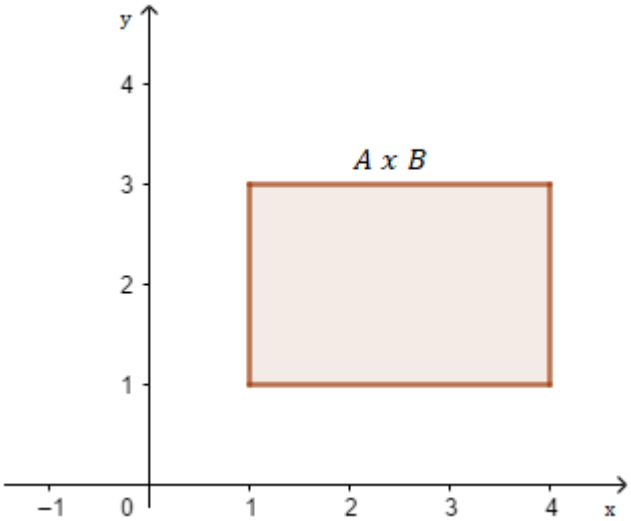
$$G\ x\ F\ =\ \{(2,1),(2,3),(2,5),(4,1),(4,3),(4,5),(6,1),(6,3),(6,5),(8,1),(8,3),(8,5)\}$$

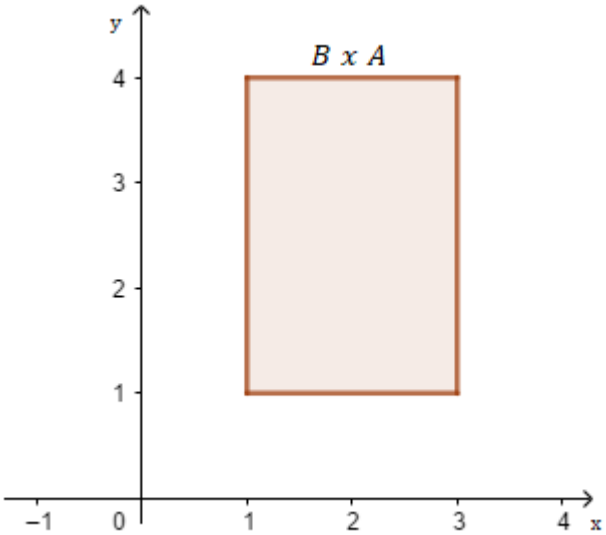
Exemplo5: Se A= $\{x\ /\ x \in\ \mathbb{R}\ /\ 1 \leq\ x \leq\ 4\}$ e $B\ =\ \{x/\ x \in\ \mathbb{R}\ /\ 1 \leq x \leq 3\}$. Temos o produto cartesiano

$$A\ x\ B\ =\ \{(x,y) \in\ R^2\ /\ 1 \leq\ x \leq\ 4\ e\ 1 \leq y \leq 3\}$$

$$B\ x\ A\ =\ \{(x,y) \in\ \mathbb{R}^2\ /\ 1 \leq\ x \leq\ 3\ e\ 1 \leq y \leq 4\}$$

podemos representar graficamente no plano cartesiano pelo conjunto de pontos de um retângulo.





Observações:

1ª) Se $A \neq B$, então $A \ x \ B \neq B \ x \ A$, isto é, o produto cartesiano não possui a propriedade comutativa.

2ª) Seja A e B conjuntos finitos com x e y elementos de cada um deles respectivamente, então $A \ x \ B$ é um conjunto finito com $(x \ . \ y)$ elementos.

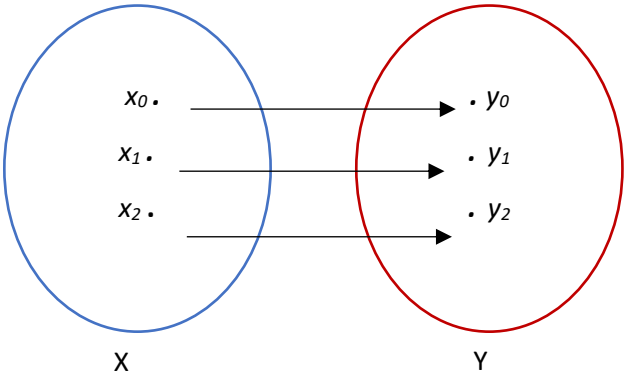
3ª) Seja A ou B um conjunto infinito e nenhum deles seja vazio, então $A \ x \ B$ é um conjunto infinito.

Caso Especial dos Produtos Cartesianos

Seja A ou B um conjunto vazio, temos que o produto cartesiano de A por B é um conjunto vazio.
A x ∅ = ∅
∅ x B = ∅
∅ x ∅ = ∅

O diagrama de flechas

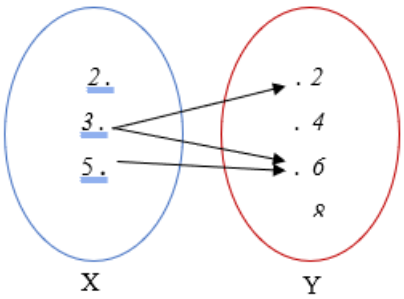
Uma relação entre os elementos de um conjunto X e os elementos de um conjunto Y pode ser representada por diagramas, chamados de *diagrama de flechas*. Esse diagrama consiste em representar cada conjunto por duas elipses, os elementos desses conjuntos como pontos no interior dessas elipses, e a correspondência entre estes elementos são representadas por uma flecha. Veja a seguir:



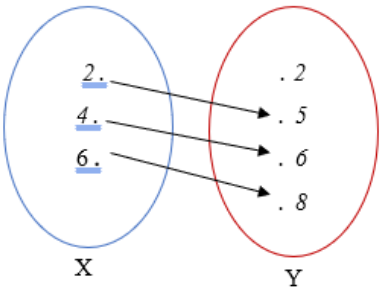
Este tipo de representação será muito útil no próximo capítulo, onde veremos: domínio, contradomínio, função, e imagem da função.

Vejamos alguns exemplos envolvendo diagrama de flechas:

Exemplo 1:



Exemplo 2:



Vejamos um exercício envolvendo diagrama das flechas:

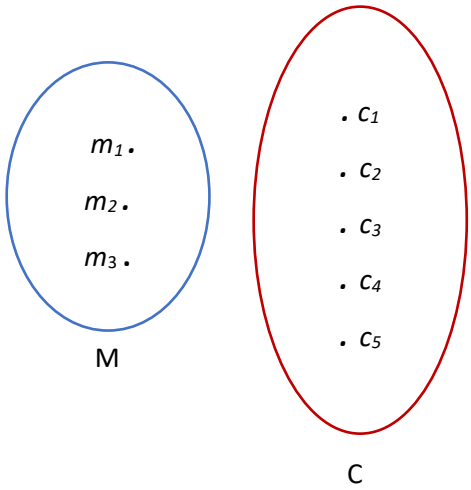
Exercício 1: Em um certo dia, três mães deram à luz em uma maternidade. Uma delas teve trigêmeos, outra gêmeos e a terceira, um único filho. Considere o conjunto das mães, o conjunto das crianças e as seguintes relações:

a) A que associa a cada mãe o seu filho.

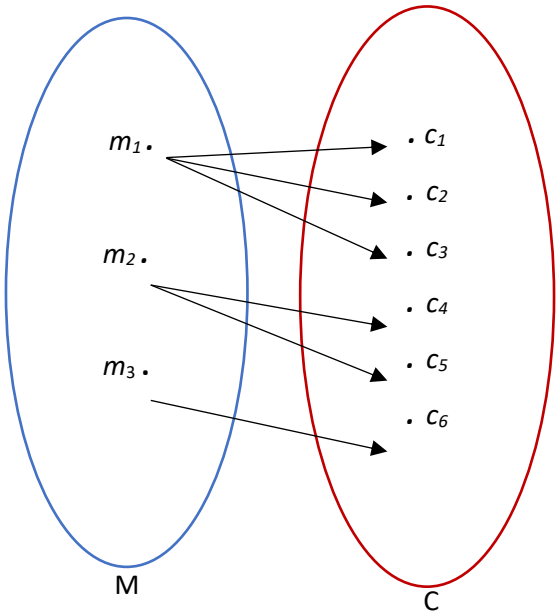
b) A que associa a cada criança a sua mãe.

c) A que associa a cada criança o seu irmão.

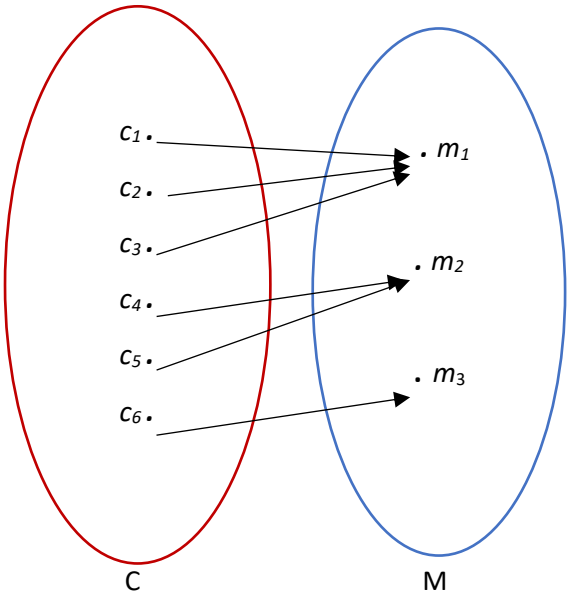
<u>Resolução:</u> Vamos considerar o conjunto de mães pela letra M e o conjunto de crianças pela letra C. Perceba que temos três mães, que denotaremos por m_1, m_2 e m_3, e seis crianças, que denotaremos por c_1, c_2, c_3, c_4, c_5 e c_6.



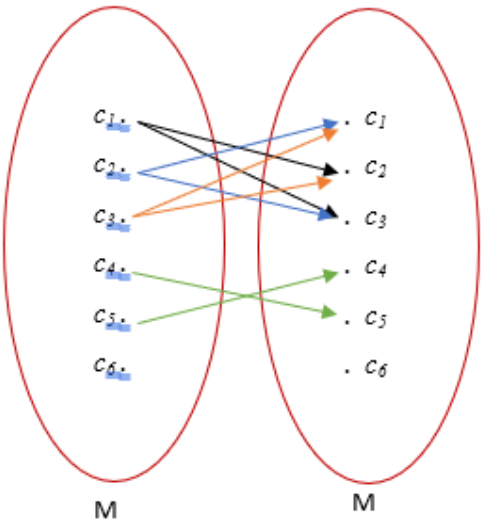
a) A que associa a cada mãe o seu filho: Queremos analisar $f : M \rightarrow C$. Perceba que a primeira mãe, representada por m_1, teve três filhos; a segunda mãe, representada por m_2, teve dois filhos; a terceira mãe, representada por m_3, teve apenas um filho. Nossa relação representada pelo diagrama fica:



b) A que associa a cada criança a sua mãe: Queremos analisar f : C → M. Vejamos como fica esta relação:



c) A que associa a cada criança seu irmão: Queremos analisar f : C → C. Vejamos como fica esta relação:



Exercícios

1) Dados os conjuntos:

$$A = \{1, 3, 4\}$$
$$B = \{-2, 1\}$$
$$C = \{-1, 0, 2\}$$

Represente pelos elementos e pelo gráfico cartesiano os seguintes produtos:

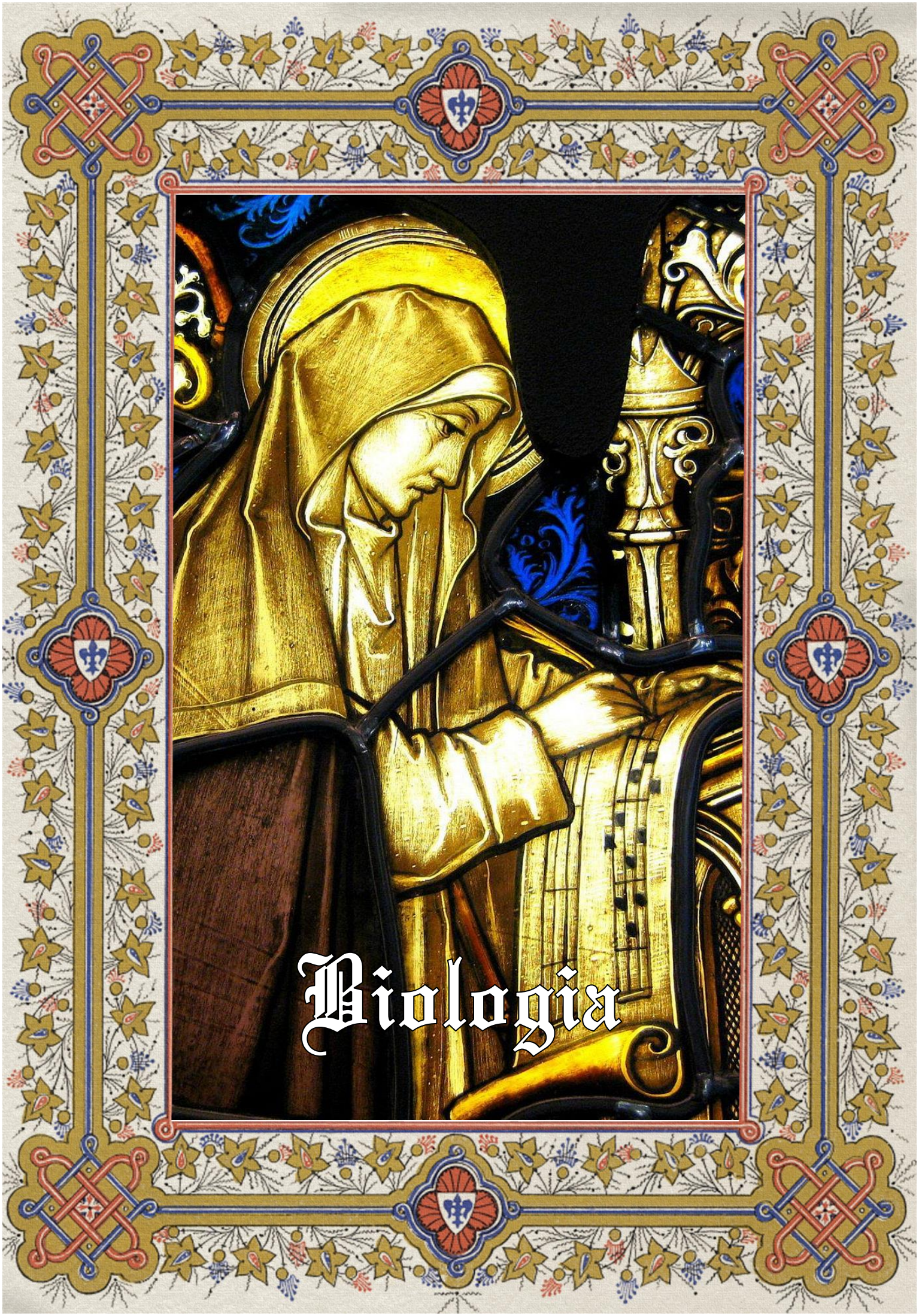
a) $A\ x\ B$
b) $B\ x\ A$
c) $A\ x\ C$
d) $C\ x\ A$

2) Dados os conjuntos:

$$A = \{x \in \mathbb{R} \,/\, -1 \leq x \leq 2\}$$
$$B = \{x \in \mathbb{R} \,/\, 2 \leq x \leq 4\}$$
$$C = \{x \in \mathbb{R} \,/\, -3 < x \leq 1\}$$

Represente graficamente os seguintes produtos:

a) $A\ x\ B$
b) $A\ x\ C$
c) $B\ x\ C$
d) $C\ x\ B$


Biologia

Capítulo 3 – A vida na Terra
Aula 5 – Biomas mundiais

APÓS estudar o universo e sua ordenação, passaremos ao exame do planeta onde habitamos: a Terra. Estudaremos principalmente os seres vivos, o ambiente e toda a realidade da Criação realizada por Deus.

As criaturas estão distribuídas na Terra em diferentes ambientes, de acordo com seu modo de vida, alimentação e características. Observaremos primeiro a parte viva da Terra, também chamada de Biosfera.

Relembrando o que vimos anteriormente, devemos ter em mente que tudo o que existe possui o SER. O ser pode ser animado (vivo) ou inanimado (não vivo).

Seres vivos e não vivos

Vimos anteriormente que os seres, os entes existentes podem ser classificados em vivos e não vivos:

Os *seres não vivos* também podem ser chamados de *entes inanimados*, e são aqueles que existem, mas que não apresentam movimento imanente. São exemplos: as rochas, a água, o ar, a luz, entre outros.

Os *seres vivos* são também denominados como *entes animados* e são capazes de realizar movimentos imanentes. Os seres vivos mais simples são os que apresentam vida vegetativa, isto é, os movimentos que realizam estão relacionados exclusivamente à nutrição e crescimento. Seguem-se então os seres vivos que apresentam vida sensorial, e conseguem realizar não somente os movimentos básicos de nutrição, mas também dos sentidos. Até a vida inteligível, presente unicamente nos seres racionais e que não está relacionada apenas a movimentos materiais, mas à inteligência e à capacidade abstração. Os seres vivos (animados) são aqueles que apresentam um ciclo de vida (nascem, crescem, se desenvolvem e morrem). Apresentam também o corpo formado por células. São exemplos os animais, as plantas, nós, entre outros.

Biomas

"Deus disse: 'Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente' e assim se fez. A terra produziu verdura: ervas que dão semente segundo sua espécie, árvores que dão, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente, e Deus viu que isso era bom. Houve uma tarde e uma manhã: terceiro dia."
(Gn 1, 11-13)

No terceiro dia da Criação divina, Deus criou os vegetais, constituindo mais uma parte da natureza. E esta não foi feita somente para preencher o espaço terrestre, mas também para compor um lugar perfeito para o homem habitar e lhe servir de sustento em sua sobrevivência (alimentos, remédios, ferramentas, armas, moradia e até mesmo roupas), ou seja, a natureza é dotada de perfeição divina e contribui para a santificação do homem. Assim, tudo nela funciona seguindo uma ordem de equilíbrio natural com o meio que nos circunda, capacidade dada pelo próprio Criador. Tanto é que, quando Adão e Eva cometeram o

pecado original e perderam a perfeição, um dos meios de alcançá-la novamente seria conhecendo a natureza e como ela funciona, assim encontrando o toque de Deus escondido nela.

Posto isso, fica clara a importância de se conhecer todo o espaço natural criado por Deus, sua estrutura e organização. Portanto, o próximo passo no nosso estudo será conhecer as formações vegetais (biomas), principais tipos existentes no mundo. Em cada um dos biomas veremos como Deus manifesta não somente Sua beleza e perfeição, mas também uma oportunidade de meditação, pois Nosso Senhor Jesus Cristo ou os monges eremitas e tantos outros santos não iam para lugares desertos à toa, havia um sentido, silêncio e falta de vida (possível reflexão sobre a morte). Em vista disso, o meio natural proporciona sobrevivência, contemplação e reflexão.

Tipos de Biomas

A Criação de Deus foi conhecida de um modo pelos Anjos e de outro pelos homens, pois os primeiros a conhecem na sua origem, ou seja, os Anjos conheceram os vegetais desde quando Deus começou a criá-los. Depois que Nosso Criador terminou Sua obra em seis dias, descansou e nada mais criou, mas deu poder natural às plantas para que se reproduzissem ao longo do tempo.[316]

Deste modo, existem na superfície terrestre vários tipos de vegetação conhecidas pelo homem, algumas até misteriosas aos seus olhos e cada uma exprime a sua beleza própria, vinda do Criador.

Contudo, não é objetivo deste material apresentar detalhadamente todos os tipos existentes, somente os que mais se destacam, seja por sua beleza, tamanho, ou por sua importância na harmonia do espaço, começando pelos tipos que estão nas regiões mais extremas da superfície do planeta até chegar próximo ao seu centro.

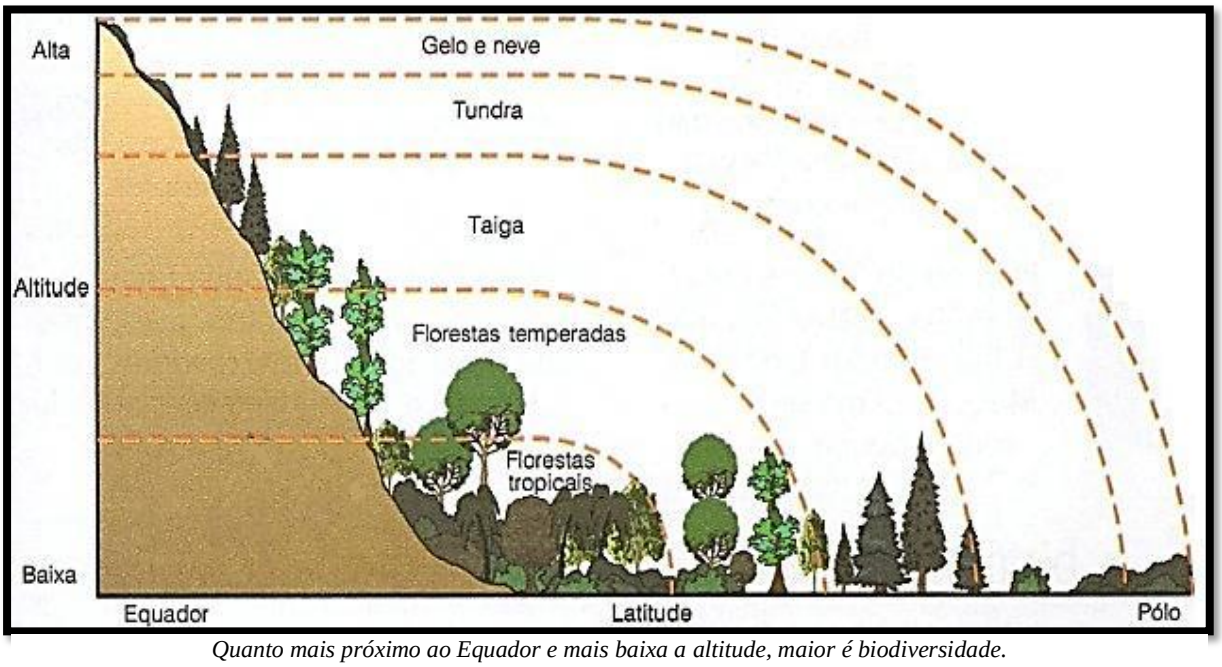
Além disso, é importante ressaltar que, como dito anteriormente, nada na natureza age sozinho, tudo ocorre em conjunto, em uma forma estruturada e equilibrada. E, no caso dos vegetais, são formados grandes agrupamentos de organização para vivência, os biomas, que possuem fauna, flora e clima específicos, que no caso serão divididos em três grupos, pois alguns apresentam características semelhantes, devido principalmente à sua localização.

A Biosfera é formada por todas as regiões da Terra em que existe vida. Essas regiões são divididas em diferentes biomas, para que possam ser melhor estudadas. Mas, afinal, o que é um bioma?

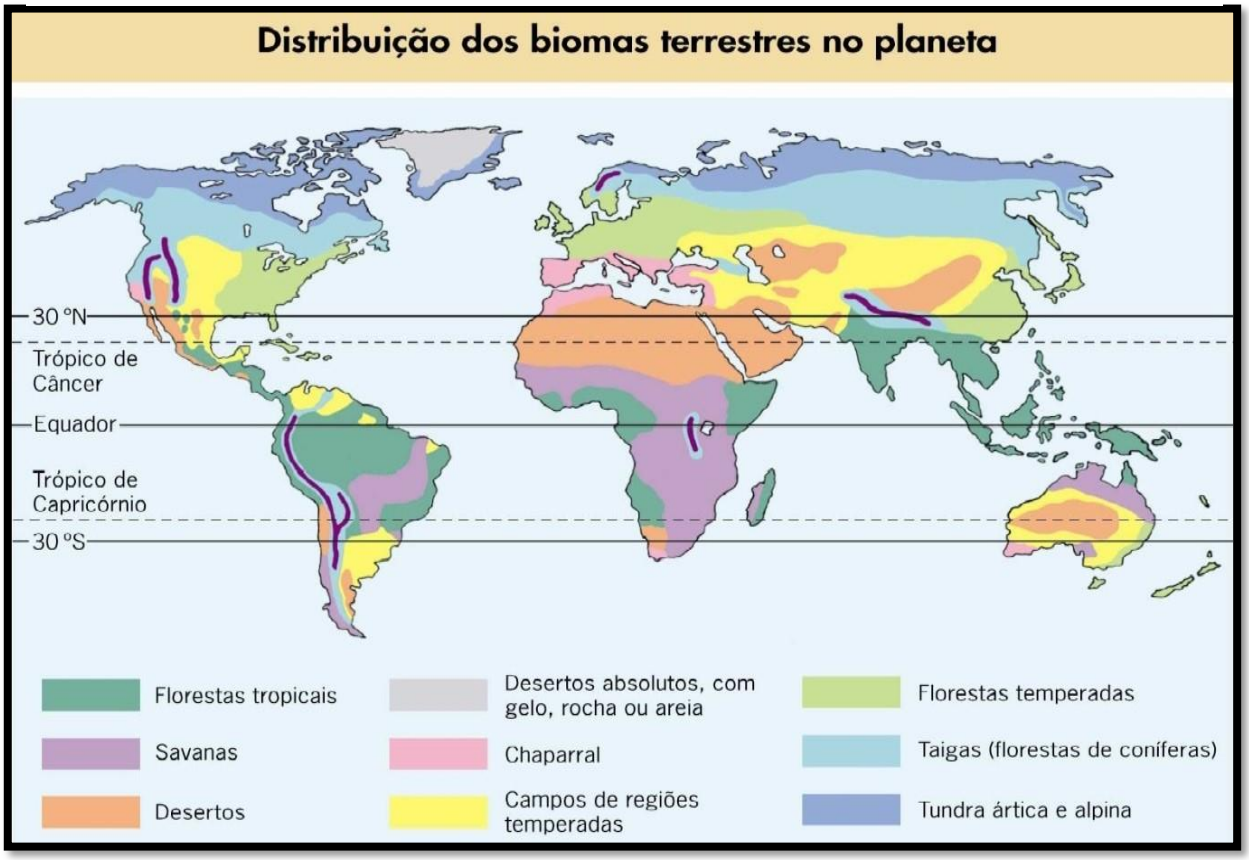
Definição: biomas são ecossistemas encontrados em determinadas regiões que apresentam fauna (animais) e flora (vegetais) próprias. Os biomas também dependem da região do planeta e do clima que influenciam suas características.

A biodiversidade de um bioma, isto é, a riqueza de espécies ali presentes, depende principalmente do clima característico da região. Quanto mais próximo à Linha do Equador, maior a biodiversidade, pois há menor variação de temperatura ao longo do ano. Bem como, quanto menor a altitude, maior a diversidade, pois as altitudes maiores são mais frias, o que faz com que sobrevivam apenas espécies resistentes à temperatura. A imagem a seguir ilustra essa questão da biodiversidade:

[316] AGOSTINHO, Santo. Comentário ao Gênesis. Tradução de Agustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.



Quanto mais próximo ao Equador e mais baixa a altitude, maior é biodiversidade.



Os biomas mundiais, de acordo com suas características específicas, podem ser classificados em:

1. Tundra;
2. Taiga;
3. Florestas Temperadas;
4. Florestas Tropicais;
5. Desertos;
6. Savanas.

Biomas Frios

- **Tundra:**

Mapa mundi com destaque para o bioma da Tundra.

Ocorre ao redor do Círculo Polar Ártico (Polo Norte) e em algumas ilhas próximas ao Polo Sul. O clima ao redor é chamado polar (o mais frio que existe), com temperaturas baixas e queda de neve quase o ano todo. Isso faz com que haja pouca umidade e os solos fiquem congelados, razão pela qual recebem o nome de *permafrost* (*'perma'*, que, em inglês, significa *'permanente',* e *'frost',* que, em inglês, significa '*congelado'*), possuindo água permanentemente congelada em camadas mais profundas e água líquida por curtos períodos do ano em camadas mais superficiais.

Por ter um solo *permafrost,* haverá pouca vegetação, pois as plantas não conseguem penetrar suas raízes na camadas mais profundas do solo, se limitando apenas a musgos e líquens, que possuem raízes superficiais. Podem existir alguns tipos de arbustos maiores, e a paisagem pode aparentar mais vida e mais cores, mas isso ocorre somente nas áreas "mais quentes".

Bioma da Tundra

No inverno, a neve cobre todas as regiões e, por isso, os animais migram ou hibernam. No verão, a neve derrete e formam-se lagoas e pântanos, bem como uma vegetação rasteira.

Assim, este bioma se localiza nas latitudes mais altas, próximas aos polos, portanto não recebem tanta incidência dos raios solares, não conseguindo se reproduzir com facilidade.

Em um sentido espiritual, além de se usar da contemplação das belas paisagens que a tundra nos apresenta, muitos santos e teólogos costumam usar o frio como analogia à falta de amor por Deus e compaixão pelo próximo ("coração frio", "agir com frieza"). Mas, o que pode causar essa frieza espiritual de coração? Podemos perceber com o bioma da tundra uma resposta: ela está nas latitudes e também nas altitudes mais altas (presente em muitas montanhas), portanto pode ser representada por *"aquele que quer ser grande"* (Mt 20, 26), estar sempre nos lugares mais altos, ou seja, o soberbo.

> *"Nenhuma outra coisa consideres tão abominável como o pecado da soberba, o qual posto em comparação, vence qualquer outro, tanto sobre a terra como no inferno. Este foi o pecado que fez prevaricar os Anjos no Céu e os precipitou nos abismos; este foi o que corrompeu todo o gênero humano, e que fez cair sobre a terra aquela infinita multidão de males, que durarão por toda a eternidade."*[317]

[317] PECCI, Gioacchino (Leão XIII). A prática da Humildade. Lorena: Cléofas, 2015.

O soberbo não consegue dar frutos, muito menos ser como um vegetal grande que, por mais que fosse estéril em dar frutos comestíveis, poderia ser usado como matéria prima para os mais diversos usos humanos (madeira para construções, ferramentas, armas etc.), ou mesmo servir de sombra e abrigo. Na tundra não temos nada além de líquens e musgos, vegetais que à primeira vista são inúteis ao ser humano e pouco atraem os animais para comê-los. Nós não podemos querer apresentar a Deus e ao próximo somente líquens e musgos espirituais, pois não terão muita utilidade.

- **Taiga:**

Localizado logo abaixo das regiões de tundra, forma um amplo cinturão ao longo da América do Norte e Eurásia (Europa + Ásia), com clima frio (pouca umidade, temperaturas baixas e invernos rigorosos) e floresta de coníferas (árvores em forma de cone - pinheiros) como vegetação predominante. Em alguns (poucos) locais (mais quentes), há maior variação de espécies vegetais. No inverno, toda a flora fica em uma espécie de dormência para ter um baixo metabolismo, gastando mesmo energia. E, em alguns casos, há *permafrost*, mas neste bioma as plantas conseguiram desenvolver raízes curtas para absorver água.

Mapa mundi com destaque para o bioma da Taiga.

As folhas e os formato dessas árvores tem proteções contra o frio, não permitindo que percam água e fazendo com que a maior parte da neve deslize sobre elas. A fauna é mais rica que a da Tundra, apresentando aves, lebres, alces, esquilos, marmotas, linces, lobos, camundongos, entre outros animais.

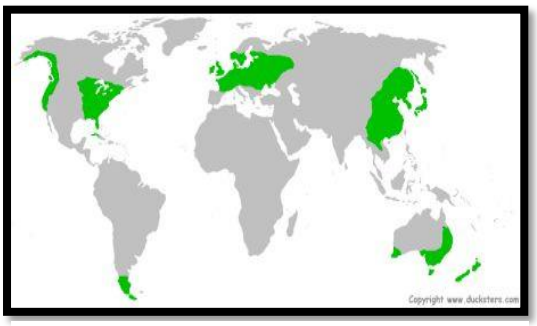
Se observarmos o mapa da tundra e compararmos ao da taiga, veremos que suas distâncias em relação à Linha do Equador não são tão diferentes, ou seja, o frio da taiga é bem próximo ao da tundra, mas a vegetação é totalmente diferente. São grandes florestas que foram criadas por Deus para suportar as condições climáticas rigorosas. Contudo, ainda não produzem frutos, mas já são de alguma valia para o ser humano (extração de madeira).

Paisagens próprias do bioma da Taiga.

Da mesma forma, muitas pessoas são como as árvores da taiga: Deus lhes dá a graça de serem temperantes, firmes no combate contra o mal, mas ainda não produzem grandes frutos espirituais, pois apenas deixaram de praticar o mal, isto é, ainda não começaram a praticar o bem em todas as suas ações. Porém, já conseguem ser úteis à Deus e servi-Lo, mesmo que de forma imperfeita.

- **Floresta temperada:**

É encontrada em grandes áreas na América do Norte (Estados Unidos), Ásia, sul da América do Sul e na Europa central, entre as regiões geladas e as regiões quentes que ficam ao redor da Linha do Equador. Possui clima temperado e vegetação sazonal, ou seja, tanto um quanto o outro seguem as estações do ano: nas épocas quentes chove e as vegetações ficam verdejantes e floridas, e nas épocas frias, o clima se torna frio e seco, e a vegetação perde suas folhas, dando a impressão de estar tudo morto.



Mapa mundi com destaque para o bioma da Floresta Temperada.

As árvores são de dois tipos, decíduas (que perdem as folhas no inverno) e indecíduas (não perdem as folhas). Apresenta grandes árvores (como os carvalhos e a nogueira) e plantas menores (musgos, samambaias, arbustos). Em alguns locais específicos, existem florestas de sequoias, que são consideradas as maiores árvores do mundo.

Este bioma recebe o adjetivo "temperada" por se tratar da virtude da Temperança (significa moderação e equilíbrio). Esta virtude faz com que a pessoa ordene todas as coisas em sua vida e diminua a quantidade de pecados, mostrando mais brilho e alegria em sua vida, semelhante à imagem representativa da floresta temperada acima. Em algumas pessoas, essa virtude faz com que tudo se ordene de tal maneira que floresça mais do que o normal, aumentando ainda mais sua santidade, como é o caso das sequoias, que embora pertençam às florestas temperadas fogem do tamanho padrão estabelecido, sendo, por isso, mais majestosas.

Floresta temperada se aproximando do outono.

Hyperion, a maior sequoia existente, com quase 120 metros de altura.

Biomas Tropicais

No segundo capítulo do livro do Gênesis, Deus, depois de ter criado todas as coisas, faz um lugar especial para aí colocar Adão, é o Jardim do Éden. Neste lugar, *"o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida"* (Gn 2, 9). Deus não criou novas espécies de árvores diferentes das que já havia criado, pelo contrário, escolheu as melhores e mais frutuosas para habitar no Paraíso Divino e servir ao homem perfeito.[318]

[318] AGOSTINHO, Santo. Comentário ao Gênesis. Tradução de Agustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.

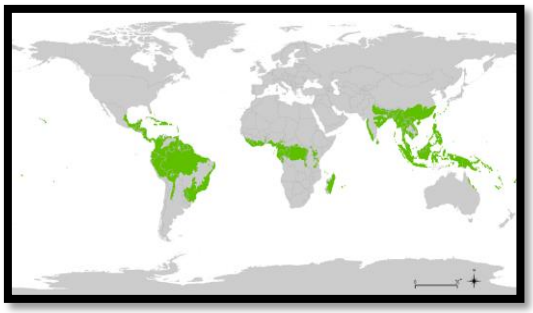
Na faixa equatorial global, existem diversos tipos de biomas, dos quais estudaremos apenas dois, e veremos a seguir suas semelhanças com a vegetação do Paraíso, pois são também muito frutuosos, cheios de vida vegetal e animal, atraindo para si muita fertilidade, tendo inclusive os requisitos necessários para serem escolhidos para preencher a paisagem do Paraíso Terrestre. E a razão pela qual isto ocorre é que esses biomas recebem maior incidência dos raios solares.

O Sol é o astro responsável por nos fornecer luz durante o dia e auxiliar na fotossíntese das plantas. Em um sentido espiritual, sua forma circular e seu poder nada mais seriam do que uma figura da Grandeza e Poder da Sagrada Eucaristia. Até mesmo seu formato circular e o movimento ascendente observável quando nasce, e descendente quando se põe, se assemelham ao movimento que o sacerdote faz com o Corpo e Sangue de Cristo na consagração durante a Santa Missa.

Sendo assim, quanto mais próximo da Sagrada Eucaristia estivermos, seja adorando-A, ou comungando-A, mais santos seremos. Da mesma maneira, quanto mais próximos os biomas estiverem da ação solar, mais frutos podem produzir, salvo algumas exceções que sofrem ação de outros fenômenos naturais.

- **Floresta tropical:**

Localiza-se na região central do globo, entre os trópicos de Capricórnio e de Câncer, sendo o mais próximo à faixa equatorial (por isso também recebe o nome de "floresta equatorial"). Está presente no continente americano, africano, asiático e na Oceania. Sua temperatura varia entre 20 a 30ºC, e não muda muito ao longo das estações. Apresenta alto índice de pluviosidade (Chuva).



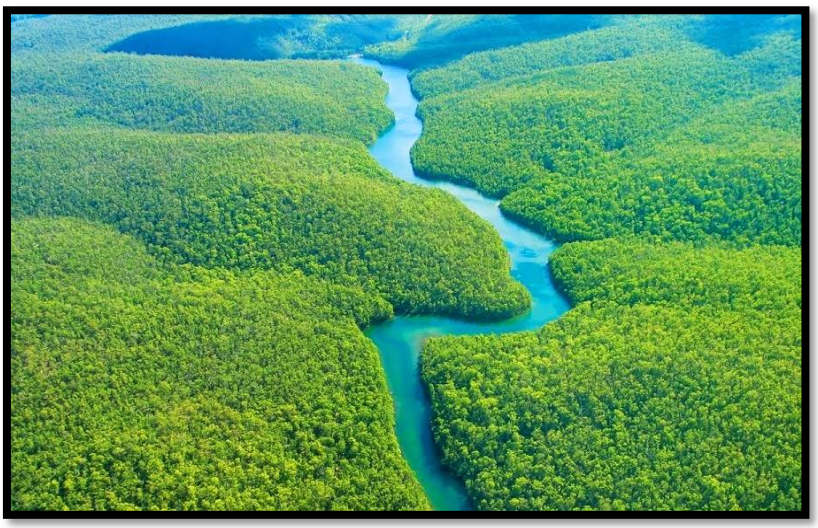
Mapa mundi com destaque para as florestas tropicais.

Por esta razão é o mais produtivo da Terra, possuindo um clima equatorial, que é muito úmido e muito quente, o que ajuda na formação vegetal. Isso fará com que haja florestas densas e com muita variedade de espécies vegetais e animais:

- Flora: nessas regiões a vegetação cresce o ano todo, sendo bastante variada e exuberante. As árvores podem ser pequenas (arbustos) ou atingir mais de 60 metros. As plantas rasteiras são mais raras, já que as árvores impedem que a luz do Sol chegue ao solo;

- Fauna: devido a riqueza da vegetação, também há uma riqueza de animais, herbívoros, carnívoros, vertebrados ou invertebrados. As florestas tropicais são as regiões do mundo com maior riqueza de biodiversidade.

E com sua evapotranspiração, além de garantir maior regime de chuvas, favorece o aparecimento de grandes rios, como é o caso do Rio Amazonas (maior e mais volumoso rio do mundo), presente na Floresta Amazônica (maior floresta tropical do mundo).



Floresta Amazônica, maior representante da floresta tropical.

- **Campos tropicais:**

Localizado nas regiões tropicais, é mais popularmente conhecido como savana, nome empregado para a vegetação tropical que varia desde um campo herbáceo (ervas e gramíneas) até um conjunto de áreas campestres com árvores espaçadas e arbustos, podendo até formar pequenas matas, especialmente próximo aos rios e lagos.

Mapa mundi com destaque para os campos tropicais.

Embora esteja em áreas tropicais, também muito próximo da Linha do Equador, é infinitamente menor que a floresta tropical, em termos de quantidade de vegetais e frutuosidade. Isto porque o clima predominante nessas áreas, embora seja tropical, é sazonal, ou seja, com épocas de chuva e épocas de seca. A savana africana por exemplo, geralmente recebe chuvas durante 5 ou 6 meses e depois vêm a estiagem (seca), que em alguns casos é violenta.

São comuns criações de bovinos, como bois, vacas e bisões. São exemplos os pampas ou campos sulinos, encontrados no sul do Brasil.

Em um sentido espiritual, este bioma se assemelha ao irmão do filho pródigo que, mesmo estando na casa do pai, com acesso à todo tipo de riqueza (alimentos dos mais variados e saborosos, roupas luxuosas, utensílios de grande valor e requinte, servos em grande quantidade etc.), sente inveja do irmão que se arrepende do pecado e volta para a casa do pai, recebendo não mais que um anel, roupas, calçados e um novilho para comer e festejar, coisas estas de fácil acesso ao irmão, "*Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu"* (Lc 15, 31). Ele não soube aproveitar os bens que Deus lhe deu e ser grato por isso, portanto veio a secura espiritual e destruiu tudo o que era bom.

O mesmo aconteceu com o filho pródigo: tinha todo tipo de bens, preferiu o pecado, perdendo tudo, mas com seu arrependimento recebe novamente os bens que possuía. Este é o bioma dos campos tropicais, com suas épocas de seca e de chuva.

Bioma dos campos tropicais (savana africana).

Atividades

1) Leia o texto acima três vezes: duas vezes silenciosamente e a terceira em voz alta.

2) Faça em seu caderno um resumo do texto acima. Este resumo deve conter as seguinter informações:

- Qual é a relação entre a localização de um bioma e sua biodiversidade?

- Quantos e quais são os biomas mundiais?

- Qual dos biomas mundiais aprendidos possui maior riqueza de biodiversidade? Explique.

- É possível perceber o amor de Deus pelos seres humanos ao observar a biodiversidade dos biomas mundiais? Explique.

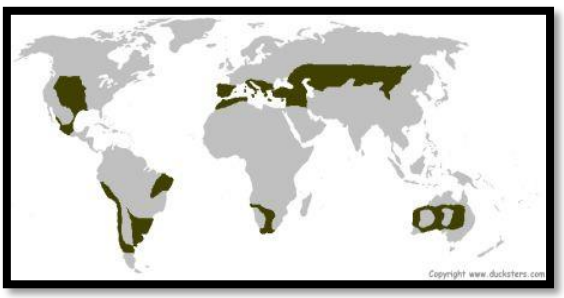
Biomas Secos

No primeiro capítulo do Gênesis, versículo 11, Deus Criador ordena à terra que produza ervas alimentícias e árvores frutíferas para servirem ao homem, de acordo com suas características próprias. Porém, Nosso Deus não menciona nada sobre a criação de espinhos e cardos, a não ser no capítulo 3 do livro de Gênesis, quando o primeiro casal é expulso do Paraíso.

Contudo, isso não quer dizer que as plantas secas e espinhentas só começaram a existir com o pecado original. Considera-se fruto qualquer utilidade de uma coisa para os que dela usufruem.[319] Cabe ao homem descobrir suas utilidades manifestas ou ocultas. Mas, como nos campos onde Adão e seus descendentes trabalhavam por castigo, brotavam também esses vegetais, pode-se acreditar que isso valia para aumento do castigo, visto que podiam brotar também em outros lugares, como veremos nos biomas à seguir.

- **Campos temperados:**

Ocupa a parte mais seca das regiões temperadas, mas seu nome varia para cada região: estepes, na Ásia; pradarias, na América do Norte e do Sul; pampas na América do Sul (Brasil) e *veldt*, na África do Sul. Cada um deles se apresenta com algumas características específicas que os diferem uns dos outros, como é o caso dos pampas que são muito mais úmidos e com mais vegetação que os estepes asiáticos. Mas, em todos os casos há predomínio de campos herbáceos (gramíneas) e, em alguns locais, árvores espaçadas umas das outras.



Mapa mundi com destaque para os campos temperados.

O clima também varia para cada região global, mas, em suma, é próximo do temperado (nos pampas brasileiros chamamos o clima de subtropical, mas nada mais é do que uma variação do clima temperado), se constituindo como sazonal (épocas de cheia e de seca), porém com as estações climáticas bem definidas.

[319] AGOSTINHO, Santo. Comentário ao Gênesis. Tradução de Agustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.

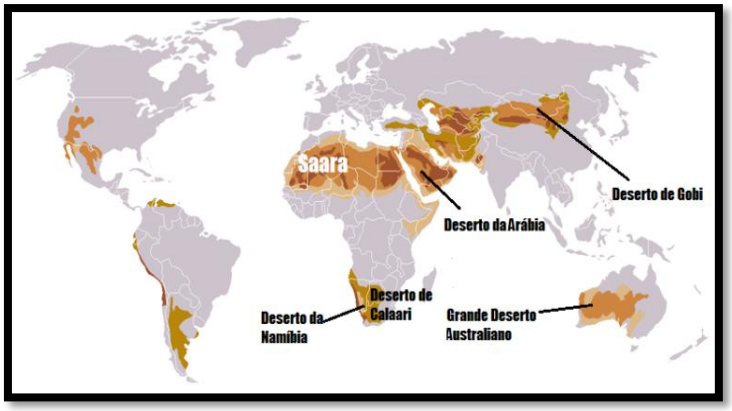
Campos temperados (pampas gaúcho – Brasil).

De todos os biomas, este é o mais cobiçado e transformado pelo homem, principalmente em países tropicais, por ser mais fácil de aplicar a agropecuária, já que naturalmente não há obstáculos para a limpeza do terreno, as gramíneas servem de alimento natural para a criação de animais e a incidência dos raios solares é mais intensa (não tanto quanto a dos campos tropicais).

Os campos temperados se diferenciam dos tropicais a começar pelo clima, pois nas estações secas e frias (outono e inverno), nos campos temperados elas se apresentam com maior rigor que nos campos tropicais, sem contar que exibem menor quantidade de árvores, tendo como destaque vegetal os arbustos (muitos deles acostumados à secura, por isso são compostos por espinhos) e gramíneas.

- **Desertos:**

Encontrados em áreas que experimentam extrema escassez de água. Apresenta uma diferença muito grande de temperatura entre os locais onde existe, como os desertos quentes (Saara) e frios (Gobi ou da Antártida). Os quentes são bem áridos (seco e quente) com dificuldade para manter qualquer vegetação, assim como os frios, mas neste caso, além de temperaturas baixas, podem apresentar também precipitação de neve.

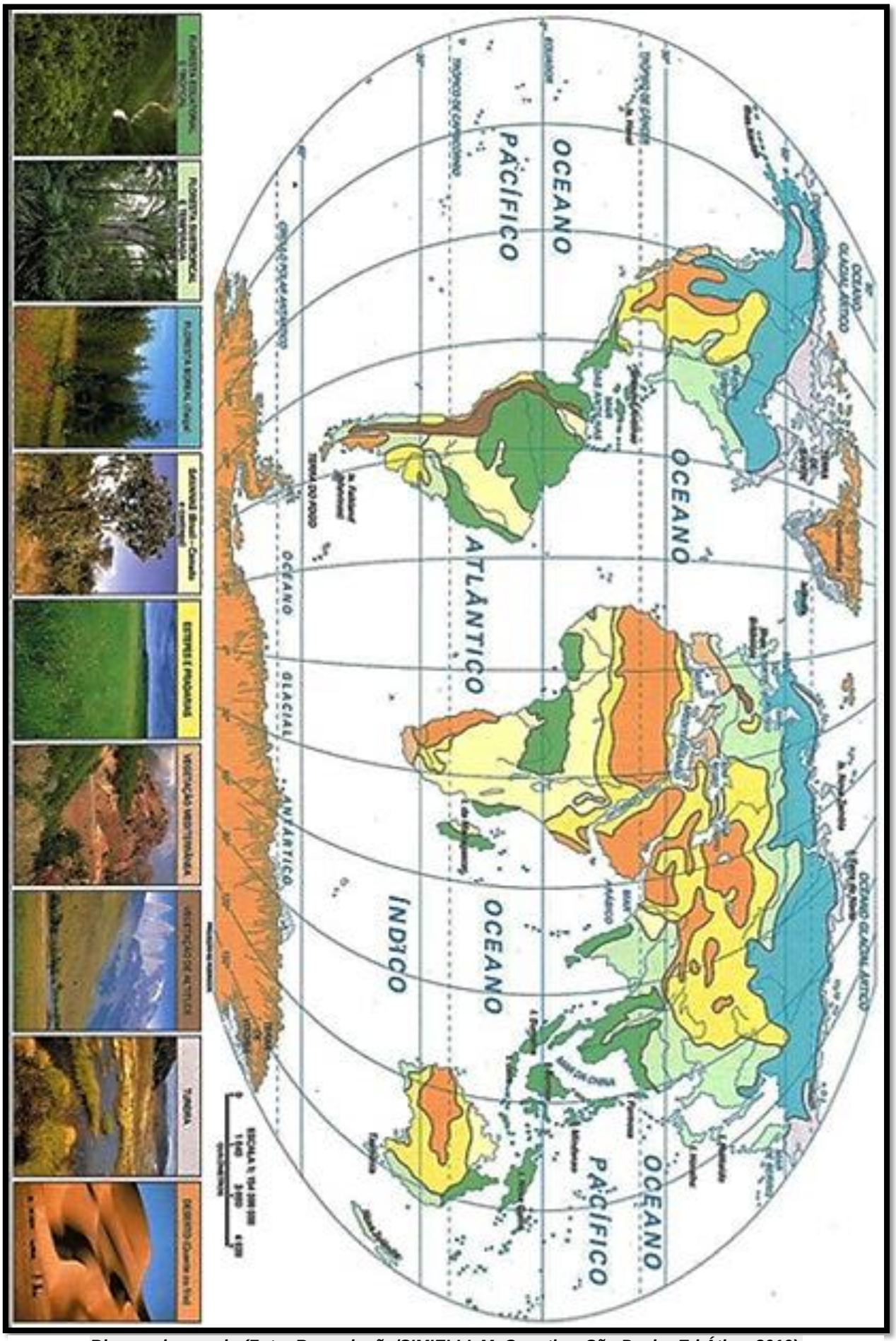


Desertos de destaque no mundo.

Nas Sagradas Escrituras podemos notar que sempre que Nosso Senhor Jesus Cristo ia rezar, se retirava para lugares desertos. A razão para isto, e que devemos imitar, é a seguinte: nos desertos não há nada daquela perversidade que agrada o demônio, da mesma forma que o silêncio e falta de objetos auxiliam no recolhimento e abertura ao espírito. Aliás, Jesus estava no deserto quando foi tentado pelo demônio e escolheu propositalmente esta situação para vencê-lo para sempre. O deserto para nós também representa um momento de luta contra o mal, porque ali rezamos e adquirimos virtudes interiores que nos fortalecem na busca da santidade.[320]

Deserto

[320] AQUINO, Santo Tomás. Meditações para a Quaresma. São Paulo: Ecclesiae; 1ª ed., 2017.



Biomas do mundo (Foto: Reprodução/SIMIELLI, M. Geoatlas. São Paulo: Ed Ática, 2010).

Atividades

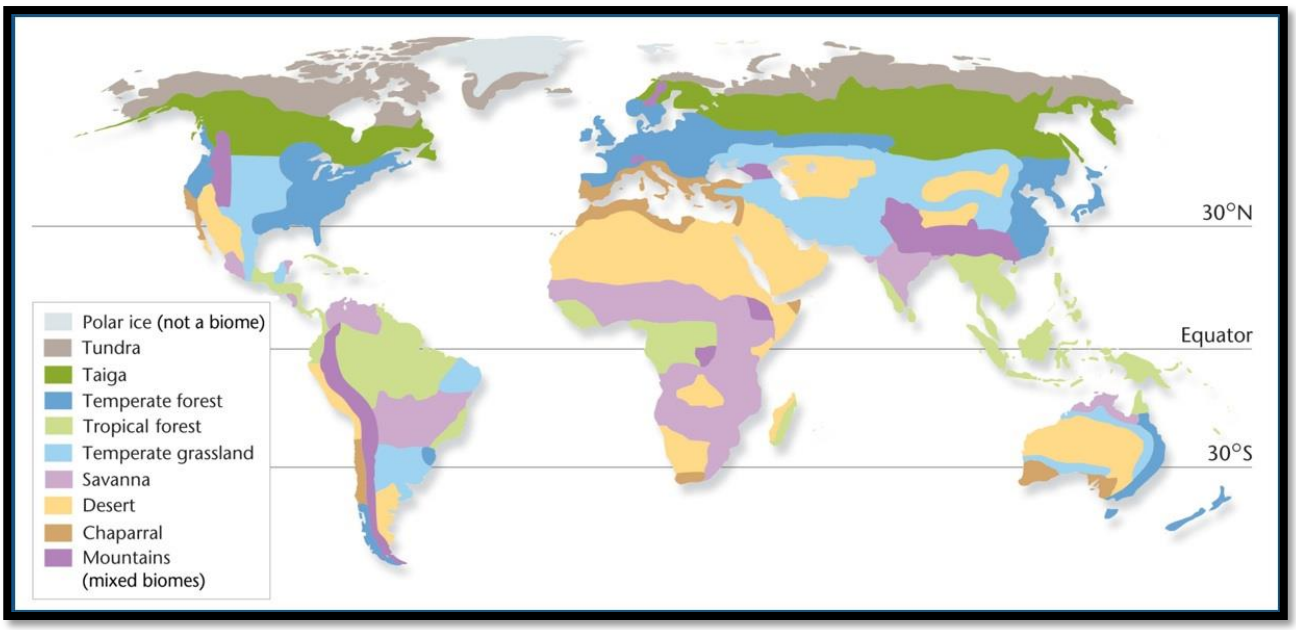
1) Leia o texto acima três vezes: duas vezes silenciosamente e a terceira em voz alta.

2) Escreva em seu caderno as principais características de cada bioma apresentado, incluindo os sentidos espirituais.

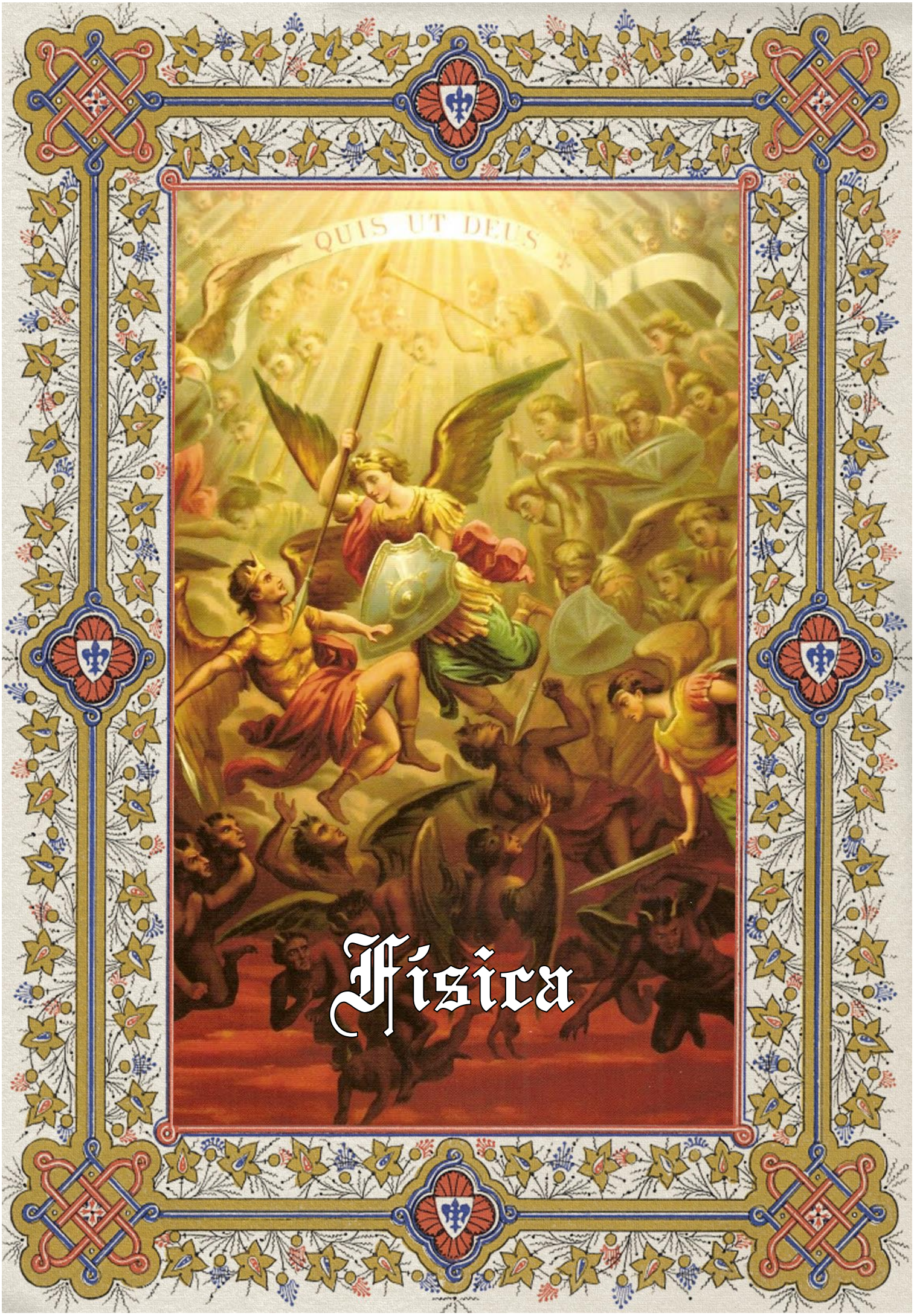
3) Usando como base o Mapa mundi das vegetações mundiais (abaixo) e um mapa mundi político de sua escolha, escreva qual é o bioma principal nos seguintes países:

- Brasil; - Itália; - México; - Austrália; - Paraguai;
- Estados Unidos; - Portugal; - Espanha; - Japão.

Mapa mundi das vegetações mundiais.



3) Utilizando um atlas geográfico, faça o desenho de um mapa mundi que indique os principais biomas mundiais.



Física

Capítulo 5
Movimento - Movimento Local

Conceitos essenciais

Qual o objeto de estudo da Física?

O objeto de estudo da Física é a natureza.

A Física é o estudo da natureza, ou a filosofia da natureza, sendo que por "natureza" se entende tudo aquilo que possui princípio intrínseco de movimento. Ou seja, a natureza de um ser é aquilo que permite que algum agente externo realize movimento neste ser.

Quais são os três princípios para que haja um movimento?

Matéria, forma e privação da forma.

Mas, segundo Aristóteles, a natureza pode ser dita mais da forma que da matéria, já que a forma é mais ato e a matéria é mais potência. Logo, no estudo da natureza, será predominante o estudo do ponto de vista da forma, do fim para o qual tende o movimento.

O que é preciso para que haja verdadeira ciência?

Para que haja verdadeira ciência deve-se estudar o movimento respondendo a quatro perguntas:

1ª. Existe?

2ª. O que é?

3ª. Como é?

4ª. Por causa de quê?

A primeira e a terceira perguntas podem ser facilmente respondidas a partir dos sentidos (tato, olfato, visão, paladar e audição).

Com relação à segunda, a resposta nos é dada pelo intelecto, porque a essência, "o que aquilo é", é expressa pela definição.

Da mesma forma, de modo algum a resposta da quarta pergunta é dada pelos sentidos.

Ora, a Física Moderna limita-se às duas perguntas que são respondidas pelos sentidos: *se existe* e *como é*; mas não se importa em procurar responder ao *o que é* e *por causa de quê é*. Isto traz graves consequências para a ciência, principalmente no que diz respeito à definição dos conceitos e ao uso das quatro causas aristotélicas: causa formal, causa material, causa eficiente e causa final.

Todo movimento necessita de uma causa externa?

Sim. Todo movimento necessita uma causa externa, a qual Aristóteles chamou "*causa eficiente*".

A causa eficiente, como vimos, é a causa externa que produz efetivamente o movimento.

Segundo Aristóteles: “Nada pode mover-se a si mesmo, mas apenas por um agente externo em ato ao qual se chama de causa eficiente.”

De fato, de acordo com Aristóteles, toda causa eficiente, quando executa um movimento, deixa marcas naquilo que é movido.

Os corpos que parecem estar movendo-se no espaço sem ser movidos por alguma causa eficiente, estão na verdade sendo movidos pelo movimento conjunto de todo o universo, sem o qual não se moveriam e sequer subsistiriam em sua estrutura atual. Quem governa e mantém o movimento do universo são os Anjos e quem governa e mantém o movimento dos Anjos é Deus – o único motor imóvel.

Por que dizemos que os Anjos mantêm o movimento do Universo?

É tese comum da doutrina católica que os Anjos movimentam os astros por vontade de Deus. Sem a regência angélica, as potencialidades sublimes que existem no universo não passariam ao ato.

O Anjo é o agente da vontade de Deus na direção do universo, pois é por meio dos Anjos que Deus governa a criação visível. (Plínio Corrêa de Oliveira)

A virtude do Anjo não está circunscrita a corpo algum, podendo, portanto, mover localmente corpos aos quais não está unido.

Como os Anjos comunicam o movimento aos corpos materiais?

Toda potência precisa de certa energia, certa virtude, de certa força para reduzir-se a um ato. Por exemplo: a “força” necessária é comunicada pela ação dos Anjos, que nos fazem conceber determinada ação e, depois, nos dão o impulso inicial – e mantém este impulso – para que realizemos de fato aquela ação.

O Movimento

O movimento, é tema central no estudo da natureza, e, sendo assim, só se pode avançar neste estudo após a compreensão do que é o Movimento. Para tal, é necessário questionar:

1. O Movimento *existe*?

Sim, o movimento existe! **Podemos percebê-lo, ou perceber seus efeitos, através dos nossos sentidos – visão, tato, olfato, audição e paladar** – já que a definição de movimento que temos, até então, é a que movimento é sinônimo de mudança.

Por exemplo: vejo um cacho de banana, inicialmente, verde se tornar amarelo ao longo do tempo (visão); sinto o meu dedo aquecendo enquanto acendo a vela para rezar (tato); percebo a fumaça do incenso se espalhar pela igreja ao sentir o seu aroma (olfato); ouço o movimento das folhas das árvores quando o vento as balança (audição); sinto uma mudança de gosto na minha boca quando mastigo uma bala doce que tem um recheio azedo (paladar).

Sendo assim, não precisamos de grandes argumentações para provar a existência do movimento.

2. *O que é* o movimento?

De acordo com Henri-Dominique Gardeil:

O que é somente em potência não está ainda em movimento: o corpo que não se esquentou ainda não está em movimento em direção ao calor. Da mesma forma, o que chegou ao seu termo ou que está em ato acabado, não está mais em movimento: o corpo quente não está mais em movimento em direção ao calor. **Estará portanto em movimento o que se encontrar em um estado intermediário entre a potência inicial e o ato terminal, estando parcialmente em potência e parcialmente em ato.**[321]

O movimento une as duas noções de ato e potência, por isso Aristóteles definiu que:

O movimento é o ato daquilo que está em potência enquanto está em potência.[322]

(Actus existentis in potentia in quantum est in potentia.)

Nesta definição:

- ***O ato*** expressa o movimento e já uma certa realização; o aquecimento implica certo grau de atuação;

- ***daquilo que está em potência*** significa que o ato ao qual se refere não é qualquer coisa de concluído, de definitivo, mas que o sujeito permanece em potência para uma nova atuação;

- ***enquanto está em potência*** quer dizer que o ato do movimento determina seu sujeito sob a relação mesma onde ele se encontra ser em potência. Assim é que na fabricação da estátua, o processo de fabricação não é atuação do bronze, enquanto bronze, mas do bronze enquanto está em potência de se tornar estátua.[323]

Em definitivo, o movimento se apresenta, portanto, como um ato imperfeito, ou como uma potencialidade ainda não perfeitamente atuada: é uma espécie de estado intermediário entre a potência simples e o ato simples. [...] Anteriormente, alguns filósofos já haviam tomado consciência do indefinido do movimento, mas não souberam explicá-lo tecnicamente. Santo Tomás acentuará bem este caráter de actus imperfectus (ato imperfeito) que distingue o movimento das coisas acabadas.[324]

3. *Como é* o movimento?

Temos dito, em linhas gerais, que ***movimento*** é sinônimo de ***mudança***. Há mudança sempre que ocorre certa novidade entre um antes e um depois. No processo de aquecimento da água, por exemplo, há no início (antes) água fria e no final (depois), água quente.

Sendo assim, fica claro que todo movimento é uma mudança. Mas, toda mudança é um movimento? Existe alguma diferença entre mudança e movimento? Quais as características mais específicas que definem um movimento enquanto mudança?

Mudança e Movimento

Há mudanças que ocorrem sem um processo intermediário de movimento, de tal forma que se passa do antes ao depois sem estados intermediários, ou seja, imediatamente. Como a ordenação de um sacerdote, por exemplo. O seminarista, antes de receber o sacramento, era padre em potência, e, depois de recebê-lo,

---

[321] Texto retirado da obra: "Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino. Segunda parte: Cosmologia – Movimento", páginas 32 a 33, de Henri-Dominique Gardeil. (Grifo nosso)
[322] Ibidem
[323] Ibidem
[324] Ibidem

é sacerdote em ato. Não há nenhum estado intermediário entre ser seminarista e ser sacerdote. Assim também se dá com todos os sacramentos:

- No Batismo, antes há uma criatura de Deus, depois há um filho de Deus.

- Na Eucaristia, antes há pão e vinho, depois há o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

- Na Confissão, antes há um inimigo de Deus, cheio de pecados, depois há um amigo de Deus, perdoado de seus pecados.

- No Matrimônio, antes há duas pessoas independentes, depois há duas pessoas unidas como uma só carne, numa união indissolúvel até a morte.

- Na Crisma, antes há uma criança, que ainda não disse sim por si mesma para a Igreja e a Fé, depois há um adulto em Cristo, que está na Igreja agora por sua própria decisão.

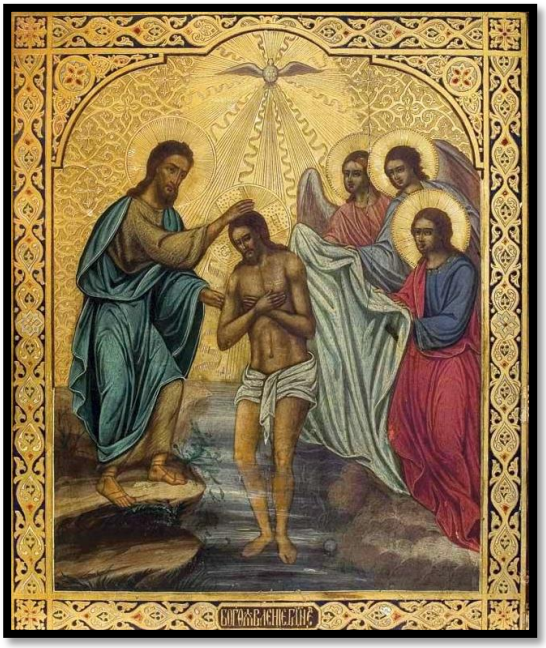


Figura 1 - Batismo de Jesus no rio Jordão

- Na Unção dos Enfermos, o sacramento confere ao católico uma graça especial para enfrentar as dificuldades próprias de uma doença grave ou velhice. Antes havia uma pessoa debilitada e com medo, depois há alguém preparado para encontrar-se com o Senhor.

Assim como nos Sacramentos, nos atos do pensamento e da vontade as mudanças ocorrem sem estados intermediários: ou entendo algo ou não entendo, ou quero ou não quero.

Mas, **as mudanças classificadas como movimento, pelo contrário, sempre são um processo de mudança em que entre o antes e o depois há uma série de estados intermediários**. Voltando ao caso do aquecimento da água, por exemplo, no início temos água fria e, depois do movimento, água quente. Ao longo do processo, a temperatura da água foi subindo gradualmente, grau por grau, até chegar à temperatura final. Outro exemplo de movimento, é o processo de santificação. Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, a partir do momento em que recebeu uma graça especial para buscar a santidade, começou a crescer dia-a-dia no amor a Deus, em um processo gradual, até que chegou à verdadeira santidade, atingindo um nível máximo de amor a Deus que lhe foi possível, morrendo assim aos vinte e quatro anos, em santidade. No início, ela tinha apenas a potência para ser Santa. No fim, era Santa em ato. Mas entre o início e o fim de sua vida, houve um crescimento gradual nos diferentes níveis de amor. Logo, o processo de santificação é um movimento.

Conclusão:

Todo movimento é uma mudança, mas nem toda mudança é um movimento. Para ser movimento, a mudança precisa ser contínua e gradual, com estados intermediários ao longo do processo.

Vamos analisar outros exemplos para classificá-los como movimento ou mudança. Pense em cada um dos exemplos a seguir e tente classificá-los como movimento ou mudança. Apenas depois de ter pensado em cada um deles, continue a leitura do texto.

1. O desabrochar de um botão de rosa.
2. O ato criador de Deus ao dizer “faça-se”.
3. A santificação de São João Batista.

4. O crescimento de uma pessoa do nascimento à idade adulta.

5. A mudança do clima com o passar das estações do ano.

(...pense antes de continuar lendo...)

Argumentação e resposta:

1. O desabrochar de um botão de rosa.

Um botão de rosa tem potência para ser rosa em ato, mas, entre o início e o fim do processo de desabrochar, percebemos o botão fechado, depois um pouco aberto, um pouco mais aberto, e assim por diante, até se abrir em uma rosa "adulta" completa.

Figura 2 – Desabrochar de uma rosa

Logo, o desabrochar de uma flor é um **movimento**.

2. O ato criador de Deus ao dizer "faça-se".

Deus realizou a criação em sete dias. Mas cada coisa que fez, criou-a instantaneamente. Não havia algo em potência para ser leão, que depois passou a ser um quase leão e depois se tornou um leão. Deus criou o leão instantaneamente; antes havia o nada, depois havia um leão.

Logo, o ato de Deus criar é uma **mudança** e **não um movimento**.

3. A santificação de São João Batista.

"João Batista foi santificado já no seio de sua mãe, conforme o Evangelho segundo São Lucas: "Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo" (Lc 1, 41). A Igreja crê, portanto, que foi por ocasião da visitação de Nossa Senhora à sua prima que Deus purificou do pecado aquele que, nas palavras de Zacarias, seria "chamado profeta do Altíssimo" (Lc 1, 76)." [325]

Figura 3 – Encontro de Maria com Santa Isabel

[325] Disponível em: https://padrepauloricardo.org/episodios/solenidade-da-natividade-de-sao-joao-batista?page=51

Sendo assim, diferentemente do que acontece no processo de santificação das pessoas em geral, São João Batista foi lavado do pecado e santificado no mesmo instante em que sua mãe, Santa Isabel, ouviu a saudação de Maria Santíssima.

Logo, devemos classificar o processo de santificação de São Batista como uma **mudança, não como um movimento**.

4. O crescimento de uma pessoa do nascimento à idade adulta.

Uma pessoa ao nascer tem potência para se tornar um adulto, mas este processo não é imediato; a pessoa vai crescendo, crescendo, até se tornar adulta. Sendo assim, o processo de desenvolvimento e crescimento passa por diversos estados intermediários.

Logo, o processo de desenvolvimento e crescimento é um **movimento**.

5. A mudança de clima com o passar das estações do ano.

A mudança de estações não é um movimento pois no dia 19 de março estamos no verão e, no dia seguinte (20 de março), estamos no outono. Não há um momento em que estamos parcialmente no verão, parcialmente no outono. Mas, a mudança do clima, ou seja, a passagem do calor para o frio, ou do frio para o calor, é um movimento, porque a temperatura aumenta ou diminui gradualmente, mesmo que muito rapidamente, passando por estados intermediários.

Logo, a mudança do clima é um **movimento**.

Atividades

1. Faça um resumo deste capítulo em seu caderno. Todas as frases grifadas em vermelho devem estar contidas no resumo.

2. Explique a definição de movimento dada por Aristóteles:

"Actus existentis in potentia in quantum est in potentia."

3. Toda mudança é um movimento? Explique e dê exemplos.

4. Analise os versículos bíblicos a seguir, pense nas situações grifadas (itens a, b, c, d, e), classifique cada uma delas como *movimento* ou *mudança* e explique.

> "Davi partiu com todos os seus homens, e passaram o Jordão. Ao ***amanhecer***, não havia um só homem que não tivesse ***atravessado*** o rio." (II Sm 17, 22)
>
> "Ele lhes falou: Não ***tenhais medo***. Buscais Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ele ***ressuscitou***, já não está aqui. Eis o lugar onde o depositaram." (Mc 16, 6)
>
> "No meio da avenida e às duas margens do rio, achava-se uma árvore da vida, que ***produz doze frutos***, dando cada mês um fruto, servindo as folhas da árvore para curar as nações." (Ap 22, 2)

a) Amanhecer

b) Atravessar o rio

c) Ficar com medo

d) Ressuscitar

e) Árvore dar frutos

Categorias que enquadram qualquer ente[326]

O movimento existe e por isso pode ser dito como um ente. O ente existe na realidade, não é um modo abstrato, mas concreto. Este modo concreto, pelo qual o ente existe na realidade, não é único, mas multíplice: assim uma coisa existe em si, outra existe noutra, e assim por diante.

Aristóteles percebeu que os diversos atributos dos entes podem ser distribuídos em dez *categorias*. Estas **categorias são os diversos modos gerais porque o ente existe na realidade**.

Por isso, as categorias englobam outras tantas divisões do ente real e representam os gêneros supremos de todos os atributos, que convém ou podem convir a tudo o que há no mundo.

Todavia, os vários e diversos modos podem reduzir-se a algumas categorias supremas, de maneira que **não haja um só ente que não esteja contido em uma ou outra dessas categorias. As categorias são os gêneros supremos de todos os *predicados* (características) que o ente possui ou pode possuir**. Por isso, antigamente se chamavam as *categorias* de *predicamentos*.

As categorias do ente são dez, a saber: ***substância***, ***quantidade***, ***qualidade***, ***relação***, ***localização***, ***estado***, ***quando***, ***hábito***, ***ação*** e ***paixão***.

O número de categorias não é supérfluo nem deficiente, ou seja, não é mais nem menos do que o necessário. Não é supérfluo porque as dez categorias, exprimindo cada uma um modo especial de ser, são irredutíveis. Não é deficiente, porque não há variedade de ser que não se reduza a alguma destas classes. As categorias denotam os diversos modos pelos quais o ente existe na realidade, mas antes de aprofundar este tema, é preciso retomar os conceitos de substância e acidente.

A *substância* e o *acidente* são os gêneros de todos os seres criados; porque todo ser criado ou existe em si mesmo ou existe em um sujeito. Por exemplo: uma árvore existe em si mesma, mas a cor verde apenas existe se estiver em algum outro sujeito. Isto se aplica a todas as outras coisas criadas, que ou são substâncias ou acidentes. **A substância é aquilo que subsiste por si e que é suporte de acidentes e os acidentes são as características das substâncias, como cor, material, textura, quantidade, cheiro, som etc.**

Se uma coisa é existente em si, se diz ***substância (1ª categoria)***. Se é uma coisa existente em outra coisa, chama-se acidente. O acidente é intrínseco, extrínseco ou misto (isto é, em parte intrínseco e em parte extrínseco). O acidente intrínseco é absoluto ou relativo.

O *acidente intrínseco absoluto* convém ao sujeito considerado em si mesmo, e é a ***quantidade (2ª categoria)***, que se funda na matéria, ou é a ***qualidade (3ª categoria)***[327], que se deriva da forma.

Por exemplo:

> *"E, como estivessem olhando para o céu, quando ele ia subindo, eis que se apresentaram junto deles **dois** **personagens** vestidos de **branco**, os quais lhes disseram: Homens da Galileia, porque estais (aí parados) olhando para o céu? Esse Jesus que, separando-se de vós, foi arrebatado ao céu, virá do mesmo modo que o vistes ir para o céu." (Atos 1, 10-11)*

Dois = categoria quantidade.

Personagens = categoria substância.

Branco = categoria qualidade.

---

[326] Retirado e adaptado do livro: Elementos de Philosophia, Volume 1, D. Thiago Sinibaldi.

[327] A qualidade pode mudar ou variar, sem que a substância mude ou varie.

O *acidente intrínseco relativo* convém ao sujeito considerado em relação aos outros entes, e diz se simplesmente ***relação (4ª categoria)***. A relação é o acidente pelo qual um ente se refere a outro, assim a paternidade é uma relação porque por ela o pai se refere ao filho. A relação se distingue da quantidade e da qualidade porque, ao passo que estas (quantidade e qualidade) exprimem algo absoluto, aquela (relação) denota apenas a ordem ou referência de uma coisa a uma outra.

Por exemplo:

> *"Entretanto disse Deus a Jacó: Levanta-te, e vai para Betel, e fica aí, e erige um altar a Deus que te apareceu quando fugias de Esaú teu* ***irmão****." (Gn 35,1)*

Irmão = categoria relação: indica a relação, no caso de parentesco, que existe entre Esaú e Jacó.

O *acidente extrínseco* ou determina o sujeito ou o adorna. Se determina o sujeito, pode determiná-lo ou com relação ao lugar, e a ***localização (5ª categoria)***, ou com relação à disposição no lugar, e é o ***estado (6ª categoria)***, ou com relação ao tempo, e é o ***quando (7ª categoria)*** (ou localização temporal).

Por exemplo:

> *"Passado o dia de sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem embalsamar Jesus. E (partindo) no* ***primeiro dia da semana****, de manhã cedo, chegaram ao sepulcro, quando o sol já era nascido. E diziam entre si: Quem nos há de revolver a pedra da boca do sepulcro? Mas, olhando, viram removida a pedra, a qual era muito grande. E, entrando no sepulcro, viram um jovem* ***sentado*** *do* ***lado direito****, vestido com roupas brancas, e ficaram assustadas. E ele disse-lhes: Não temais; buscais a Jesus Nazareno (que foi) crucificado: ressuscitou, não está aqui; eis o lugar onde o depositaram." (Mc 16,5-6)*

Primeiro dia da semana = categoria quando (localização temporal).

Sentado = categoria estado.

Lado direito = categoria localização.

Se adorna o sujeito, é o ***hábito (8ª categoria)***. O habito é o acidente especial, que para a substância provém do vestido de que ela se cobre, ou de um ornamento de que se enfeita.

Por exemplo:

> *"Saiu, pois, Jesus* ***coroado*** *de espinhos e trazendo o manto de púrpura. E (Pilatos) disse-lhes: Eis aqui o homem." (Jo 19, 5)*

Coroado = categoria hábito.

Observação:

Para a formação da categoria hábito, são necessárias duas substâncias, das quais uma adorne a outra – no caso do exemplo, a coroa de espinhos adorna Jesus. Todavia, o hábito não consiste em nenhuma destas substâncias – nem na coroa nem em Jesus – mas na aderência de uma à outra.

O *acidente misto*, se tem no sujeito seu princípio, chama-se ***ação (9ª categoria)***, e se nele tem seu fim, chama-se ***paixão (10ª categoria)***.

Ação é o acidente pelo qual a substância produz alguma coisa. Paixão é o acidente pelo qual a substância recebe em si a ação de um agente. A ação e a paixão constituem um só ato, mas que é percebido pelo agente e pelo paciente de modo distinto. Este único ato, constituído pela ação e pela paixão, é o próprio ato do agente, enquanto recebido pelo paciente. O paciente, como tal, não produz um novo ato, diferente do ato produzido pelo agente; o ato do paciente consiste em receber o próprio ato do agente. Deste modo, a ação e a paixão, embora sejam coisas diversas no seu conceito, têm em comum a identidade do ato.

Por exemplo:

> *"Os seus relâmpagos* ***iluminaram*** *todo o mundo; viu-os a terra, e tremeu." (Sl 96, 4)*

Iluminaram = categorias ação e paixão.

Neste exemplo, o agente é o relâmpago e o paciente é o mundo. O agente não poderia produzir seu efeito (iluminar), se não houvesse um sujeito capaz de ser iluminado; nem o paciente poderia ser iluminado se não houvesse um agente capaz de iluminar. Portanto, um e mesmo ato (iluminar), enquanto é produzido pelo relâmpago– e se diz ação do relâmpago, ou *iluminação ativa* – é recebido pelo mundo– e se diz paixão do mundo, ou *iluminação passiva*.

Logo, as categorias são dez: a primeira é a substância e as outras nove exprimem o acidente.

Aprofundando os conceitos:

As Categorias, de Aristóteles – O Ente infinito

(Retirado do livro: Elementos de Philosophia, Volume 1, D. Thiago Sinibaldi, pág. 417 - 418)

O Ente infinito não está compreendido nas categorias, mas está fora e acima delas. Acrescentamos outros argumentos em prova desta verdade.

a) As categorias, exprimindo os diversos modos de ser, representam as diversas partes ou divisões do ente, e por isso, são finitas. Sendo finitas, nenhuma delas pode conter o Ente infinito; pois o menos não pode conter o mais. Logo, o Ente infinito não está contido em nenhuma categoria.

b) De mais, as categorias são gêneros supremos, e por isso, todo o ente que se coloca nelas é composto de gênero e de diferença. Deus, sendo ato puríssimo e simplíssimo, não é composto de gênero e de diferença. Logo, Deus não pode estar contido em nenhuma categoria.

Poderia objetar-se: Se Deus não está contido em nenhuma categoria é *indeterminado*. Respondemos que Deus é determinado e distinto de todos os outros seres, por isso mesmo que não está contido em nenhuma categoria; porque isso supõe que Deus é infinito e por consequência se distingue de todas as criaturas, que são essencialmente finitas.

Atividades

5. Faça um resumo do conteúdo deste capítulo em seu caderno, a partir do símbolo: ***. Todas as frases grifadas em vermelho devem estar contidas no resumo.

6. O que é um ente?

7. O que são as categorias de Aristóteles? Explique.

8. Quantas e quais são estas categorias?

9. Classifique as palavras grifadas dos versículos dos Salmos que estão a seguir, de acordo com as categorias correspondentes. (Não há dentre estas palavras duas ou mais que estejam na mesma categoria).

*"Mostrai a vossa admirável misericórdia, vós que salvais dos adversários os que se acolhem à vossa **direita**. Guardai-me como a pupila dos olhos, escondei-me à sombra de vossas asas, longe dos pecadores, que me querem fazer violência. Meus **inimigos** me rodeiam com furor." (Sl 16, 7-9)*

*"Os maus empunham a **espada** e retesam o arco, para abater o pobre e miserável e liquidar os que vão no caminho **reto**. Sua espada, porém, lhes traspassará o coração, e seus arcos serão partidos. O pouco que o justo possui vale mais que a opulência dos ímpios; porque os braços dos ímpios serão quebrados, mas os justos o Senhor sustenta." (Sl 36, 14-17)*

*"Cântico para o dia de **sábado**. É bom louvar ao Senhor e cantar salmos ao vosso nome, ó Altíssimo; proclamar, de manhã, a vossa misericórdia, e, durante a noite, a vossa fidelidade, com a harpa de **dez** cordas e com a lira, com cânticos ao som da cítara, pois vós me alegrais, Senhor, com vossos feitos; exulto com as obras de vossas mãos." (Sl 90, 1-5)*

*"Todos os que me odeiam murmuram contra mim, e só procuram fazer-me mal. Um mal mortal, dizem eles, o atingiu; ei-lo **deitado**, para não mais se levantar. Até o próprio amigo em que eu confiava, que partilhava do meu pão, levantou contra mim o calcanhar. Ao menos vós, Senhor, tende piedade de mim; erguei-me, para eu lhes dar a paga que merecem. Nisto verei que me sois favorável, se meu inimigo não triunfar de mim. Vós, porém, me **conservareis incólume**, e na vossa presença me poreis para sempre. Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, de eternidade em eternidade! Assim seja! Assim seja!" (Sl 40, 8-14)*

*"O Senhor é rei e se **revestiu** de majestade, ele se cingiu com um cinto de poder. A terra, que com firmeza ele estabeleceu, não será abalada. Desde toda a eternidade vosso trono é firme e vós, vós desde sempre existis." (Sl 92, 1-2)*

10. Procure versículos bíblicos que contenham exemplos das dez categorias – não precisam ser dez versículos, um mesmo versículo pode ter mais categorias.

***

Em quais das categorias se enquadra o movimento?

O movimento, como vimos, é o ato daquilo que está em potência enquanto está em potência, mas não se dá em todas as categorias de entes.

Embora em todas as categorias possam ocorrer mudanças em geral, em muitas delas não pode dar-se o movimento. Analisemos para cada categoria se se dá o movimento:

- O movimento não se enquadra na categoria ***substância***, porque a substância não tem mais ou menos, ou é ou não é, sem estados intermediários; diferente do movimento que é a passagem da potência ao ato com estados intermediários.

- O movimento pode se enquadrar na categoria ***quantidade***, como quando uma árvore cresce, ou o volume de água em um copo diminui.
- O movimento pode se enquadrar na categoria ***qualidade***, como quando uma folha muda de cor, ou quando a pele fica queimada depois de um dia exposta ao sol intenso.
- O movimento não se enquadra na categoria ***relação***, porque esta indica qual é o vínculo entre duas substâncias.
- O movimento pode se enquadrar na categoria ***localização***, como quando uma pessoa se desloca de um lugar para outro, ou quando viramos as páginas de um livro, ou quando fazemos a vênia em direção a um altar.
- O movimento não se enquadra na categoria ***estado***, porque esta categoria implica uma condição de repouso[328] em determinada posição em relação a um lugar, o que é por si só contrário à condição de movimento.
- O movimento não se enquadra na categoria ***quando*** ou *localização temporal*, porque o tempo é uma característica/propriedade do movimento; logo o movimento é mais abrangente que a localização temporal, e uma categoria menos abrangente não pode conter em si algo mais abrangente.
- O movimento não se enquadra na categoria de ***hábito***, porque esta é também uma maneira de relação no sentido da aderência de uma substância à outra.
- O movimento não se enquadra, por fim, na categoria ***ação*** e ***paixão***, porque a ação e a paixão são características/propriedades do movimento, logo o movimento é mais abrangente que a ação e a paixão, e uma categoria menos abrangente não pode conter em si algo mais abrangente.

Conclusão:

O movimento somente se enquadra em três categorias: quantidade, qualidade e localização.

Vamos analisar novamente os exemplos anteriores que identificamos como movimentos para classificá-los em uma das três categorias possíveis. Pense em cada um dos exemplos a seguir e tente classificá-lo como movimento em relação à quantidade, à qualidade ou à localização. Apenas depois de ter pensado em cada um deles, continue a leitura do texto.

1. O desabrochar de um botão de rosa.
2. O crescimento de uma pessoa do nascimento à idade adulta.
3. Mudança de clima com o passar das estações.

(... pense antes de continuar lendo...)

Argumentação e resposta:

1. O desabrochar de um botão de rosa

No desabrochar de um botão de rosas há o movimento nas pétalas com relação à sua posição, pois elas se rearranjam, mudando de lugar. Logo, podemos classificar este movimento como um ato da categoria localização.

[328] Estar em repouso significa estar parado.

2. Crescimento de uma pessoa do nascimento à idade adulta.

No crescimento de uma pessoa há o aumento do tamanho do corpo, ou seja, aumenta a quantidade de matéria que forma o corpo. Logo, podemos classificar este movimento como um ato da categoria quantidade.

3. Mudança de clima com o passar das estações.

Na mudança climática ocorre a mudança de temperatura, que é uma característica, uma qualidade. Logo, podemos classificar este movimento como um ato da categoria qualidade.

Aristóteles percebeu que **o movimento da categoria localização, também chamado movimento local, é o mais simples e está no princípio de qualquer outro movimento**: para que uma pessoa cresça, por exemplo, ela precisa se alimentar, e para isso precisa levar a comida até à boca – comer envolve um movimento local; para que o ar esfrie, é preciso que haja um vento gelado – o vento envolve o movimento local das massas de ar. Podemos pensar em todos os exemplos de movimentos relacionados à quantidade e qualidade, o princípio será sempre um movimento local. Por isso, **nos deteremos a estudar mais profundamente o movimento local, suas características e causas.**

> *"Os físicos modernos somente se preocupam com a descrição quantitativa dos diversos tipos de movimentos, sem nenhum interesse ontológico, isto é, sem se perguntar o que são as coisas que se movem, que perfeição ou imperfeição supõem, e, portanto, que causas implicam. Daí que os físicos modernos chamem movimento ao que não o fazem tão rápido os físicos verdadeiros, aqueles que respeitam o verdadeiro método científico.*
>
> *Não queremos dizer com isto que não tenha importância a descrição quantitativa dos movimentos, somente assinalamos uma diferença importante de conceitos que temos que ter em conta quando buscamos as causas, cuja determinação procura a verdadeira ciência."*
>
> *(Padre Álvaro Calderón)*

4. *Quais são as causas* do movimento?

Definimos que "toda mudança tem uma *causa*", esta definição pode ser chamada de *princípio de causalidade.*

Não faltam, nem faltarão, pessoas, até mesmo cientistas, que negam o princípio da causalidade. Mas ele é tão evidente e tão perceptível que não podemos ver uma mudança sem logo nos questionar sobre o que a gerou, qual foi sua causa.

> *"A noção de causa é tão primeira, que a mesma palavra latina que a significa, causa, não tem etimologia conhecida. Alguns creem que vem de casus, particípio do verbo cado, que significa cair."*
>
> *(Padre Álvaro Calderón)*

Santo Tomás define o conceito de "causa" da seguinte maneira:

"Causa é aquilo de que algo depende segundo o ser ou o tornar-se."

("Ex quo aliquid dependet secundum suum esse vel fieri.")

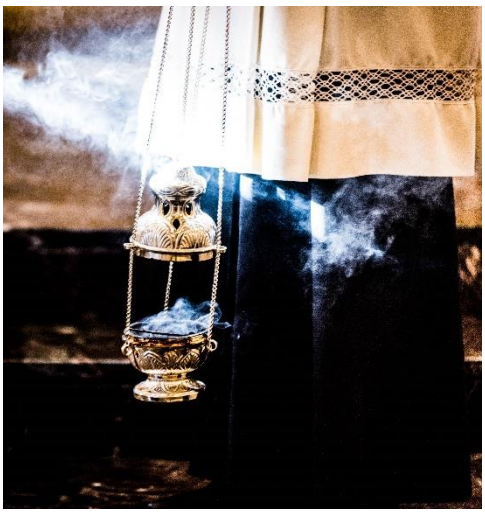
Na natureza existem, como vimos, quatro espécies de causas: formal, material, eficiente e final.

Como nos deteremos a tratar sobre o movimento local, não vão nos importar todas as quatro causas da mesma maneira; consideraremos apenas as causas eficientes e materiais.

É tão evidente o princípio da causalidade, ou seja, que todo movimento deve ter uma causa preexistente e proporcionada, que,

> ***"embora o que percebemos pelos sentidos são apenas mudanças e movimentos, entendemos (pela inteligência) a presença da causa com tanta evidência como se a víssemos e tocássemos."***
>
> *(Padre Álvaro Calderón)*

Por exemplo:



Em uma Missa solene, *vemos* o sacerdote incensar o altar, *ouvimos* o tilintar das correntes do turíbulo e *entendemos* que o balanço do mesmo é a causa do movimento do incenso em função da ação do sacerdote. A partir dos sentidos, que captam o movimento, identificamos a causa!

Ademais, para determinar, de fato, quais são as causas (material e eficiente) de cada movimento local, devemos nos deter a estudar, propriamente, a descrição e os cálculos envolvidos nos movimentos, e, posteriormente, suas causas.

Atividade

11. Faça um resumo do conteúdo deste capítulo em seu caderno, a partir do último símbolo: ***. Todas as frases grifadas em vermelho devem estar contidas no resumo.

12. Explique porque o movimento somente se enquadra nas categorias quantidade, qualidade e localização.

13. Nas situações a seguir, indique em qual das categorias (quantidade, qualidade ou localização) se dá o movimento descrito.

a) *"**Esta árvore cresceu**, era vigorosa. O cimo tocava o céu, era avistada até nos confins da terra. Sua folhagem era bela, e seus abundantes frutos forneciam a todos o que comer. À sua sombra abrigavam-se os animais terrestres, nos seus ramos permaneciam os pássaros do céu e toda criatura tirava dela seu sustento!" (Dn 4, 8-9)*

b) *"Ora, uma mulher atormentada por um fluxo de sangue, havia doze anos, aproximou-se dele por trás e tocou-lhe a orla do manto. Dizia consigo: Se eu somente tocar na sua vestimenta, serei curada. **Jesus virou-se**, viu-a e disse-lhe: Tem confiança, minha filha, tua fé te salvou. E a mulher ficou curada instantaneamente." (Mt 9, 20-22)*

c) *"Oh! Se rasgásseis os céus, se descêsseis para fazer desabar diante de vós as montanhas, como o fogo faz **fundir a cera**, como a chama faz evaporar a água, assim faríeis conhecer a vossos adversários quem sois, e as nações tremeriam diante de vós, vendo-vos executar prodígios inesperados dos quais nunca se tinha ouvido falar." (Is 64, 1-3)*

14. Neste trecho do Livro de Isaías alguns movimentos são descritos. Copie em seu caderno três frases deste trecho: a primeira deve conter um movimento da categoria localização, a segunda da categoria quantidade e a terceira da categoria qualidade.

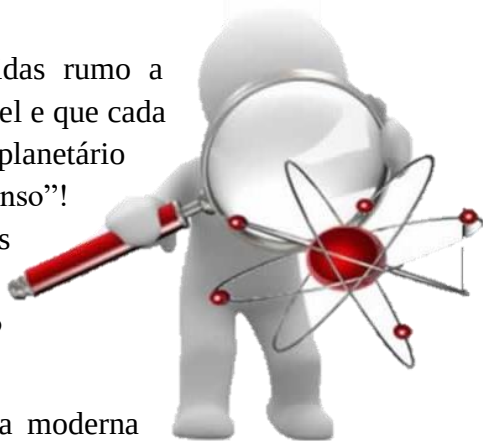
"Oráculo contra o Egito. Eis que o Senhor, montado numa nuvem rápida, vem ao Egito. Os ídolos do Egito tremem diante dele e o Egito sente desfalecer sua coragem. Excitarei os egípcios, uns contra os outros, e eles se baterão irmão contra irmão, amigo contra amigo, cidade contra cidade, reino contra reino. O Egito perderá a cabeça, e eu abolirei sua prudência. Consultarão os ídolos e os feiticeiros, os evocadores de mortos e os adivinhos. Entregarei esta terra nas mãos de um soberano cruel, um rei implacável a dominará. Oráculo do Senhor dos exércitos. As águas do mar se estancarão, e o rio se tornará seco e árido. A água estagnará nos canais, os rios do Egito diminuirão e secarão. Juncos e caniços murcharão." (Is 19, 1-6)

15. Comente a seguinte fase do Padre Álvaro Calderón: "Embora o que percebemos pelos sentidos são apenas mudanças e movimentos, entendemos (pela inteligência) a presença da causa com tanta evidência como se a víssemos e tocássemos." Dê um exemplo que mostre, na prática, a aplicação deste conteúdo (não pode ser o exemplo já está descrito anteriormente).

Química

Capítulo 3
Modelos Atômicos

APESAR dos átomos não possuírem subsistência própria, pois apenas nas moléculas há a união da forma substancial com a matéria prima, constituindo um ser com existência autônoma, existem, hoje, dados experimentais suficientes que provam a existência dos chamados átomos e de suas subpartículas que constituem toda a realidade material.



Porém, quando a Física e a Química, impetuosamente unidas rumo a descoberta da matéria primordial, descobriram que o átomo era divisível e que cada parte era ainda mais subdivisível, se depararam com um micro-sistema planetário imenso, ficaram atônitos com tamanha contradição: "o micro-imenso"! Colocando-se a dividir cada vez mais e mais, encontravam mais e mais contradições, pois viam que as leis que regem estes 'micro-sistemas' eram contraditórias com as leis 'científicas pseudo-exatas' até então conhecidas.

Ao invés de parar e se pasmar diante do mistério, a ciência moderna ensoberbecida pelos seu grande edifício moderno, criou técnicas e mais técnicas para dividir o átomo quanto fosse possível (e até impossível), baseado em modelos e mais modelos de partículas e subpartículas cada vez mais fundamentais; mas, quanto mais se divide, mais contradição encontra, porque cada micro-micro que encontram constitui um "imenso-micro".

Essa história dos modelos atômicos parece que não terá fim, mas teve um começo.

Como já dito anteriormente, a palavra *átomo* vem do grego e significa *não divisível*. Quem concebeu abstratamente esta ideia foram os dois filósofos gregos Leucipo e Demócrito, mas quem deu provas científicas, com bases em fatos experimentais já no século XIX, foi um cientista inglês chamado John Dalton (1766 – 1844) que, em 1808, formula (ou reformula) uma teoria atômica para explicar a constituição da matéria.

ATENÇÃO: gostaríamos de lembrar que a ciência trabalha apenas com a realidade material, e, sendo assim, trabalha apenas com experimentos físicos, não podendo inferir sobre as realidades metafísicas, tão mais elevadas!

A necessidade de se voltar ao estudo dessa "novidade" se deu, principalmente, pela Revolução Industrial que, com sua grande invenção, a máquina a vapor, transformou completamente toda a sociedade. Porém, no início desta revolução, as máquinas eram feitas por um antigo método muito usado pela humanidade: a tentativa e o erro. Não havia, até então, um modelo teórico que explicasse como os gases se comportavam dentro da máquina a vapor, e, que assim, fosse capaz de aperfeiçoar os novos inventos.

Teoria atômica de Dalton

Essa teoria foi sustentada e pode ser expressa por três pontos:

1 - A matéria é composta de átomos, partículas indivisíveis que não podem ser criadas nem destruídas. Os átomos preservam suas propriedades em todas as transformações;

2 - Há vários tipos de átomos. Cada tipo constitui um elemento químico;

3 - Um composto químico qualquer é uma combinação específica de átomos de mais de um elemento. Em uma reação química, os átomos se rearranjam e formam novos compostos;

Para ilustrar seu modelo, Dalton propõe a imagem dos átomos como se fossem bolas de bilhar, maciças, rígidas e indestrutíveis:

Modelo atômico da esfera rígida (Bola de bilhar)

Como é próprio do método científico, o constante aprimorar-se devido às intrínsecas limitações, logo após Dalton descrever seu modelo, este já foi alvo de uma série de perguntas. A mais contundente para este início de jornada foi: "Mas como este modelo explica os fenômenos elétricos observados por Tales de Mileto, há tantos anos atrás?" De fato, não explica.

Os fundamentos da eletricidade

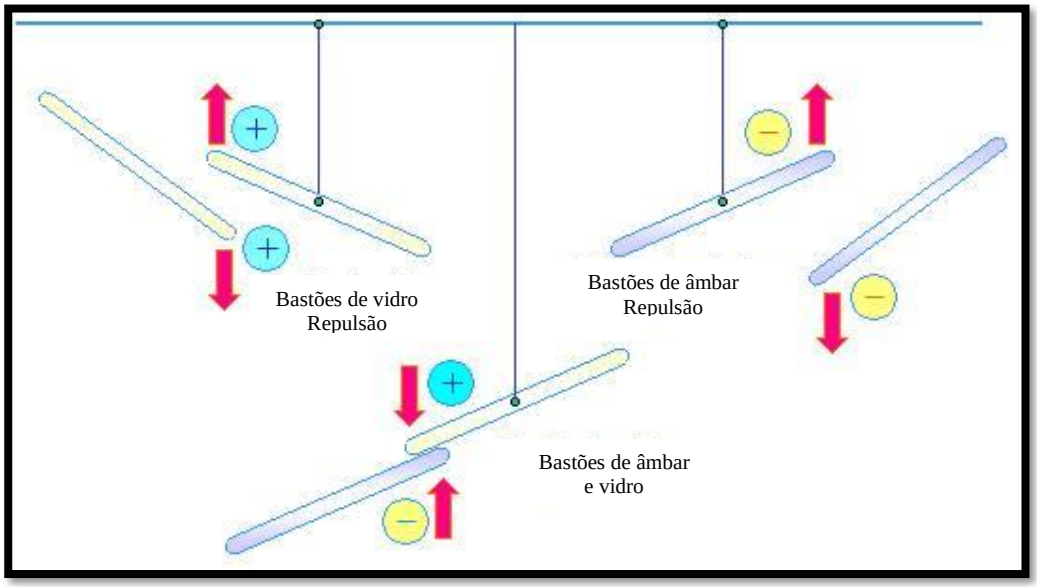
Tales de Mileto (635-545 a.C.), como bom filósofo que era, fazia constantemente especulações acerca de tudo e, através da observação (principal recurso que tinha na época), percebe que ao esfregar uma resina de âmbar com um pedaço de lã, ela atraía algumas plumas para si.

A tradução de âmbar para o grego é *elektron*, que deu origem a palavra eletricidade.

No século XVI, o médico inglês William Gilbert (1540-1603) mostrou experimentalmente que vários outros materiais, além do âmbar, se tornam eletrizados quando atritados e podem atrair objetos leves. Os seus trabalhos foram publicados em 1600, no livro De Magnete.

Em 1729, o cientista amador inglês Stephen Gray (1666-1736) descobriu que a eletricidade pode ser transmitida a grandes distâncias por diferentes materiais, que hoje chamamos de condutores. Ele também descobriu que alguns materiais não transmitem a eletricidade. Estes são os que chamamos hoje em dia de isolantes.

Em 1733, o químico francês Charles Du Fay (1698-1739) descobriu a atração e a repulsão entre corpos elétricos. Em um de seus experimentos, Du Fay mostrou que dois bastões de âmbar, quando eletrizados por atrito com um pedaço de lã, repelem-se mutuamente. Dois bastões de vidro também repelem-se mutuamente após serem atritados com um pedaço de seda. Porém, os bastões de vidro e de âmbar atritados atraem-se mutuamente.

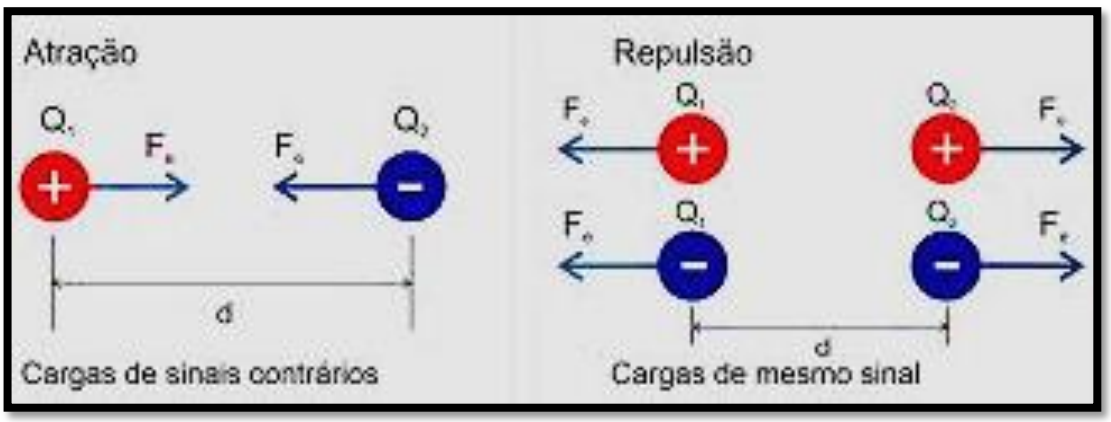


Experimento de Charles Du Fay.

Du Fay chamou o tipo de eletricidade produzida no âmbar de “eletricidade resinosa” e o tipo de eletricidade produzida no vidro de “eletricidade vítrea”. Tipos iguais de eletricidade se repeliriam e tipos diferentes se atrairiam.

O escritor, estadista, diplomata, inventor e cientista norte-americano Benjamin Franklin (1706-1790) realizou vários experimentos sobre eletricidade, no século XVIII. Seus experimentos o levaram à conclusão de que a eletricidade não é criada pelo atrito entre dois corpos, mas transferida de um corpo para outro. Desta forma, a quantidade total de eletricidade permanece constante.

No “modelo” criado por Franklin para explicar a eletricidade, corpos com “eletricidade vítrea” (que era o tipo de eletricidade produzida no vidro) foram chamados de positivamente carregados e corpos com “eletricidade resinosa” (que era o tipo de eletricidade produzida no âmbar) foram chamados de negativamente carregados. Os corpos em geral seriam neutros por terem iguais quantidades de cargas positivas e negativas.



Modelo criado por Benjamim Franklin para explicar a eletricidade a partir das cargas elétricas.

Para Franklin, apenas as cargas positivas podiam ser transferidas de um corpo para outro. Desta maneira, quando havia atrito entre um pedaço de seda e um bastão de vidro, carga positiva passava da seda para o vidro, deixando, ao final, o bastão de vidro com excesso de carga positiva e a seda com excesso de carga negativa. Por outro lado, quando um pedaço de lã era atritado com um bastão de âmbar, carga positiva passava do âmbar para a lã, resultando em excesso de carga positiva na lã e excesso de carga negativa no âmbar.

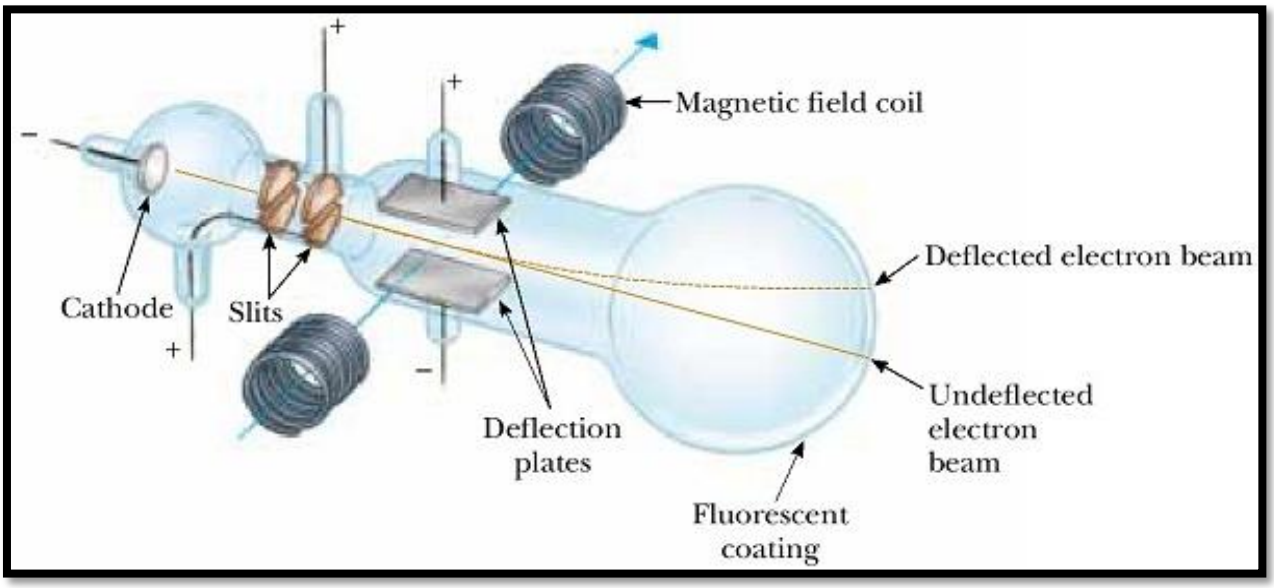
Hoje em dia sabemos que na eletrização por atrito são os elétrons (que, por convenção, têm carga elétrica negativa) que se transferem de um corpo para outro. A transferência se dá por contato e a função do atrito é apenas a de aumentar o contato entre os corpos.

Sabemos também que o sinal da carga adquirida por um corpo após a eletrização por atrito depende do material com o qual ele é atritado. Por exemplo, quando um bastão de âmbar é atritado com um pedaço de lã, ele adquire carga elétrica negativa, mas, quando ele é atritado com uma pedra de enxofre, adquire carga elétrica positiva. O modelo de Franklin de que há dois tipos de carga elétrica, positiva e negativa, e de que cargas de mesmo sinal se repelem e cargas de sinais contrários se atraem, é usado até hoje.

Voltando a história dos modelos atômicos...

Dalton prevê a existência de átomos, mas não diz nada sobre sua constituição, pois para a finalidade que ele tinha em vista, bastava criar um modelo que explicasse os gases em uma máquina a vapor. E, tratando-se dos gases, o modelo de esferas rígidas era satisfatório para prever o comportamento dos gases dentro da máquina a vapor.

Para tentar responder a isto, Joseph John Thomson em 1897 fez um experimento com o objetivo de provar a existência de partículas menores do que os átomos:

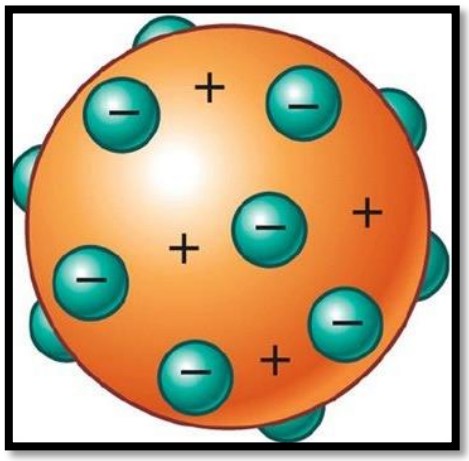


Por mais complexo que pareça, este experimento (também conhecido como ampola de Crookes), consiste em um tubo de vidro onde é feito vácuo em seu interior. Um dispositivo elétrico faz com que os elétrons de qualquer material condutor, o chamado cátodo, seja emitido formando feixes de elétrons ou os raios catódicos. Thomson descobriu que estes raios eram afetados por campos elétricos e magnéticos e que se deslocavam na direção do polo positivo se afastando do polo negativo, e, a partir disto, ele tirou as seguintes conclusões:

- Os raios eram partículas (corpúsculos) menores que os átomos;

- Os raios apresentavam carga elétrica negativa. Essas partículas foram denominadas **elétrons (e^-)**

Então ele propôs um novo modelo atômico, denominado **pudim de passas.**



Modelo Pudim de Passas

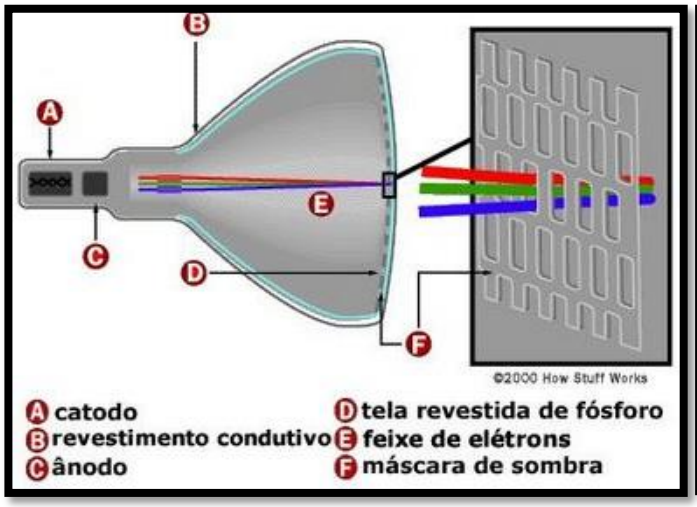
"O átomo é maciço, constituído por um fluido com carga elétrica positiva, no qual estão dispersos os elétrons"

Segundo este modelo os fenômenos elétricos como a atração e repulsão de objeto após a fricção é o resultado da eletrização que acontece, pois, ao atritar um material sobre outro, os elétrons dos átomos são arrancados e se depositam no material que tem a característica de atrair estes elétrons. O material que perde elétrons fica positivo e o material que recebe elétrons fica negativo, atraindo, respectivamente, materiais negativo e positivo, ou seja, de cargas opostas.

A partir deste modelo pôde-se conceber um novo tipo de aparelho que revolucionou o mundo, poderia tê-lo melhorado, mas no computo final, esta invenção foi muito mais usada para o mal do que para o bem. Esta invenção é a televisão, construída a partir dos tubos de raios catódicos.

Televisão de tubo

O russo Wladimir Zworykin, em 1923, estudando as lâmpadas de raios catódicos, desenvolveu o que ele chamou de ionoscópio, um aparelho que mais tarde proporcionou a criação dos tubos de raios catódicos que compunham as antigas televisões de tubo. Estes monitores, chamados de CRT (*Cathode ray tube* – tubo de raios catódicos), dominaram o mercado até a década de 90, quando outras tecnologias foram inventadas.



Esquema do funcionamento de uma televisão de tubo de raios catódicos (CRT) e uma fotografia real do tubo.

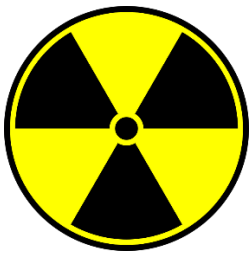
O mecanismo que fazia funcionar os aparelhos de televisão do tipo CRT eram, constituídos por um canhão eletrônico (catodo), que nada mais era do que uma lâmpada de Crookes, onde três diferentes filamentos geravam um fluxo de elétrons acelerados por um campo magnético, cada um gerava uma cor: vermelho, verde e azul. Ao serem acelerados estes elétrons (os feixes de cores) chegavam a região onde estavam as bobinas. Estas bobinas geravam campos magnéticos verticais e horizontais que faziam com que os feixes percorressem toda a extensão da tela. Ao atingirem a tela, composta por um material sensível à luz, os elétrons deixavam marcadas as imagens formadas.

A história continua...

Mas a ciência moderna ainda não estava satisfeita, pois abriu-se mais uma porta para o gigantesco mundo micro.

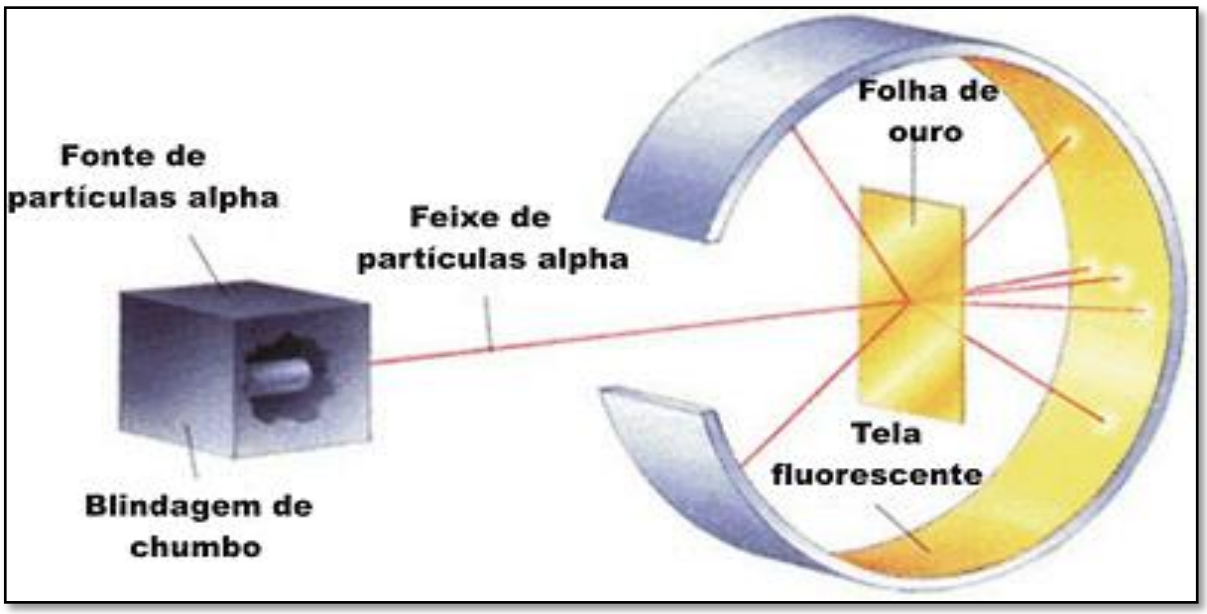
Röntgen (1845 – 1923) estudava raios emitidos pela ampola de Crookes. Repentinamente, notou que raios desconhecidos saíam dessa ampola, atravessavam corpos e marcavam papéis fotográficos. Como ele não sabia o que eram aqueles raios deu-lhe o nome de **Raios-X**. Hoje estes raios são usados para tirar justamente o Raio-X de nossos ossos, muito utilizado, por exemplo, para diagnosticar fraturas e trincas.

A partir desta descoberta iniciou-se um novo ramo da ciência, a **radioatividade**.

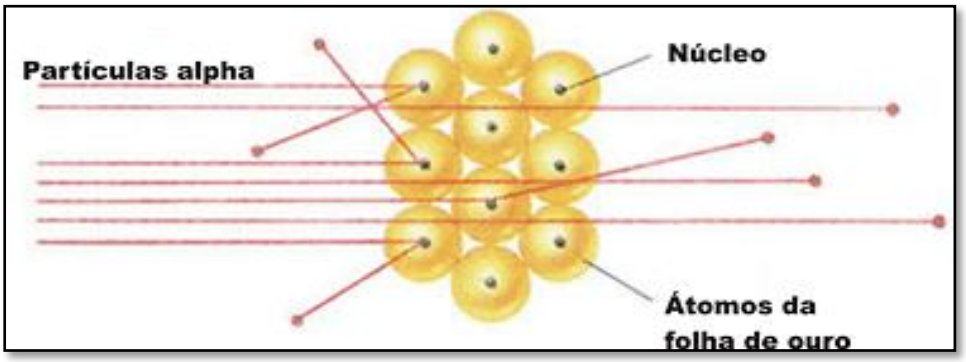


Símbolo utilizado para identificar substâncias radioativas, ou seja, que emitem radiação e podem ser muito nocivos para todos os seres vivos.

Muitos cientistas se dedicaram ao estudo dos fenômenos radioativos, um deles, Ernest Rutherford, notou que havia dois tipos de radiação: uma positiva (alfa - α) e outra negativa (beta - β). Em 1904, realizou um experimento conhecido como **experimento da lâmina de ouro.**



Este experimento consistiu em fazer um feixe de partículas alfa (α) passar por uma lâmina de ouro e observar o que acontecia com as partículas α. Foi usada uma lâmina de ouro, pois este é o metal mais maleável, ou seja, é o metal que tem a capacidade de formar uma fina lâmina, estima-se que seja possível fazer lâminas de ouro com espessura de apenas três átomos.



A partir dos três fenômenos que ocorreram, Rutherford tirou três conclusões:

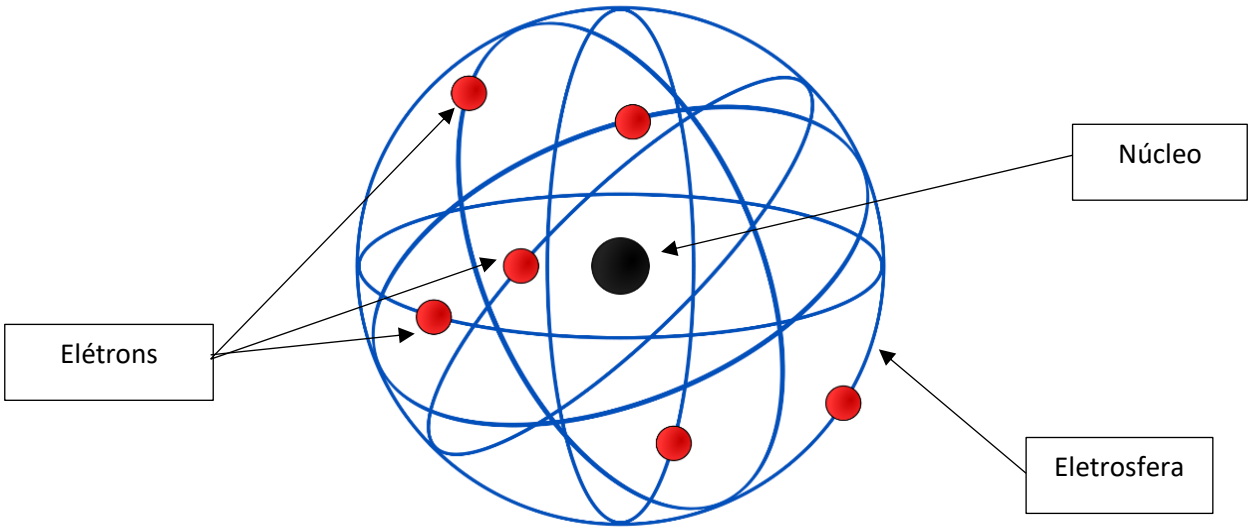
Observação	Conclusão
A maior parte das partículas α atravessa a lâmina sem sofrer desvios.	A maior parte do átomo deve ser vazia. Nesse espaço, devem estar localizados os elétrons.
Poucas partículas α (1 em 20000) não atravessam a lâmina e voltam.	Deve existir no átomo uma pequena região onde está concentrada sua massa.
Algumas partículas α sofrem desvios de trajetória ao atravessar a lâmina.	O núcleo do átomo deve ser positivo, o que provoca uma repulsão nas partículas α (positivas)

Cria, então, um novo modelo atômico, o famoso Modelo Planetário, onde:

- Há uma região central que contém praticamente toda a massa do átomo e apresenta carga positiva, a qual foi denominada **núcleo.** Este núcleo é muito pequeno em relação ao tamanho do átomo, cerca de 10.000 vezes menor;

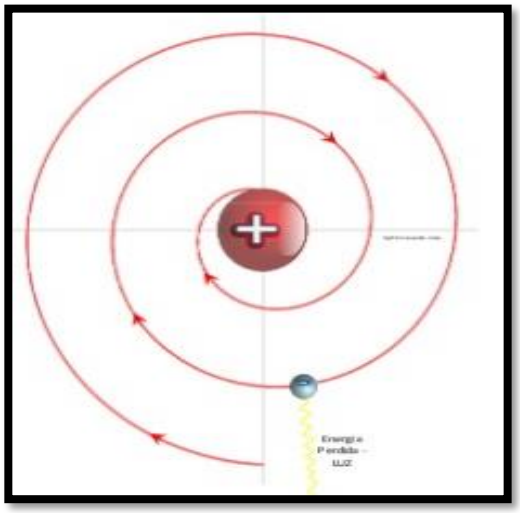
- E uma região praticamente sem massa envolvendo o núcleo que apresenta carga negativa, denominada **eletrosfera;**

- Os elétrons estariam girando circularmente ao redor desse núcleo.



O mais interessante é que ao postular este modelo, Rutherford, e praticamente todos os cientistas, achou que, por haver alguma semelhança com os modelos dos planetas, haveria de funcionar todas aquelas leis desenvolvidas para o macro. Grande ilusão! As leis planetárias não funcionam para o mundo atômico. Este novo mundo, o "imenso-micro", tem seu movimento próprio, suas leis próprias, seu mistério próprio.

O problema do Modelo Atômico de Rutherford



Para os físicos toda a carga elétrica em movimento, como os elétrons, perde energia na forma de radiação (luz por exemplo), diminuindo sua energia cinética e a consequente atração entre o núcleo e elétrons faria com que houvesse uma colisão entre eles, destruindo o átomo. Obviamente isto não acontece!

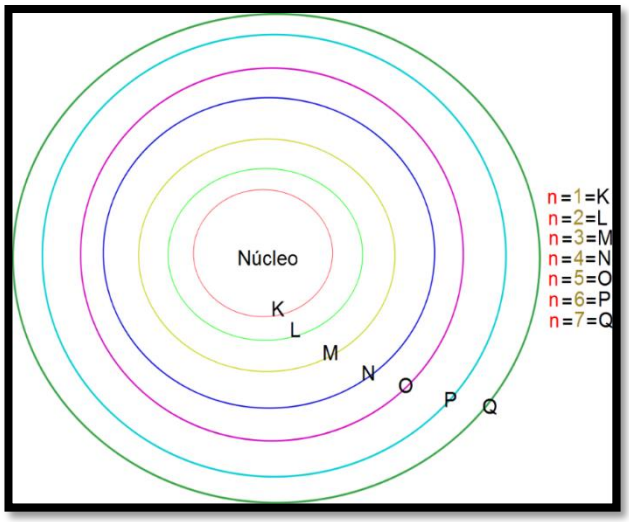
Portanto, o Modelo de Rutherford, mesmo explicando o que foi observado no laboratório, ainda está longe da realidade. Na verdade, como a ciência moderna abdicou da metafísica, jamais será capaz de reproduzir um modelo que esteja próximo da realidade, visto que a realidade metafísica é inseparável da realidade física.

Modelo atômico de Niels Bohr

Em 1913, o físico dinamarquês Niels Bohr (1885–1962) na tentativa de resolver o problema da atração dos elétrons sobre o núcleo, propõe uma reformulação do modelo de Rutherford. O novo modelo atômico de Bohr relaciona a distribuição dos elétrons na eletrosfera com sua quantidade de energia.

Bohr baseou-se nos seguintes postulados:

- Os elétrons descrevem órbitas circulares ao redor do núcleo;
- Cada uma destas órbitas tem energia constante. Os elétrons que estão situados em órbitas mais afastadas do núcleo apresentarão maior quantidade de energia;
- Quando um elétron absorve certa quantidade de energia, salta para uma órbita mais energética. Quando ele retorna à sua órbita original, libera a mesma quantidade de energia, na forma de onda eletromagnética (luz).



Ao lado podemos ver um esquema ilustrativo deste modelo:

Para cada camada na qual se distribuem os elétrons, Bohr deu o nome das letras K, L, M, N, O, P e Q. Teoricamente todos os átomos teriam sete camadas, mas seu preenchimento irá depender do número de elétrons que está presente em cada átomo.

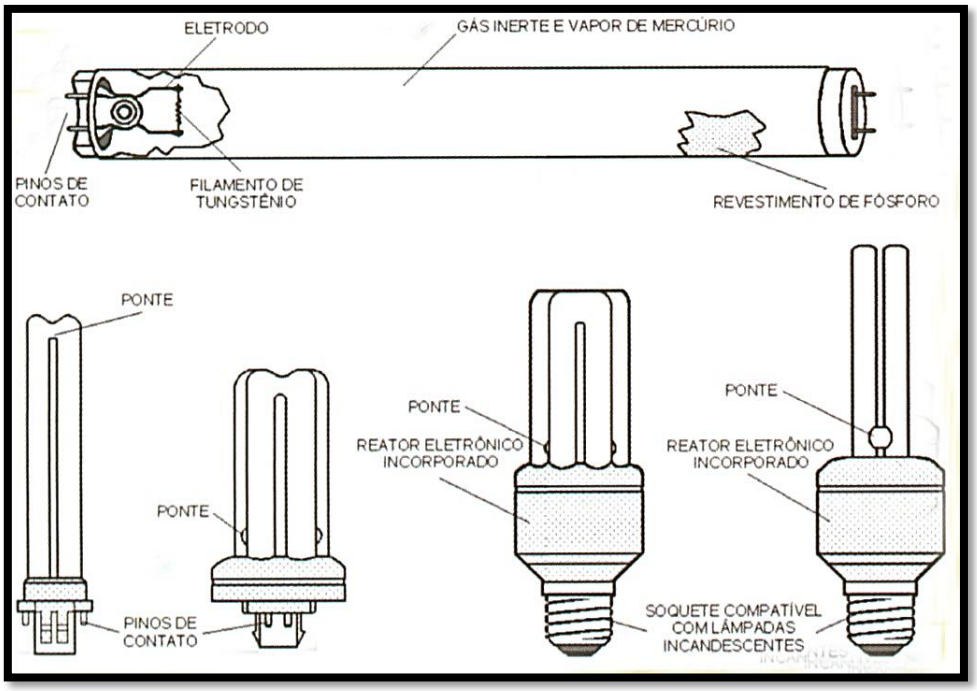
Mais uma vez o novo modelo criado teve uma aplicabilidade, mas ao longo dos anos seguintes foi sendo alterado (o que é próprio do método científico).

Um exemplo de invenção, anos mais tarde, que foi concebida e realizada a partir deste modelo foi a lâmpada fluorescente.

Lâmpada fluorescente

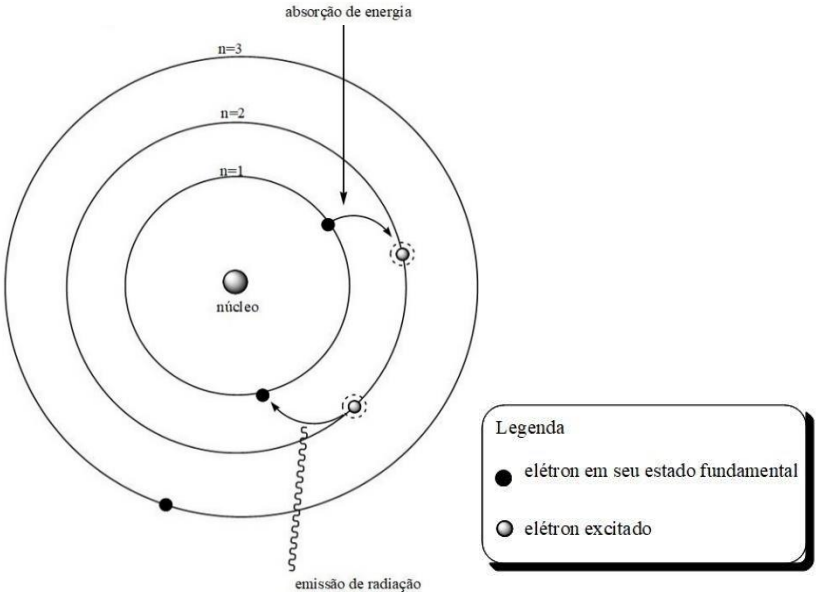
Vamos apenas dar os fundamentos do funcionamento das lâmpadas fluorescentes que foram introduzidas no mercado em 1938 por seu inventor Nicola Tesla.

Esta lâmpada é formada por um tubo de vidro coberto com uma tinta à base de fósforo. Quando este material recebe radiação ultravioleta gerada pela ionização dos gases presentes no interior do tubo de vidro, emite luz. Esta ionização é produzida através da passagem de corrente elétrica por dois eletrodos na forma de filamento no extremo do tubo.



Desenho esquemático de lâmpadas fluorescentes.

Este fenômeno é explicado justamente pelo modelo atômico de Bohr, onde, por causa da passagem de corrente elétrica os elétrons dos átomos absorvem energia, porém como este estado excitado dos elétrons é instável, o elétron volta para sua posição inicial liberando a energia necessária para interagir com a camada de fósforo e emitir luz visível.



Dividindo o núcleo

Thopson havia estabelecido, por convenção, que o núcleo era formado por partículas positivas – os prótons – e, até então, ninguém havia respondido a uma simples pergunta: "Sabe-se que partículas de cargas diferentes se atraem e partículas de cargas iguais se repelem. Se é assim, como os prótons positivos permanecem coesos no núcleo se há uma força de repulsão?"

A tentativa de resposta foi dada em 1932, por James Chadwick, que propôs a existência de uma outra partícula dentro do átomo que fosse responsável por esta "estabilidade" e como esta não apresentava carga elétrica foi chamada de **nêutron**.

O nêutron de fato existe, pois a massa dos átomos é dependente de sua existência, mas, metafisicamente falando, é impossível que haja uma partícula neutra, visto que Nosso Senhor é muito claro: "Dizei somente: 'sim", se é sim; 'não', se é não." (Mt 5, 37); "Quem não está comigo, está contra mim; quem não recolhe comigo, espalha." (Lc 11, 23). Sendo assim, o nêutron não pode ser uma partícula isenta de carga elétrica ou ela será positiva ou será negativa, o neutro seria uma anti-metafísica, pois seria a negação da existência. Os próprios cientistas chegaram a perceber este absurdo, mas, aparentemente, se conformaram, pois, a metafísica já estava sendo deixada de lado a muito tempo.

Contudo, diante deste absurdo, chegaram a buscar respostas em outros absurdos maiores ainda. Um grande doutor em física norte-americano, Prof. Krappa, por exemplo, disse que no momento em que eles pensaram haver descoberto o fundamento da física, concluíram que nada sabiam.

Essa aparente contradição já foi resolvida pelo princípio metafísico de Aristóteles. Como a ciência moderna quer "saber tudo" e resolver todos os problemas 'à maneira divina', abstraindo-se da metafísica e do sobrenatural, esbarra nessa, e em muitas outras contradições.

Conclusão a ser aceita: ou o átomo é infinito e, portanto, divino; ou é uma partícula primeira que nunca se encontra, porque sempre pelo 'caminho' vão encontrando outras e outras!

Mas, nesta nova ciência, os absurdos continuam. Por ocasião da conferência mundial de 1992, chamada ECO 92, esse mesmo Prof. Krappa, esteve no Rio de Janeiro e em sua conferência disse que haviam constituído uma equipe na Universidade de Yale para 'recuperar a espiritualidade da Física'. E que esta comissão entrara em contato com os Lamas do Thibet e a partir dos estudos que fizeram chegaram à conclusão de que aquilo que chamaram inicialmente "nêutron", e que na realidade, era um campo magnético, agora, com os estudos 'espiritualizados' reconheceram que se tratava de 'um campo espiritual'.

Esse 'achado' remete para o panteísmo imanentista, porque se toda a matéria é constituída por átomos, e se dentro de todo átomo, há uma 'divindade', têm-se a 'divinização' da matéria. É a volta da velha idolatria, da qual zomba São Paulo, porque de um mesmo tronco de árvore fazem um ídolo e um banco; sentam-se na metade-banco e adoram a outra metade-deus.

Irracional, ridículo, nós diríamos! No entanto, eis a mais radical forma de ateísmo, pois onde tudo é deus, não há lugar para Deus. Desta forma, mais uma vez, a ciência revolucionária ataca o fundamento da verdadeira Religião.

Então, garantiu o Prof. Krappa – grande sumidade no mundo científico – que a partir desses novos estudos, "espiritualizando" a Ciência – que Newton havia concebido materialista – ela, a Ciência, recobrava suas possibilidades de atingir o infinito e resolver todos os problemas. Quem não percebe que esta "possessão" do átomo pela tal 'divindade', encontrada por Krappa no Thibet, precisa de um exorcismo!? Mas houve quem acreditasse e até aplaudisse...

Lembremo-nos do que nos aconselha um grande escritor católico, Ernest Hello:

"Seus inimigos [do cristianismo] atuais, à força de mediocridade, permitem-nos ver com clareza o vazio do erro. Mostram-no como ele é: um nada complicado.

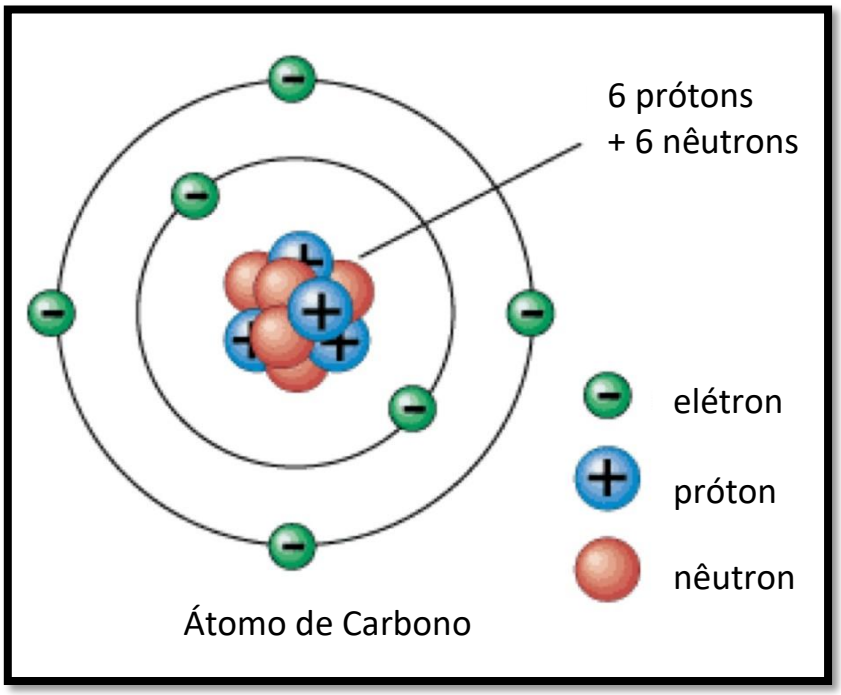
Aproveitemos de sua complacência. Se não ouvirmos o testemunho da verdade, ouçamos o do erro, ouçamos a voz da podridão: ela tem sua eloquência.

Se não se quiser assemelhar ao bicho que os coveiros chamam de bicho dos sepulcros, porque morre se o afastarmos dos cadáveres, é necessário que a ciência faça um esforço para reorientar-se, o mesmo esforço que fazem as flores: que ela busque o sol! Que vá à Galiléia! É lá que a espera a eterna juventude, é lá que o anjo espera encontrá-la, para que encontre enfim Aquele que busca, o Imortal Ressuscitado."

O Homem - A Vida, a Ciência e a Arte

Diante de tudo o que foi dito, percebe-se que ainda é necessário muito esforço para que a ciência retome seu caminho e se abra para um universo aberto, onde tudo tem relação com tudo, onde o limite de um "universo" se abre para o início de outro "universo" e assim possamos, verdadeiramente, comtemplar o Deus infinito em todos estes universos, seja o atômico, seja o espacial.

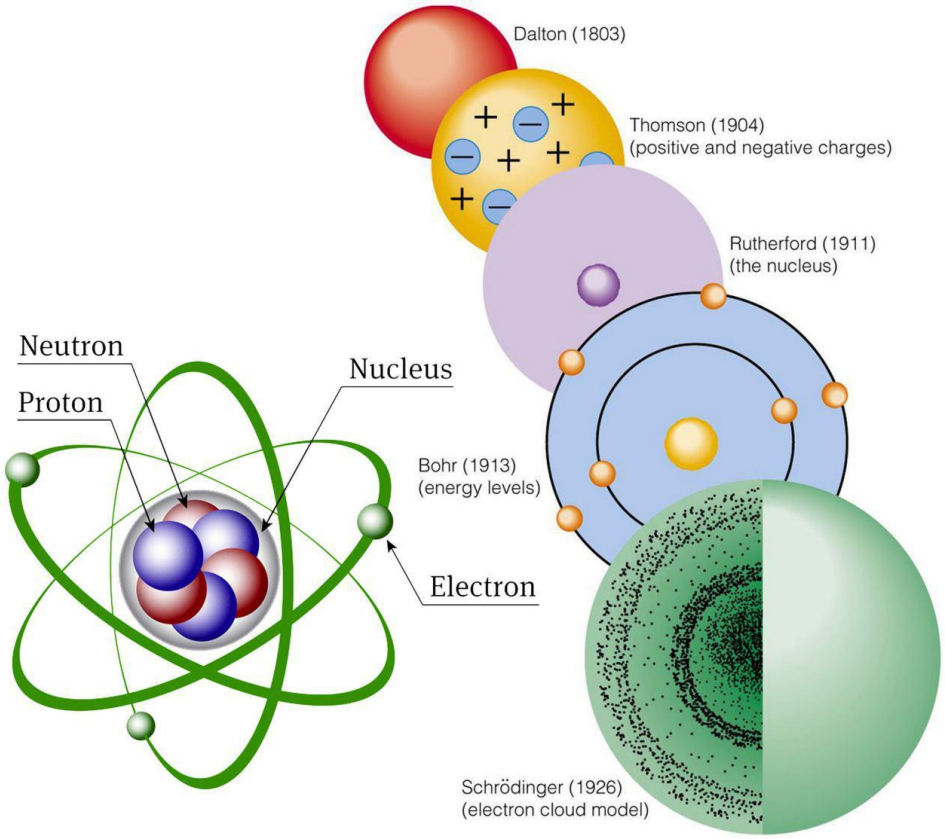
Atualmente, existe uma série de outras correções e alterações nos modelos atômicos. Apenas para darmos mais um exemplo, o modelo mais moderno é modelo proposto por Erwin Schrödinger, em que os elétrons estão localizados em uma nuvem de probabilidades e não em um lugar determinado. Mas, para nós, por enquanto, basta imaginar que o átomo é formado por três partículas: prótons, nêutrons e elétrons. E pode ser representado no plano desta forma:



Esquema de um átomo de carbono representado pelo Modelo atômico de Bohr, com núcleo composto por prótons e nêutrons.

Atividades

1 – A partir do desenho abaixo explique com suas próprias palavras os modelos atômicos descritos no texto.



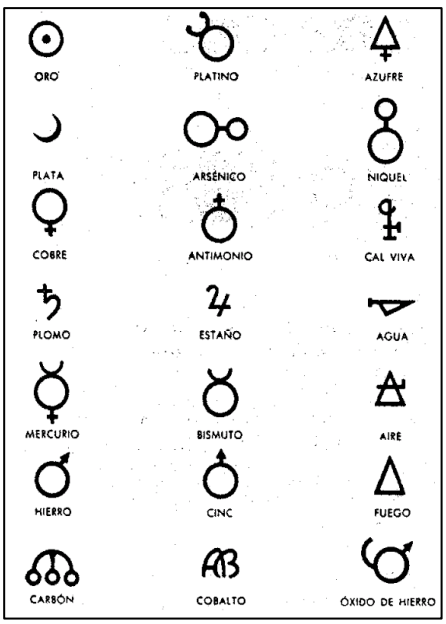
2 – Por que esse mundo atômico consiste um imenso-micro? Por que há tantas contradições neste micro-universo?

3 – Com a descoberta das partículas subatômicas a ciência moderna se desviou da metafísica, o que será preciso para que esta ciência volte a seu rumo certo?

A representação dos elementos químicos

Agora vamos nos dedicar um pouco ao estudo da estrutura dos átomos e de sua representação simbólica, pois diante de uma realidade pequeníssima ou da imensa é preciso recorrer aos símbolos para melhor nos expressar.

Ao longo do desenvolvimento das ciências, os homens foram descobrindo certos materiais que continham propriedades diferentes; os metais eram diferentes das cerâmicas, e, por isso, tinham aplicações diferentes. Mas, mesmo dentro destas "classes" de materiais, há muito tempo já se sabia a diferença, por exemplo, entre ouro e prata, cobre e chumbo, sílica e vidro. Muito deste conhecimento foi herdado de Adão e seus filhos, mas também foi sendo descoberto ao longo dos séculos.



Depois de Babel, quando houve a grande confusão das línguas: *"Por isso, deram-lhe o nome de Babel, porque ali o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra, e dali os dispersou sobre a face de toda a terra."* (Gn 11, 9), tornou-se necessário o uso de símbolos comuns para restaurar a unidade dos conhecimentos dispersos e, a partir de então, começou-se a usar os símbolos para representar a realidade.

A partir de então, as ciências, seja a ciência médica ou a astronômica, começaram a usar símbolos para representar as coisas que eles mesmo usavam. Um médico, por exemplo, a perceber que o chumbo é altamente nocivo para o ser humano, começou a representá-lo com um símbolo próprio para que todos soubessem do que se tratava. O astrônomo, ao ver Marte vermelho e o cobre vermelho, tenta explicar a relação entre ambos e atribui ao metal o símbolo do planeta. E por aí foi indo...

Quem tomou posse destes símbolos e acabou contribuindo muito para as ciências experimentais modernas foram os alquimistas. Os alquimistas, muitas vezes, eram pessoas que buscavam a mitológica pedra filosofal, que teria as surpreendentes capacidades de transformar qualquer coisa em ouro e de curar qualquer doença e dar a longevidade (e até mesmo a imortalidade do corpo, pois sempre se teve certeza da imortalidade da alma). Pura prepotência e orgulho humano! Esta pedra nunca foi encontrada e a história do Rei Midas, que, movido pela mais horrível ganância, adquiriu o toque que tudo transformava em ouro, desde sua comida até sua própria filha, ficou apenas nas histórias mitológicas dos falsos deuses humanos.

Imagem de um alquimista fazendo um experimento que lembra muito os laboratórios modernos de química. Autor desconhecido.

Outras vezes estes alquimistas se embrenhavam em caminhos mais tortuosos como a magia, a necromancia, a adivinhação e a bruxaria – todas estas práticas são abomináveis a Deus. Caminho inicialmente largo e próspero, mas que, provavelmente, lhe custavam seu bem mais precioso: a alma.

Mas, alguns, entendendo a dádiva da criação de Deus, tinham o interesse em conhecer mais a natureza e sua relação com tudo o que é material, a estes, damos o crédito de nos transmitir muitos conhecimentos sobre as qualidades e propriedades da matéria e dos elementos químicos.

Lembremo-nos que elemento é o componente primeiro imanente de qualquer coisa. Quando dizemos “elemento químico”, estamos nos referindo aos componentes mais básicos da matéria que são capazes de reter suas propriedades. O ouro é um elemento químico diferente do ferro, que é diferente do carbono, pois apresentam propriedades físicas e químicas diferentes. Vale ressaltar que não podemos dizer que um único átomo de ouro seja o elemento químico ouro ou que um único átomo de oxigênio seja o elemento químico oxigênio, pois, como vimos, o átomo não se mantém por si mesmo, não é capaz de, sozinho, adquirir e expressar propriedades físicas e químicas (uma forma substancial) e, na natureza (e mesmo artificialmente) nunca é encontrado isolado.

Avançando bastante na história, até 1808, quando Dalton propõe seu modelo atômico, eram conhecidos 50 elementos químicos. Coube ao químico sueco Berzelius (1779-1848), por volta de 1810, organizar a notação química introduzindo como símbolo dos elementos as iniciais de seus nomes em latim. Veja a tabela:

Elemento	Símbolo Alquímico	Dalton		Berzelius	
		Nome em inglês	Símbolo em inglês	Nome em latim	Símbolo em latim
Ouro	☉	Gold	G	Aurum	Au
Prata	☽	Silver	S	Argentium	Ag
Ferro	♂	Iron	I	Ferrum	Fe
Cobre	♀	Copper	C	Cuprum	Cu

A partir de então os elementos químicos começaram a ser representados pelas iniciais do nome latino, sendo que a primeira letra sempre é maiúscula. Por exemplo, o símbolo do sódio é Na, porque seu nome latino original é ***Na**trium*. O mesmo ocorre com o potássio, cujo símbolo é K, porque seu nome em latim é ***K**allium*, o enxofre (**S** = **S**ulfur) e o fósforo (**P** = **P**hosphorus).

Com o passar do tempo, muitos nomes foram dados em relação às suas propriedades, à região de onde o elemento provinha, nomes de planetas, nomes lembrando continentes, estados, universidades e também em homenagem a alguns cientistas, como, por exemplo, o rutherfódio (Rf) – Ernest Rutherford, o mendelévio (Md) – Dimitri Medeleyev, o bóhrio (Bh) – niel Böhr, o einstênio (Es) – Albert Einstein.

Principais características dos átomos

Em 1913, Henry Moseley ao realizar experiências de bombardeamento de vários elementos químicos com raios X, percebeu que o comportamento deles estava relacionado com a quantidade de cargas positivas existentes no seu núcleo.

Assim, a carga do núcleo, ou seu número de prótons, é a grandeza que caracteriza cada elemento, e esse número é denominado **número atômico (Z)**, ou seja, o que diferencia o átomo de carbono do átomo de hidrogênio é o número de prótons em seu núcleo; o primeiro tem 6 prótons e o segundo apenas 1 próton.

Número atômico (Z) = número de prótons

Já a soma do número de prótons e nêutrons existentes no núcleo é chamada **número de massa (A)**. Como tanto o número de prótons (p) quanto o número de nêutrons (n) são inteiros, o número de massa (A) sempre será inteiro.

Número massa (A) = número de prótons (p)
+
número de nêutrons (n)

$$A = p + n \; e \; Z = p$$

$$A = Z + n$$

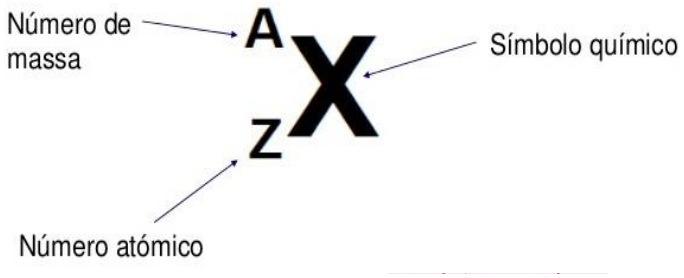
O número de elétrons (e^-) nos átomos não é representado por um símbolo ou letra, mas, como tudo na natureza está perfeitamente equilibrado, a carga elétrica dos átomos está equilibrada, ou seja, em um átomo qualquer, em seu estado fundamental, tem a mesma quantidade de cargas elétricas positivas e cargas elétricas negativas. Os prótons são as partículas positivas e os elétrons são as partículas negativas, sendo assim, em um átomo no seu estado fundamental o número de elétrons é igual ao número de prótons.

É importante salientar que o que identifica o átomo é seu número atômico (Z), cada elemento químico apresenta um número atômico diferente. O elemento com menor número atômico é o Hidrogênio (H) que apresenta Z=1 e o elemento com maior quantidade de prótons em seu núcleo é o Ununoctium (Uuo), um elemento artificial reconhecido pela IUPAC (União Internacional de Química Pura e Aplicada) em 2016 que apresenta 118 prótons em seu núcleo. Atualmente são reconhecidos 118 diferentes elementos químicos.

Outro ponto importante é que, por mais que a existência do nêutron seja uma anti-metafísica, é fato que esta partícula é encontrada nos átomos e faz com que eles tenham diferentes massas. Cabe aos físicos e químicos descobrir como é possível haver uma partícula fundamental sem carga elétrica, visto que ela não pode ser neutra (obs.: ser neutra é diferente de não apresentar carga elétrica). Sendo assim, o que faz com que o átomo tenha massa é a presença de prótons e nêutrons (os elétrons são cerca de 1836 vezes mais leves do que os prótons e nêutrons, então não influencia na massa final do átomos, seria como somar a massa de um mosquito a de um elefante), mas o número de nêutrons não influencia na "identidade" do átomo, o fato de haver mais ou menos nêutrons não faz com que seja um ou outro elemento químico.

Representação de um elemento químico

De acordo com a IUPAC, deve-se indicar o número atômico (Z) e o número de massa (A), junto ao símbolo do elemento químico ao representá-lo, conforme mostra a imagem abaixo:



Alguns exemplos:

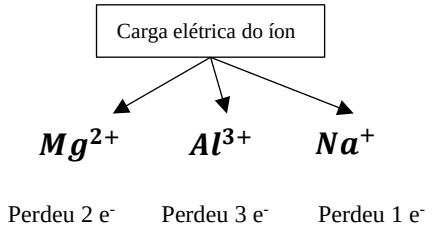
Nome do elemento	Sódio	Oxigênio	Cálcio	Ferro
	${}^{23}_{11}Na$	${}^{16}_{8}O$	${}^{40}_{20}Ca$	${}^{56}_{26}Fe$
Número de massa (A)	23	16	40	56
Número atômico (Z)	11	8	20	26
Número de prótons (p)	11	8	20	26
Número de nêutrons (n)	12	8	20	30
Número de elétrons (e^-)	11	8	20	26

Íons

Os átomos apresentam a capacidade de ganhar ou perder elétrons, formando novos sistemas, eletricamente carregados, denominados **íons.** A perda ou ganho de elétrons acontece na eletrosfera, pois é a "camada" mais externa do átomo e a primeira a interagir com os outros átomos.

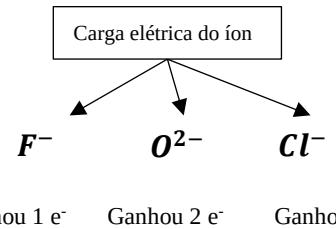
Ao ganhar ou perder elétrons, os átomos originam dois tipos de íons:

- Quando perdem elétrons (cargas negativas) formam íons positivos que são chamados de **cátions:**



O índice positivo (+, 2+, 3+,...) indica a quantidade de carga elétrica positiva em excesso, devido à perda de carga negativa (e^-). Um cátion que apresente um índice +, perdeu um único elétron; um cátion 2+ perdeu dois elétrons e assim por diante.

- Quando ganham elétrons (cargas negativas) formam íons negativos que são chamados de **ânions:**



O índice negativo (—, 2—, 3—,...) indica a quantidade de carga elétrica negativa em excesso, devido ao ganho de elétrons (e^-). Um ânion que apresente o índice —, recebeu 1 único elétron; um ânion 2- recebeu dois elétrons e assim por diante.

Obs.: por convenção não se coloca o número 1 no índice dos cátions ou ânions. Quando a carga é 1+ ou 1-, coloca-se apenas o sinal + ou —.

Semelhança de composição

Isótopos

Como dissemos mais acima, o que identifica os átomos é seu número atômico (Z) e o número de massa (A) se refere apenas ao seu "peso". Ao estudar os diferentes elementos químicos na natureza, percebeu-se que, para um mesmo elemento de uma mesma amostra, havia vários átomos com mesmo número atômico, mas com diferentes números de massa.

Esses átomos foram chamados de **isótopos** (iso=mesmo; topos=lugar) por pertencerem ao mesmo elemento químico, e ocupam o mesmo lugar na classificação periódica.

Isótopos: átomos que apresentam o mesmo número atômico (Z), mas diferentes números de massa (A).

Exemplos:

1 - O elemento químico Cloro (Cl) é encontrado na natureza na forma de dois isótopos: o Cloro 35 e o Cloro 37:

	$^{35}_{17}Cl$	$^{37}_{17}Cl$
Número de massa (A)	**35**	**37**
Número atômico (Z)	17	17
Número de prótons (p)	17	17
Número de nêutrons (n)	**18**	**20**
Número de elétrons (e^-)	17	17

Percebam que a única diferença está no número de nêutrons, o que não altera o elemento químico, apenas seu número de massa (A).

2 – O elemento químico Carbono (C), também é encontrado na natureza na forma de 3 isótopos: o Carbono 12, Carbono 13 e Carbono 14

	$^{12}_{6}C$	$^{13}_{6}C$	$^{14}_{6}C$
Número de massa (A)	**12**	**13**	**14**
Número atômico (Z)	6	6	6
Número de prótons (p)	6	6	6
Número de nêutrons (n)	**6**	**7**	**8**
Número de elétrons (e^-)	6	6	6

Mais uma vez percebam que a única diferença está no número de nêutrons, os três isótopos são átomos de carbono (C), mas apresentam diferentes números de nêutrons e, consequentemente, diferentes números de massa.

Os isótopos naturais são sempre encontrados em uma proporção praticamente constante para cada elemento químico, em qualquer lugar da Terra e em quaisquer substâncias nas quais estejam presentes.

Os isótopos, em geral, não apresentam nome próprio e são designados pelo nome do elemento seguido do respectivo número de massa. Assim, a representação carbono 12 ou C12 refere-se ao isótopo do elemento químico carbono de número de massa 12.

O único elemento químico cujos isótopos têm nome é o hidrogênio (H):

H1 – hidrogênio comum, prótio H2 – deutério H3 - trítio

Isóbaros

Isóbaros: átomos que apresentam diferentes números atômicos (Z), mas possuem o mesmo número de massa (A).

$$^{40}_{20}Ca \qquad\qquad ^{40}_{18}Ar$$

$$\underbrace{p = 20, n = 20}_{A}, e = 20 \qquad \underbrace{p = 18, n = 22}_{A}, e = 18$$

Os isóbaros pertencem, portanto, a diferentes elementos químicos, o que nos leva a concluir que suas propriedades químicas são diferentes.

Isótonos

Isótonos: átomos que apresentam os mesmos números de nêutrons (n), mas diferentes números atômicos (Z) e de massa (A).

$$^{26}_{12}Mg \qquad\qquad ^{28}_{14}Si$$

$$p = 12, n = 14, e = 12 \qquad p = 14, n = 14, e = 14$$

Por pertencerem a diferentes elementos químicos, apresentam diferentes propriedades químicas, e normalmente, diferentes propriedades físicas.

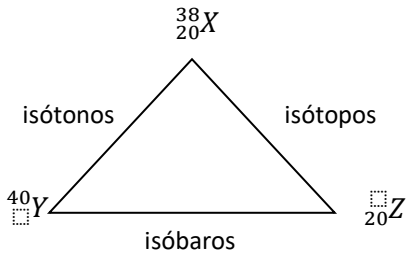
Os isóbaros e isótonos, na prática, são poucos importantes, pois se tratam de elementos químicos diferentes que apenas tem o número de massa ou o número de nêutrons iguais.

– Atividades –

4 – Preencha as lacunas com o número das partículas fundamentais presentes em cada átomo, seu número atômico (Z) e seu número de massa (A).

Nome do elemento	Nitrogênio	Fósforo	Fósforo	Estanho	Ouro
	$^{14}_{7}N$	$^{31}_{15}P$	$^{33}_{15}P$	$^{119}_{50}Sn$	$^{197}_{79}Au$
p					
n					
e^-					
Z					
A					

5 - Considerando as relações entre os átomos apontados no esquema, indique o número atômico de Y e o número de massa de Z.



6 – Sejam os elementos $^{122}_{51}A$, B e C de número atômicos consecutivos e crescentes na ordem dada e sabendo que A e B são isóbaros e que B e C são isótonos, qual é o número de massa do elemento C?

7 – Determine o número atômico e o número de massa dos átomos A e B, que são isóbaros e apresentam a seguinte representação:

$$^{5x}_{10+x}A \qquad\qquad ^{4x+8}_{11+x}B$$

8 – Determine o número de elétrons e nêutrons das espécies químicas a seguir:

a) $^{2}_{1}H^{+}$

b) $^{13}_{6}C$

c) $^{16}_{8}O^{2-}$

d) $^{21}_{10}Ne$

e) $^{35}_{17}Cl^{-}$

9 – Represente cada uma das espécies descritas. Ao indicar os símbolos, indique o número de massa, número atômico e a carga elétrica de cada espécie.

a) Átomo que apresenta número de massa 96 e 54 nêutrons.

b) Íon que apresenta 34 prótons, 36 elétrons e 45 nêutrons.

c) Cátion de carga 3+ que apresenta 10 elétrons e 14 nêutrons.

10 – Por que é importante e necessário que usemos símbolos para representar os elementos químicos?

Historia

Capítulo 5
Início da História Sagrada

A eternidade de Deus:

"No princípio Deus criou o Céu e a Terra" (Gn 1,1).

Só Deus é eterno, ou seja, não tem princípio e nem fim. Ele criou todas as coisas que existem por puro ato de amor, porém não precisa delas para ser feliz, pois tem em Si mesmo uma felicidade infinita. Então, por qual motivo Ele criou os anjos e os homens se estes não lhe eram necessários? Em Sua infinita bondade e sabedoria, Deus quis criar esses seres semelhantes a Ele para ver reflexos de Sua glória. Isso significa que o Bom Deus contempla em nós o Seu amor, a Sua sabedoria, a Sua Bondade, a Sua justiça e, isso tudo, aumenta a Sua glória.

A criação dos Anjos: embasado em Santo Agostinho e Pe. Augustin Berthe.

Numa admirável manifestação de amor, de sabedoria e de poder, Deus tirou do nada o Céu e a Terra, e destinou esta dupla morada para uma multidão inumerável de seres distintos que são, em graus diversos, imagens das infinitas perfeições divinas.

São Miguel Arcanjo

No céu, no primeiro dia da criação, Deus disse: "Faça-se a luz" e a luz se fez. Esse ato deu origem aos Anjos que são puros espíritos, ou seja, não possuem a realidade material, mas são dotados de uma inteligência incomparavelmente maior que a do homem. Os anjos formam a Milícia Celeste, um imenso exército que compõe a Corte do grande Rei.

A palavra "anjo" vem do latim "*ângelus*", que significa "mensageiro ou enviado". Santo Agostinho ensina que o termo "anjo" é a função de um puro espírito e não aquilo que ele é. Como se o termo "anjo" fosse a "profissão" de um puro espírito. Se alguém perguntasse ao seu pai o que ele é, deveria responder que é um ser humano e se perguntasse o que faz, deveria responder que é professor. Assim também é com um puro espírito que pode exercer a função de um anjo ou a de um querubim.

“Perguntas como se chama este ser? Respondo: Espírito. Perguntas qual a função? Digo: Anjo. Segundo o que é, é um espirito; segundo o que faz, é um Anjo”.

Santo Agostinho

Os puros espíritos são divididos em três grandes hierarquias:

1. os Assistentes do Trono,
2. os Administradores do Reino,
3. os Legados do Soberano.

Assistentes do Trono

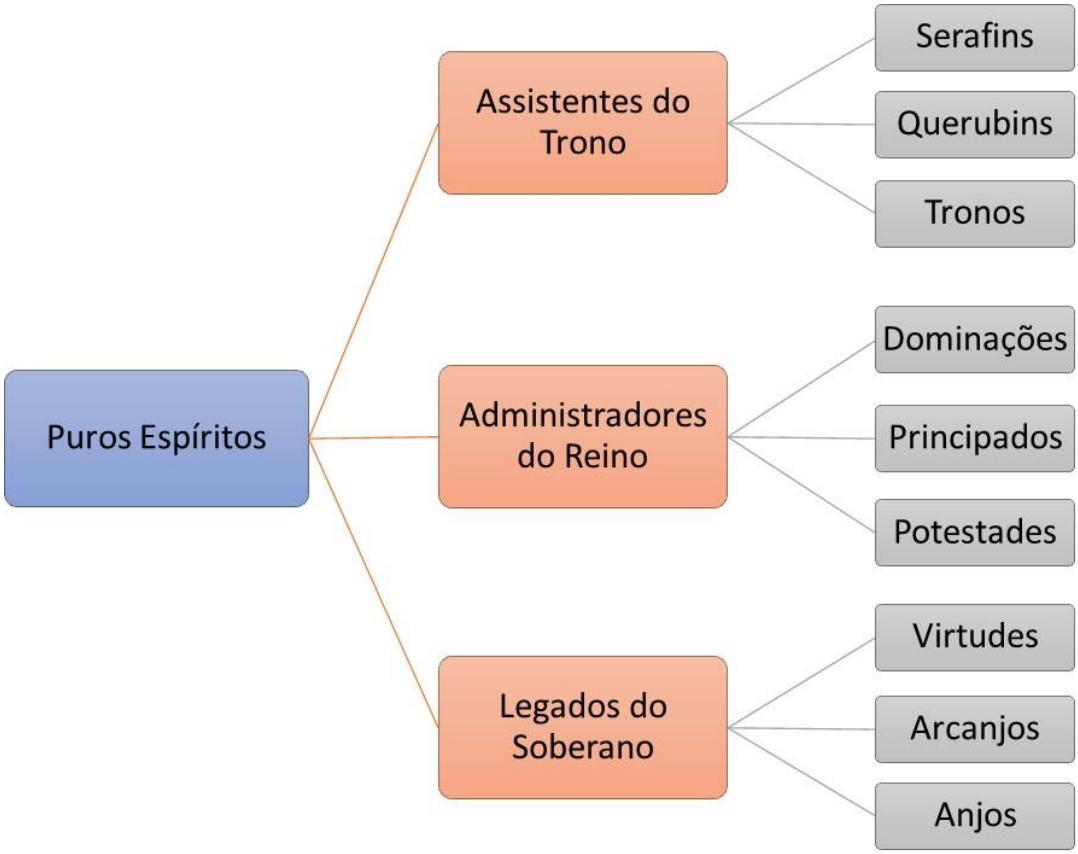
Na primeira categoria estão os Serafins, os Querubins e os Tronos. Os Serafins, os maiores de todos, são como um fogo ardoroso que queima de amor por Deus. Os Querubins contemplam mais de perto a claridade de Deus e possuem a plenitude da ciência. Os Tronos observam a vontade de Deus e são os executores de Seus decretos.

Administradores do Reino

Em segundo lugar na hierarquia, estão as Dominações, os Principados e as Potestades. Como num exército bem organizado, as Dominações dominam o poder dos Principados, como se fossem seus encarregados. Os Principado governam os anjos bons e dispõem o que estes têm de fazer e dirigem os mistérios divinos que hão de cumprir. As Potestades são os oficiais destinados a facilitar a execução das ordens, superando os obstáculos e afastando as tentações dos homens.

Legados do Soberano

A terceira categoria cumpre as missões transmitidas pelas hierarquias superiores. As Virtudes conservam as leis da natureza através de operações miraculosas. Os Arcanjos servem de embaixadores em circunstâncias extraordinárias. Os Anjos são enviados junto das criaturas inferiores para lhes comunicarem os desígnios divinos ou velarem por aqueles cuja guarda lhes foi confiada.



Eis os nove coros de espíritos angélicos, criados por Deus para O conhecerem, amarem e servirem. Participando, por liberalidade divina, na infinita glória e na felicidade do próprio Deus, cantam incessantes louvores ao Criador: "Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos exércitos".

Podemos comparar a hierarquia dos puros espíritos com o Exército Nacional. Neste, existem os generais, os coronéis, os capitães, os tenentes, os sargentos, os cabos, os soldados cada qual com a sua importância e função. Assim também é o Exército de Deus formado pelos puros espíritos.

Antes de lhes abrir as portas dos Céus, Deus exigiu da livre vontade destas suas criaturas um ato de humildade e amor, isto é, decidiu submetê-los a uma prova, pela qual reconhecessem a sua condição de criaturas de Deus e a sua impotência. Após este ato de absoluta dependência, Deus queria acolhê-los amorosamente no seu paraíso onde iriam desfrutar da eterna felicidade.

Porém, dentro de uma parte das milícias angélicas ocorreu uma verdadeira revolução.

Entre os Assistentes do Trono de Deus, aqueles que estão em primeiro lugar, destacava-se como príncipe de toda a milícia celeste o mais belo de todos, o deslumbrante Lúcifer. À primeira prova de humildade, ele esqueceu o seu Criador e olhou para si próprio, gerando um perverso pensamento de orgulho: "Subirei até o Céu – gritou ele -, colocarei o meu trono acima das estrelas de Deus e serei semelhante ao Altíssimo".

Milhares de vozes, vindas de todas as hierarquias e de todos os coros, juntaram-se dizendo: "Subiremos ao Céu, seremos semelhantes ao Altíssimo!".

Nesse mesmo instante, um dos principais Arcanjos, eleva-se contra a revolta e diz este grito de verdade que ecoou através dos nove coros: "Quem como Deus?".

A prova separou os anjos em dois campos opostos. Os fiéis agruparam-se em torno de Miguel, cujo nobre grito lhe valeu este nome glorioso; os revoltosos rodeavam o seu chefe Lúcifer, e "travou-se, então, uma batalha no céu: Miguel e os seus anjos lutavam contra o Dragão e este lutava também juntamente com os seus anjos. Mas não prevaleceram e não houve mais lugar no céu para eles".

Atividades

1. Por que Deus criou os homens e os puros espíritos?
2. Segundo o texto, quando Deus criou os puros espíritos?
3. Copie em seu caderno o esquema sobre a hierarquia angélica.
4. Por que Lúcifer e seus seguidores abandonaram a vontade de Deus?

Capítulo 6

A queda dos Anjos e seus perversos objetivos

Embasado em Pe. Augustin Berthe e Monsenhor Henri Delassus.

Após a grande batalha, os anjos maus, também chamados de demônios, foram expulsos eternamente do Céu. Deus pronunciou distintamente este julgamento solene: "Anjos fiéis, vinde desfrutar a glória que vos foi preparada. E vós, malditos, parti para o fogo eterno".

Logo em seguida, o Céu abriu-se e os espíritos bem-aventurados, tendo de agora em diante a sua graça confirmada, ocuparam os lugares que lhes haviam sido confiados. Os condenados, pelo contrário, presos ao seu pecado, privados da graça para sempre, caíram no fundo do Inferno. Transformados pelo seu próprio erro em verdadeiros gênios do mal, não terão outra ocupação até o fim do mundo senão procurar roubar a glória de Deus e tentar que as criaturas de Deus se percam como eles se perderam.

Deus expulsando Lúcifer do Céu

Os anjos, por terem uma inteligência infinitamente superior à nossa, compreendiam a grandeza do dom que lhes era oferecido melhor do que nós o podemos fazer.

Como um dom tão precioso pôde ser desprezado? Esse fato nos faz refletir sobre aspectos muito importantes para entender a História.

Ao dar a vida às criaturas inteligentes, Deus põe nelas o desejo da felicidade. Esse desejo nos leva e nos dirige a Deus quando acolhemos livremente o amor divino. Porém, essa busca pela felicidade nos leva ao mal quando preferimos o amor próprio. Ao desejo de felicidade Deus acrescentou a Graça, isto é, uma atração especial por Deus que é superior ao simples desejo natural de ser feliz.

Quantas vezes agimos com egoísmo e amor próprio diante de situações do nosso dia-a-dia. Não é essa nossa vocação. Jesus nos ensinou que não existe amor maior do que dar a vida por aqueles que amamos. Portanto, devemos buscar com a ajuda da Graça de Deus a sermos pessoas caridosas, desapegadas das coisas desse mundo e fazer de tudo para levar o máximo de almas para o Céu.

A sua vida foi dada para que, renunciando ao egoísmo, você se dê ao Sumo Bem que é Deus. Mas nós que somos finitos podemos permanecer estéreis, tornando-nos o oposto ao Amor e caindo no estado contrário a Deus, no estado daquele que recusa se dar, daquele que não ama.

Esse egoísmo é possível no ser que tem a liberdade de usar, como quiser, o dom sagrado da existência e o poder de se recusar ao Amor.

Essa foi a decisão de numerosos anjos, e é também a conduta de numerosos homens. Criados para a eterna Felicidade, eles se desviaram dela, e se desviaram dela para correrem em direção à ruína. Essa independência da criatura é denominada "*suficiência*", estado daquele que crê bastar a si mesmo. Quantas vezes pensamos que não precisamos de ninguém ou negamos a ajuda daqueles que poderiam nos ajudar?

Bastar a si mesmo é a mesma coisa que um bebê não querer mamar achando que poderá encontrar outras formas de se alimentar.

Santo Tomás de Aquino diz que todos os anjos, inclusive Lúcifer, diante da inspiração de Deus, realizaram um primeiro ato bom que os conduziu a Deus, como autor da natureza. Mas lhes restavam realizar um segundo ato de amor mais perfeito, o ato de caridade, o ato do amor sobrenatural. A graça convidava os anjos para isso, ela os impulsionava a se voltarem para Deus.

São Miguel e os anjos que o imitaram, prestaram homenagem a Deus com todo o seu ser; por um ato de amor, eles uniram suas vontades à vontade de Deus.

Os outros fecharam-se neles mesmos, e Deus não pôde fazer chegar a vida sobrenatural àqueles corações orgulhosos. Ele não podia violar inutilmente a liberdade deles. Por serem criaturas puramente espirituais, suas vontades se fixaram nesse mal. Enquanto os espíritos dóceis entravam no Céu e desfrutavam da visão de Deus, os outros abandonavam esse local maravilhoso e eram relegados para sempre às regiões inferiores, à geena do inferno, castigo do orgulho deles.

O líder deles era Lúcifer, o mais perfeito dos serafins e de todos os seres criados. Foi o seu exemplo que arrastou os outros. Vendo-se como a criatura mais perfeita, ele não quis olhar acima de si, onde só estava Deus, ele quis encontrar a felicidade nele mesmo.

“Espírito soberbo e infeliz, tu paraste em ti mesmo; admirador da tua própria beleza, ela foi para ti uma armadilha”. Não era somente ingratidão, mas revolta contra Deus, pois Ele determina a felicidade de suas criaturas.

“O demônio não permaneceu na verdade”, diz o apóstolo São João. O orgulho o conduziu para esse caminho enquanto Deus lhe manifestava seu plano sobre o ser humano. Deus revelou aos anjos que se uniria com o ser humano através de Jesus. Lúcifer ficou furioso em ter que servir a Deus feito homem que possuía uma natureza inferior a sua. Depois o Senhor revelou que uma Mulher se tornaria a Rainha do céu e da terra, fato que deixou o demônio mais furioso ainda. Essa mulher é Maria Santíssima.

O grande crime de Lúcifer foi ter rejeitado a vida sobrenatural da graça. Isso se chama ***naturalismo***, que quer dizer bastar a si mesmo. Guarde esse nome, pois ele nos servirá de tocha na sequência deste estudo, porque veremos que essa mesma tentação se reproduziu no paraíso terrestre para Adão e Eva e se reproduz para nós todos os dias.

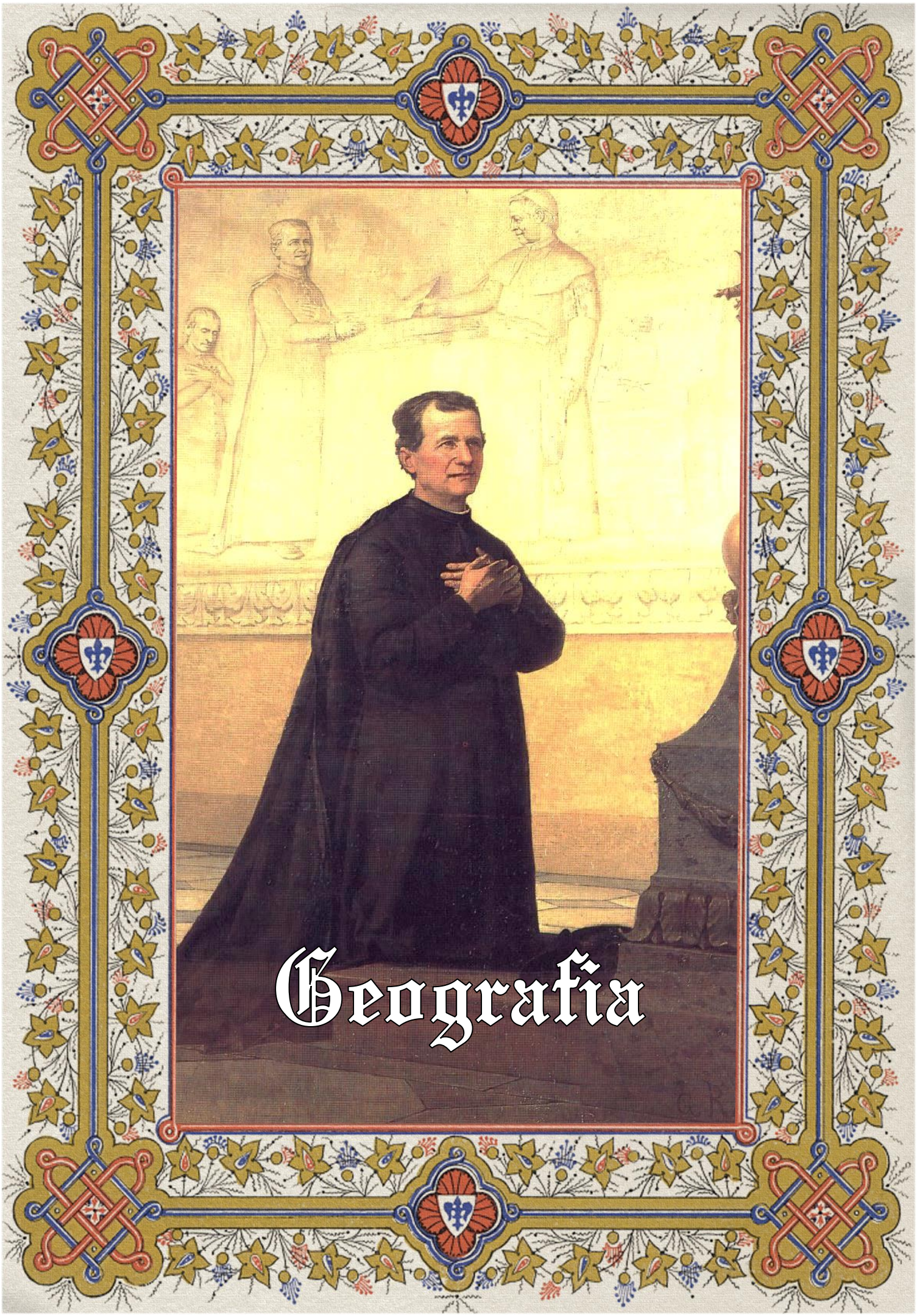
A Coroação da Virgem: A visão de João
Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas...
(Apocalipse 12, 1)

No céu essa tentação ocasionou o que as Sagradas Escrituras chamam de "grande combate: Miguel e seus anjos combateram contra o Dragão, e o Dragão e seus anjos combateram; mas eles não puderam vencer".

Essa guerra continua aqui na terra e se apresenta a nós assim: "O antagonismo entre duas civilizações", ou seja, a luta entre o bem e o mal. Vimos que a História é o grande palco dessa imensa batalha que se iniciou no Céu e vai perdurar até o Juízo Final.

Atividades

1. Por que os anjos e os homens podem pecar?
2. O que Deus revelou aos anjos que causou o furor de Lúcifer?
3. O que é naturalismo?


Geografia

Capítulo 5

A Criação Divina

Introdução

Os próximos capítulos têm como objetivo apresentar as principais características da geografia física mundial, a descrição dos elementos da paisagem, não só para o conhecimento mas também para a contemplação do próprio Deus, levando em consideração a história da Criação descrita no livro do Gênesis.

O firmamento

"Deus disse: 'Faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele umas das outras'. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento daquelas que estavam por cima. E assim se fez. Deus chamou ao firmamento céu."

(Gn 1, 6-8)

Segundo Santo Tomás de Aquino, "o firmamento, do qual se lê como feito no segundo dia, não é onde estão fixas as estrelas, mas a parte do ar onde se condensam as nuvens. E se chama firmamento por causa da espessura do seu ar, pois, do espesso e sólido se chama corpo firme".

Juntamente neste ar, o Criador criou um complexo de gases, e outros elementos que compõem o firmamento, chamado de atmosfera. A origem da palavra 'atmosfera' vem do latim "atmo" que significa "vapor" ou "névoa", e "sphera", de "esfera", "globo", sendo descrita como uma camada fina de gases sem cheiro, sem cor e sem gosto que envolve e acompanha a Terra em todos os seus movimentos. É composta por gases que se encontram junto à superfície terrestre, que se tornam rarefeitos e desaparecem com a altitude.[106] Posto isto, vê-se que a atmosfera é palco dos eventos meteorológicos.

A composição e as condições físicas da atmosfera não são uniformes em toda a sua espessura; divide-se em camadas ainda não reconhecidas em consenso sobre a sua terminologia e número. Mas, existem as mais reconhecidas, conforme podemos analisar logo abaixo[107]:

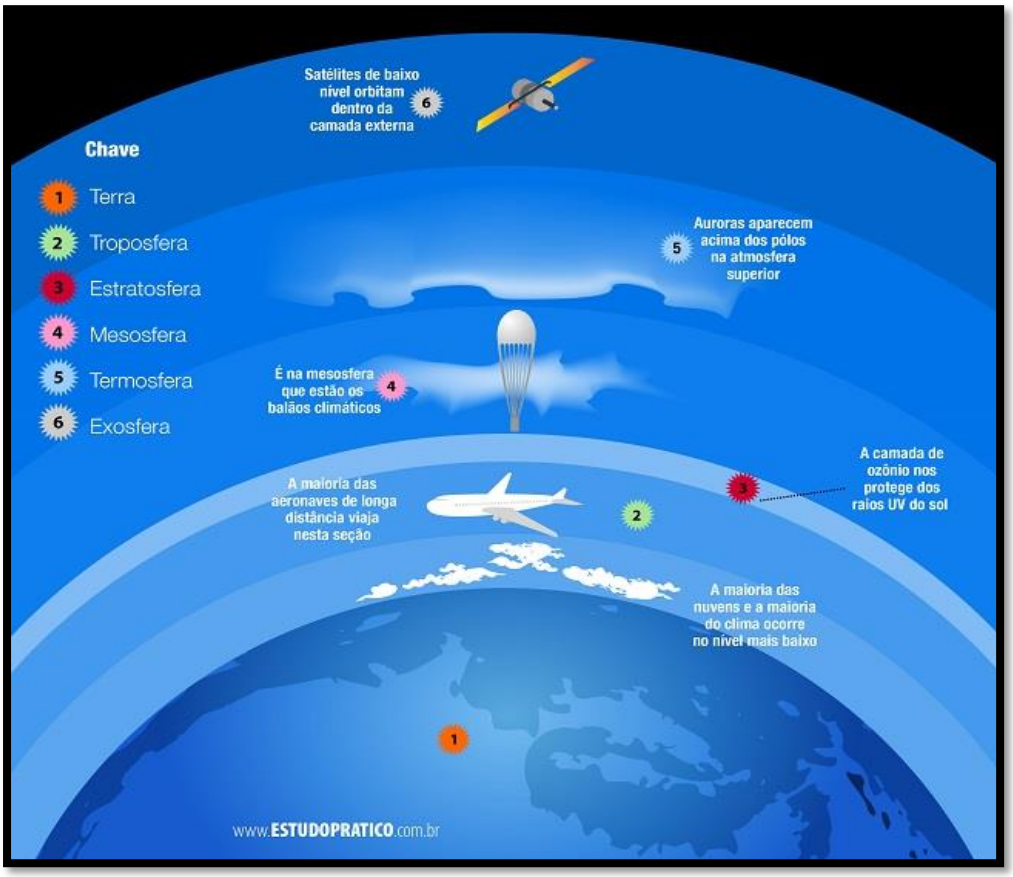
- **Troposfera:** é a camada mais baixa da atmosfera, estendendo-se até mais ou menos 12 km, a partir da superfície terrestre. Nela, ocorrem a maior parte dos fenômenos ocorridos na atmosfera que podem ser aéreos (ventos), acústicos (trovão), aquosos (chuva), óticos (arco-íris) ou elétricos (raios). Aí também concentra-se cerca de 75% de todo o vapor d'água e dos aerossóis. A temperatura diminui a uma taxa média de 0,6 °C a cada 100 m e seu limite superior é denominado tropopausa.
- **Estratosfera:** estende-se da tropopausa até cerca de 50 km. Nessa camada, a temperatura aumenta com a altitude chegando a 17 ºC na estratopausa. Nas altitudes entre 20 km e 50 km, há uma forte concentração de ozônio (O_3), especialmente próximo de 25 km, tendo aí uma maior temperatura que chega a 50 ºC, em virtude da absorção da radiação ultravioleta do Sol pelo ozônio que a

[106] TORRES, Filipe T. P.; MACHADO, Pedro J. O. Introdução à climatologia. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

[107] Evidências provenientes de radiossondas, foguetes e satélites, indicam que a atmosfera está estruturada em três camadas relativamente quentes separadas por duas camadas relativamente frias com camadas de transição entre as cinco camadas principais denominadas "pausas".

transforma em energia térmica. Por conseguinte, a Estratosfera possui em suas camadas superiores, uma fonte de calor, em contraste com a Troposfera que é aquecida principalmente por baixo.

- **Mesosfera:** se estende da estratopausa até cerca de 80 km de altitude, apresentando queda de temperatura de -3,5 ºC por quilômetro. No seu limite superior (mesopausa), observa-se a temperatura mais baixa da atmosfera, cerca de -90 ºC. A Mesosfera contém uma pequena parte de ozônio e vapores de sódio, os quais desempenham um importante papel nos fenômenos luminosos da atmosfera, como as auroras.
- **Termosfera:** estende-se da mesopausa até cerca de 500 km de altitude e é bastante rarefeita. Aqui, a atmosfera é muito afetada pelos raios X e pela radiação ultravioleta, o que provoca ionização ou carregamento elétrico. As camadas inferiores da Ionosfera desempenham um papel muito importante nas transmissões de rádio e televisão, já que refletem ondas de diversos comprimentos emitidas da Terra, o que possibilita sua captação pelas emissoras. Seu limite denomina-se termopausa, local onde a temperatura aumenta com a altitude em razão da absorção da radiação ultravioleta pelo oxigênio atômico.
- **Exosfera:** estende-se da termopausa até uns 800 km a 1000 km de altitude. Predominam os átomos de hidrogênio e hélio (mais leves). Aqui, a atmosfera vai se rarefazendo. A densidade atmosférica é igual a do gás interespacial que a circunda. Ocorrem elevadíssimas temperaturas e grande incidência de poeira cósmica.



Esquema das camadas da atmosfera.

Assim sendo, o firmamento é responsável, entre outras coisas, por manter o equilíbrio térmico do planeta, proteger contra o impacto de meteoros e filtrar os raios ultravioletas. E um dos principais modos de agir e trazer mudanças na paisagem, é por meio do **clima**.

Os climas são estudados pela ciência chamada Climatologia, que é responsável pela descrição e classificação dos diferentes tipos de clima, investigando através de satélites, computadores tecnológicos e profissionais especializados, coletando também dados através de estações meteorológicas, para descobrir

os fenômenos e influências do clima na natureza e na vida cotidiana do ser humano. Por esta razão, observa-se a necessidade em se apreender seus fenômenos de influência, principalmente no ser humano, e como cada fenômeno se relaciona em harmonia e perfeição, o que é próprio da natureza fazê-lo.

Cores do céu

Antes de prosseguirmos com o estudo do clima, principal agente do firmamento, falemos de algo que muitos se perguntam: por que o céu é azul durante o dia?

De fato, muitos podem pensar que se trata de uma alusão ao manto azul da Bem-Aventurada Virgem Maria, que cobre toda a Terra de bênçãos enquanto há a Luz do Senhor, analogicamente, o grande e poderoso sol. De fato, é possível termos essa compreensão, já que Nosso Criador fez as coisas naturais para refletirem as sobrenaturais. Mas, há também uma explicação natural para este belo efeito.

Na atmosfera de nosso planeta, há uma enorme quantidade de gases, dos mais diferentes tipos. E quando os primeiros raios solares se dispersam por entre eles, nosso céu fica com a coloração azulada. Na verdade, a luz solar é emitida na forma de ondas e cada uma delas tem uma coloração diferente, algumas visíveis à olho nu, outras não. A menor onda de todas é de coloração azul, e a maior, vermelha. Ao entrar na atmosfera, as ondas de luz e calor encontram obstáculos em seu caminho, como as partículas de ar. Quando o alvo onde a luz incide tem uma dimensão compatível com seu comprimento de onda, parte da energia da luz é absorvida. Como os tons de azul têm os menores comprimentos de onda, eles são os únicos compatíveis com essas pequenas partículas, que então absorvem essa luz e a rebatem, espalhando o azul para todos os lugares. Por isso o céu é azulado durante o dia.

Quando o Sol se põe, passa a iluminar a Terra com um ângulo mais oblíquo, fazendo com que a luz tenha que atravessar a atmosfera por uma distância maior. Isso faz com que a fração de azul seja diluída de tal modo que não conseguimos vê-la mais, abrindo espaço para enxergarmos apenas os tons mais vermelhos que, por terem um comprimento de onda maior, se espalham menos.

As cores do céu.

Assim, ao admirarmos o firmamento, bem podemos compará-lo à grandeza majestosa de Deus Pai, que tudo abarca. A imensidade das vastidões celestes, o brilho, variedade e disposição das estrelas deslumbram nosso espírito, fazendo ecoar no nosso interior a exclamação do salmista: "Os céus proclamam a glória do Senhor, e o firmamento a obra de suas mãos" (Sl 18, 2).

Tempo atmosférico vs clima

Para se definir o clima e o tempo atmosférico, deve-se levar em consideração ao menos 2 fatores: temperatura e umidade. Porém, existe uma grande confusão no significado dos dois. Embora se relacionem não significam a mesma coisa. Observe a definição de cada um abaixo:

Previsão do tempo no Brasil

- **Tempo atmosférico:** condições específicas de temperatura e umidade de uma região, em um **período curto** (dias ou semanas). Todos os dias nos jornais televisivos, no celular, rádio ou no jornal, são anunciadas as **previsões do tempo**. Elas não definem o clima de cada lugar, mas apresentam as condições do tempo atmosférico (temperatura e umidade) de uma determinada região. Elas podem variar de uma hora para outra, ou de um dia para outro, pela razão de que as massas de ar seguem o movimento do vento e este, por mais que tenha um caminho definido vai por onde quer, por isso intitularam "previsão" e não "precisão" do tempo.

A coleta desses dados para definir o tempo atmosférico e o clima de cada lugar, é feita por meio de satélites especializados em analisar a pressão atmosférica, movimento dos ventos e das massas de ar, temperatura, umidade, dentre outros fatores.

Pluviômetro.

Estação Meteorológica, local onde se define o tempo atmosférico.

Além deles, existem também as estações meteorológicas e os pluviômetros.

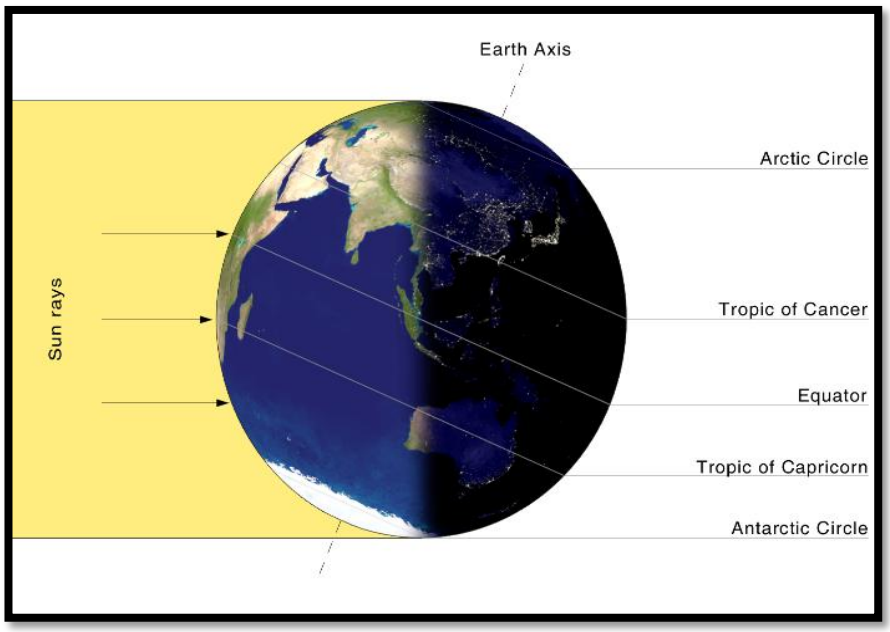
- **Clima:** forma e frequência como os diferentes tipos de tempo atmosférico ocorrem em um lugar, em um **longo período** (5 a 10 anos). Ou seja, serão observadas as mesmas condições naturais do tempo atmosférico, como a umidade e temperatura, mas desta vez em um período maior, somando muitos tempos atmosféricos para formar um padrão.

Em outras palavras, tanto o tempo atmosférico, quanto o clima, levam em consideração a temperatura e umidade em uma determinada região (cidade, estado, país). O primeiro em um período curto e o segundo em um período longo, fazendo uma média dos tempos atmosféricos registrados. É evidente que existem outros fatores importantes que definem o tempo e o clima, como a pressão do ar, estações do ano, dentre outros fatores que vão influenciá-los diretamente.

Ambos podem ser comparados à busca da vida eterna, o tempo na busca diária e o clima na sua vivência real e eterna, segundo a dedicação que tivemos em vida. Como vimos, os dois elementos que constituem o tempo atmosférico e o clima, é a temperatura e a umidade. No caso da busca da vida eterna, os dois elementos que a constituem são a vivência plena do amor de Deus e a contemplação da verdade (que é a felicidade). A previsão do tempo é o nosso exame de consciência diário que nos ajuda a refletir qual caminho estamos escolhendo.

Fatores do clima

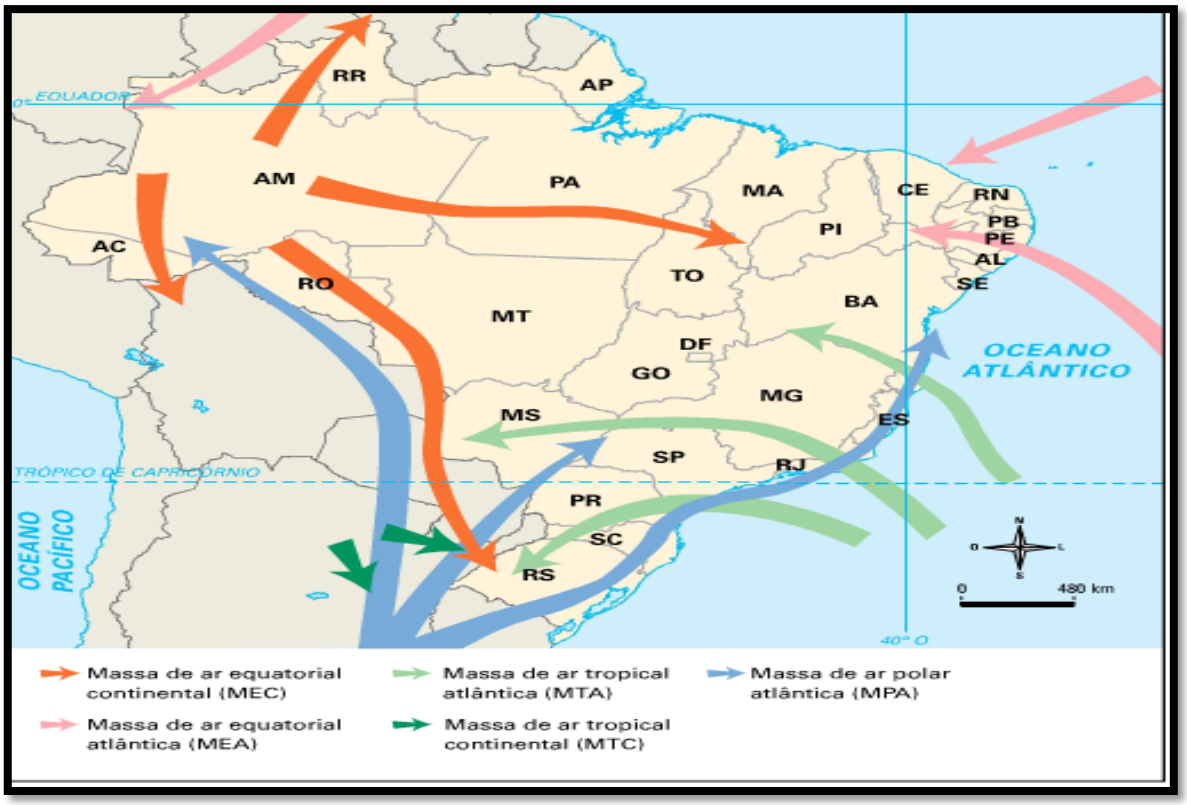
Existem diversos fatores que alteram o clima, às vezes agindo vários ao mesmo tempo ou apenas um com maior destaque, mas é importante ressaltar que eles agem sempre em conjunto e por isso não devem ser analisados individualmente sobre uma área de influência. Observe abaixo os principais tipos de fatores climáticos:



- **Latitude:** possui esse nome por causa das coordenadas geográficas (latitude e longitude). Deste modo, segue os paralelos para definir o grau de incidência dos raios solares, adotando como ponto zero das latitudes a Linha do Equador. As regiões próximas a este ponto são as mais quentes, por receber maior incidência dos raios solares (está mais "próximo" do Sol do que as outras partes da Terra, devido a sua esfericidade), e conforme vai se afastando desta linha vai ficando mais frio, como é o caso do Brasil e do Canadá: o primeiro está mais próximo da Linha do Equador, por isso é mais quente; o segundo está próximo ao Polo Norte, ou seja, bem afastado da Linha do Equador, sendo assim, possui temperaturas mais baixas. Na vida espiritual, o Sol (Nosso Senhor), reflete Sua sabedoria e amor para todos, mas nem todos aceitam e se afastando Dele, ficam com o coração frio. Os que se aproximam se aquecem e ficam repletos de graças e bênçãos.

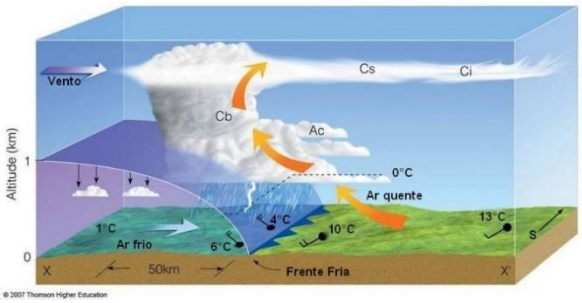
- **Massas de ar:** as massas de ar são grandes bolsões de ar que apresentam condições internas de temperatura, pressão e umidade específicas do local de onde se originam, mas que podem ir se transformando à medida que passam por lugares com temperatura e umidade diferentes da sua. Existem dois tipos de massas de ar, as continentais, que se originam dentro dos continentes, e as marítimas, quando se formam sobre os oceanos. Como é o caso da Massa de ar Polar Atlântica (mPa - fria e úmida), que se origina no Polo Sul com temperaturas muito baixas e pouca umidade, percorrendo toda a América do Sul, especialmente no litoral brasileiro, onde vai se esquentando e mudando suas características iniciais, não deixando de trazer influências no seu trajeto. Existem ainda muitos outros tipos de massas de ar, como a Massa de ar Tropical Atlântica (mTa – quente e úmida), **Massa Tropical Continental (mTc – quente e seca), dentre muitas outras.**

Quando uma massa de ar se choca com outra de características distintas pode formar frentes, que podem ser resumidas em dois tipos principais, as frentes quentes e as frias. A primeira ocorre quando uma massa de ar quente "empurra" o ar frio. Estas ocorrem em menor frequência e causam pouca ou nenhuma precipitação. A segunda, ocorre quando uma massa fria avança sobre

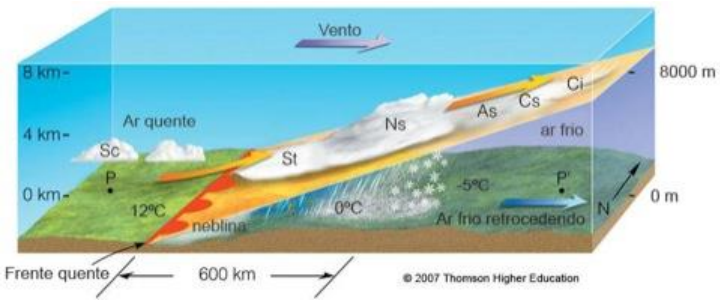


Massas de ar de influência no Brasil

uma massa quente. Geralmente causam precipitação e diminuição da temperatura.

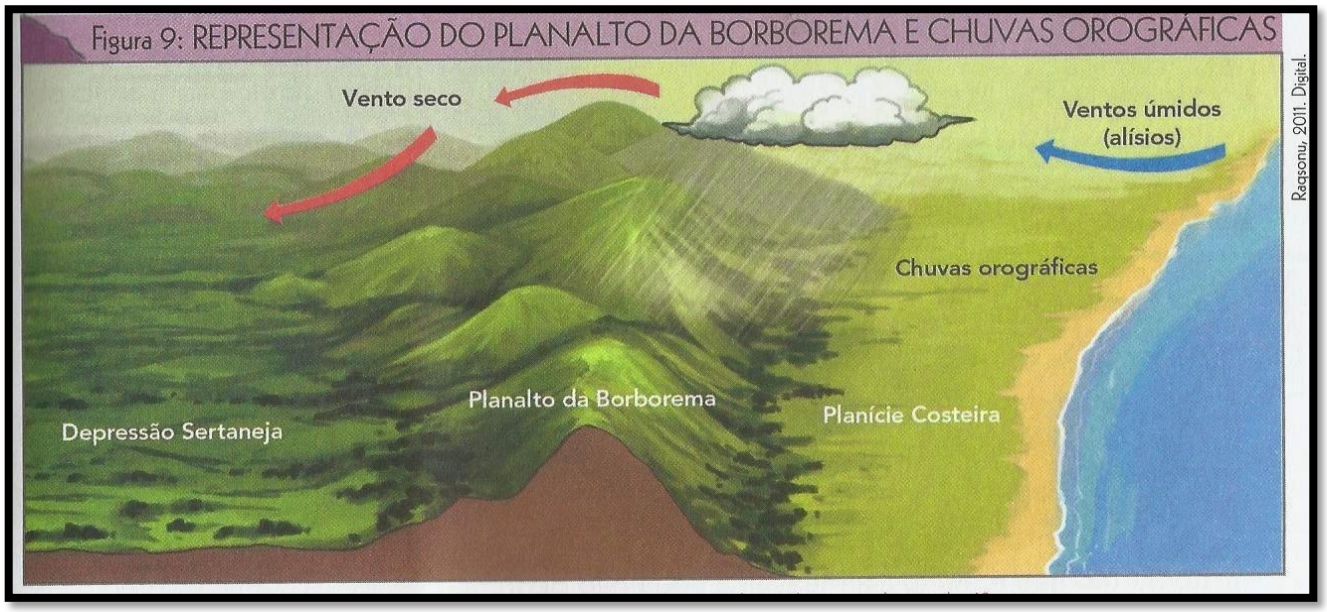


Frente Fria



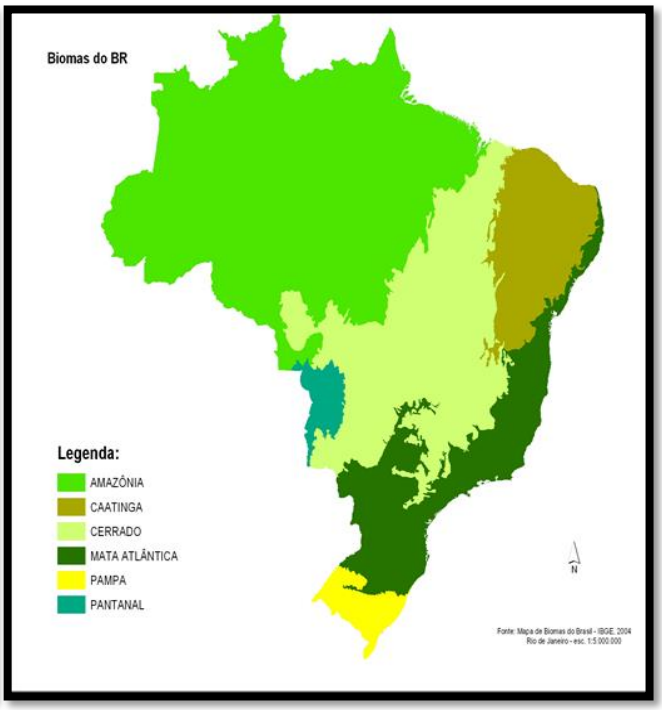
Frente Quente

- **Altitude:** devido à temperatura e a pressão atmosférica, principalmente, as moléculas de ar podem se agitar, deixando o ar quente, ou ficar agrupadas, resfriando-se. Deste modo, quanto maior a altitude, menor será a pressão atmosférica, deixando as moléculas de ar agrupadas e o ar frio. Quanto menor a altitude (lugares mais baixos), maior a pressão atmosférica, fazendo com que as moléculas de ar se agitem e se espalhem, deixando o ar mais quente. Além disso, o relevo alto também funciona como barreira do clima, ou seja, quando uma massa de ar passa por um relevo alto, este "segura" a massa e faz com que as condições climáticas dentro dela se manifestem com maior força neste lugar.



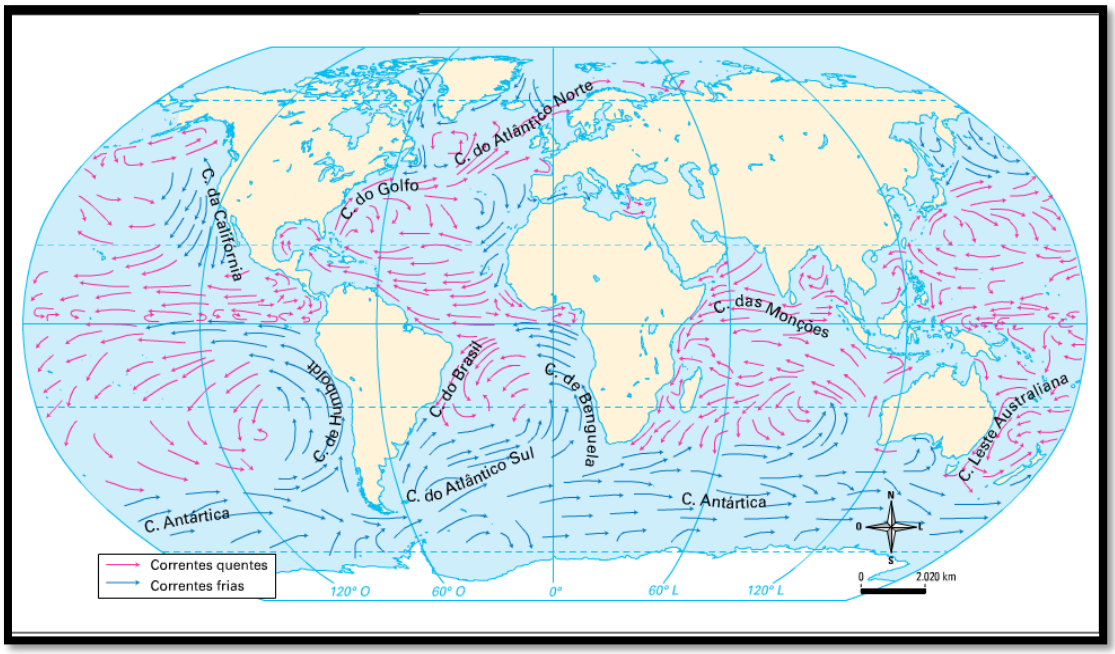
Corcovado funcionando como barreira de nuvens.

- **Vegetação:** é considerada o espelho do clima, pois através da evapotranspiração das plantas, há uma diferenciação na quantidade de umidade na região. É o caso da Floresta Amazônica, pois sua imensa profusão de vegetais faz com que a região em que está presente seja mais úmida, sem contar que a temperatura ainda ajuda na fotossíntese das plantas e no seu desenvolvimento. Além disso, os corpos d'água também influenciam nesse processo, já que proporcionam água para as plantas, são protegidos por elas e ajudam a formar nuvens pela evaporação.



Observe como os dois mapas são parecidos nas disposições das cores.

- **Correntes marítimas:** funciona como uma espécie de grande correnteza marítima, que anda sempre na mesma direção, com temperaturas específicas que podem alterar as condições climáticas de cada região por onde passa. Existem as correntes quentes, que trazem umidade à região pela qual passam, e as correntes frias, que ocasionam menor umidade na região de influência, podendo até formar desertos, como é o caso do Deserto do Atacama, no Chile. Desta forma, as correntes quentes e frias não necessariamente trarão alteração na temperatura, mas sim na umidade local.

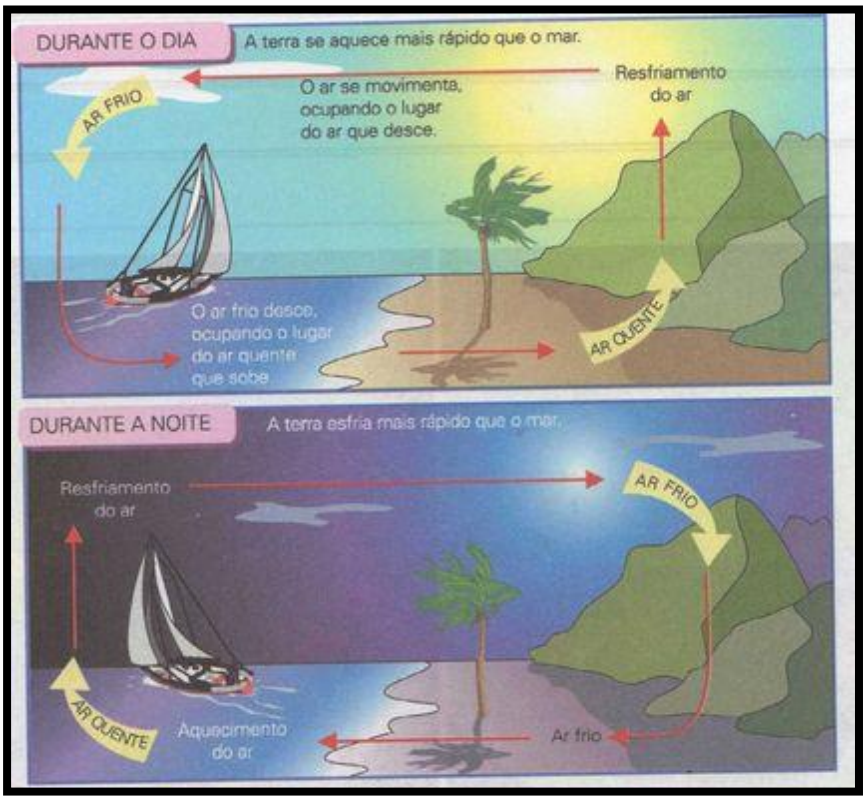


Planisfério de correntes marítimas.

- **Continentalidade e Maritimidade:** são fatores climáticos ocorridos na superfície terrestre (continentalidade) e em corpos d'água (maritimidade), geralmente mares e oceanos (devido ao tamanho) e estão relacionados com a incidência dos raios solares, temperatura e umidade do ar no local em que atuam. Ambos podem funcionar conjuntamente em regiões litorâneas, mas há casos em que a continentalidade ocorre sozinha, em qualquer local mais distante do litoral.

A continentalidade acontece quando os raios solares incidem sobre a superfície terrestre (durante o dia), e, pelo fato desta apresentar certa solidez e impermeabilidade, acabam refletindo os raios de volta para a atmosfera, fazendo com que o solo não absorva nem acumule calor, a não ser momentaneamente, enquanto houver incidência de raios solares no ambiente ao redor. Esta quantidade de calor refletida faz com que haja muita evaporação da água, de forma que seja maior que a precipitação (chuva), resultando na queda de umidade do ar. E quando não há incidência solar (durante a noite), resta apenas ar frio e muitas vezes seco. É evidente que estas condições do ar não dependem somente desse fator climático, existem outros que agirão em conjunto e que podem trazer outras características climáticas ao ambiente, bem como em todos os outros fatores climáticos apresentados anteriormente.

A maritimidade acontece quando os raios solares são irradiados nos mares e oceanos (durante o dia), sendo absorvidos por estes de forma lenta por meio da difusão (espalhamento do calor pelas águas). E como o calor vai adentrando a água, ocorre formação concentrada de vapor no ambiente ao redor; assim o ar, nessas condições, fica quente e úmido. Mas, como o ar tende sempre ao equilíbrio, através de trocas de temperatura, ocorrerá, à noite, a troca do ar frio do continente com o ar quente do mar, ambos formados ao longo do dia. Porém, quando não há presença de grandes corpos d'água próximo ao continente, não ocorre a troca, permanecendo o ar frio e seco do continente.



Estações Climáticas

No mundo inteiro existem diversos tipos de clima e grande variedade na ação dos fatores climáticos, mas as estações climáticas se fazem presentes em todos os lugares, independentemente de fatores naturais e antrópicos, pois possuem data de início e término, mesmo que as características climáticas não correspondam a ela. Veja abaixo a tabela com as estações climáticas para o Hemisfério Sul.

Tabela das Estações Climáticas do Brasil (2018)

Estação	Data	Condições climáticas
Verão	21/12 a 19/03	Quente e chuvoso
Outono	20/03 a 20/06	Frio e seco - início
Inverno	21/06 a 21/09	Frio e seco
Primavera	22/09 a 20/12	Quente e chuvoso – início

O que torna possível a ocorrência das estações é a inclinação do eixo terrestre que, ligado ao movimento do planeta e sua esfericidade, faz com que o Sol incida seus raios diferencialmente em cada região da Terra ao longo do ano, mudando de estação à cada três meses.

A única diferença é a ordem de ocorrência de cada uma, ou seja, no Hemisfério Norte ocorrem em uma sequência totalmente contrária a que ocorre no Hemisfério Sul, onde se localiza o Brasil. Por exemplo, quando é verão no Uruguai (Hemisfério Sul), é inverno na Noruega (Hemisfério Norte).

Como sabemos, quatro são as estações do ano: primavera, verão, outono e inverno. Durante o ano, o clima vai variando conforme as estações, e a natureza vai sofrendo transformações. Ora vemos a beleza das flores que com seu colorido alegra, caracterizando a primavera; ora é o calor intenso, característico do verão; em outro momento vemos as folhas caírem das árvores e certa melancolia tomar conta da natureza, pois é chegado o outono; no inverno a natureza se apresenta cauta e ausente de sentimentos.

Tomando as estações do ano podemos transcender para um patamar sobrenatural, por exemplo, se as compararmos com as Virtudes Cardeais.

Cardeal provém do latim cardo ou cardinis que significa dobradiça. Portanto "assim como as portas giram em volta dos gonzos, assim nossa vida moral deve ordenar-se, girar à volta da prática destas quatro virtudes, pois todas as outras se reduzem a esta.".

As virtudes cardeais ou virtudes morais (relativas aos costumes) também são quatro: justiça, fortaleza, temperança e prudência.

Podemos fazer um paralelo entre as estações do ano e as virtudes cardeais.

"A justiça é a virtude moral que consiste na vontade constante e firme de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido".

Olhando para a primavera podemos admirar a justiça espelhada nessa estação, pois a natureza toda está jubilosa e, por assim dizer, encontra-se em seu auge, da mesma forma que a alma quando pratica a justiça, ou seja, a santidade. O homem tem em si a plena felicidade de ter restituído a Deus todos os dons recebidos.

Agora analisemos o verão. Nessa época do ano a natureza recebe um brilho especial, pois os raios solares são mais "generosos". O sol "confere a sua força" à natureza que se "torna capaz" de suportar as chuvas e os ventos que periodicamente recaem nessa época. Assim é a alma que tem a virtude da fortaleza que se resume em uma virtude "que dá segurança nas dificuldades, firmeza e constância na procura do bem […] nos torna capazes de vencer o medo, inclusive da morte, de suportar a provação e as perseguições".

“A temperança é a virtude moral que modera a atração pelos prazeres e procura o equilíbrio no uso dos bens criados”. Daí entendermos a razão de depois de tanta alegria natural surgir o outono, uma estação em que toda aquela beleza vai se “moderando” paulatinamente no cair das folhas e da temperatura.

Por fim promovemos o encontro do inverno com a prudência. Essa virtude “dispõe a razão prática a discernir, em qualquer circunstância, nosso verdadeiro bem e a escolher os meios mais adequados para realizá-lo”. Para praticar bem essa virtude é preciso muita distância psíquica o que equivale a uma “frieza” de análise profunda, pois às vezes tomar decisões precipitadas ou levadas pelo ímpeto não nos dá a certeza de termos agido corretamente[108].

Reforçando o Saber

1 - Por que o céu é azul durante o dia?

2 - Qual é a principal diferença entre tempo atmosférico e clima? Quais são os dois elementos que os definem?

3 - Classifique as frases abaixo quando forem clima ou tempo atmosférico.

- Hoje, choveu o dia inteiro.

- Esta semana fez sol.

- Todo ano chove nos meses de Janeiro e Fevereiro.

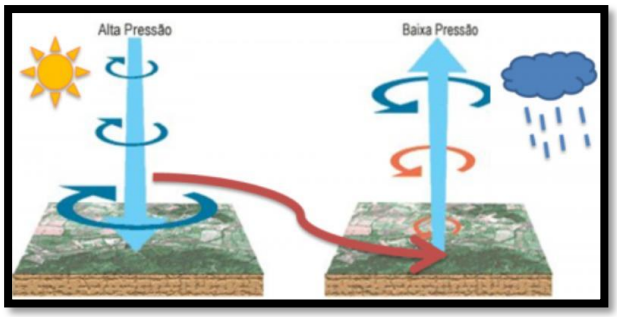
- A chuva e o Sol contribuem muito para o crescimento das plantas.

4 - Escreva de forma resumida os fatores de influência no clima.

Circulação atmosférica

Quando tratamos da circulação atmosférica, estamos falando especificamente do ar. Este é formado por uma mistura de vários gases, sendo, portanto, matéria, ocupando espaço e possuindo um peso. Desta maneira, qualquer ponto da superfície terrestre está sujeito a uma pressão sobre este peso, ou seja, o ar atmosférico tem um peso que se manifesta na forma de pressão exercida pela atmosfera.

Segundo a teologia angélica seguida por Santo Agostinho e Santo Tomás, os anjos são responsáveis pelo comando do mundo material conforme suas hierarquias e os desígnios de Deus, já que o universo espiritual é superior e move o universo material. Eles fazem isso, para que a harmonia e perfeição com que Nosso Deus criou o mundo continue mesmo com a deformidade do pecado original.



Assim sendo, existem as áreas de baixa pressão (BP), formadoras de ciclones, que são espaços localizados receptores de vento, e as áreas de alta pressão (AP), que são anticiclones, ou seja, dispersores de vento. Veja o esquema ao lado:

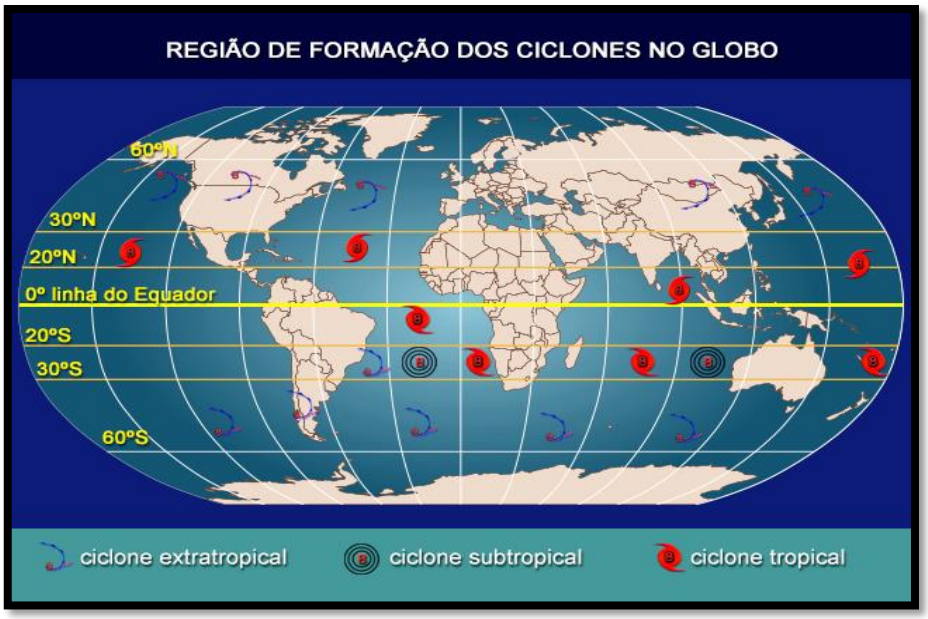
108 https://www.arautos.org/secoes/artigos/doutrina/espiritualidade/as-estacoes-do-ano-e-as-virtudes-cardeais-231906?utm_source=newsletter&utm_medium=destaque2&utm_campaign=40.espiritualidade&utm_content=espiritualidade.

A pressão altera-se em virtude de três aspectos principais:

-Temperatura: Em regiões onde as temperaturas são mais baixas, a pressão atmosférica é maior, pois as moléculas de ar estão mais concentradas. Nas regiões mais quentes, como a região equatorial, o ar se dilata, ficando leve, por isso tem uma baixa pressão. O ar quente é leve, ou seja, sobe e como consequência diminui a pressão, enquanto o ar frio exerce mais pressão, visto que tende a descer.

-Latitude: influencia de forma diretamente proporcional. Quanto menor a latitude, menor a pressão, e vice-versa. Isso ocorre porque, próximo aos polos, o frio contrai o ar, deixando-o mais denso tendo uma maior pressão.

-Altitude: tem influência inversamente proporcional: quanto maior a altitude no local, menor a camada de ar pesando sobre ele, por isso a pressão atmosférica diminui, em razão da densidade do ar, força gravitacional e temperatura do ar; e da mesma maneira quanto mais baixa a altitude, maior a pressão.



O ciclone extratropical possui regiões de frente fria e frente quente, causando padrões de tempo distintos nessas duas regiões. Os ciclones subtropical e tropical não têm frente fria associada, mas os três fazem parte do mesmo sistema de formação, nas áreas de baixa pressão.

Vento

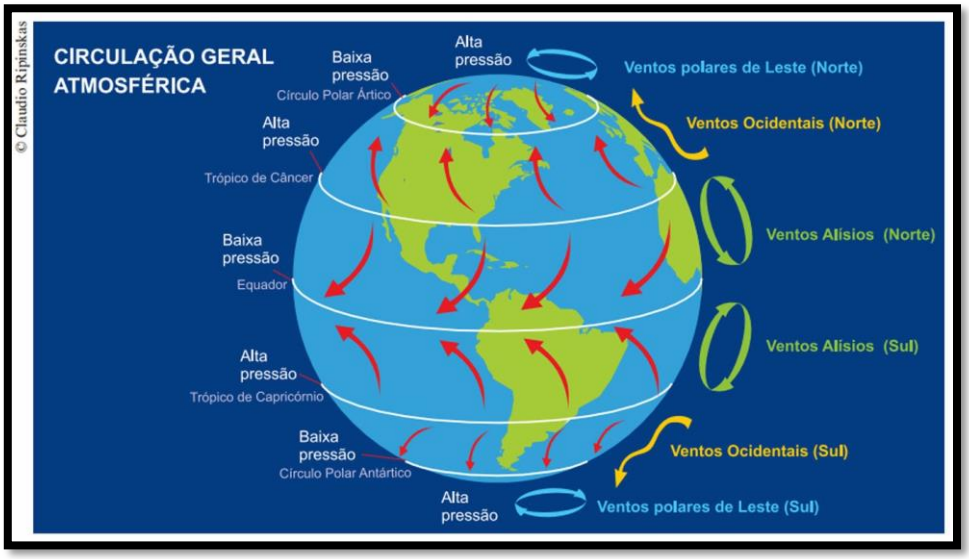
"O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito"

(Jo 3, 8)

Materialmente, a formação e movimento do vento está ligado à temperatura, pressão atmosférica e movimento rotacional da Terra.

O aquecimento de diferentes locais da superfície terrestre gera diferenças na pressão atmosférica. Somado a isso, nosso planeta continua girando constantemente. Desta forma, o vento surge para estabelecer o equilíbrio entre as diferentes pressões, partindo das áreas de alta pressão, nos polos, em direção às áreas de baixa pressão, na linha do Equador. Nestas áreas quentes, o ar também se esquenta, se expande, ficando mais leve e por isso sobe, horizontalmente (em direção aos polos) e verticalmente (para a atmosfera). Enquanto ele sobe, outro tipo de ar (vento) toma seu lugar, o ar frio. Quando o ar quente chega nas alturas e nos polos, ele se resfria, fica pesado e desce de volta. Igualmente, o ar frio se esquenta e realiza o mesmo processo que o ar quente realizou anteriormente, formando um ciclo. Essa movimentação cíclica é o vento propriamente dito.

Em outras palavras, o vento consiste no ar quente que tende a subir e o ar frio a que tende a descer, dando-lhe movimento e formando um ciclo de ventos, onde os ares dos lugares frios são comprimidos e sugados em direção às regiões quentes, formando os ventos, com características próprias de onde é criado. Forma-se aí as massas de ar.



Existem 3 tipos de vento principais, são eles:

- Vento polar: desce para as regiões mais quentes.
- Vento equatorial (quente): sobe para as regiões polares.
- Células específicas (ciclos menores) – ocorrem devido principalmente à altitude.

Mas, os ventos também são alterados pela movimentação do planeta, e são mais velozes em locais abertos e altos, como em área rural dedicada ao plantio, onde não há nenhuma barreira para interromper a força do vento.

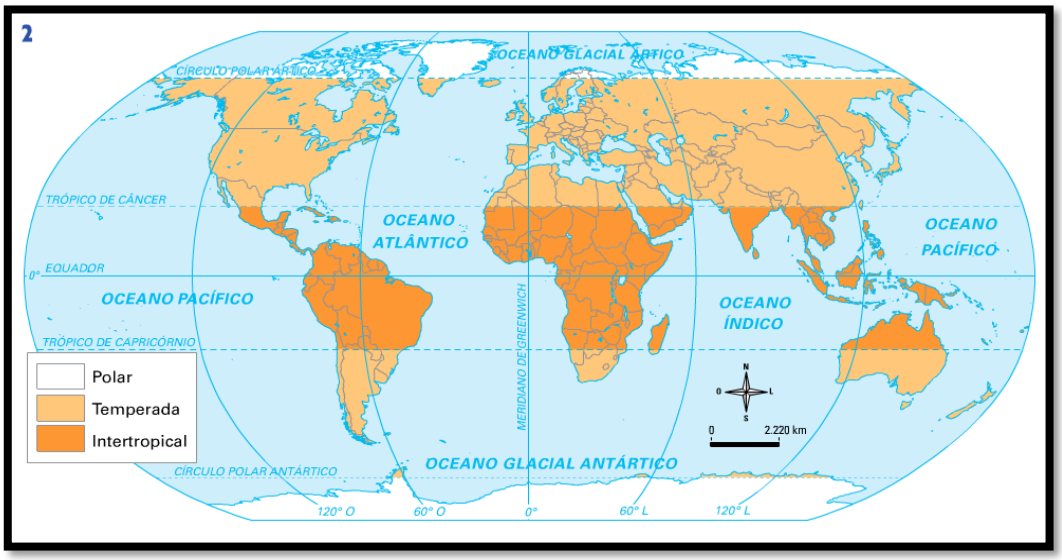
O vento também recebe diferentes nomes, de acordo com sua localização. Os dois principais são:

- **Brisas** – ocorrem em regiões tropicais, com grande diferenciação na pressão (centros de pressão específico), exercida pelo continente e oceano.
- **Alísios** – ventos constantes que provêm das regiões subtropicais de alta pressão (dispersoras de vento) e que vão para as áreas equatoriais de baixa pressão (receptoras de vento).

Classificação Climática

Para oferecer uma melhor compreensão sobre a movimentação das massas de ar, dados meteorológicos e climáticos, que diferenciam os diversos lugares da superfície terrestre, em medidas estatísticas para avaliar os aspectos significativos do clima em relação a outras variáveis espaciais, como temperatura, precipitação, radiação e vento, faz-se necessário uma classificação climática. Uma das principais e mais usadas no mundo atualmente é a **classificação de Strahler**.

Esta, é considerada muito simples, mas eficaz. Usando as massas de ar como base para a identificação e classificação dos diferentes tipos de clima, foi possível dividir o mundo em 3 grupos de climas, também chamados de Zonas Térmicas: climas de latitudes baixas (massas de ar equatoriais e tropicais), climas de latitudes médias (massas de ar tropicais e polares) e altas (massas de ar polares), totalizando 14 climas reunidos no interior delas, mas para nossos fins, basta-nos estudarmos os 10 principais, de maior frequência no mundo.



Planisfério das zonas térmicas de Strahler

- Equatorial: é o mais próximo da linha do Equador, pertencendo a zona intertropical. Sendo assim, será o que mais recebe a incidência dos raios solares, portanto, é o mais quente. Durante todo o ano é úmido, ou seja, chove muito, com alto índice de evaporação e altas temperaturas (média de 26°C). No caso do Brasil, este clima se faz presente na região amazônica.

- Tropical: O clima tropical ocorre nas regiões localizadas entre os **trópicos de Câncer e Capricórnio, também pertencente à zona intertropical. Caracteriza-se por apresentar altas temperaturas e grande umidade. No caso do Brasil, ele pode ser ramificado em outros tipos como o tropical de altitude, tropical úmido, seco etc., mas que importa saber suas características essenciais: quente e úmido.**

- Subtropical: por mais que leve o nome "tropical", não se trata de uma ramificação sua, como apresentamos nos outros exemplos. Ele ocorre nas regiões abaixo do t**rópico de Capricórnio**, pertencendo à zona temperada. Esta zona recebe este nome "temperada" por causa da virtude da Temperança, que consiste na vivência equilibrada de todas as coisas. Em consequência disso, o clima subtropical possui, de certa maneira, as quatro estações climáticas bem definidas: nas épocas quentes chove e faz calor com maior intensidade, e nas épocas frias, é mais frio e seco.

- Temperado: localizado na zona temperada, possui as mesmas características do clima subtropical, ou seja, com as estações climáticas bem definidas. No caso dele, elas são bem mais delimitadas que no subtropical.

- Frio: localizado nas extremidades da zona temperada, bem próximo dos polos. É caracterizado por apresentar invernos rigorosos e duradouros e decaimento de neve, apresentando temperaturas entre 0°C a -15°C. E nas épocas quentes, além de serem reduzidas, possuem temperaturas entre 5°C a 10°C. Por mais que haja decaimento de neve, o índice pluviométrico (chuva) é muito baixo. Nas regiões montanhosas, ele recebe o nome de Frio de montanha, mas as características permanecem praticamente iguais.

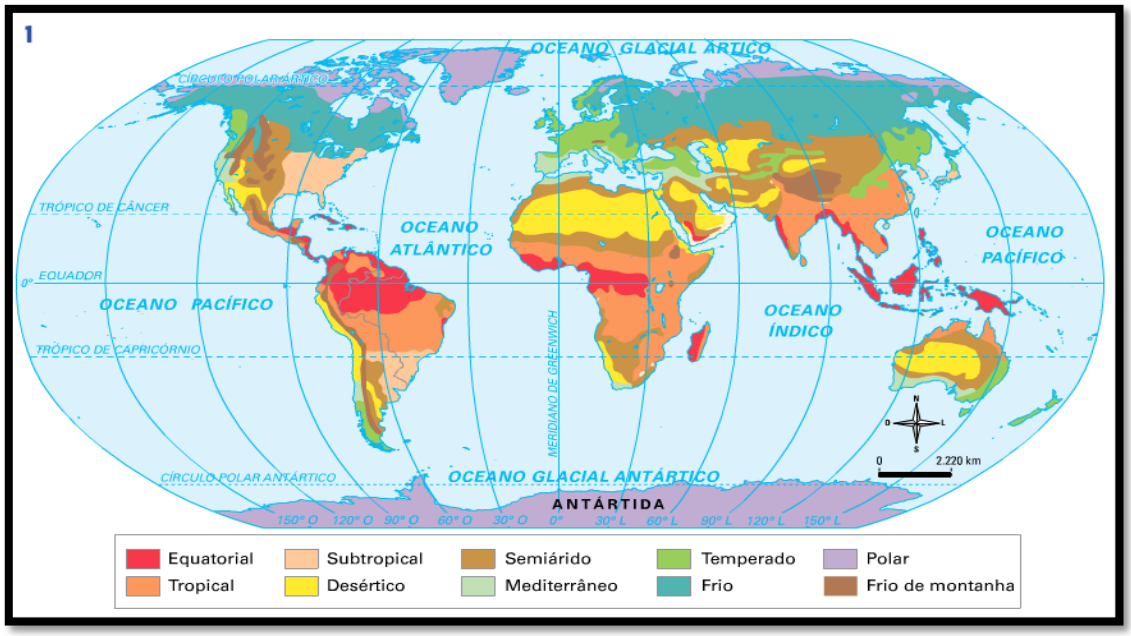
- Polar: estão presentes na zona polar, e se caracteriza por apresentar as menores temperaturas do mundo. As regiões de **clima polar** são perpetuamente cobertas por neve e gelo durante todo o ano. Um dos fatores que fazem com que isso ocorra é a pouca incidência dos raios solares nessas regiões. Há locais que chegam a ficar meses sem luz solar. Nos lugares onde há clima polar quase não há formas de vida terrestre, devido ao frio intenso; a não ser nos lugares onde há a tundra, um tipo de vegetação rasteira e adaptada a essas condições.

- Árido (desértico): encontrado nas extremidades entre as zonas intertropical e temperada. É caracterizado por possuir altas temperaturas e baixíssima umidade, dificultando a possibilidade de haver vida nesses

lugares, exceto nos chamados “oásis”, que são como grandes poças de água subterrâneo que afloram na superfície devido à chuva (também escassa).

- Semiárido: geralmente acompanha os locais onde há clima árido, ficando em suas extremidades. Por esta razão, possuem as características muito próximas ao clima árido: quente e seco. No Brasil, nós podemos localizar áreas com este tipo de clima na região Nordeste, marcado pela seca.

- Mediterrâneo: localiza-se nas áreas próximas ao Mar Mediterrâneo, por isso recebe este nome. Porém, podemos encontrar também este tipo de clima no litoral sul do Oceano Pacífico (costa oeste dos Estados Unidos), sudeste da Austrália, sul do Chile e oeste do Oriente Médio. Possui invernos moderados e úmidos, e verões quentes e secos. Por mais que o outono e inverno obtenham as menores temperaturas, são nessas épocas que ocorrem maior precipitação de chuva.



Planisfério com os principais climas mundiais dentro da classificação climática de Strahler

Assim como os outros aspectos da natureza, os tipos de clima também mostram a Grandeza de Deus e nos permitem contemplá-la de diferentes modos. Os climas mais quentes e úmidos mostram com maior nitidez as cores da natureza, o brilho da perfeição divina presente nas coisas, que por si só tornam possível a contemplação. Outros, como o subtropical e o temperado ressaltam a necessidade de se buscar a Temperança nas diferentes situações da vida. Os climas de condições extremas, como o polar e o árido, em que quase não há vida, sempre foram os lugares de preferência de monges e eremitas para oração e recolhimento, pois além de não apresentar nada que possa distraí-los, traz a recordação da boa morte que vamos ter que enfrentar um dia, para nos encontrarmos com nosso Criador e Senhor e contemplá-Lo por toda a eternidade.

Reforçando o Saber

5- A pressão atmosférica é de extrema importância para a circulação do ar no nosso planeta. Quais são os três elementos que lhe trazem alguma alteração?

6- O que é um ciclone e um anticiclone?

7- Através das massas de ar, Strahler conseguiu confeccionar uma classificação climática. Com base nos tipos de clima definidos por ele, observe as passagens da Sagrada Escritura abaixo e defina os tipos de clima presente em cada uma.

-**Apocalipse 16, 8-9** – “E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo. E os homens foram abrasados com grandes calores, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória”.

-**Gênesis 7, 12.21-22** - "E houve chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites... E expirou toda a carne que se movia sobre a terra, tanto de ave como de gado e de feras, e de todo o réptil que se arrasta sobre a terra, e todo o homem. Tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca, morreu."

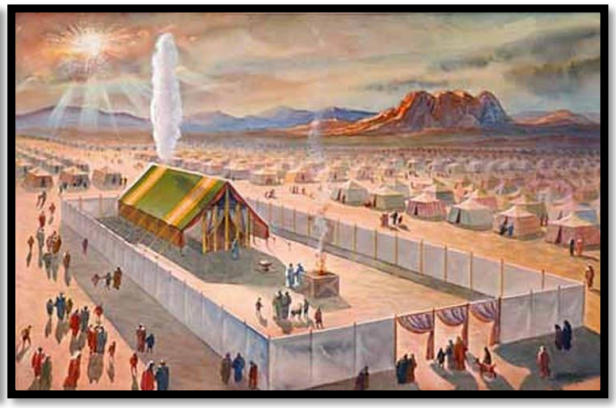
-**Êxodo 9, 23-29** - "E Moisés estendeu a sua vara para o céu, e o SENHOR deu trovões e saraiva (chuva de granizo), e fogo corria pela terra; e o SENHOR fez chover saraiva sobre a terra do Egito."

-**Deuteronômio 11, 13-15** - "Então darei a chuva da vossa terra a seu tempo, a temporã e a seródia, para que recolhais o vosso grão, e o vosso mosto e o vosso azeite”.

Nuvens

- **Sentido espiritual**

No Antigo Testamento, Nossa Senhora é representada por uma nuvem, como que uma espécie de prefiguração de Sua futura vinda e auxílio aos homens. Quando Moisés manda construir o Tabernáculo, em sua peregrinação de 40 anos no deserto, uma nuvem desceu sobre ele e aí permaneceu. Mas, essa nuvem possui uma peculiaridade: quando subia, os israelitas tinham que levantar o acampamento e prosseguir caminho, seguindo-a, e faziam isso porque ela os protegia dos raios solares durante o dia, e os aquecia durante a noite, além de iluminar seus caminhos nas trevas noturnas; se ela parava, não importando o tempo, um dia ou um ano, a caravana também parava, montavam acampamento e esperavam sua nova ascensão para guiá-los. E assim foi feito até chegarem à Terra Prometida.



Nuvem sobre o tabernáculo, durante o dia e a noite.

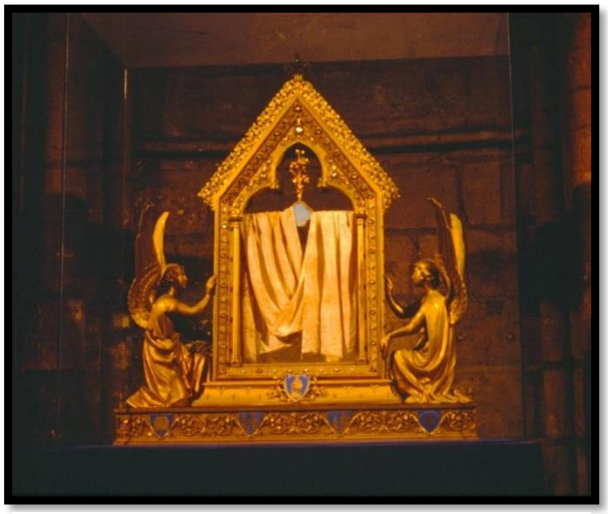
Santo Epifânio e São João Crisóstomo vêm confirmar essa representação, pois Nossa Senhora, à maneira dessa nuvem, nos guia no deserto deste mundo, rumo a verdadeira terra prometida, que é o Céu. E neste deserto que vivemos, ainda isolados da verdadeira pátria, Nossa Senhora é como uma nuvem protetora pra todos nós. Ela, ao mesmo tempo, nos defende dos ardores, dos demônios que nos querem perder, suavizando todas as tentações. Igualmente, Ela tem o papel de uma nuvem luminosa durante a noite, quando as almas passam pela noite da provação, conduzindo-as até ao Paraíso Eterno.

Mesmo nas negações e revoltas do povo eleito contra Deus, a nuvem nunca se afastou do Tabernáculo, ficando sempre entre a terra e o céu, em uma espécie de intercessão pelos homens.

E percebemos algo semelhante a essa simbologia na própria etimologia da palavra nuvem, que tem origem no latim “*nubes”*, que significa “véu de noiva” ou “nublado”. Um dos motivos do uso do véu é o resguardo da pureza e castidade, que repele a atenção dos homens, evitando, assim, o pecado. É também uma das marcas de Nossa Senhora que sempre teve Sua venerável cabeça coberta por um véu.

Além disso, relata-se que quando Moisés desceu do monte, depois de 40 dias e 40 noites, sem comer nem beber, tinha o rosto tão resplandecente que os israelitas não ousavam aproximar-se dele. Quando queria falar ao povo, velava o rosto com um véu e somente o desvendava quando falava com Deus".

Nota-se aí uma das funções de Nossa Senhora, que é permitir que a impenetrável e radiante glória do Senhor chegue até nós, tornando possível ouvi-Lo, senti-Lo e glorificá-Lo por meio d'Ela.



Véu de Nossa Senhora na Catedral de Chartres, França.

- **Sentido material**

As nuvens resultam dos movimentos de ascensão do ar úmido, que permitem que ele, resfriando-se, alcance seu ponto de saturação e atinja a temperatura do ponto de orvalho (formação de uma gotícula de chuva), iniciando assim a condensação do vapor existente do ar.

Assim sendo, as nuvens são formadas por gotículas de água e por cristais de gelo. Mas, a proporção de cada um depende do tipo de nuvem. Os tipos de nuvem são classificados de acordo com o tamanho da nuvem, intensidade dos ventos que as fazem subir (depende da temperatura, barreiras naturais e vapor d'água) e seu alcance vertical.

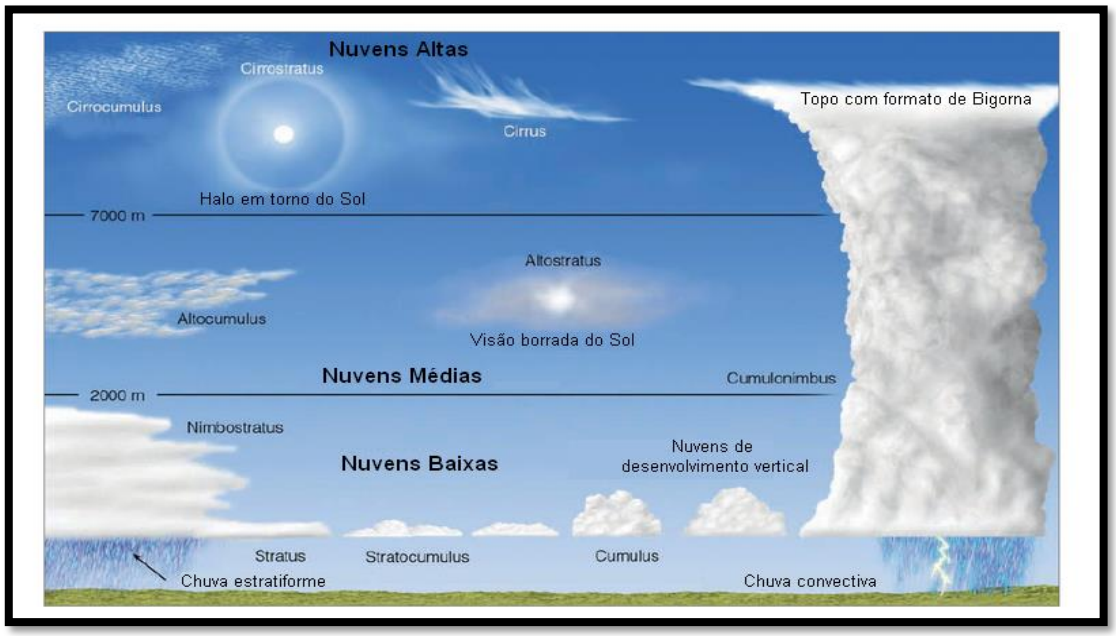
O conjunto de nuvens formado no céu dá-se o nome de nebulosidade, atuando como barreira, evitando que a radiação solar penetre com intensidade na superfície terrestre, além de evitar também que esta se perca pelo espaço sideral.

- **Cirros (altas):** *vem de cirrus, cacho de cabelo, franja — como a penugem de aves*, e ocorrem acima de 7 km de altura da superfície e são compostas por cristais de gelo e água super-resfriada, pois a ascensão do ar ocorre de forma lenta e gradual.

- **Alto (médias):** são as nuvens denominadas vulgarmente de "carneirinhos", como que novelos, e estão entre 2 a 7 km de altura; composta principalmente de água e associada a mau tempo.

- **Estratos (baixas):** vem de *stratus*, isto é, espalhado como um lençol. Elas também possuem esse nome por estarem sobrepostas umas às outras, ficando abaixo de 2 km de altura; podem ser Estratos ou Estratos-cúmulos, que são nuvens de chuva geradas à partir dos Estratos.

- **Nuvens de desenvolvimento vertical:** formam nuvens do tipo cúmulos (vem de *cumulus*, que quer dizer, "montão" de nuvens - couve-flor) e podem ultrapassar 18 km de extensão. Quando estão separadas e são pequenas simbolizam tempo bom. Se evoluem para cúmulos-nimbus podem trazer chuvas pesadas, até com pelotas de gelo, neve e relâmpago (nos trópicos até formam tornados).



Representação dos principais tipos de nuvem

Desastres naturais

"Que fareis vós no dia do ajuste de contas, e da tempestade que virá de longe? Junto de quem procurareis auxílio, e onde deixareis vossas riquezas?"

(Isaías 10, 3)

"Pois bem, vou mostrar o que valem tua justiça e tuas obras! Elas não te servirão de coisa alguma, quando pedires socorro. E não te salvarão teus ídolos: todos serão levados pelo vento. Um sopro as carregará. Aquele, porém, que contar comigo herdará a terra, e possuirá meu monte santo".

(Isaías 57, 12-13)

"Naquele tempo, um estrondo, semelhante ao bramido do mar, retumbará contra ele. Quando olhar a terra, só verá trevas e angústia, e no céu se estenderão nuvens tenebrosas".

(Isaías 5, 30)

O que, no mundo de hoje, não provoca a ira de Deus? Se olharmos para o campo religioso, não poderia haver maior confusão e apostasia. No político, praticamente é só corrupção. No moral, então, o que falta para o nudismo completo, com as "modas" cada vez mais despudoradas? O que resta da família, desfeita pelo abandono do verdadeiro matrimônio cristão e substituída por "uniões informais", pela aprovação do casamento homossexual, do aborto, da "teoria de gênero"?[109]

Não é, pois, de espantar que sobrevenham sucessivas catástrofes, mas apenas perguntar de que natureza, quando e onde será provavelmente a próxima.

[109] https://ipco.org.br/que-estado-de-espirito-ter-diante-de-catastrofes/#.XEH7D1VKjIU.

Segundo o Tratado do Inferno, de Santa Francisca Romana, existem demônios aéreos que pairam sobre a atmosfera, desencadeando os ventos, suscitando tempestades, produzindo ventanias, inundações e granizos. A intenção deles é de fazer mal aos homens e diminuir a confiança na providência divina, levando-os a murmurar contra a vontade divina.

É evidente que mesmo esses demônios possuindo autonomia em suas ações, são totalmente submissos a Deus e só podem causar desastres com permissão divina.

Demônio aéreo.

Mas, o que vem a ser um desastre natural? Quando os fenômenos naturais atingem áreas ou regiões habitadas pelo homem, causando-lhe danos, passam a se chamar desastres naturais. A conceituação adotada pela *United Nations International Strategy for Disaster Reduction* (UN-ISDR, 2009) considera desastre como uma grave perturbação do funcionamento de uma comunidade ou de uma sociedade envolvendo perdas humanas, materiais, econômicas ou ambientais de grande extensão, cujos impactos excedem a capacidade da comunidade ou da sociedade afetada de arcar com seus próprios recursos. Mas, para que um evento seja considerado "desastre natural" deve incluir ao menos um dos seguintes critérios:

I. 10 ou mais óbitos.
II. 100 ou mais pessoas afetadas.
III. Declaração de estado de emergência.
IV. Pedido de auxílio internacional.

Neste estudo o foco será dado aos desastres ocasionados por mudanças climáticas, tais como tempestades tropicais e tornados. As tempestades tropicais são as principais causadoras de desastres, principalmente nas regiões temperadas e tropicais.

As tempestades tropicais são centros de baixa pressão (ciclones), com ventos girando em espiral. Nunca se originam em superfícies terrestres, por causa das barreiras do movimento do vento, e quando chegam nessas áreas vão enfraquecendo.

Furacões José e Maria (2017).

Elas necessitam de alguns fatores para sua formação, como alta umidade do ar, águas quentes (acima de 27ºC) e ventos no mesmo sentido em direção às áreas de baixa pressão, durando em torno de 4 dias, para sair do estágio de perturbação para tempestade propriamente dito. Sua extinção ocorre pela falta desses fatores de formação. Geralmente elas possuem um diâmetro médio de 400 km, velocidade do vento de mais de 150 km/h. Seus nomes vão sendo dados de forma alfabética, com nomes femininos e masculinos, alternadamente (influência do feminismo).

Popularmente as tempestades recebem outros nomes, de acordo com sua localização e velocidade de ventos: furacão (huracán – significa tempestade em castelhano) no Caribe e Oceano Atlântico; ciclone (kiklos – vem do grego) no Oceano Índico; Tufão (tufan – vem do árabe e significa inundação, que é uma das consequências das tempestades) no mar da china e Oceano Pacífico; ciclone tropical na Oceania e América, Willy-Willy na Austrália, dentre outros nomes.

Ciclones tropicais	
Velocidade dos ventos (km/h)	Classificação
< 62	Depressão tropical
63 a 118	Tempestade tropical
119 a 153	Furacão Classe 1
154 a 177	Furacão Classe 2
178 a 208	Furacão Classe 3
209 a 251	Furacão Classe 4
> 252	Furacão Classe 5

Infelizmente já tivemos muitos relatos de tempestades tropicais e furacões que arrasaram cidades e até países, como é o caso do Haiti, em 2016 e 2017, que, até hoje, tem sofrido intensamente com frequentes desastres naturais e problemas sociais, fazendo com que essa pátria beire ao caos.

Mesmo uma chuva um pouco mais intensa e com muitos raios barulhentos pode estar senvindo de sinal para nós. Os EUA por exemplo, sofrem muito com uma enorme quantidade de tornados.

ESCALA	VELOCIDADE DO VENTO	DANOS
F0 Danos leves	64km/h a 116km/h	Galhos de árvores quebrados e danos em chaminés
F1 Danos moderados	117km/h a 180km/h	Casa e/ou móveis arrancados da base ou virados
F2 Danos consideráveis	181km/h a 252km/h	Casas e/ou móveis demolidos e árvores arrancadas
F3 Danos severos	253km/h a 330km/h	Telhados e paredes derrubados e carros arremessados
F4 Danos devastadores	331km/h a 419km/h	Demolição de paredes fortes
F5 Danos inacreditáveis	420km/h ou mais	Casas arrancadas e arrastadas a consideráveis distâncias; carros arremessados a mais de 100 metros

Os tornados são grandes colunas ondulantes de nuvens, com uma nuvem principal espessa e escura (cumulusnimbus) que toca a terra, quando se formam frentes frias e o ar quente fica bem úmido e instável, aparecendo onde houver diferença extrema entre a direção das massas de ar frio e quente. Sua classificação vai de F1 a F5, de acordo com a força dos ventos e os danos provocados.

Formação de um tornado nos Estados Unidos

Conformidade com a justiça divina

Com que estado de espírito o público em geral, e os atingidos em particular, deveriam ver esses sinais? Com o coração contrito e humilhado pelos nossos pecados, que provocam a ira de Deus. Ou seja, como o profeta Jeremias se expressou milênios atrás: "*Castigai-nos, Senhor, mas com equidade, e não com furor, para que não sejamos reduzidos ao nada"* (Jr 10, 24).

É evidente que mesmo os desastres assolando as pessoas, destruindo suas casas, matando suas famílias, elas não se emendam e continuam alimentando sua alma com o pecado, preocupados mais com o prejuízo econômico do que seu estado de espírito.

Deve-se por isso temer que ocorra com eles o que diz o Levítico: *"Se apesar desses castigos não vos quiserdes corrigir, mas vos obstinardes em resistir-me, eu vos resistirei por minha vez e vos ferirei sete vezes mais, por causa dos vossos pecados"* (Lv 26, 23-24).

Cólera de Deus.

É consequência do pecado original que a ciência infusa de Adão foi sendo transmitindo a seus descendentes de maneira cada vez mais diluída, perdendo o homem a capacidade de prevenir-se adequadamente também contra os desastres naturais. Por ocasião do tsunami ocorrido em 2004, no Oceano Índico, foi muito salientado pelos comentaristas o fato de que, entre os atingidos pelo terremoto, não se encontrou o corpo de um só animal terrestre! Todos eles pressentiram a aproximação das ondas gigantes e se refugiaram em tempo em lugares elevados. Houve até o caso da população de uma das ilhas atingidas que, notando a fuga dos animais, entendeu que se aproximava uma catástrofe, e refugiou-se ela também nos lugares elevados. Pode-se supor que Adão estivesse dotado dessa capacidade premonitória, ou pelo menos teria sabido interpretar corretamente o sinal emitido pelos animais. Sem contar que, após o pecado original, a própria natureza deixou de ser dócil ao homem e por vezes o açoita. Na Sagrada Escritura (Livro do Gênesis, 3, 17) declara Deus

explicitamente: “A terra será maldita por tua causa”, após a maldição lançada sobre a serpente (o demônio) e o exemplar castigo — para não chamar de maldição —aplicado a nossos primeiros Pais e à sua descendência, que somos nós.[110]

Portanto, se em sua sabedoria Deus não quis eliminar da Terra a possibilidade dessas catástrofes naturais — há cientistas que sustentam terem elas seu papel na renovação da atmosfera terrestre e nas condições de habitabilidade da crosta terrestre, e inclusive da própria existência da vida sobre a Terra — dotou até mesmo os animais de sensores para escapar em tempo de suas consequências desastrosas. Quanto mais não o fez Deus para o homem, concedendo a Adão o dom da ciência infusa. É uma blasfêmia, pois, culpar a Deus pelo fato de os homens serem inertes diante de sinais que os próprios animais irracionais sabem interpretar.[111]

Se não conseguimos prevenir essas catástrofes, ao menos podemos cessá-las, não por meio científicos, mas espirituais. Existe, na liturgia tridentina, procissões e preces próprias para esses eventos. Além disso, o sino das igrejas possuem um poder incontestável contra os demônios do ar, justificando as virtudes de que goza: dissipar os ventos e as nuvens, afugentar diante de si o granizo e o raio, conjurar as tempestades e os elementos desencadeados, pois que todas essas perniciosas influências da atmosfera provêm muito menos de coisas naturais do que da maldade desses espíritos maléficos.[112]

Por conseguinte, os fiéis não devem nunca deixar-se abater pelo desespero, mas, se penitenciar e se purificar de suas faltas para, não somente aplacar a ira de Deus, mas conquistar a glória eterna: *“não se deixem abater por esses tristes acontecimentos, mas considerem que esses castigos tiveram em mira não a ruína, mas a correção de nossa raça”* (2 Mc 6, 12).

Clima e ação antrópica

Nos tempos atuais, como a paisagem cultural está perdendo cada vez mais elementos naturais, as pessoas começaram a se preocupar muito com o **meio ambiente**, colocando a natureza acima de tudo, inclusive do ser humano. Disso surgiu o **ecologismo**, ou seja, um tipo de ideologia que prega a defesa da natureza acima de tudo, indo inclusive contra o ser humano que quer a sua destruição, segundo os ecologistas. A natureza se torna mais importante do que a própria vida humana, sendo que um animal, uma planta e a pessoa humana sejam equiparadas, ou seja, matar uma formiga, ou cortar uma árvore é tão grave quanto matar uma pessoa.

É claro que quando Deus Criador nos deu a missão de sermos co-criadores, ordenou que dominássemos toda a criação com sabedoria e responsabilidade. Sendo assim, quando o homem transforma a paisagem (natureza) para sua sobrevivência, deve também pensar que de fato a criação é obra do próprio Deus, não fomos nós que a fizemos, por isso deve ser tratada como pertencente ao Senhor, sem contar que ela nos beneficia em todos os sentidos: as árvores não servem somente para nos dar madeira para construirmos objetos fundamentais à nossa sobrevivência, mas também nos dão

Símbolo de proteção à natureza feito pelo Greenpeace. Repare como parece que as pessoas estão adorando o nosso planeta.

[110] http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=17EDA129-FAF5-FCA7-C0139ABB76F9C267&mes=Fevereiro2005.
[111] Idem.
[112] http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=3B1E8963-92E5-0C5F-0C76AB27A29D8884&mes=Junho2013&pag=2.

frutos, sombra, e deixam o ambiente mais fresco e agradável de se viver.

Portanto, não há problema em se cuidar da natureza, o problema é quando cuidamos dela mais do que das pessoas, simplesmente para que ela continue existindo. O verdadeiro sentido em se preservar a natureza é garantir a vida e desenvolvimento humano. Então, se for necessário desmatar uma floresta inteira para construir casas, escolas, hospitais e igrejas, não será um problema, porque a pessoa humana é o ser mais nobre do universo, mais que qualquer elemento da natureza, mesmo que esteja em perigo de extinção.

"O homem, nas suas atividades, serve-se do mundo criado, desfruta as suas riquezas para atingir objetivos que somente ele tem condições de compreendê-los. Considera-se justa esta atitude do homem para com o mundo inanimado. ***Só se exige que a pessoa humana racional não destrua nem desperdice as riquezas naturais e as use com tal moderação, que por um lado não impeça o desenvolvimento pessoal do homem*** *e por outro garanta a coexistência justa e pacífica das sociedades humanas."* **(Karol Wjtyla)**

A principal ideologia ecologista relacionada com o clima, tema de nosso capítulo, está no "aquecimento global". Todo e qualquer desequilíbrio natural, ou mesmo fenômenos naturais que ocorreriam normalmente, são colocados na conta do aquecimento global, necessitando de uma solução urgente para a sobrevivência do planeta.

O **aquecimento global** consistiria no aumento das temperaturas médias do planeta ao longo dos últimos tempos, o que, em tese, é causado pelas práticas humanas desequilibradas contra a indefesa natureza.

A principal causa desse problema climático que afeta todo o planeta é a **intensificação do efeito estufa**, fenômeno natural responsável pela manutenção do calor na Terra e que vem apresentando uma maior intensidade em razão da poluição do ar resultante das práticas humanas, segundo os cientistas a favor desta ideologia.

Segundo o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), o problema em questão não deve sequer ser motivo de discussão em termos de sua existência ou não, pois, segundo ele, é mais do que comprovada a série de mudanças climáticas ocorridas nos últimos tempos e a participação do ser humano nesse processo. E as consequências são alarmantes, como o aumento das temperaturas dos oceanos e derretimento das calotas polares; eventuais inundações de áreas costeiras e cidades litorâneas, em função da elevação do nível dos oceanos; aumento da insolação e radiação solar, em virtude do aumento do buraco da Camada de Ozônio; intensificação de catástrofes climáticas, tais como furacões e tornados, secas, chuvas irregulares, entre outros fenômenos meteorológicos de difícil controle e previsão; resultando na extinção de espécies, em razão das condições ambientais adversas para a maioria delas e, provável extinção da humanidade.

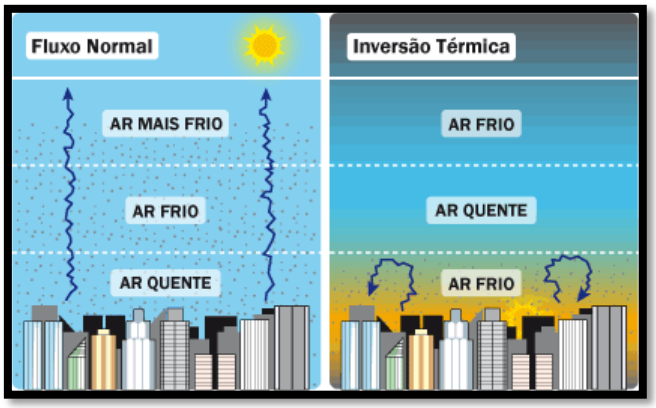
De certa maneira, todos esses dados fazem sentido e muitos deles ocorrem no cotidiano, mas colocar como responsabilidade do aquecimento global consiste num grave erro. Para se ter uma ideia de que ele está errado, foi realizado o 2º Relatório Minoritário do Senado dos EUA sobre Aquecimento Global, e neste episódio nada menos que 650 cientistas refutaram as teses do IPCC, contra 52 autores a serviço da ONU, no Grupo de Formuladores de Políticas para o Meio Ambiente.

Existem ainda outros fenômenos climáticos ligados a ação climática que, embora sejam reais e de certa forma "normais", acabam servindo de base para sustentação do grito ecologista. Veja a seguir.

Inversão Térmica

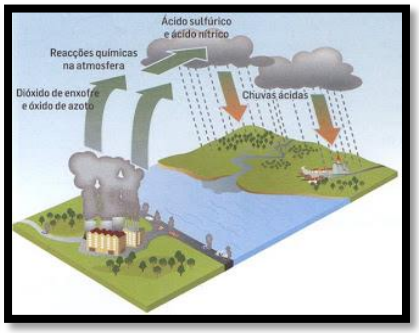
A **inversão térmica** é desses casos. Este fenômeno ocorre quando uma camada de ar quente fica sobreposta a uma camada de ar frio, impedindo a mistura da atmosfera em ascensão vertical. Normalmente o ar próximo a superfície é quente e por isso mais leve e tende a subir; o ar frio, que está acima, é mais pesado e tende a descer e quando atinge a superfície, se aquece e volta a subir, formando um ciclo.

Na inversão térmica, geralmente no inverno, o solo pode ficar mais frio que a atmosfera acima, por causa do resfriamento causado por uma massa de ar fria; ou quando o sol nasce e aquece primeiro áreas altas. Assim, o ar quente que está por cima funciona como uma barreira e não permite que o ar frio suba. Isso pode gerar muita poluição e doenças respiratórias, já que os gases poluentes são impedidos de ascender com o ar quente, permanecendo na superfície.



Chuva Ácida

Existem diversas fontes de poluentes para a atmosfera, os gasosos são gerados pelas indústrias, veículos e usinas energéticas, como exemplos: dióxido de enxofre e óxido de nitrogênio. A combinação desses poluentes com o vapor de água existente na atmosfera vai se acumulando em nuvens ocorrendo assim sua condensação, da mesma forma como são originadas as chuvas comuns, mas neste caso formará ácido. Embora seja algo necessário (as indústrias funcionarem), nada impede que se criem tecnologias para evitar este tipo de problema, já que apresenta dificuldades ao desenvolvimento humano.

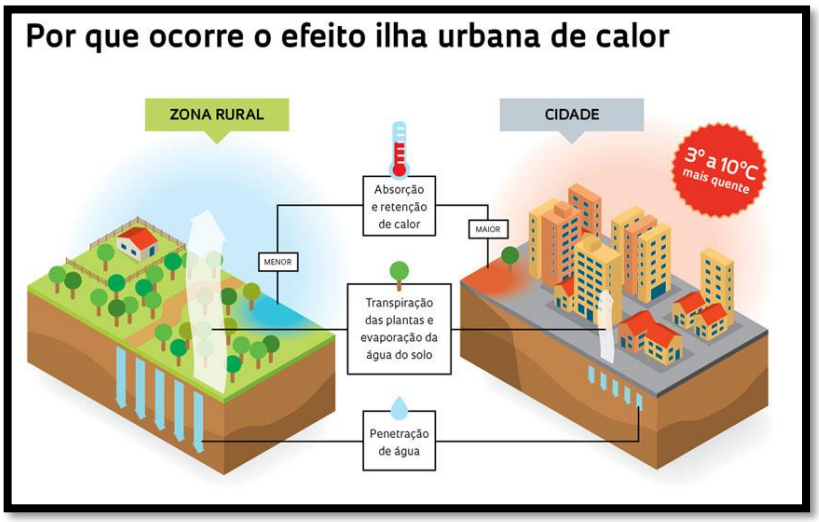


Ilha de Calor

Ilhas de calor é o nome que se dá a um fenômeno climático que ocorre principalmente nas cidades com elevado grau de urbanização. Nestes lugares, a temperatura média costuma ser mais elevada do que nas regiões rurais próximas, devido à grande concentração de asfalto (ruas, avenidas) e concreto (prédios, casas e outras construções), pois concentram mais calor, fazendo com que a temperatura fique acima da média dos municípios da região. A umidade relativa do ar também fica baixa nestas áreas. Além disso,

pouca quantidade de matéria verde (árvores e plantas) e alto índice de poluição atmosférica favorecem a elevação da temperatura.

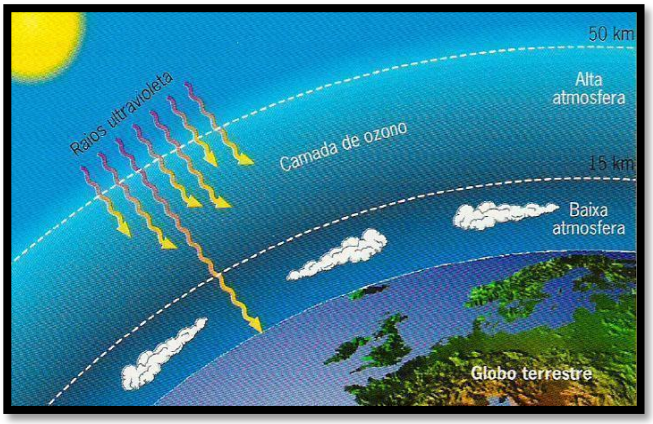
Exemplo de cidades com este fenômeno climático: São Paulo (Brasil), Rio de Janeiro (Brasil), Nova Iorque (Estados Unidos da América), Cidade do México (México), Pequim (China), Nova Deli (Índia), dentre outras.



Camada de Ozônio

Em volta da Terra há uma camada de um gás chamada ozônio (O_3), localizada na estratosfera (25 a 30 km da superfície) que protege animais, plantas e seres humanos, funcionando como um filtro dos raios ultravioleta emitidos pelo Sol.

Contudo, desde a década de 1970, foi detectado um buraco nesta camada, bem acima da Antártica e que foi só se agravando com o tempo, além de fragilizar também outras regiões. Os causadores disso são: óxidos nítricos e nitrosos expelidos pelos exaustores dos veículos e o CO_2 produzido pela queima de combustíveis fósseis, como o carvão e o petróleo, mas os principais são os cfcs (clorofluorcarbonos). Eles levam cerca de 8 anos para chegar à estratosfera onde, atingidos pela radiação ultravioleta, se desintegram e liberam cloro. Por sua vez, o cloro reage com o ozônio (O_3) que é transformado em O_2. O problema é que o oxigênio não é capaz de proteger o planeta dos raios ultravioleta. Atualmente, os cfcs (presentes em aerossóis, por exemplo) são proibidos, o que auxilia na manutenção do problema. Os ecologistas, aproveitando-se deste desafio, fazem alarme e anunciam o fim das calotas polares, de seus ursos brancos, e de toda a humanidade que viverá no futuro em uma bola de fogo.

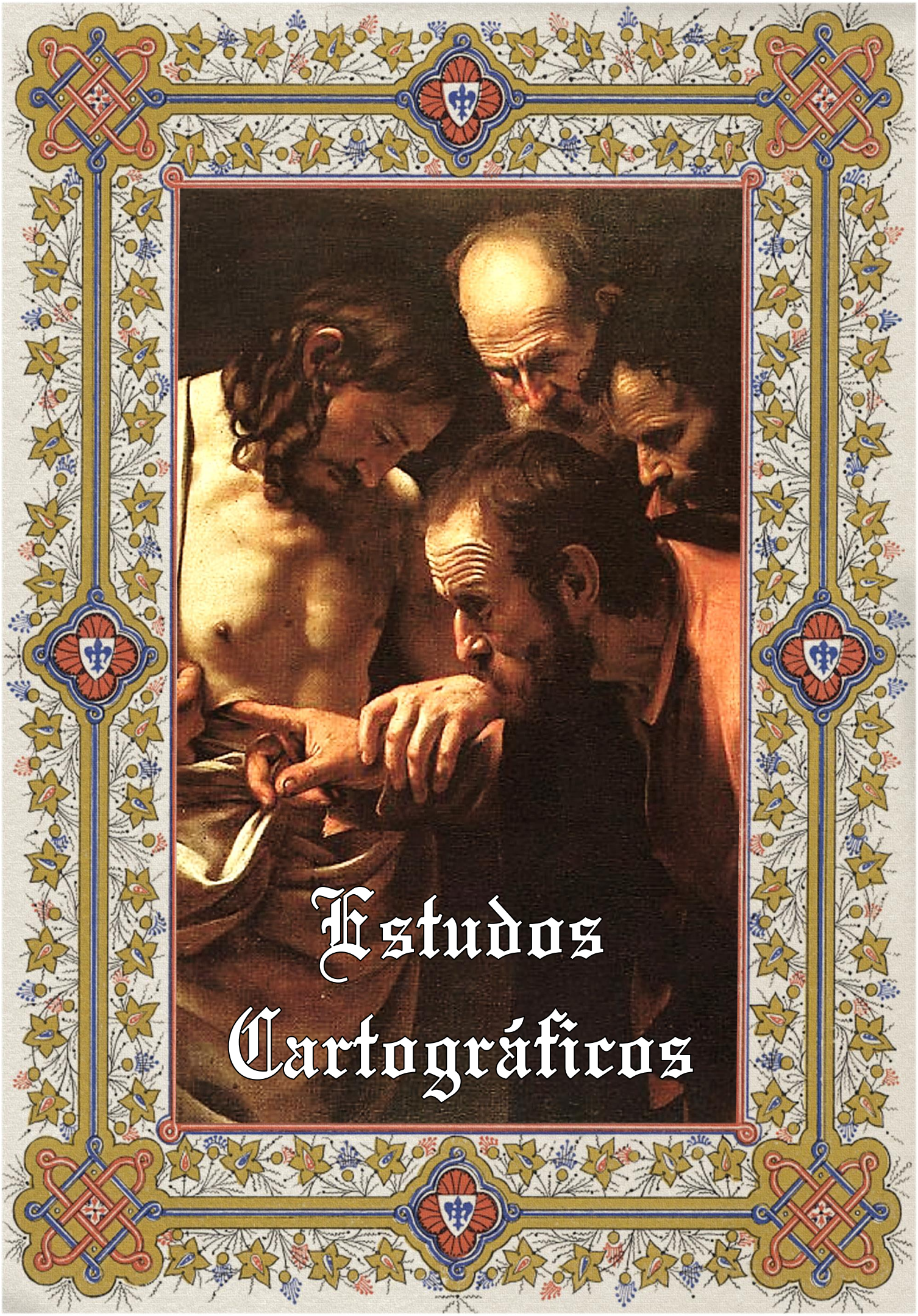


Reforçando o Saber

8- Escreva em seu caderno cada tipo de nuvem, fazendo também um desenho para representá-las.

9- O que é um desastre natural? Qual é o sentido espiritual de sua ocorrência?

10- Escreva as principais características da ideologia ecologista. Em seguida, escreva como usam o aquecimento global para esse propósito.


Estudos
Cartográficos

Capítulo 3

Cálculos cartográficos

Introdução

NESTE último volume retomaremos os estudos cartográficos vistos no final do volume 2. Aprenderemos como medir a diferença entre o que está representado no mapa e a realidade através da escala cartográfica; como se localizar utilizando as coordenadas geográficas; e a diferenciar as horas entre os países com fuso horário diferente.

Embora esse volume não tenha ligação com o Brasil, que foi o tema central dos estudos na Etapa 7, o conteúdo é de suma importância para os futuros estudos geográficos em geral.

Escala cartográfica

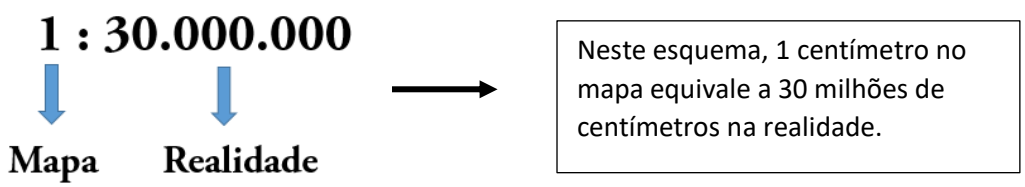
Os mapas, fotografias aéreas, imagens de satélites, até mesmo o globo terrestre, são representações da realidade, ou seja, não estão em seu tamanho real; foi necessário reduzi-los em proporções corretas para se observar com maior facilidade determinadas partes da superfície terrestre. Esta representação chama-se escala cartográfica. É a relação existente entre o tamanho do que foi representado no mapa com o seu tamanho real.

Se tomássemos, por exemplo a Torre de Babel em seu tamanho real[113] e tirássemos uma foto, com certeza a imagem representada seria idêntica à verdadeira, mas, seu tamanho não. Da mesma forma, se uma pessoa pretende fazer uma viagem de carro de São Paulo a Belo Horizonte, deverá checar um mapa e com certeza perceberá que a distância entre as duas cidades no mapa parece ser muito menor do que na realidade, dando a impressão de que será uma viagem rápida.

Assim, quando se deseja saber o tamanho de um objeto, ou a distância de um local do mapa em seu tamanho real, usa-se a escala cartográfica para se fazer o cálculo e tirar a diferença.

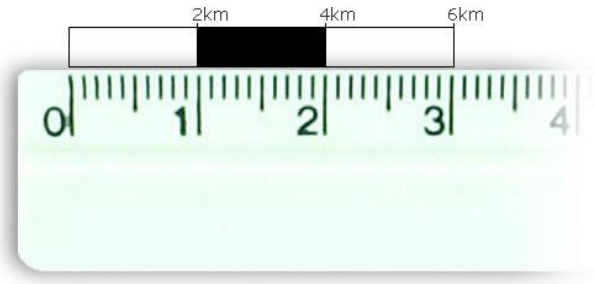
Existem dois tipos de escala que podem ser utilizados nos mapas: a numérica e a gráfica.

Numérica: é representada na forma de fração ou razão, por exemplo: 1:100 ou 1:100. O valor do numerador equivale a 1 centímetro no mapa e o valor do denominador representa o espaço real (100 centímetros). Assim, 1 centímetro no mapa equivale a 100 centímetros na realidade de algum espaço. Geralmente, a unidade de medida usada neste tipo de escala é em centímetros (cm). Veja outro exemplo esquemático abaixo:

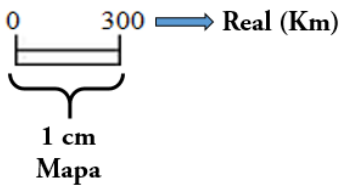


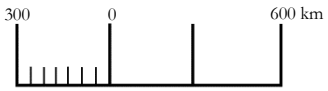
[113] Segundo Dom Bosco e Flávio Joséfo, a altura da Torre de Babel teria chegado a 50 mil metros, ou seja, o equivalente a um prédio de quase 17 mil andares.

Gráfica: representação parecida com uma pequena régua, formando uma linha reta horizontal dividida em pequenas partes, como mostra a imagem abaixo. Um centímetro da régua equivale a um centímetro no mapa e o número posto acima da barra é o valor em unidades de medida da realidade representada, geralmente, em quilômetros (km).



No exemplo acima, um centímetro no mapa equivale a 2 km na realidade. Na maioria dos mapas, a escala apresentada é a gráfica, mas, ela pode aparecer em diferentes formatos, conforme os exemplos abaixo:





1 cm = 300 km
2 cm = 600 km

Passos para o cálculo das escalas (observe o mapa abaixo):

Para demonstrar como se define as duas escalas, usaremos o seguinte exemplo:

Ex: Calcule a escala gráfica e numérica para a distância entre a cidade de Jerusalém e a capital Tel Aviv-Yafo.

Por onde começar?

1º) Localize a escala no mapa, que no caso é gráfica.

2º) Meça a distância entre as duas cidades. Para isto, primeiro deve-se marcar uma linha reta com uma régua entre os dois pontos estabelecidos e anotar o resultado, descobrindo, assim, sua distância no mapa.

Para este caso, a distância encontrada é de 2,0 cm. Continuando o exercício, agora devemos calcular a escala gráfica e numérica para se chegar ao resultado final.

Como vimos anteriormente, a escala gráfica indica que 1,0 cm no mapa equivale a 20 km na realidade. Para descobrir a escala numérica, basta transformar 20 quilômetros em centímetros.

1 m → 100 cm 1000 m → 100.000 cm → 1 km 20 km → 2.000.000 cm

Escala numérica → 1 : 2.000.000

3º) Depois de descoberta a distância entre as duas cidades no mapa (2,0 cm), e as escalas gráfica e numérica, calcule a distância entre as cidades na realidade, através da multiplicação do valor das escalas com a distância entre as cidades no mapa. Utilize regra de 3 para facilitar o cálculo.

Distância entre Jerusalém e Tel Aviv.

Escala gráfica:

1 cm = 20 km

2 cm = X km

1 . X = 20 . 2

X = 40 km

Escala numérica:

1 cm = 2.000.000 cm

2 cm = X

1 . X = 2000000 . 2

X = 4.000.000 cm

Agora é a sua vez!

Faça o mesmo procedimento demonstrado no exemplo acima, calculando a distância entre Jericó e Nazareth; Beersheba e Gaza.

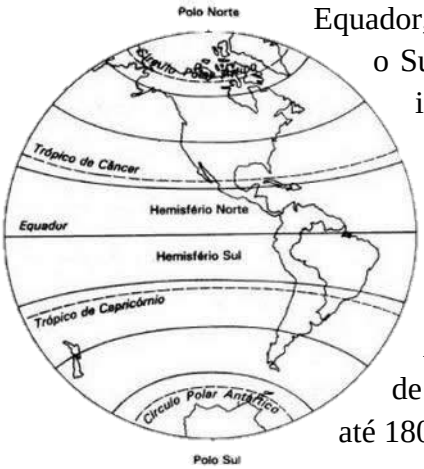
Coordenadas Geográficas

Os diversos aparelhos cartográficos como a bússola, telescópio, sextante, quadrante, astrolábio e tantos outros, servem para, nos auxiliar, na orientação e localização no espaço, mas, não são suficientes para localizar com precisão qualquer lugar da superfície terrestre.

Para isso existem as Coordenadas Geográficas, que nada mais são que um sistema de linhas imaginárias traçadas sobre os mapas, cartas e globos, chamados **meridianos** e **paralelos**.

Os meridianos são as linhas imaginárias traçadas na vertical que vão do Polo Norte ao Polo Sul. Cada uma delas possui um valor em graus que é especificado em cada mapa. O Meridiano de Greenwich (*Greenwich Meridian Time*-GMT) marca o ponto zero. Esta linha recebe este nome porque passa sobre o observatório de Greenwich, em Londres (Inglaterra), quando foi adotado, em 1884, como o ponto inicial referencial dentre os meridianos traçados, dividindo a Terra em duas partes: o Hemisfério Leste (oriental) e o Oeste (ocidental).

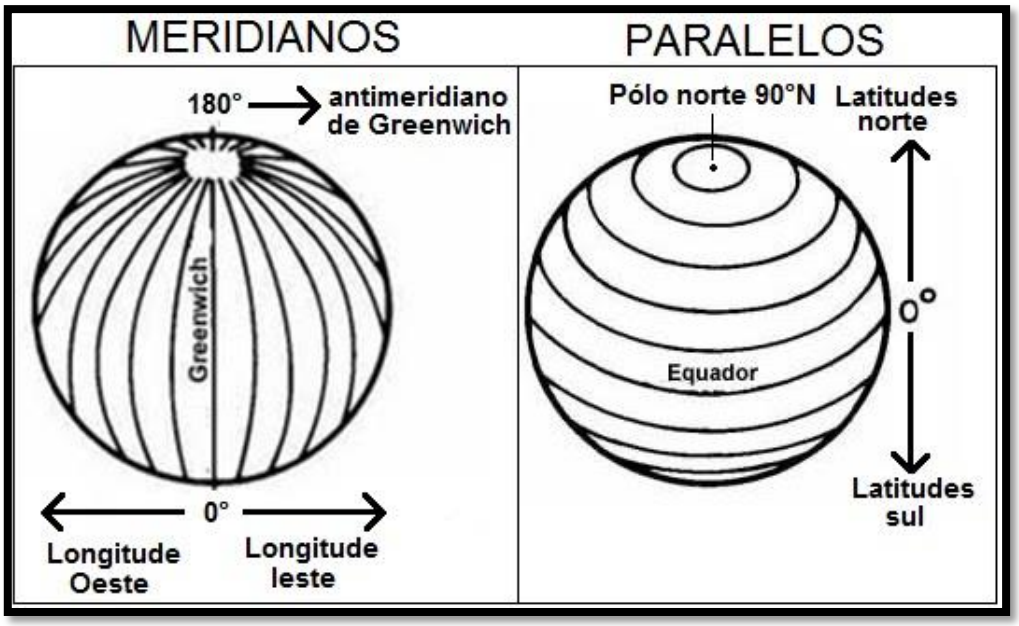
Os paralelos são linhas imaginárias traçadas na horizontal que circundam a Terra no sentido Leste-Oeste paralelamente à Linha do Equador, dividindo a Terra em duas partes: o Hemisfério Norte e o Sul. Além da Linha do Equador existem também outros paralelos de igual importância: Círculo Polar Ártico, Trópico de Câncer, Trópico de Capricórnio e o Círculo Polar Antártico.



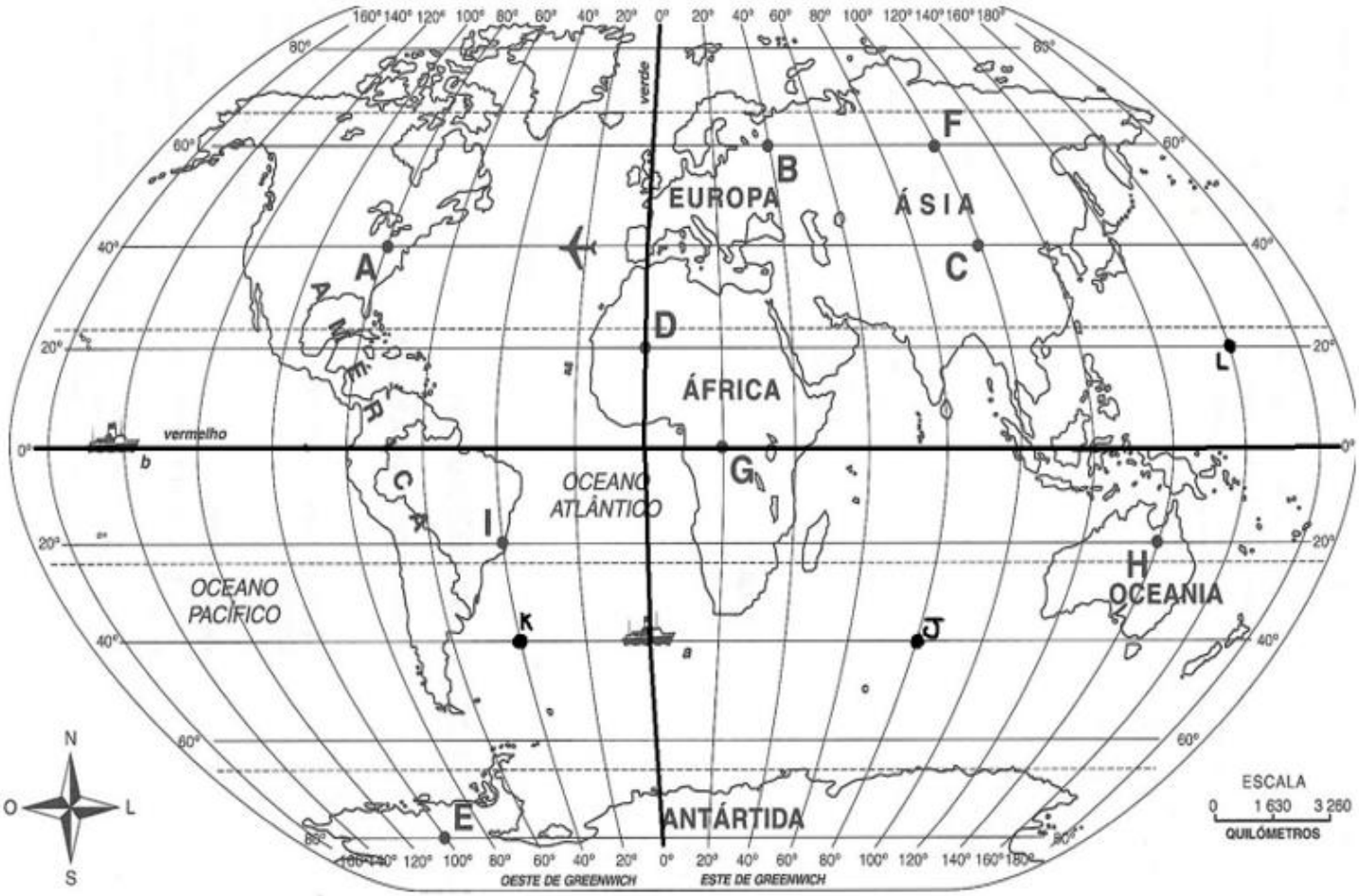
Para se obter a coordenada geográfica de um ponto da superfície terrestre deve-se cruzar os meridianos com os paralelos, de acordo com a escolha do local do observador, determinando assim a **longitude** e **latitude**.

A longitude é a distância entre um ponto qualquer da Terra e o Meridiano de Greenwich. É medida em graus e varia de 0°, no Meridiano de Greenwich, até 180° para o Leste e 180° para o Oeste deste meridiano.

A latitude é a distância entre um ponto qualquer na Terra e a linha do Equador. Também é medida em graus e varia de 0°, na Linha do Equador, até 90° ao Norte e 90° ao Sul.



Vejamos agora como aplicar esta rápida teoria na prática. Observe o mapa abaixo onde estão representadas as coordenadas geográficas:



Nele, cada linha imaginária recebeu um valor em graus, que avançam 20° por linha até atingir os limites da longitude e latitude. Repare que entre os cruzamentos de algumas linhas há letras, que representam pontos de localização. Para saber as coordenadas de cada um, basta checar o grau correspondente a ambas as linhas que passam por esse ponto. Como é o caso do ponto A, cuja latitude é 40° Norte (porque está acima da Linha do Equador) e a longitude é 80° Oeste (porque está à esquerda do Meridiano de Greenwich). Já o ponto H, está a 20° Sul e 140° Leste. No caso do ponto D, está a 20° Norte, porém, na longitude o ponto está em cima do GMT, que é o marco zero. Neste caso, a longitude marcará apenas 0°.

Simples não?! Prove que aprendeu e encontre as coordenadas geográficas dos demais pontos, até a letra "L".

Fuso horário

O planeta Terra leva 24 horas para fazer o movimento de rotação, ou seja, girar em torno do seu próprio eixo, que ocorre no sentido anti-horário (oeste-leste). Devido ao seu formato esférico e a inclinação do seu eixo, faz com que cada lugar do planeta receba os raios solares em diferentes horários, de acordo com a zona térmica correspondente.

Imagine que Dom Bosco resolva fazer um congresso internacional com alguns padres e bispos de toda a Europa para resolver problemas sociais (jovens marginalizados), políticos (resgatar a cultura católica do continente) e religiosos (amor à Liturgia, à Eucaristia e à Santa Igreja propriamente dita). De fato, se trata de uma reunião importante e ninguém pode faltar. O Santo marcou o encontro para o dia 15 de Agosto, às 15 horas, no Oratório. Porém, quando chegou o dia, alguns chegaram bem mais cedo do que previa, outros se atrasaram, e alguns chegaram quando a reunião já estava quase em seu termo.

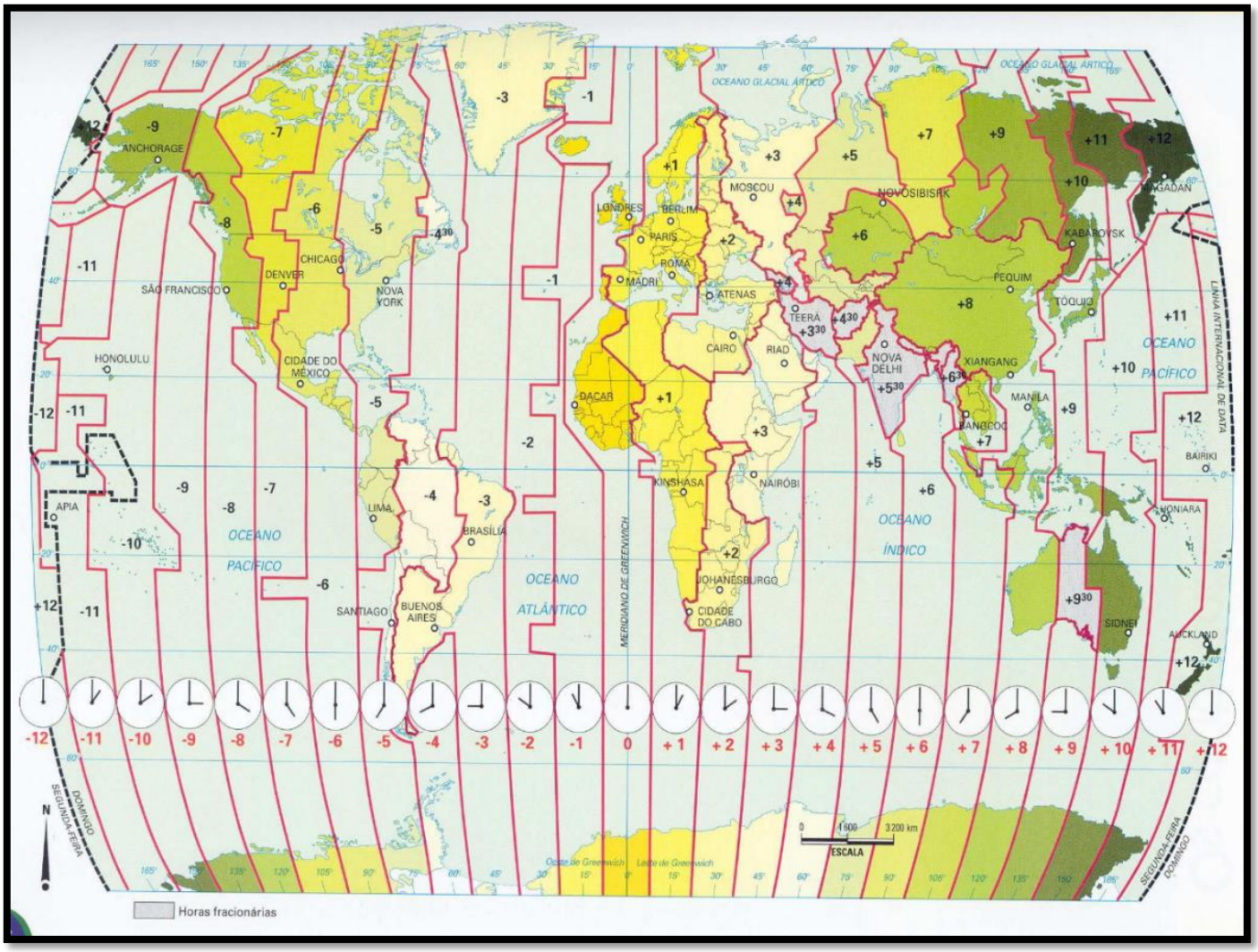
Qual o motivo do atraso e do adiantamento imprevisto? Certamente os padres e bispos eram pessoas sérias e pontuais, de grande comprometimento com as causas da Santa Igreja. O problema se deveu a diferença de horário de cada lugar, pois, como dissemos, os raios solares não chegam em todos os lugares ao mesmo tempo.

Dom Bosco olhando o relógio de bolso, preocupado com a demora dos membros de seu congresso.

Para resolver este tipo de problema é que existe o fuso horário, pois, ele funciona como um organizador da diferença de hora em cada país. Ele recebe este nome, devido ao fuso, que é a peça onde se enrola a corda de aço dos relógios de bolso e que gira quando se lhe dá corda.

Ele foi criado em 1884, em uma Convenção internacional realizada por 24 países, na cidade de Washington (EUA), com o objetivo de facilitar a mudança de horário entre os países, definindo 24 faixas de fuso no mundo, com base nos meridianos pertencentes às coordenadas geográficas, seguindo os limites dos países ou de seus estados. Cada uma dessas faixas equivale a uma hora.

O Meridiano de Greenwich (GMT) funciona como centro (0h), tendo, assim, 12 faixas positivas à direita do GMT, e 12 negativas à esquerda. Elas recebem estes adjetivos pelo fato de que no Oeste (esquerda) diminui-se uma hora a cada faixa percorrida e no Leste (direita) acrescenta-se 1h em cada uma. Veja o mapa abaixo:



Mapa mundi político com destaque para as faixas de fuso.

Desta forma, toda vez que se passa de uma faixa de fuso para outra, na direção Oeste (esquerda), atrasa-se 1 hora no relógio, e toda vez que se passa de um fuso a outro, na direção Leste (direita), adianta-se 1 hora.

Acompanhe os exemplos abaixo:

1) Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na Santa Cruz às 15h da sexta-feira, e neste momento todo o universo se calou. Se estivéssemos no Rio de Janeiro, cuja faixa de fuso é -3, no momento exato da morte do Redentor, que horas seriam, sendo que a faixa de fuso de Jerusalém é +2?

Resolução: Do fuso +2 ao fuso -3 passa-se por 5 faixas de fuso (+1, 0, -1, -2 e -3), deste modo, são 5 horas de diferença entre os dois. O que nos resta saber é se devemos acrescentar ou diminuir 5 horas em relação à hora da morte de Jesus.

Como a trajetória de Jerusalém até o Rio de Janeiro ocorre no sentido Leste-Oeste, então caminha-se para a esquerda, o que faz com que se diminua 5 horas. Assim sendo, no Rio seriam 10 horas da manhã, no exato momento em que Nosso Senhor expirou.

2) O Cardeal Robert Sarah é prefeito emérito da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos do Vaticano. Ele combinou de se encontrar com o Cardeal Raymond Leo Burke em Chicago, nos Estados Unidos, a fim de discutir sobre a falta de piedade de muitos fiéis leigos, especialmente durante a Santa Missa. Na ocasião, o Cardeal Sarah estava hospedado nas dependências do Vaticano. Este, se localiza dentro de Roma (capital da Itália), por isso, abrange a faixa de fuso +1. Eles marcaram de se encontrar na catedral de Chicago, no dia 05 de maio às 14 horas. Contudo, Sarah está com medo de se atrasar, pois, seu avião sairá às 22 horas de Roma, no dia 4 de maio.

Levando em consideração que a faixa de fuso de Chicago é -6, e que o tempo de viagem de Roma até Chicago é de 10 horas de duração, o Cardeal precisa se preocupar com o atraso?

Resolução: primeiramente deve-se tomar conhecimento de que o Cardeal Sarah está viajando para a direção Oeste, ou seja, para a esquerda. Assim, em cada faixa de fuso que passar deverá diminuir 1 hora em relação a hora de partida. Do fuso +1 ao fuso -6 passa-se por 7 fusos (0, -1, -2, -3, -4, -5 e -6), deste modo, são 7 horas de diferença entre Roma e Chicago.

Para se calcular a hora que o Cardeal chegará, primeiramente adiciona-se a hora de saída de Roma (22h) com a duração da viagem (10h). Desta maneira, se Chicago tivesse a mesma faixa de fuso que Roma, o Cardeal chegaria em seu destino às 8 horas da manhã do dia 5 de maio. Entretanto, como ambas possuem faixas distintas deve-se fazer a diferença de hora, e já sabemos que em Chicago são 7 horas a menos do que em Roma. Portanto, no exato momento em que o cardeal Sarah chegar em Chicago será 1 hora da manhã do dia 5 de maio.

Assim sendo, o Cardeal não deve se preocupar com atrasos, mas sim com um lugar para passar a noite.

Faixas de fuso do Brasil

O Brasil é o 5º maior país do mundo, com 8.547.403 km^2 de extensão e, por isso, há mais de uma faixa de fuso horário no país.

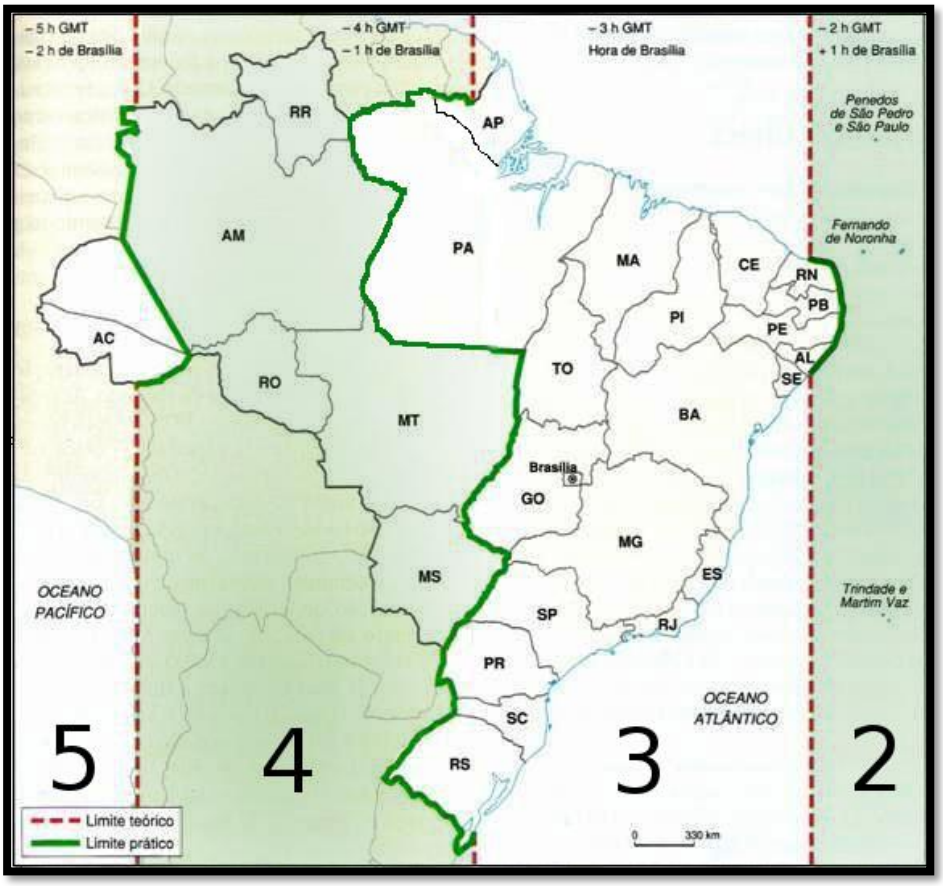
De acordo com a lei nº 12.876, de 30 de outubro de 2013, o Brasil passou a possuir 4 faixas de fuso (-2, -3, -4 e -5):

-Fuso -2: ilhas oceânicas do Brasil (Atol das Rocas, Martim Vaz, Penedos de São Pedro e São Paulo, Trindade e a mais conhecida, Fernando de Noronha).

-Fuso -3: Distrito Federal (Brasília), Amapá, Pará, Tocantins, Goiás, todos os estados do Nordeste, Sudeste e Sul. Esta é a faixa que compõe o horário oficial do Brasil, devido a localização da capital nacional Brasília.

-Fuso -4: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Roraima e Amazonas.

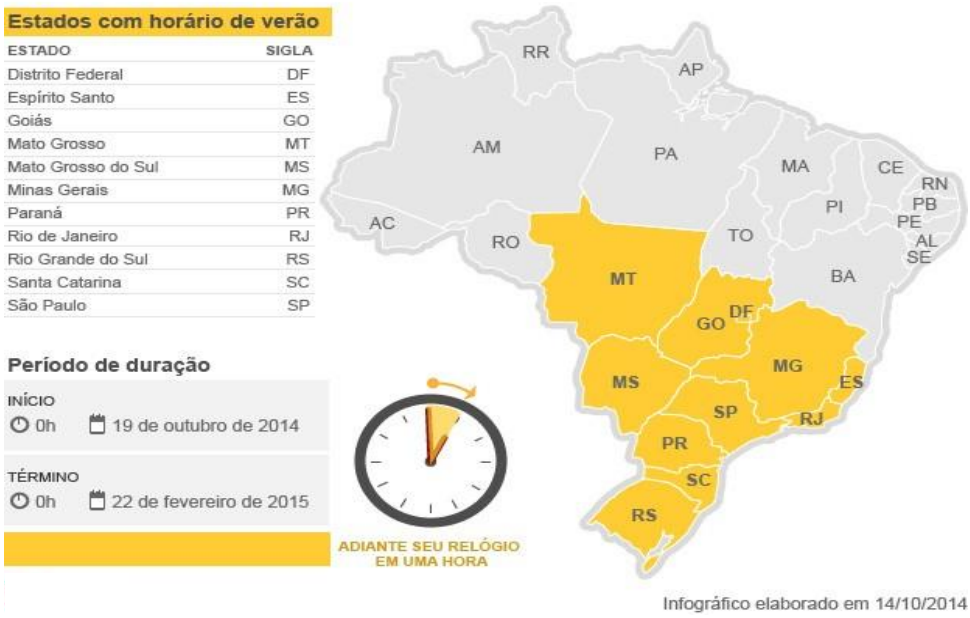
-Fuso -5: parte Sudoeste do Amazonas e Acre. Este fuso havia sido cancelado em 2008 pela lei nº 11.662, mas entrou em vigor novamente em 2013 pela lei nº 12.876.



Mapa político do Brasil com destaque para as faixas de fuso horário.

Horário de Verão

O horário de verão não tem muita ligação com o fuso horário, mas também causa influências no país, especialmente nas ações das pessoas, pois, faz com que os locais que o adotam tenham que adiantar uma hora em seu horário, com o objetivo de economizar energia. Ele foi criado por Benjamin Franklin, em 1784, para economizar a parafina das velas usadas nos estabelecimentos comerciais e outros lugares de serviço. E se fosse adiantada uma hora do relógio, as pessoas iriam mais cedo para suas casas, ainda com a luz natural do Sol. Contudo, este projeto não foi posto em prática na época, entrando em vigor somente no início do século XX (1916) pelo esforço do britânico William Willett, que em tempos da 1ª Guerra Mundial e já com luz elétrica, resgatou o projeto americano, conseguindo uma ótima economia para seu país. Com o tempo

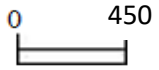


muitos outros países aderiram a esta prática, inclusive o Brasil, em 1931. Desde então, em quase todos os anos ele é aplicado, geralmente na segunda semana de outubro, até a segunda semana de fevereiro. No horário de verão, pois, os estados da região Norte e Nordeste, que estão próximos à Linha do Equador, não adotam o horário de verão, pois, a duração do dia é maior do que da noite. Também a escolha dos meses de aplicação é influenciada pela maior incidência de luz solar nesta época do ano nas regiões SE, CO e S.

Reforçando o Saber

1- Analise as duas figuras abaixo e faça o que se pede.

Figura 1 **Figura 2**

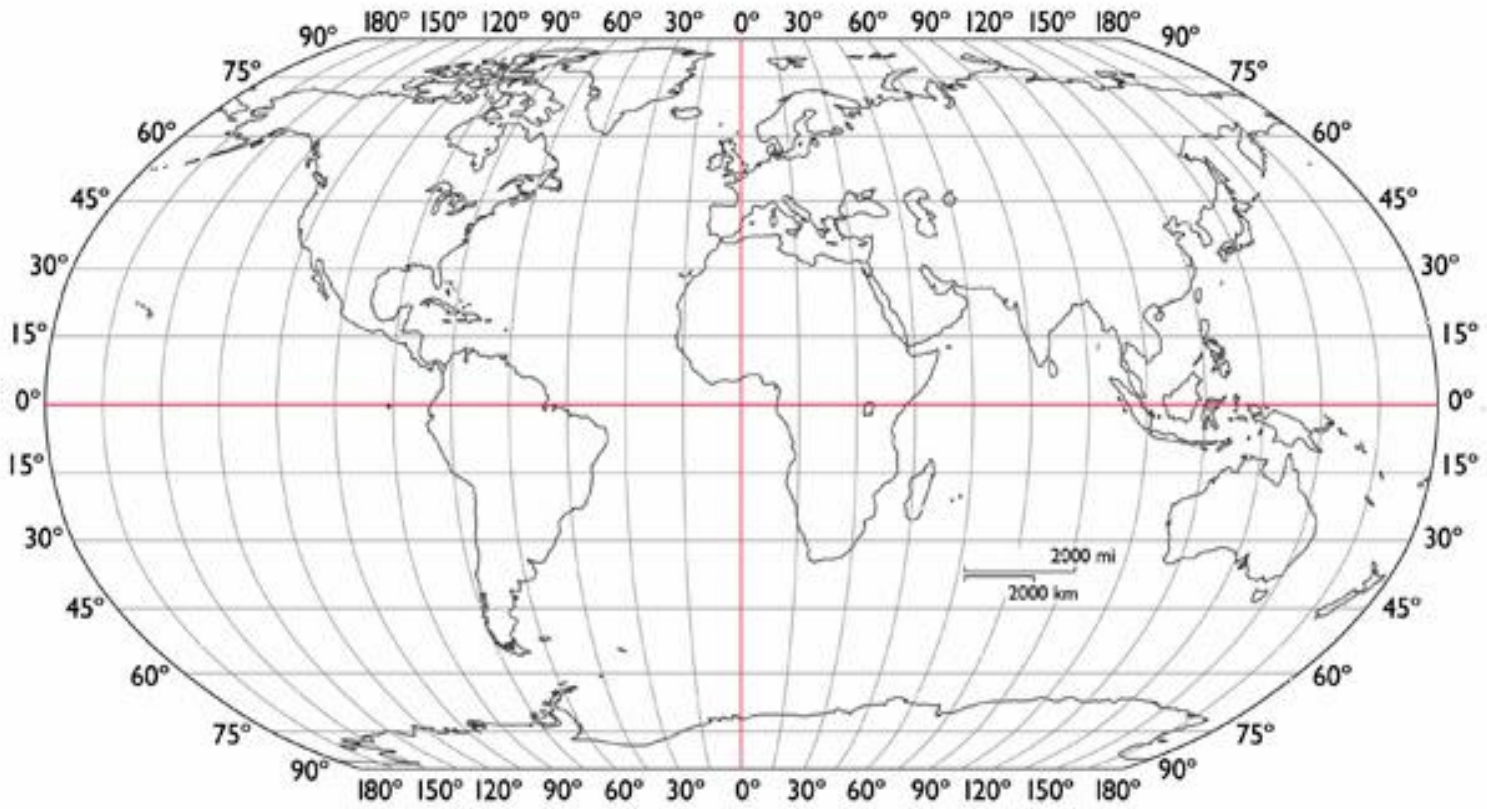


1 : 45.000.000

Indique qual é a escala numérica e qual a escala gráfica representadas acima.

Em um mapa foi medida a distância entre Belo Horizonte (MG) e São Carlos (SP) e o valor da distância entre as duas cidades foi de 4,0 cm. Defina quanto esta distância mede na realidade, usando a escala gráfica e a numérica apresentadas nas figuras 1 e 2 deste exercício.

2- Observe o mapa de coordenadas geográficas abaixo e faça o que se pede:



Quais são os nomes dados às linhas vermelhas presentes no mapa?

Defina o que é latitude e longitude.

Marque no mapa as seguintes coordenadas:

I- 15º S e 165º O **VI-** 60° L e 90° N

II- 75º S e 30º L

III- 60° N e 120° L

IV- 30° N e 0°

V- 15° S e 105° L

VII- 30° L e 0°

VIII- 0° e 45° S

IX- 15° O 75° N

X- 30° O e 60° N

3- Sobre fuso horário, responda:

Quantos fusos horários existem no total?

Imagine que o senhor more no Acre (AC) e queira telefonar para seu amigo que mora na Ilha de Fernando de Noronha, localizada na região Nordeste. No estado do Acre a faixa de fuso é -5 e na Ilha é -2. Desta maneira, se você ligar para ele às 15h, que horas serão em Fernando de Noronha?

Jerônimo e Inácio desejam viajar de avião para a Guatemala para visitar seus amigos Atanásio e Pio e participarem de um retiro espiritual em um mosteiro tradicional beneditino. Eles sairão do Brasil às 2 horas da manhã, horário em que já estão acostumados a acordar para rezar, do dia 25 de fevereiro e o tempo de duração da viagem é de 6 horas, o qual aproveitarão para rezar o Santo Rosário, ler a Sagrada Escritura e meditar sobre ela. Em que dia e em qual hora eles chegarão? (Fuso do Brasil: -3; Fuso da Guatemala: -12).

IHS
·A·M·D·G·
Ad Maiorem Dei Gloriam